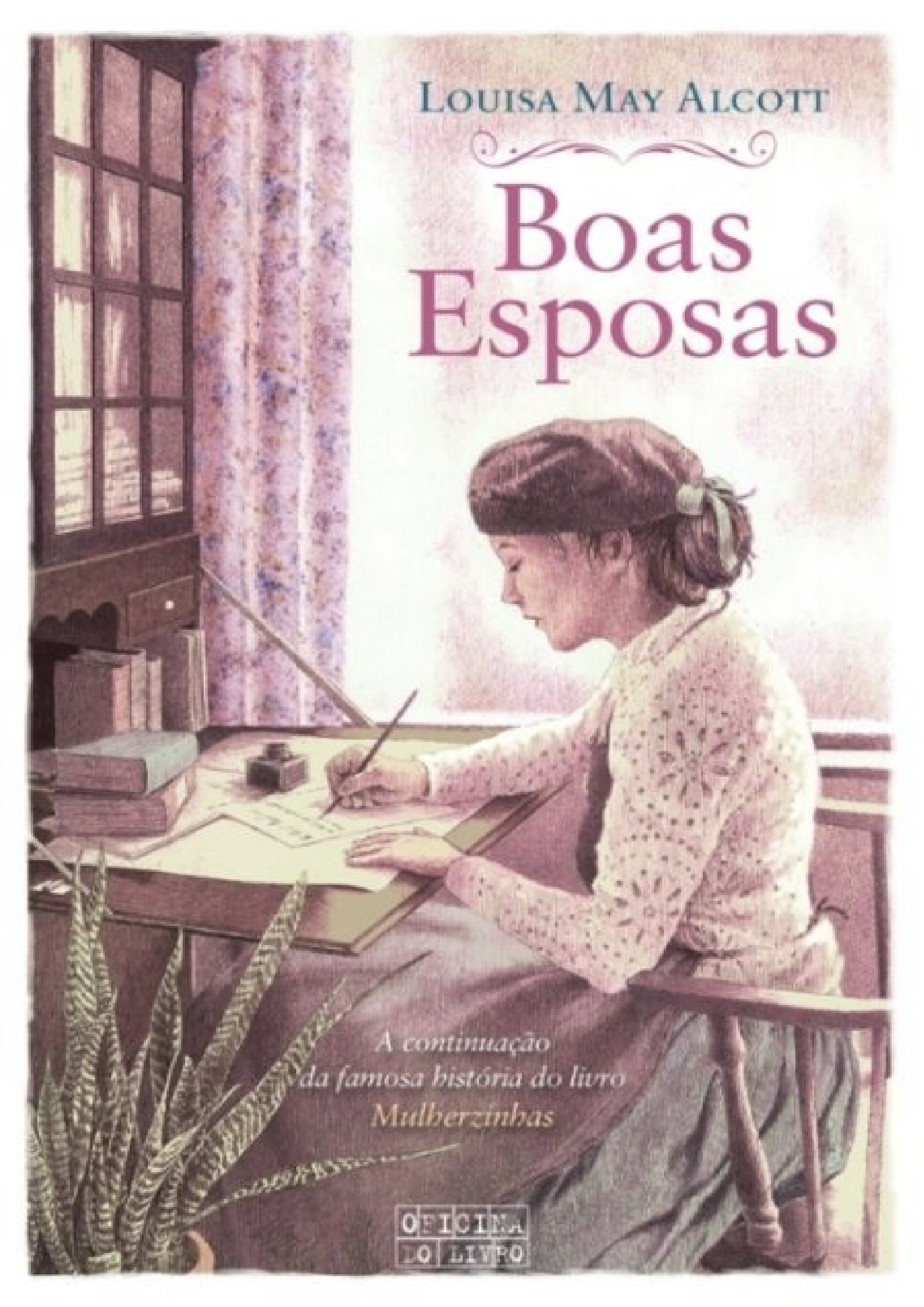


An illustration of a woman with dark hair tied back, wearing a light-colored patterned blouse and a dark skirt, sitting at a wooden desk and writing with a quill. On the desk are several books, a small inkwell, and a piece of paper. To the left is a large window with a grid pattern, and to the right is a bookshelf filled with books. The background is a soft, hazy landscape.

LOUISA MAY ALCOTT

Boas Esposas

*A continuação
da famosa história do livro
Mulherzinhas*

OFICINA
DO LIVRO



Ficha Técnica

Título original: *Good Wives*

Autora: Louisa May Alcott

Tradução: Isabel Veríssimo

Revisão: Oficina do Livro

Capa: Maria Manuel Lacerda

sobre ilustração de Daniel Silvestre da Silva / illustopia.com

ISBN: 9789897416255

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2016, Oficina do Livro, Sociedade Editorial, Lda.

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

CAPÍTULO UM

NOTÍCIAS

Para podermos retomar a nossa história e ir ao casamento de Meg com conhecimento de causa, será boa ideia pormo-nos a par da vida dos March. E deixem-me referir, à laia de introdução, que se algumas das pessoas mais velhas pensarem que há demasiado «amor» na história, o que é muito provável (não penso que os jovens façam esse comentário), só posso dizer o que diz a Sr.^a March: «Que é que se *pode* esperar quando tenho quatro alegres raparigas em casa e um vizinho jovem e elegante em frente?»

Os três anos que passaram trouxeram poucas mudanças à pacata família. A guerra chegou ao fim e o Sr. March está de novo em casa, entretido com os seus livros e com a pequena paróquia que encontrou nele um pastor por natureza e vocação. É um homem tranquilo e estudioso, com uma riqueza de conhecimento que é melhor do que instrução, a caridade que chama «irmão» a toda a humanidade e a devoção sincera que se revela no carácter, tornando-o majestoso e encantador.

Apesar da pobreza e da grande integridade que lhe negaram os sucessos mais mundanos, estes atributos atraíram para o Sr. March muitas pessoas admiráveis com a mesma naturalidade com que as ervas doces atraem as abelhas, e com igual naturalidade ele deu-lhes o mel destilado em cinquenta anos de dura experiência sem que se lhe colasse uma única gota amarga. Impetuosos jovens adultos descobriram que o erudito senhor de cabelo grisalho era tão fervoroso e jovem de espírito como eles; mulheres pensativas ou aflitas traziam-lhe instintivamente as suas dúvidas e mágoas, com a certeza de que encontrariam a mais gentil compreensão e o mais sábio conselho; pecadores confessavam os seus pecados ao velho senhor de coração puro e eram censurados e salvos; homens dotados encontravam nele um companheiro; homens ambiciosos vislumbravam ambições mais nobres do que as suas; e até pessoas seculares reconheciam que as crenças dele eram lindas e verdadeiras, mas «não compensavam».

As pessoas de fora ficavam com a impressão de que eram as cinco enérgicas mulheres que governavam a casa, e assim acontecia efetivamente em muitas coisas; no entanto, aquele homem tranquilo que gostava de se sentar no meio dos seus livros continuava a ser o chefe da família, a consciência, âncora e consolo da casa. Era a ele que as mulheres ocupadas e ansiosas recorriam em todos os momentos difíceis, encontrando sempre, no mais verdadeiro sentido daquelas palavras sagradas, um marido e um pai.

As raparigas entregavam o coração à mãe e a alma ao pai; e a ambos, que viviam e trabalhavam tão diligentemente para elas, dedicavam um amor que cresceu com elas e os

unia com laços da mais doce ternura que abençoa a vida e sobrevive à morte.

A Sr.^a March está tão cheia de energia e alegre como a vimos da última vez, se bem que o cabelo esteja muito mais grisalho, e agora está tão envolvida nos assuntos de Meg, que os hospitais e os sanatórios, ainda cheios de «rapazes» feridos e viúvas de soldados, sentem sem dúvida a falta das suas visitas missionárias.

John Brooke cumpriu com honra o seu dever durante um ano, foi ferido e mandado para casa, e não o autorizaram a regressar à frente de combate. Não recebeu estrelas nem condecorações, mas merecia-as porque arriscou de boa vontade tudo o que tinha; e a vida e o amor são muito preciosos quando estão em pleno florescimento. Completamente resignado com a dispensa, dedicou-se a restabelecer-se e a preparar-se para trabalhar e poder arranjar uma casa para Meg. Com o bom senso e independência que o caracterizavam, recusou as muito generosas ofertas do Sr. Laurence e aceitou o cargo de auxiliar de guarda-livros, sentindo-se mais satisfeito por começar com um salário ganho com honestidade do que correndo riscos com dinheiro emprestado.

Meg passara o tempo de espera a trabalhar, desenvolvendo a sua personalidade de mulher e aperfeiçoando as artes domésticas. Estava mais bonita do que nunca, pois o amor embeleza muito. Tinha as mesmas ambições e esperanças que têm todas as jovens e estava algo desapontada por ver que a sua nova vida começaria de uma forma tão humilde. Ned Moffat acabara de se casar com Sallie Gardiner e Meg não conseguia deixar de comparar a grande casa e carruagem que eles tinham, os muitos presentes que haviam recebido e as roupas

esplêndidas com as suas e, em segredo, desejava poder ter as mesmas coisas. Porém, a inveja e o descontentamento depressa se desvaneceram ao pensar em todo o paciente amor e trabalho que John dedicara à pequena casa que a esperava; e quando se sentavam ao anoitecer, conversando sobre os seus modestos planos, o futuro parecia sempre tão lindo e promissor, que ela se esquecia do esplendor de Sallie e sentia-se a rapariga mais rica e feliz de toda a cristandade.

Jo nunca mais voltou à casa da tia March, pois a velha senhora afeiçoou-se tanto a Amy, que a subornou com a oferta de lições de desenho com um dos melhores professores do momento, e por esta oferta Amy teria servido uma patroa muito mais severa. Assim, dedicava as manhãs ao dever e as tardes ao prazer, e estava muito bem. Entretanto, Jo dedicava-se à literatura e a Beth, que continuava com uma saúde delicada muito depois de a febre ter passado à história. Não era propriamente uma inválida, mas nunca mais foi a criatura rosada e saudável que fora em tempos; no entanto, estava sempre animada, feliz e serena, ocupando-se com as pequenas tarefas que adorava; era amiga de toda a gente e um anjo em casa, muito antes de as pessoas que mais a amavam se darem conta disso.

Enquanto o *The Spread Eagle* lhe pagasse um dólar por cada coluna das suas «parvoíces», como lhes chamava, Jo sentia-se uma mulher de posses e continuava a escrever diligentemente os seus pequenos romances. Todavia, grandes planos fermentavam no seu ocupado cérebro e na sua ambiciosa mente, e a velha fornalha das águas-furtadas continha uma pilha cada vez maior de manuscritos manchados de tinta que um dia colocariam o apelido March nos anais da fama.

Laurie fora para a universidade, para agradar ao avô, e agora fazia o curso da maneira mais fácil possível para agradar a si mesmo. Mimado por toda a gente por causa do seu dinheiro, modos, muito talento e o mais bondoso dos corações que estava sempre em sarilhos por tentar livrar outras pessoas deles, corria o grande risco de se perder, e talvez se tivesse perdido, como muitos outros promissores rapazes, se não possuísse um talismã contra o mal: a recordação do bondoso velhote que estava tão ligado ao seu sucesso, a maternal amiga que olhava por ele como se fosse seu filho e, por fim, mas não menos importante, o conhecimento de que quatro inocentes raparigas o amavam, admiravam e acreditavam nele com todas as suas forças.

Como era apenas um «glorioso rapaz humano», é evidente que se divertia e namorava, começou a vestir-se como um dândi, a praticar desportos aquáticos, era sentimental ou ginasta, consoante o ditame das modas universitárias; praxava e era praxado, falava calão e esteve mais do que uma vez perigosamente perto da suspensão e da expulsão. Porém, como as causas destas travessuras eram o bom humor e a diversão, conseguia salvar-se sempre com uma confissão franca, com honrada expiação ou com o irresistível poder de persuasão que possuía com perfeição. Verdade seja dita, orgulhava-se de escapar por um triz e gostava de encantar as raparigas com relatos realistas dos seus triunfos sobre tutores enfurecidos, solenes professores e inimigos vencidos. Os «homens da minha classe» eram heróis aos olhos das raparigas, que nunca se cansavam das proezas dos «nossos colegas» e podiam muitas vezes regalar-se com os sorrisos destas fantásticas criaturas quando Laurie os levava para casa consigo.

Amy era uma das que mais desfrutavam desta grande honra e tornou-se uma beldade entre eles; pois Sua Senhoria depressa sentiu, e aprendeu a usar, o dom do fascínio de que era dotada. Meg estava demasiado absorta no seu John para se preocupar com outros senhores da criação, e Beth era demasiado tímida para fazer mais do que espreitar para eles e espantar-se por Amy se atrever a dar-lhes ordens; mas Jo sentia-se no seu elemento e era muito difícil refrear-se e não imitar as suas atitudes, frases e proezas, que lhe pareciam mais naturais do que as atitudes de decoro impostas às jovens senhoras. Todos gostavam muito de Jo, mas nunca se apaixonavam por ela, embora muito poucos escapassem a um ou dois suspiros sentimentais no altar de Amy. E falar em sentimento traz-nos muito naturalmente para o Pombal.

Pombal era o nome da casinha castanha que o Sr. Brooke preparara para ser o primeiro lar de Meg. O nome tinha sido dado por Laurie, que dizia ser muito apropriado para os gentis enamorados, que «andavam juntos como um casal de pombos, primeiro com uma bicada e depois com um arrulho». Era uma casinha minúscula, com um pequeno jardim nas traseiras e um relvado à frente que era pouco maior do que um lenço de assoar. Aqui Meg queria ter uma fonte, arbustos e uma grande quantidade de lindas flores, embora por enquanto a fonte estivesse representada por um vaso envelhecido pelo tempo que mais parecia uma taça delapidada, os arbustos fossem vários larícios pequenos que pareciam indecisos entre viver ou morrer e a grande quantidade de flores estivesse reduzida a regimentos de paus, para mostrar os lugares onde as sementes haviam sido deitadas à terra. Porém, o interior era encantador, e a feliz noiva não encontrava nenhum defeito desde as águas-furtadas até à cave. É certo que a entrada era tão estreita que era uma sorte

não terem um piano, pois nunca caberia ali. A sala de jantar era tão pequena que não cabiam lá mais de seis pessoas, e os degraus da cozinha pareciam feitos com o propósito expresso de precipitar criados e porcelanas para o depósito de carvão. Ultrapassadas estas pequenas imperfeições, nada podia ser mais completo do que aquela casinha, pois o bom senso e o bom gosto tinham presidido à decoração e o resultado era extremamente satisfatório. Não havia mesas com tampo de mármore, espelhos compridos nem cortinas de renda na pequena sala de visitas, mas sim mobiliário simples, muitos livros, um ou dois bons quadros, um suporte com flores na janela saliente e, espalhados por toda a parte, os bonitos presentes oferecidos por mãos amigas, que eram ainda mais preciosos pelas carinhosas mensagens que traziam.

Não creio que a escultura de Psiqué em mármore de Paros que Laurie lhes ofereceu perdesse alguma da sua beleza por Brooke ter feito o suporte onde ela estava pousada, nem que qualquer estofador conseguisse pregar os simples cortinados de musselina com maior graciosidade do que a artística mão de Amy, ou que qualquer despensa estivesse mais cheia de desejos de boa sorte, palavras alegres e esperanças felizes do que aquela em que Jo e a mãe guardaram as poucas caixas, barricas e trouxas da noiva. E dou-vos a minha palavra de honra que a nova cozinha de palmo nunca *poderia* ficar tão acolhedora e organizada se Hannah não tivesse arrumado cada tacho e panela uma dúzia de vezes e preparado o lume para ser aceso pela «senhora Brooke» assim que entrasse em casa. Também duvido que alguma jovem senhora começasse a vida de casada com uma coleção tão grande de panos do pó, pegas e sacos de pano — pois Beth fez uma quantidade suficiente para durar até às bodas de prata e inventou três tipos diferentes de panos da loiça especialmente para as porcelanas do casal.

As pessoas que mandam fazer todas estas coisas nunca sabem o que perdem; as tarefas mais singelas tornam-se mais belas quando são feitas por mãos amorosas, e Meg teve muitas provas disto, pois tudo no seu pequeno ninho, desde o rolo da massa até à jarra de prata na mesa da sala de visitas, eram eloquentes testemunhos do amor à casa e de terna providência.

Como se divertiram a planear juntos, a fazer solenes excursões de compras, que erros tão divertidos que cometeram e quantas gargalhadas deram com as ridículas pechinchas de Laurie! De tanto gostar de partidas, este jovem cavalheiro que estava quase a terminar a universidade era tão infantil como sempre. O seu último capricho era trazer todas as semanas um objeto novo, útil e engenhoso para a jovem dona de casa. Um dia, um saco de alfinetes fora do vulgar; depois, um lindo ralador de noz-moscada que se desfez em mil pedaços da primeira vez que foi usado; um produto para limpar facas que estragou todas as que ela tinha; ou uma máquina para varrer que arrancava os pelos do tapete e deixava a sujidade; um sabão que poupava trabalho mas arrancava a pele das mãos; colas infalíveis que não colavam nada a não ser os dedos do iludido comprador; e todos os tipos de artigos de latão, desde um mealheiro para moedas soltas até um maravilhoso esaldador de lavandaria que lavava as coisas ao vapor e parecia que ia explodir durante a operação.

Meg pedia-lhe para parar, mas era inútil. John ria-se dele e Jo chamava-lhe «Sr. Toodles». Ele estava possuído por uma mania de proteger o engenho ianque e determinado

a que a casa dos amigos ficasse adequadamente equipada. Assim, todas as semanas trazia um novo disparate.

Por fim, tudo ficou pronto, até ao pormenor de Amy arranjar sabonetes de tons diferentes para condizer com as diversas cores das divisões e de Beth pôr a mesa para a primeira refeição.

— Estás satisfeita? Parece-te um lar e sentes que vais ser feliz aqui? — perguntou a Sr.^a March, enquanto percorria o novo reino de braço dado com a filha e pareciam mais unidas do que nunca.

— Sim, mãe, completamente satisfeita, graças a todas vós, e *tão* feliz que nem consigo falar — respondeu Meg, com um olhar que valeu mais que mil palavras.

— Seria bom se ela tivesse uma ou duas criadas — disse Amy, saindo da sala de visitas onde estivera a tentar decidir se o Mercúrio de bronze ficava melhor na estante ou na prateleira da lareira.

— Eu e a mãe falámos sobre isso e decidi experimentar primeiro o que ela me aconselhou. Vai haver tão pouco trabalho, que, com a Lotty para me fazer os recados e para me ajudar em algumas coisas, só farei o suficiente para não me tornar preguiçosa e não ter saudades de casa — respondeu Meg, tranquilamente.

— A Sallie Moffat tem quatro — começou Amy.

— Se a Meg tivesse quatro criadas, não caberiam em casa e o senhor e a senhora teriam de acampar no jardim — interrompeu Jo, que, vestida com uma grande bata azul, acabava de polir os puxadores das portas.

— A Sallie não é casada com um homem pobre e muitas criadas estão de acordo com a sua grande casa. A Meg e o John começam numa posição humilde, mas tenho a impressão de que haverá tanta felicidade nesta casinha como na casa grande. É um grande erro raparigas jovens como a Meg não fazerem outra coisa a não ser vestir-se, dar ordens e coscuvilhar. Quando era recém-casada, costumava desejar que as roupas novas se gastassem, ou se rasgassem, para ter o prazer de remendá-las; fartei-me de bordar e dobrar o meu lenço de bolso.

— Então porque é que não ia para a cozinha fazer umas trapalhadas, como a Sallie diz que faz, para se divertir, embora nunca saiam bem e as criadas se riam dela? — perguntou Meg.

— Passado algum tempo, comecei a ir; não para fazer «trapalhadas» mas para aprender com a Hannah como as coisas se faziam, para que as minhas criadas *não* tivessem de se rir de mim. Na altura, foi por diversão, mas chegou o dia em que fiquei verdadeiramente agradecida por ter não apenas a vontade, mas a capacidade de cozinhar comida nutritiva para as minhas filhas pequenas e saber fazer as coisas quando deixei de poder pagar a quem me ajudasse. Tu comesas no extremo oposto, minha querida Meg; mas as lições que aprenderes agora haverão de te ser úteis no futuro, quando o John for um homem mais rico, pois a senhora de uma casa, por mais esplêndida que seja, tem de saber como o trabalho *deve* ser feito, se quiser ser servida com qualidade e

honestidade.

— Sim, mãe, tenho a certeza disso — disse Meg, escutando com grande respeito aquele pequeno sermão; pois as melhores mulheres dissertam longamente sobre o muito interessante tema das prendas domésticas. — Sabem que esta é a divisão que prefiro em toda a minha casa de bonecas? — acrescentou passado um minuto, quando chegaram ao primeiro andar e ela olhou para o bem provido armário da roupa de casa.

Beth estava lá, dispondo as pilhas brancas como a neve muito bem organizadas nas prateleiras e exultante com a bela coleção. Riram-se as três quando Meg falou, porque aquele armário de roupas de casa era uma anedota. É que, depois de declarar que se Meg se casasse com aquele «Brooke» não veria um tostão do seu dinheiro, a tia March ficara numa situação difícil quando o tempo se encarregou de apaziguar a sua raiva e de a fazer arrepender-se da promessa. Como nunca voltava atrás nas suas decisões, começou a pensar muito numa forma de contornar a situação, e por fim engendrou um plano com o qual ficou satisfeita. Pediu à Sr.^a Carrol, a mãe de Florence, para comprar, mandar fazer e bordar um generoso fornecimento de roupa de casa e mesa e oferecê-lo como *seu* presente. Tudo foi feito, mas o segredo soube-se e a família divertia-se muito porque a tia March tentava fazer-se de desentendida e insistia que não lhe daria nada a não ser as antiquadas pérolas que prometera há muito tempo à primeira que se casasse.

— É um gosto de dona de casa que me agrada ver. Tive uma jovem amiga que começou a vida de casada com seis lençóis, mas tinha taças para lavar as mãos quando recebia visitas e isso satisfazia-a — disse a Sr.^a March, tocando nos guardanapos de damasco e apreciando a sua beleza com verdadeira satisfação feminina.

— Eu não tenho uma única taça para lavar as mãos, mas a Hannah diz que isto é um «carregamento» que vai durar até ao fim da minha vida. — Meg parecia muito contente, como não podia deixar de ser.

— O Toodles vem aí — gritou Jo do andar de baixo, e todas desceram para receber Laurie, cuja visita semanal era um importante acontecimento nas suas vidas pacatas.

Um jovem alto, de ombros largos, com o cabelo cortado à escovinha, um chapéu de feltro que parecia uma bacia e um casaco largo percorreu a rua a grande velocidade, passou por cima da vedação sem parar para abrir o portão e dirigiu-se à Sr.^a March com as mãos estendidas e um caloroso:

— Aqui estou, mãe! Sim, está tudo bem.

As últimas palavras foram em resposta ao olhar que a senhora mais velha lhe lançou; um olhar bondoso e inquieto que os lindos olhos enfrentaram com tanta franqueza que a pequena cerimónia terminou, como sempre, com um beijo maternal.

— Para a Sr.^a John Brooke, com as felicitações e cumprimentos do fabricante. Que Deus te abençoe, Beth! Que espetáculo refrescante que és, Jo! Amy, estás a ficar linda demais para uma donzela solteira.

Enquanto falava, Laurie entregou um embrulho de papel castanho a Meg, puxou a fita de cabelo de Beth, olhou para a grande bata de Jo, caiu numa atitude de falso

arrebatamento diante de Amy, depois apertou a mão a todas e começaram a conversar.

— Onde está o John? — perguntou Meg, ansiosa.

— Foi buscar a licença para amanhã, minha senhora.

— Que equipa é que ganhou o último jogo, Teddy? — perguntou Jo, que insistia em interessar-se por desportos masculinos, apesar de ter 19 anos.

— A nossa, é claro. Devias ter estado lá para ver.

— Como está a encantadora menina Randall? — perguntou Amy, com um grande sorriso.

— Mais cruel que nunca. Não vês como estou a definhar de desgosto? — Laurie deu uma sonora palmada no peito largo e soltou um melodramático suspiro.

— Qual é a última piada? Abre o pacote e vê, Meg — pediu Beth, espreitando para o embrulho cheio de protuberâncias.

— É uma coisa útil para ter em casa se houver um incêndio ou ladrões — observou Laurie, quando apareceu uma pequena matraca igual às que eram usadas pelos guardas, fazendo as raparigas começarem a rir.

— Sempre que o John estiver fora de casa e sintas medo, Sr.^a Meg, rodas isso à janela e vais despertar toda a vizinhança num piscar de olhos. É uma coisa boa, não é? — E Laurie deu-lhes uma amostra do poderoso despertador, que as fez tapar os ouvidos.

— Podias agradecer-me! E, por falar em agradecimentos, podes agradecer à Hannah por salvar o teu bolo de noiva da destruição. Vi-o ser levado para a vossa casa quando passei por lá e, se ela não o tivesse defendido com valentia, eu tinha-o provado, porque me pareceu extremamente delicioso.

— Será que vais crescer um dia, Laurie?! — exclamou Meg, num tom de mãe de família.

— Estou a fazer todos os possíveis para isso, minha senhora, mas não vou conseguir crescer muito mais porque nestes tempos degenerados um metro e oitenta é o máximo que todos os homens conseguem — respondeu o jovem cavaleiro, cuja cabeça quase tocava no pequeno lustre.

— Acho que seria uma profanação comer alguma coisa nesta casa novinha em folha, por isso, como estou esfomeado, proponho uma mudança de lugar — disse pouco depois.

— Eu e a mãe vamos esperar pelo John. Há algumas coisas de última hora para resolver — disse Meg, afastando-se muito atarefada.

— Eu e a Beth vamos à casa da Kitty Bryant buscar mais flores para amanhã — acrescentou Amy, prendendo um pitoresco chapéu sobre os bonitos caracóis e gostando tando do resultado como todos os presentes.

— Vamos, Jo, não abandones um amigo. Estou num estado de desfalecimento tal, que não vou conseguir chegar a casa sem ajuda. Faça o que fizeres, não tires o avental;

favorece-te de uma forma peculiar — disse Laurie, quando Jo lhe mostrou o enorme bolso pelo qual ele sentia uma especial aversão e lhe ofereceu o braço para apoiar os seus fracos passos.

— Agora, Teddy, temos de falar muito a sério sobre amanhã — começou Jo, quando se afastaram juntos. — *Tens* de prometer que te vais portar bem e que não vais pregar partidas nem estragar os nossos planos.

— Nenhuma partida.

— E não vais dizer parvoíces quando tivermos de estar sérios.

— Eu nunca faço isso. Tu é que és boa nessas coisas.

— E imploro-te que não olhes para mim durante a cerimónia, porque de certeza que vou desatar a rir.

— Não me verás. Vais chorar tanto, que o denso nevoeiro à tua volta vai obscurecer tudo.

— Eu nunca choro, a não ser que aconteça uma grande desgraça.

— Como velhos amigos irem para a universidade? — interrompeu Laurie com uma sugestiva gargalhada.

— Não sejas convencido. Só me lamentei um pouco para fazer companhia às minhas irmãs.

— Claro. Diz-me, Jo, como está o avô esta semana? Bem-disposto?

— Muito. Mas porque é que perguntas? Meteste-te em algum sarilho e queres saber exatamente como ele vai reagir? — perguntou Jo, muito séria.

— Ora, Jo, achas que eu olharia a tua mãe nos olhos e lhe diria que está tudo bem se não estivesse? — Laurie calou-se com uma expressão magoada.

— Não, não acho.

— Então, não sejas tão desconfiada. Eu só quero algum dinheiro — disse Laurie, continuando a andar, apaziguado pelo tom sincero de Jo.

— Tu gastas demais, Teddy.

— Pobre inocente, *eu* não o gasto, ele gasta-se sozinho. Não sei como, mas desaparece sem eu dar por isso.

— Tu és tão generoso e bondoso, que toda a gente te pede dinheiro emprestado e não consegues dizer «não» a ninguém. Soubemos o que aconteceu com o Henshaw e tudo o que fizeste por ele. Se gastares sempre o dinheiro assim, ninguém pode censurar-te — disse Jo calorosamente.

— Oh, ele fez uma tempestade num copo de água! Não podia deixar que aquele bom homem se matasse a trabalhar por não ter uma pequena ajuda, quando vale mais do que uma dúzia de tipos preguiçosos... tu deixarias?

— Claro que não, mas não percebo a utilidade de ter dezassete coletes, inúmeras gravatas e um chapéu novo sempre que vens a casa. Pensei que já tinhas ultrapassado aquele período de dândi, mas de vez em quando surge em algum lado. Agora, a moda é estar horrível, transformar a cabeça numa escova para esfregar a loiça, usar uma camisa de forças, luvas cor de laranja e botas de solas duplas e biqueiras quadradas. Se fosse uma coisa horrível mas barata, eu não diria nada, mas custa tanto como a outra e não me dá nenhuma satisfação.

Laurie atirou a cabeça para trás e riu-se tanto deste ataque, que o chapéu de feltro caiu e Jo pisou-o, um episódio que só lhe deu uma oportunidade para discorrer sobre as vantagens de uma roupa simples enquanto dobrava o maltratado chapéu e o enfiava no bolso.

— Sê boazinha e não me ralhes mais. Já me chegou a semana inteira, e gosto de me divertir quando venho para casa. Amanhã vou estar muito bem arranjado, sem olhar a gastos, e serei uma satisfação para os meus amigos.

— Se deixares crescer o cabelo, eu deixo-te em paz. Não sou aristocrata, mas oponho-me a ser vista com uma pessoa que parece um jovem pugilista — observou Jo num tom severo.

— Este estilo despretenhoso promove o estudo, é por isso que o adotamos — respondeu Laurie, que decerto não poderia ser acusado de vaidade, pois sacrificara voluntariamente um lindo cabelo encaracolado por uma penugem com menos de um centímetro.

— A propósito, Jo, acho que o pequeno Parker está a ficar embeijado pela Amy. Não para de falar nela, escreve poemas e anda de um lado para o outro de uma maneira muito suspeita. Seria melhor que cortasse esta pequena paixão enquanto ainda está a desabrochar, não achas? — acrescentou Laurie num tom confidencial de irmão mais velho, após um momento de silêncio.

— Claro que sim. Não queremos mais nenhum casamento nesta família nos próximos anos. Que Deus tenha piedade de nós; em que é que as crianças *estão* a pensar! — E Jo pareceu tão escandalizada como se Amy e o pequeno Parker ainda não fossem adolescentes.

— Vivemos tempos muito rápidos e não sei onde vamos parar, minha senhora. Tu és apenas uma criança, mas vais a seguir, Jo, e nós vamos ficar a chorar — disse Laurie, abanando a cabeça ao pensar na degeneração dos tempos.

— Eu! Não te assustes, que eu não sou do tipo agradável. Ninguém me vai querer, e é uma bênção, pois tem de haver sempre uma velha solteirona numa família.

— Tu não dás hipótese a ninguém — disse Laurie, com um olhar de soslaio e um pouco mais de cor que antes no rosto bronzeado. — Não mostras o lado suave do teu carácter; e se um tipo o vislumbra por acaso e não consegue evitar gostar dele, tu trata-lo como a Sr.^a Gummidge tratou o seu amado: atiras-lhe água fria e ficas tão espinhosa que ninguém se atreve a tocar-te ou a olhar para ti.

— Não gosto desse género de coisas; estou demasiado ocupada para me incomodar com

disparates e penso que é horrível separar as famílias desta maneira. Agora não fales mais sobre o assunto; o casamento da Meg fez-nos perder a cabeça e só falamos sobre amor e outros disparates. Não quero ficar irritada, por isso vamos mudar de assunto — disse Jo, parecendo disposta a atirar água fria à mais leve provocação.

Fossem quais fossem os seus sentimentos, Laurie deu-lhes livre curso num assobio longo e baixo, e com a temida previsão quando se separaram ao portão:

— Não te esqueças das minhas palavras, Jo, tu vais a seguir.

CAPÍTULO DOIS

O PRIMEIRO CASAMENTO

No alpendre, as rosas de junho despertaram cedo nessa manhã, rejubilando, viçosas, com o sol que brilhava no céu sem nuvens, como vizinhas e amigas que eram. Os seus rostos vermelhos estavam muito emocionados a baloiçar-se ao sabor do vento enquanto sussurravam umas às outras o que tinham visto, pois algumas espreitavam pelas janelas da sala de jantar, onde estava preparado o banquete, enquanto outras subiam para acenar e sorrir para as irmãs que vestiam a noiva, e outras ainda abanavam-se num sinal de boas-vindas para as pessoas que andavam a fazer diferentes coisas no jardim, no alpendre e na entrada, e todas, desde a rosa cor-de-rosa mais aberta até ao mais pálido botão, ofereciam o seu tributo de beleza e fragrância à amável menina que as amara e tratara durante tanto tempo.

A própria Meg parecia uma rosa, pois tudo o que havia de melhor e mais doce no coração e na alma parecia florescer no seu rosto neste dia, tornando-a formosa e terna, com um encanto mais belo do que a beleza. Não teria sedas, rendas ou flores de laranjeira.

— Não quero parecer estranha nem artificial no dia de hoje — disse. — Não quero um casamento faustoso, só quero ter à minha volta as pessoas que amo, e quero parecer, e ser, a mesma de sempre para elas.

Por isso, fez ela própria o seu vestido de noiva, cosendo nele as ternas esperanças e os inocentes romances de um coração jovem. As irmãs entrançaram-lhe os lindos cabelos e os únicos ornamentos que usou foram os lírios do vale, que eram as flores de que «o seu John» mais gostava.

— Pareces *mesmo* a nossa querida Meg, mas tão doce e encantadora que te abraçaria, se não te amachucasse o vestido — exclamou Amy, observando-a, encantada, quando ficou pronta.

— Pronto, estou satisfeita. Mas por favor abracem-me e beijem-me todas, sem se preocuparem com o meu vestido. Hoje quero que se amachuque muito com abraços destes — e Meg abriu os braços para as irmãs, que a rodearam com rostos felizes durante um minuto, sentindo que o novo amor não mudara o antigo.

— Agora vou fazer o nó da gravata do John e ficar alguns minutos em sossego com o pai no escritório. — E Meg correu para realizar estas pequenas cerimónias, e depois seguiu a mãe para onde ela fosse, consciente de que, apesar dos sorrisos no rosto materno, havia um pesar secreto no seu coração ao ver voar a primeira ave do ninho.

Enquanto as raparigas mais novas estão juntas, a dar os últimos retoques nas suas roupas simples, poderá ser um bom momento para falar sobre algumas mudanças que se operaram na sua aparência em três anos, pois hoje estão todas no seu melhor.

Os ângulos de Jo suavizaram-se muito e ela aprendeu a comportar-se com desenvoltura, se não com graça. Os cabelos frisados cresceram e são agora espessos caracóis, mais lisonjeiros para a pequena cabeça do que coroa a figura alta. As suas faces morenas têm uma cor saudável e há um suave brilho nos olhos; agora só saem palavras gentis da sua língua afiada.

Beth tornou-se magra, pálida e mais calada do que nunca; os lindos e bondosos olhos estão maiores e neles se estampa uma expressão que entristece, se bem que não seja triste em si. É a sombra da dor que toca aquele jovem rosto com uma paciência tão patética, mas ela raramente se queixa e diz sempre, esperançada, que «em breve ficará melhor».

Amy é com verdade considerada «a flor da família». Aos dezasseis anos, tem a aparência e o porte de uma mulher adulta — não bela, mas com um indescritível encanto a que se chama graça. Via-se nas linhas do seu corpo, na forma e movimentos das mãos, na ondulação do vestido, no cair do cabelo — inconscientes mas harmoniosos, e tão atraentes para muitos como a própria beleza. O seu nariz continuava a preocupá-la, pois nunca *ficaria* grego; e o mesmo acontecia com a boca, que era demasiado grande e tinha o lábio inferior pronunciado. Estas feições ofensivas conferiam carácter a todo o rosto, mas ela não conseguia perceber e consolava-se com a sua maravilhosa compleição clara, os penetrantes olhos azuis e caracóis mais dourados e abundantes do que nunca.

As três usavam vestidos de um fino tecido cinzento prateado (os seus melhores trajes de verão), com rosas cor-de-rosa no cabelo e no peito; e as três pareciam o que eram — raparigas de rostos frescos e corações felizes que faziam uma pausa nas suas vidas ocupadas para ler com olhos pensativos o capítulo mais doce do romance da vida de uma mulher.

Não haveria cerimónias formais; tudo seria o mais natural e caseiro possível. Por isso, quando chegou, a tia March ficou escandalizada ao ver a noiva correr ao seu encontro para a saudar e levar para dentro, ao perceber que o noivo estava a prender uma grinalda que caíra e ao avistar o paterno pastor a subir para o primeiro andar com uma expressão grave e uma garrafa de vinho debaixo de cada braço.

— Valha-me Deus, isto está um caos! — exclamou a velha senhora, ocupando o lugar de honra que lhe estava reservado e ajustando as pregas do vestido de seda moiré cor de lavanda com grande ruído. — Não devias ser vista até ao último instante, minha filha.

— Eu não sou um espetáculo, tia, e ninguém vem ver-me, criticar o meu vestido ou fazer as contas ao dinheiro que foi gasto no almoço. Estou demasiado feliz para me preocupar com o que as pessoas dizem ou pensam, e vou ter o meu modesto casamento exatamente como quero. John, querido, aqui tens o teu martelo. — E lá foi Meg ajudar «aquele homem» no seu trabalho extremamente impróprio.

O Sr. Brooke nem sequer agradeceu, mas, quando se debruçou para receber a pouco romântica ferramenta, beijou a pequena noiva atrás do alçapão com uma expressão que fez

a tia March pegar no lenço de assoar para limpar uma humidade que se instalou nos seus velhos olhos sagazes.

Um estrondo, um grito e uma gargalhada de Laurie, acompanhada pela indecorosa exclamação «Por Júpiter! A Jo mexeu outra vez no bolo!», causou uma comoção momentânea, que ainda não tinha terminado quando um bando de primos chegou e «a festa entrou», como Beth costumava dizer quando era criança.

— Não deixes aquele jovem gigante aproximar-se de mim. Ele preocupa-me mais do que os mosquitos — sussurrou a velha senhora para Amy quando as salas se encheram e a cabeça preta de Laurie se sobrepôs a todas as outras.

— Ele prometeu que vai portar-se muito bem hoje, e ele *sabe* ser elegante quando quer — replicou Amy, afastando-se para avisar Hércules que tivesse cuidado com o dragão, aviso que bastou para ele passar o tempo todo de volta da anciã com uma devoção que quase a enlouqueceu.

Não houve um cortejo nupcial, mas um silêncio súbito invadiu a sala quando o Sr. March e o jovem par ocuparam os seus lugares sob o arco verde. A mãe e as irmãs juntaram-se muito perto, como se estivessem relutantes em renunciar a Meg; a voz paterna comoveu-se mais de uma vez, o que só pareceu tornar a cerimónia mais bela e mais solene; a mão do noivo tremia visivelmente e ninguém ouviu as suas respostas; mas Meg olhou o marido nos olhos e disse «Sim!», com uma confiança tão terna no rosto e na voz, que o coração da mãe rejubilou e a tia March fungou audivelmente.

Jo *não* chorou, embora estivesse muito perto uma vez, e só foi salva de dar espetáculo pela certeza de que Laurie a olhava fixamente, com uma cómica mistura de alegria e emoção nos travessos olhos pretos. Beth manteve o rosto escondido no ombro da mãe, mas Amy parecia uma graciosa estátua, com um lisonjeiro raio de sol a incidir sobre a testa branca e a flor que tinha no cabelo.

Temo que não tenha sido a coisa mais apropriada, mas, no instante em que ficou casada, Meg exclamou: «O primeiro beijo para a mamã!» E, virando-se, deu-lhe um emocionado beijo nos lábios. Durante os quinze minutos seguintes, pareceu mais do que nunca uma rosa, pois todos se aproveitaram dos seus privilégios de beijar a noiva, desde o Sr. Laurence até à velha Hannah que, enfeitada com um lindo e imponente toucado, se aproximou dela na entrada com um soluço e uma risada:

— Que Deus a abençoe cem vezes, queridinha! O bolo não sofreu nenhum dano e está tudo encantador.

Depois disso, todos se sentiram mais descontraídos e disseram alguma coisa brilhante, ou tentaram, o que teve o mesmo resultado, pois o riso é fácil quando os corações estão leves. Não houve exposição de presentes, pois já estavam na casinha, nem um complicado pequeno-almoço, mas um abundante almoço de bolo e fruta, enfeitado com flores. O Sr. Laurence e a tia March encolheram os ombros e sorriram um para o outro quando perceberam que os únicos néctares que as três Hebes serviam eram água, limonada e café, mas ninguém disse nada até que Laurie, que insistira em servir a noiva, apareceu com uma salva na mão e uma expressão intrigada no rosto.

— A Jo partiu todas as garrafas de vinho sem querer? — sussurrou. — Ou enganei-me quando me pareceu ver algumas por aqui esta manhã?

— Não, o teu avô teve a amabilidade de nos oferecer o seu melhor vinho e a tia March também mandou algumas garrafas, mas o nosso pai separou um pouco para a Beth e mandou o resto para o Lar dos Soldados. Sabes que ele pensa que o vinho só deve ser usado em caso de doença, e a nossa mãe diz que nem ela nem as filhas oferecerão tal coisa a um jovem na sua casa.

Meg falou com grande seriedade e esperou ver Laurie franzir o sobrolho ou rir-se; mas ele não fez nada disso — olhou-a rapidamente e disse, no seu tom impetuoso:

— Gosto disso. Já vi bastantes danos por causa dele para desejar que outras mulheres pensem como vocês!

— Espero que não tenhas sabido por experiência própria...? — e a voz de Meg assumiu uma entoação ansiosa.

— Não. Dou-te a minha palavra de honra. Mas não me dês demasiado crédito; não é uma das minhas tentações. Como fui criado numa zona onde o vinho é tão comum como a água, e quase tão inofensivo, não me interessa por ele; mas quando nos é oferecido por uma bonita rapariga, não podemos recusar, não é?

— Mas recusarás, se não por ti, pelos demais. Vá lá, Laurie, promete e dá-me mais uma razão para dizer que este é o dia mais feliz da minha vida.

Um pedido tão súbito e tão sério fez o jovem hesitar durante alguns instantes, pois o ridículo é muitas vezes mais difícil de suportar que o espírito de sacrifício. Meg sabia que se ele lhe promettesse cumpriria a palavra dada a todo o custo; e, sentindo o seu poder, usou-o como só uma mulher pode usar para o bem do amigo. Não falou, mas levantou os olhos para ele com um rosto que a felicidade tornava muito eloquente e um sorriso que dizia: «Hoje ninguém pode recusar-me nada.» Certamente, Laurie não podia; e, com um sorriso nos lábios, estendeu-lhe a mão e disse, com sinceridade:

— Prometo, senhora Brooke!

— Muito, muito obrigada.

— E eu brindo a que a tua resolução tenha uma vida longa, Teddy — exclamou Jo, batizando-o com um borrito de limonada enquanto acenava com o copo e olhando-o com uma expressão de radiosa aprovação.

O brinde foi feito, a promessa confirmada e a lealdade mantida, apesar de muitas tentações; pois, com sabedoria instintiva, as raparigas tinham aproveitado um momento feliz para fazer um serviço ao amigo que ele lhes agradeceria para o resto da vida.

Depois do almoço, as pessoas começaram a passear, em grupos de dois e três, aproveitando o sol fora e dentro. Meg e John estavam juntos no meio do canteiro de relva quando Laurie teve uma inspiração que deu o último toque neste descontraído casamento.

— Todas as pessoas casadas vão dar as mãos e dançar à volta dos noivos, como fazem os alemães, enquanto os solteiros e as solteiras bailam do lado de fora! — exclamou

Laurie, dançando pelo carreiro com Amy, com um espírito e habilidade tão contagiosos que todos seguiram o seu exemplo sem protestar. O Sr. e a Sr.^a March, a tia e o tio Carrol deram o exemplo e outros depressa se juntaram a eles; até Sallie Moffat, após um breve instante de hesitação, pôs a cauda do vestido no braço e puxou Ned para a roda. Mas o melhor de tudo foram o Sr. Laurence e a tia March, pois, quando o imponente cavalheiro se aproximou solenemente da anciã em passo de dança, ela prendeu a bengala debaixo do braço e saltitou para se juntar ao resto do grupo e dançar à volta dos noivos enquanto os jovens invadiam o jardim como borboletas num dia de verão.

A falta de fôlego pôs fim ao baile improvisado e os convidados começaram a ir-se embora.

— Desejo-te muitas felicidades, minha querida, do fundo do coração, mas acho que te vais arrepender — disse a tia March para Meg, acrescentando para o noivo, que a acompanhou à carruagem: — Tem um tesouro, meu jovem... faça por merecê-lo.

— É o casamento mais bonito que vejo em muito tempo, Ned, e não sei porquê, porque não teve elegância nenhuma — comentou a Sr.^a Moffat com o marido quando partiram na sua carruagem.

— Laurie, meu rapaz, se alguma vez quiseses fazer uma coisa destas, pede a uma dessas rapariguinhas para te ajudar e eu ficarei perfeitamente satisfeito — disse o Sr. Laurence, instalando-se numa poltrona para descansar depois da agitação da manhã.

— Farei todos os possíveis para lhe agradar, senhor — foi a resposta invulgarmente obediente de Laurie, enquanto soltava com cuidado o raminho de flores que Jo lhe pusera na lapela.

A casinha dos noivos não era muito longe e a única viagem de lua de mel que Meg teve foi o tranquilo passeio com John da velha casa para a nova.

Quando desceu, parecendo uma bonita *quaker*¹ no seu fato cinzento-pomba e chapéu de palha com uma fita branca, todos se reuniram à sua volta para dizer «adeus» com tanta ternura como se ela fosse dar a volta ao mundo.

— Não pensem que me vou separar de vós, minha querida mãe, nem que vos amo menos por amar tanto o John — disse ela, abraçando a mãe por instantes com lágrimas nos olhos. — Virei todos os dias, pai, e espero manter o lugar que sempre ocupei nos vossos corações, apesar de *estar* casada. A Beth vai passar muito tempo comigo e as outras raparigas vão aparecer de vez em quando para se rirem das minhas lutas domésticas. Obrigada a todos pelo maravilhoso dia de casamento. Adeus, adeus!

Quando se afastou de braço dado com o marido, com as mãos cheias de flores e o sol de junho a iluminar o seu rosto feliz, todos ficaram a olhá-la com as caras cheias de amor, esperança e terno orgulho — e assim começou a vida de casada de Meg.

¹ É o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. São conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade. (*N. da T.*)

CAPÍTULO TRÊS

TENTATIVAS ARTÍSTICAS

As pessoas demoram muito tempo a aprender a diferença entre talento e génio, sobretudo os ambiciosos rapazes e raparigas. Amy começava a aprender essa distinção através de muitas tribulações, pois, confundindo entusiasmo com inspiração, tentou todas as facetas da arte com a audácia da juventude. Durante muito tempo, houve uma pausa nas modelagens com barro e dedicou-se a lindos desenhos a aparo e tinta, nos quais mostrava tanto gosto e habilidade, que os seus graciosos trabalhos se revelaram ao mesmo tempo agradáveis e lucrativos. Porém, a vista cansada depressa a levou a pôr de parte o aparo e a tinta e a fazer uma audaz tentativa no mundo das pirogravuras. Enquanto este ataque durou, a família viveu em constante pavor de uma conflagração, pois o odor a madeira queimada espalhava-se pela casa inteira a todas as horas e havia fumo a sair do sótão e do barracão com uma frequência alarmante. Atiçadores incandescentes viam-se por toda a parte e Hannah nunca ia para a cama sem deixar um balde com água e a sineta do jantar à porta, não fosse dar-se o caso de haver um incêndio. O rosto de Rafael foi encontrado muito bem executado na parte inferior da bancada de moldagem e Baco no cimo de um barril de cerveja, enquanto um querubim passou a adornar a tampa da caixa do açúcar e tentativas de retratar «Garrick a comprar luvas a uma operária francesa» serviram para acender o lume durante algum tempo.

Do fogo ao óleo foi uma transição natural para os dedos queimados e Amy dedicou-se à pintura com um ardor igualmente grande. Uma amiga artista ofereceu-lhe as paletas, pincéis e cores de que já não precisava e ela pôs-se a pintar toscas paisagens campestres e marítimas como nunca tinham sido vistas em terra ou mar. As monstruosidades que representavam gado teriam vencido prémios numa feira agrícola e a perigosa inclinação dos seus navios teria provocado enjoos ao mais náutico observador, se o profundo desrespeito por todas as regras da construção de barcos não o fizesse desatar a rir às gargalhadas, ao primeiro olhar. Rapazes morenos e imagens de Nossa Senhora de olhos escuros a olhar para as pessoas de um canto do estúdio *não* faziam lembrar Murillo; sombras de rostos a óleo castanho, com uma pálida mancha no lado errado pretendiam assemelhar-se a Rembrandt; senhoras de formas generosas e bebés hidrópicos, Rubens; e Turner aparecia em tempestades de trovões azuis, relâmpagos cor de laranja, chuva castanha e nuvens roxas, com um borão cor de tomate no meio, que podia ser o Sol ou uma boia salva-vidas, a camisa de um marinheiro ou o manto de um rei, como o espectador preferisse.

A seguir vieram os retratos a carvão e toda a família foi pendurada numa fila na parede,

com um aspeto tão selvagem e fuliginoso como se tivessem saído de um depósito de carvão. Suavizados quando passou aos lápis de cera, os desenhos ficaram melhor, pois as semelhanças eram boas e o cabelo de Amy, o nariz de Jo, a boca de Meg e os olhos de Laurie foram declarados «maravilhosamente bons». Seguiu-se um regresso ao barro e ao gesso e todos os cantos da casa se viram ocupados com os fantasmagóricos moldes dos seus amigos, que também caíam das prateleiras de armários para as cabeças das pessoas. Crianças foram subornadas para servir de modelos até os seus incoerentes relatos das misteriosas atividades terem levado a Menina Amy a ser considerada uma espécie de jovem ogra. Porém, os seus esforços nesta atividade tiveram um fim abrupto devido a um lamentável acidente que a fez perder o entusiasmo. Como os modelos escasseavam, dedicou-se a moldar o seu lindo pé, e um dia a família alarmou-se com uma balbúrdia de estrondos e gritos. Correram para ver o que se passava e encontraram a entusiasta jovem com o pé preso numa panela de gesso que tinha endurecido com inesperada rapidez. Foi libertada com muita dificuldade e algum perigo, pois Jo ria-se tanto enquanto escavava, que a faca foi longe demais, cortou o pobre pé e deixou uma duradoura recordação daquele ensaio artístico.

Depois disto, Amy acalmou, até que uma mania de desenhar a natureza a levou a ir para o rio, para os campos e para os bosques em busca de pitorescos estudos e a suspirar por ruínas para copiar. Inúmeras foram as constipações que apanhou na erva húmida para registar «um delicioso pormenor», composto por uma pedra, um tronco caído, um cogumelo e um pé de verbasco ou uma «maravilhosa massa de nuvens» que pareciam uma exposição de colchões de penas depois de terminado o desenho. Sacrificou a tez ao andar no rio à torreira do sol de verão para estudar luz e sombra e ficou com uma ruga no nariz depois de tentar «pontos de fuga», ou o que se chama a franzir e esticar os olhos e a testa.

Se o «génio é a paciência eterna», como afirma Michelangelo, por certo Amy teria algum direito ao atributo divino, pois perseverava apesar de todos os obstáculos, fracassos e desencorajamentos, acreditando piamente que algum dia faria uma coisa digna de ser chamada «grande arte».

Entretanto, aprendia, praticava e desfrutava de outras coisas, pois estava decidida a ser uma mulher atraente e perfeita, mesmo que nunca fosse uma grande artista. Neste campo obteve melhores resultados, pois era um desses seres criados com felicidade que agradam sem esforço, fazem amigos em toda a parte e vivem a vida com tanta graciosidade e facilidade que as almas menos afortunadas se sentem tentadas a acreditar que nasceram com uma estrelinha da sorte. Todos gostavam dela, porque entre os seus dons contava-se o tato. Tinha uma noção instintiva do que era agradável e apropriado, dizia sempre a coisa certa a cada pessoa, fazia o que era adequado a cada momento e lugar e era tão senhora de si que as irmãs costumavam dizer: «Se a Amy tivesse de ir à corte sem um ensaio prévio, saberia exatamente o que fazer.»

Uma das suas fraquezas era um desejo de se dar com «a nossa melhor sociedade», sem saber muito bem o que isso era. Dinheiro, posição, dotes em voga e modos elegantes eram as coisas mais desejáveis aos seus olhos, e gostava de se associar a quem as possuía, tomando muitas vezes o falso por verdadeiro e admirando o que não era admirável. Nunca

esquecendo que era uma dama por nascimento, cultivava os gostos e modos de sentir aristocráticos, para que, quando a oportunidade surgisse, estivesse pronta para ocupar o lugar de onde a pobreza a excluía agora.

«Sua Senhoria», como as amigas lhe chamavam, desejava sinceramente ser uma verdadeira dama, e era-o na essência, mas ainda tinha de aprender que o dinheiro não pode comprar refinamento de natureza, que a posição nem sempre confere nobreza e que o verdadeiro berço se faz apesar das desvantagens externas.

— Quero pedir-lhe um favor, mãe — anunciou Amy um dia, entrando em casa com uma expressão importante.

— O que é, minha pequenina? — replicou a mãe, para quem a altiva jovem continuava a ser «a bebé».

— A nossa classe de desenho termina na próxima semana, e, antes de me separar das minhas colegas no verão, quero convidá-las para passarem um dia cá em casa. Elas estão loucas para ver o rio, desenhar a ponte partida e copiar algumas das coisas que admiram no meu bloco de desenho. Têm sido muito amáveis comigo de muitas formas, e estou-lhes grata, pois são todas ricas e eu sei que sou pobre, mas nunca fizeram diferença.

— Porque é que fariam? — E a Sr.^a March fez a pergunta com aquele a que as raparigas chamavam o seu ar de «Maria Theresa».

— A mãe sabe tão bem como eu que *faz* diferença para quase toda a gente, por isso não se erice como uma querida mãe galinha quando alguns dos seus pintainhos são picados por aves mais espertas. O patinho feio transformou-me num cisne. — E Amy sorriu sem amargura, pois possuía um temperamento feliz e um espírito cheio de esperança.

A Sr.^a March riu-se e suavizou o orgulho maternal enquanto perguntava:

— Bem, meu cisne, qual é o teu plano?

— Queria convidar as raparigas para almoçar na próxima semana, levá-las a dar um passeio de carruagem pelos lugares que querem ver, talvez fazer um passeio de barco no rio e uma pequena festa artística para elas.

— Parece-me exequível. Que queres para o almoço? Suponho que bastará bolos, sanduíches, fruta e café?

— Oh, não, mãe! Também temos de servir língua e frango, chocolate francês e gelado. Elas estão acostumadas a essas coisas e eu quero que o meu almoço seja bom e elegante, embora *tenha* de trabalhar para viver.

— Quantas jovens são? — perguntou a mãe, começando a ficar séria.

— Doze ou catorze na aula, mas estou convencida de que não virão todas.

— Credo, filha, terás de fretar um autocarro para as transportar.

— Ora, mãe, como é que *pode* pensar uma coisa dessas? O mais certo é virem apenas umas seis ou oito, por isso vou alugar um carrinho de praia e pedir emprestado o charabã do Sr. Laurence.

— Tudo isso vai sair caro, Amy.

— Não muito. Já calculei o custo e serei eu a pagar tudo.

— Não achas, querida, que as tuas amigas estão habituadas a essas coisas e por melhor que façamos não será uma novidade? Não te parece que um plano mais simples vai ser uma agradável mudança para elas e será muito melhor para nós do que comprar ou pedir emprestado o que não necessitamos e tentar um estilo que não está de acordo com as nossas circunstâncias?

— Se não fizer como quero, prefiro não fazer nada. Sei que posso preparar tudo perfeitamente bem, se a mãe e as manas ajudarem um pouco. E não percebo porque é que não posso, se estou disposta a pagar tudo — declarou Amy, com a decisão que se transformava em obstinação quando era contrariada.

A Sr.^a March sabia que a experiência era uma excelente professora e, se possível, deixava que as filhas aprendessem sozinhas as lições que ela facilitaria de bom grado, se elas não se opusessem tanto a aceitar conselhos como saís e sene.

— Muito bem, Amy, se estás decidida e pensas que poderás fazer tudo sem gastar demasiado dinheiro, tempo e calma, não direi mais nada. Combina com as tuas irmãs e eu farei tudo o que puder para vos ajudar.

— Obrigada, mãe. A senhora é sempre *tão* boa! — E lá foi Amy contar o seu plano às irmãs.

Meg concordou logo e prometeu ajudar — oferecendo de boa vontade tudo o que tinha, desde a sua casinha até às melhores colheres de sal. Pelo contrário, Jo desaprovou todo o projeto e no começo não queria fazer nada.

— Por que diabo gastarias o teu dinheiro, incomodarias a tua família e virarias a casa de pernas para o ar para receber um bando de raparigas que não se importam nada contigo? Pensei que eras demasiado sensata e orgulhosa para te submeteres a qualquer mulher mortal só porque ela usa botas francesas e anda de cupé — declarou Jo, que, como tinha sido arrancada ao trágico clímax do seu romance, não estava com a melhor das disposições para assuntos sociais.

— Eu *não* me submeto e detesto tanto como tu ser tratada com condescendência! — retorquiu Amy num tom indignado, pois as duas raparigas ainda se desentendiam quando surgiam questões deste tipo. — As raparigas gostam de mim, e eu delas, e são muito bondosas, sensatas e talentosas, apesar do que tu chamas disparate da moda. Tu não te preocupas em fazer as pessoas gostar de ti, em estar em sociedade nem em cultivar os teus modos e gostos. Mas eu, sim, e pretendo aproveitar ao máximo todas as oportunidades que se apresentem. *Tu* podes andar pelo mundo de cotovelos espetados e nariz no ar, e chamar a isso independência, se quiseses. Eu não sou assim.

Quando Amy afiava a língua e dizia o que pensava, costumava sair vencedora, porque raramente deixava de ter o senso comum do seu lado, enquanto Jo levava a tal extremo o amor pela liberdade e o ódio aos convencionalismos, que, regra geral, saía derrotada nas discussões. A definição de Amy da ideia que Jo tinha de independência foi tão acertada

que ambas desataram a rir e a discussão assumiu um tom mais cordial. Muito contrariada, Jo aceitou por fim sacrificar um dia à Sr.^a Hipocrisia e ajudar a irmã no que considerou «uma coisa disparatada».

Os convites foram enviados, quase todos aceites, e a segunda-feira seguinte foi escolhida para o grandioso acontecimento. Hannah sentia-se mal-humorada porque a sua semana de trabalho estava transtornada e profetizou que se a roupa não fosse lavada e engomada no dia certo nada mais correria bem. Esta mola da estrutura da engrenagem doméstica teve um efeito pernicioso sobre todo o projeto, mas o lema de Amy era «Nil desperandum» e depois de decidir o que ia fazer avançou com o seu plano, apesar de todos os obstáculos. Para começar, a comida de Hannah não saiu bem; o frango estava duro, a língua demasiado salgada e o chocolate não fez uma boa espuma. Depois, o bolo e o gelado foram mais caros do que Amy esperava, e o mesmo aconteceu com a carruagem; e diversas outras despesas, que pareciam irrisórias quando tudo começou, não paravam de subir de uma forma bastante alarmante. Beth constipou-se e ficou de cama, Meg teve uma quantidade invulgar de visitas que a mantiveram em casa e Jo estava num estado de ânimo tão dividido, que as interrupções, acidentes e erros foram demasiado numerosos, graves e desesperantes.

— Se não fosse a mãe, nunca teria conseguido terminar as coisas — declarou Amy mais tarde, recordando com gratidão quando «a melhor piada da temporada» foi inteiramente esquecida por todos.

Se não estivesse bom tempo na segunda-feira, as jovens viriam na terça-feira, uma combinação que deixou a irritação de Jo e Hannah ao rubro. Na segunda-feira de manhã, o tempo estava naquele estado indeciso que exaspera muito mais do que uma chuva torrencial. Chuviscou um pouco, o sol brilhou durante algum tempo, houve um pouco de vento e o tempo só se decidiu quando era demasiado tarde para que outras pessoas tomassem as suas decisões. Amy levantou-se ao amanhecer e começou a chamar toda a gente para que saíssem da cama e tomassem o pequeno-almoço para poderem preparar a casa. A sala de visitas pareceu-lhe especialmente pobre naquele dia, mas, sem parar para suspirar pelo que não tinha, aproveitou ao máximo o que havia, dispondo cadeiras nos sítios mais gastos da carpete, tapando manchas nas paredes com quadros emoldurados com hera e enchendo os cantos vazios com estatuária feita em casa, o que conferiu à divisão um ar artístico, para o qual contribuíram as encantadoras jarras com flores que Jo espalhou por toda a parte.

O almoço tinha bom aspeto e, enquanto o observava, Amy esperou sinceramente que soubesse bem e que os copos de vidro, as porcelanas e as pratas que pedira emprestadas voltassem sãos e salvos para os seus donos. As carruagens estavam prometidas, Meg e a mãe estavam prontas para fazer as honras, Beth preparou-se para ajudar Hannah na cozinha e Jo comprometera-se a ser tão alegre e amável quanto lhe permitissem a falta de ânimo, uma grande dor de cabeça e uma forte desaprovação de todos e tudo. Enquanto se vestia, já cansada, Amy animou-se ao pensar no feliz momento em que, terminado o almoço, iria passear de carruagem com as amigas para passarem uma tarde de deleites artísticos, pois o charabã e a ponte partida eram os seus pontos fortes.

Seguiram-se duas horas de indefinição, durante as quais andou entre a sala de visitas e o alpendre, enquanto a opinião pública variava como o cata-vento. Um forte aguaceiro às onze da manhã esfriou indubitavelmente o entusiasmo das jovens senhoras que deviam chegar ao meio-dia, pois ninguém apareceu; e, às duas da tarde, a família exausta sentou-se debaixo de um sol forte a consumir as partes perecíveis do banquete, para que nada se perdesse.

— Hoje não há dúvida em relação ao tempo; todas virão com certeza, por isso temos de nos despachar para estarmos prontas para recebê-las — disse Amy, quando o sol nasceu no dia seguinte. Falou com vivacidade, mas do fundo do coração desejou não ter dito nada sobre terça-feira, porque o seu interesse, como o bolo, começava a murchar um pouco.

— Não consegui comprar lagostas, por isso hoje terás de passar sem salada — disse o Sr. March, entrando meia hora mais tarde com uma expressão de plácido desespero.

— Então, usa-se o frango. Com uma maionese, não se notará que está duro — aconselhou a mulher.

— A Hannah deixou-o em cima da mesa há instantes e os gatinhos comeram-no. Tenho muita pena, Amy — acrescentou Beth, que continuava a ser uma grande protetora de gatos.

— Nesse caso, *tenho* de arranjar uma lagosta a qualquer preço, pois a língua não vai ser suficiente — declarou Amy num tom decidido.

— Queres que vá à cidade comprar uma? — perguntou Jo com a magnanimidade de uma mártir.

— Eras capaz de voltar para casa com ela debaixo do braço, sem papel, só para me aborreceres. Eu vou — respondeu Amy, cujo bom humor começava a falhar.

Com um grande véu a cobrir-lhe a cabeça e munida de um elegante cesto de viagem, fez-se ao caminho sentindo que uma fresca viagem acalmaria o seu espírito inquieto e a prepararia para os trabalhos que a esperavam naquele dia. Demorou algum tempo a encontrar o objeto dos seus desejos e um frasco de molho, para evitar mais perdas de tempo em casa, e regressou, muito satisfeita com a sua prudência.

Como o autocarro só tinha mais um passageiro, uma velhota sonolenta, guardou o véu no bolso e enganou o tédio tentando descobrir para onde fora todo o seu dinheiro. Estava tão concentrada no papel cheio de teimosos números, que não reparou na entrada de mais um passageiro que tinha subido sem mandar parar o veículo, até ouvir uma voz masculina dizer: «Bom dia, Menina March». Levantou a cabeça e viu um dos mais elegantes amigos universitários de Laurie. Desejando fervorosamente que ele saísse antes de si, Amy ignorou por completo o cesto que tinha aos pés e, congratulando-se por estar a usar o seu novo vestido de sair, retribuiu o cumprimento do jovem com a delicadeza e animação habituais.

Entenderam-se muito bem e a principal preocupação de Amy depressa foi esquecida, quando soube que o cavalheiro sairia primeiro, e estava a conversar num estilo empolado quando a velhota saiu. A caminho da porta, a senhora tropeçou, bateu no cesto e, oh,

horror! a lagosta, em todo o seu vulgar tamanho e brilho, foi revelada aos nobres olhos de um Tudor!

— Santo Deus, a senhora esqueceu-se do jantar! — exclamou o ignorante jovem, empurrando o monstro escarlate para o seu lugar com a bengala e preparando-se para entregar o cesto à velhota.

— Por favor, não... é... é meu — murmurou Amy, com o rosto quase tão vermelho como o seu crustáceo.

— Deveras! Peço desculpa. É uma lagosta fantástica, não é? — disse o jovem Tudor com grande presença de espírito e um ar de sóbrio interesse que fazia jus à sua educação.

Amy recompôs-se num ápice, pousou com arrojo o cesto em cima do banco e disse, a rir:

— Tenho a certeza de que gostaria de comer um pouco da salada que ela vai dar e ver as encantadoras jovens que a vão saborear.

A isto se chama tato, pois duas das principais fraquezas da mente masculina foram tocadas. A lagosta foi de imediato rodeada de um conjunto de agradáveis reminiscências e a curiosidade acerca das «encantadoras jovens» distraiu-no do cómico incidente.

«Calculo que vai rir-se e troçar do que aconteceu mais tarde com o Laurie, mas eu não os ouvirei, o que é um consolo», pensou Amy, quando o jovem fez uma vénia e saiu do autocarro.

Não mencionou este encontro quando chegou a casa (apesar de descobrir que, graças ao incidente, o vestido novo estava muito danificado com os rios de molho que lhe escorriam pela saia) e foi tratar dos preparativos, que lhe pareceram mais penosos do que antes. E às onze horas tudo estava mais uma vez pronto. Sabendo que os vizinhos estavam interessados nas suas movimentações, quis apagar a memória do fracasso do dia anterior com um grandioso sucesso nesse dia; por isso mandou vir o charabã e seguiu com grande pompa para receber e escoltar as suas convidadas para o banquete.

— Já oiço o barulho da carruagem, elas vêm aí! Vou recebê-las no alpendre; é um gesto simpático e quero que a pobre criança se divirta, depois de todo o trabalho que teve — disse a Sr.^a March, fazendo das palavras atos. Porém, depois de um olhar, retirou-se com uma expressão indescritível, pois, parecendo bastante perdidas na grande carruagem, vinham Amy e outra jovem.

— Corre, Beth, e ajuda a Hannah e tirar metade das coisas da mesa. Seria ridículo apresentar um almoço para doze a uma única rapariga — exclamou Jo, correndo para o interior da casa, demasiado esfalfada até para se rir a bom rir.

Amy entrou, muito calma e deliciosamente cordial com a única convidada que cumprira a promessa. O resto da família, que tinha uma veia de ator, desempenhou os seus papéis igualmente bem e a Menina Eliott achou-os muito divertidos, pois foi impossível controlar a alegria que se apoderou deles. Depois de comido o almoço remodelado, visitado o estúdio e o jardim, e de uma acesa discussão sobre arte, Amy mandou chamar uma caleche (adeus ao elegante charabã!) e passeou tranquilamente com a amiga pelas redondezas até

ao pôr do sol, quando «a festa terminou».

Voltou para casa a pé, com um ar muito cansado, mas com a compostura de sempre, e reparou que todos os vestígios da lamentável *fête* tinham desaparecido, com exceção de uma suspeita elevação nos cantos da boca de Jo.

— Tiveste uma linda tarde para o passeio, minha querida — disse a mãe, num tom tão respeitoso como se tivessem vindo as doze.

— A Menina Eliott é uma rapariga muito simpática e parece ter-se divertido muito — observou Beth, com um entusiasmo invulgar.

— Podes dar-me um pouco do teu bolo? Preciso mesmo de algum, porque tenho muitas visitas e não consigo fazê-los tão deliciosos como este — pediu Meg muito séria.

— Leva-o todo; eu sou a única que gosta de coisas doces cá em casa, e o bolo vai estragar-se antes de conseguir comê-lo até ao fim — respondeu Amy, pensando com um suspiro no dinheiro que gastara nele para acabar assim!

— É uma pena o Laurie não estar cá para nos ajudar — começou Jo, quando se sentaram a comer gelado e salada pela quarta vez em dois dias seguidos.

Um olhar de advertência da mãe travou mais comentários e a família continuou a comer num heroico silêncio até o Sr. March comentar num tom calmo:

— A salada era um dos pratos preferidos dos antigos e Evelyn... — Nesta altura, uma explosão de gargalhadas interrompeu a «história dos capacetes sem viseira», para grande surpresa do erudito cavalheiro.

— Ponham tudo num cesto e mandem para os Hummels... os alemães agradecem um prato de comida. Estou farta de ver isto, e não há motivo para morrerem todos com uma indigestão só porque eu fui uma tonta — exclamou Amy, limpando os olhos.

— Eu pensei que *ia* morrer, quando vos vi às duas naquela geringonça como grãos numa grande casca de noz e a mãe à espera com toda a cerimónia para receber a comitiva — suspirou Jo, a rir a bandeiras despregadas.

— Tenho muita pena de que estejas desapontada, minha querida, mas todos fizemos o que estava ao nosso alcance para te satisfazer — disse a Sr.^a March num tom repleto de maternal pena.

— Eu *estou* satisfeita, fiz o que planeei e não é culpa minha se as coisas não correram bem. Consolo-me com isso — disse Amy, com um leve tremor na voz. — Agradeço-vos muito a todos por me terem ajudado e ainda mais se não falarem no assunto pelo menos durante um mês.

Ninguém comentou aquele episódio durante muitos meses, mas a palavra «*fête*» provocava sempre um sorriso generalizado, e o presente de Laurie para Amy foi uma minúscula lagosta de coral para a sua pulseira de pendentes.

CAPÍTULO QUATRO

LIÇÕES LITERÁRIAS

De repente, o destino sorriu a Jo e pôs no seu caminho uma moeda da sorte. Não propriamente uma moeda de ouro, mas duvido que meio milhão lhe tivesse causado uma felicidade mais verdadeira do que a singela quantia que lhe veio parar às mãos.

A cada duas ou três semanas, a jovem fechava-se no seu quarto, vestia a roupa de escrever e «ficava em transe», como ela própria dizia, escrevendo o seu romance com garra e alma, pois enquanto não estivesse terminado não teria paz. A sua «roupa de escrever» consistia numa bata de lã preta onde podia limpar o aparo quantas vezes queria sem que se notasse e uma touca do mesmo material, enfeitada com um alegre laço vermelho, onde escondia o cabelo quando estava preparada para escrever. Esta touca era um sinal para os inquisidores olhos dos membros da família, que, durante esses períodos, se mantinham à distância, limitando-se a espreitar de vez em quando para perguntar, com interesse, «O génio queima, Jo?». Nem sempre se aventuravam a fazer esta pergunta, observando a touca e agindo em conformidade. Se esta expressiva peça de vestuário estivesse caída sobre a testa, era sinal de que estava em marcha um trabalho concentrado; em momentos de entusiasmo, ficava num ângulo torto, e quando a autora era acometida pelo desespero, era arrancada da cabeça e atirada ao chão. Nesses momentos, o intruso optava por se retirar em silêncio, e só quando a touca era vista de novo na dotada testa é que as pessoas se atreviam a dirigir-se a ela.

Não se pense que Jo se considerava um génio. O que acontecia era que, quando a inspiração vinha, a jovem dedicava-se a ela com o mais completo abandono e tinha uma vida feliz, esquecidas todas as necessidades, preocupações ou mau tempo, e mergulhava alegremente num mundo imaginário, cheio de amigos que eram quase tão queridos e reais para si como os de carne e osso. O sono fugia-lhe dos olhos, as refeições ficavam intocadas e o dia e a noite eram demasiado curtos para desfrutar da felicidade que a abençoava apenas nessas alturas e as tornavam dignas de ser vividas, ainda que não tirasse dessas horas outro proveito. Esta divina inspiração costumava durar uma ou duas semanas e depois Jo emergia do seu «transe» esfomeada, cheia de sono, zangada ou desanimada.

Estava a recuperar de um desses ataques quando foi convencida a acompanhar a Menina Crocker a uma palestra e em troca da boa ação foi recompensada com uma nova ideia. Era um Curso Popular — uma palestra sobre as Pirâmides — e Jo questionou-se sobre a pertinência da escolha do tema para aquele público, mas concluiu que um grande mal social seria remediado ou alguma grande carência resolvida ao serem desvendadas as

glórias dos faraós a uma audiência que estava preocupada com o preço do carvão e da farinha e cujas vidas eram passadas a tentar resolver quebra-cabeças mais difíceis do que o da Esfinge.

Como chegaram cedo e a Menina Crocker se pôs a arranjar o calcanhar da meia, Jo divertiu-se a examinar os rostos das pessoas sentadas no mesmo banco que elas. À sua esquerda, duas matronas com enormes testas e chapéus a condizer discutiam os Direitos das Mulheres enquanto faziam espiguiha. A seguir sentava-se um par de humildes namorados que davam as mãos com recato, uma sombria solteirona que comia pastilhas de hortelã de um saco de papel e um velho cavalheiro que fazia a sua sesta preliminar por trás de um lenço amarelo. À direita, o seu único vizinho era um rapaz com aspeto estudioso, concentrado na leitura de um jornal.

Como era um periódico ilustrado, Jo examinou a obra de arte que estava mais perto, perguntando distraidamente a si mesma que lamentável encadeamento de circunstâncias necessitava da melodramática ilustração de um índio em traje de guerra a cair por um precipício com um lobo preso na garganta, enquanto dois jovens cavalheiros enfurecidos, com pés impossivelmente pequenos e olhos estranhamente grandes, se apunhalavam ali perto e uma mulher desgrenhada fugia ao fundo com a boca muito aberta. O rapaz fez uma pausa para virar uma página e, ao ver que ela estava a olhar, ofereceu-lhe com amabilidade metade do jornal, dizendo sem cerimónia:

— Quer lê-la? É uma história excelente.

Jo aceitou com um sorriso, pois nunca lhe passara a preferência pela convivência com rapazes, e depressa se viu envolvida no habitual labirinto de amor, mistério e crime, já que a história pertencia àquela classe de literatura de cordel em que as paixões estão ao rubro e, quando a imaginação do autor falha, uma grande catástrofe tira de cena metade dos personagens, deixando a outra metade exultante com o seu desaparecimento.

— Excelente, não é? — perguntou o rapaz, quando Jo começou a ler o último parágrafo da sua folha.

— Acho que, se tentássemos, nós os dois poderíamos fazer um trabalho tão bom como este — respondeu Jo, divertida com a admiração que o rapaz sentia por aquele lixo.

— Eu considerar-me-ia muito afortunado se conseguisse. Dizem que ela ganha um bom dinheiro com estas histórias — e apontou para o nome da Sr.^a S. L. A. N. G. Northbury por baixo do título do conto.

— Conhece-la? — perguntou Jo, com súbito interesse.

— Não, mas leio tudo o que escreve e conheço um fulano que trabalha no escritório onde este jornal é impresso.

— Diz que ela ganha bom dinheiro com histórias destas? — E Jo olhou com maior respeito para o agitado grupo e para os muitos pontos de exclamação que salpicavam a página.

— Creio que sim! Ela sabe do que as pessoas gostam e é muito bem paga para escrever.

Nesse momento, a palestra começou, mas Jo ouviu muito pouco, pois enquanto o professor Sands arengava sobre Belzoni, Quéops, esgaravelhos e hieróglifos, ela anotava discretamente o endereço do jornal e decidia com arrojo tentar ganhar o prémio de cem dólares oferecido nas suas colunas para uma história sensacionalista. Quando a palestra chegou ao fim e a audiência acordou, Jo tinha encontrado uma oportunidade esplêndida para si (não era a primeira que encontrava num jornal) e já estava muito concentrada no planeamento da história, incapaz de decidir se o duelo devia ocorrer antes da fuga de casa ou depois do crime.

Não disse nada sobre o seu plano à família, mas começou a trabalhar no dia seguinte, deixando a mãe muito inquieta, pois ficava sempre um pouco ansiosa quando «o génio ficava ao rubro». Jo nunca experimentara este estilo, limitando-se a romances muito leves para o *Spread Eagle*. A sua experiência teatral e as leituras ecléticas foram úteis agora, dando-lhe uma ideia do efeito dramático e fornecendo-lhe também o argumento, a linguagem e os trajes. O enredo estava tão cheio de desespero e angústia quanto permitia a sua limitada experiência destas desconfortáveis emoções e, situando-o em Lisboa, pensou que seria um desenlace adequado terminá-lo com um terramoto. O manuscrito foi enviado com a maior descrição, acompanhado por uma nota a dizer que, se a história não ganhasse o prémio, coisa que a autora não se atrevia a esperar, agradeceria qualquer quantia que o jornal considerasse merecida.

Seis semanas é um tempo de espera muito longo e é ainda mais demorado para uma rapariga guardar um segredo, mas Jo fez as duas coisas e começava a perder a esperança de voltar a ver o seu manuscrito quando chegou uma carta que quase a deixou sem ar, pois ao abri-la caiu-lhe no colo um cheque de cem dólares. Ficou a olhá-lo durante alguns instantes, como se fosse uma cobra, e por fim leu a carta e começou a chorar. Se o amável cavalheiro que escrevera aquele simpático bilhete soubesse a intensa felicidade que dava a um semelhante, penso que teria dedicado as suas horas de lazer, se as tivesse, a este entretenimento; pois Jo deu mais valor à carta do que ao dinheiro, porque era encorajante e, após anos de esforço, era *muito* agradável descobrir que aprendera a fazer *alguma coisa*, embora fosse apenas escrever uma história popular.

Poucas vezes se terá visto uma jovem mais orgulhosa do que ela, quando, depois de se acalmar, eletrizou a família aparecendo à frente de todos com a carta numa mão e o cheque na outra para anunciar que ganhara o prémio! Claro que houve grande regozijo e, quando a história foi publicada, todos a leram e elogiaram. Porém, depois de lhe dizer que a linguagem era muito boa, o romance fresco e forte e a tragédia muito emocionante, o pai abanou a cabeça e disse, no seu tom espiritual:

— Podes fazer melhor do que isto, Jo. Procura sempre a perfeição e nunca te importes com o dinheiro.

— *Eu* acho que o dinheiro é a melhor parte de tudo. O *que* vais fazer com essa fortuna? — perguntou Amy, olhando para a mágica tira de papel com uma expressão reverente.

— Vou mandar a Beth e a mãe para a praia durante um ou dois meses — respondeu Jo, sem hesitar.

— Oh, que esplêndido! Não, não posso aceitar, minha querida, seria demasiado egoísta — exclamou Beth, que bateu palmas com as magras mãos e respirou fundo, como se estivesse a sentir a fresca brisa do oceano; depois, parou e recusou o cheque com que a irmã lhe acenava.

— Claro que vais! Está decidido. Foi para isso que participei no concurso e foi por isso que ganhei. As coisas nunca me saem bem quando penso apenas em mim. Além disso, a mãe precisa de mudar de ares e não te vai deixar, por isso *tens* de ir. Não vai ser bom verte voltar para casa gorducha e rosada como antes? Parabéns à Dr.^a Jo, que cura sempre os seus pacientes!

Depois de muita discussão, lá foram elas para a praia e, embora Beth não tivesse voltado tão gorducha e rosada como seria desejável, estava muito melhor, e a Sr.^a March declarou que se sentia dez anos mais nova. Jo ficou satisfeita com o investimento do dinheiro do prémio e dedicou-se ao trabalho com um espírito alegre, decidida a ganhar mais daqueles cheques encantadores. Como foram vários os que ganhou nesse ano, começou a sentir-se uma potência em casa, já que, pela magia de um aparo, as suas «parvoíces» transformaram-se em confortos para todos. *A Filha do Duque* pagou a conta do talho, *A Mão de um Fantasma* colocou uma carpete nova na sala e *A Maldição dos Coventry* foi uma bênção para os March em mercearias e roupas.

A riqueza é com certeza uma coisa muito desejável, mas a pobreza tem o seu lado bom, e um dos doces usos da adversidade é a genuína satisfação proveniente do trabalho árduo, seja mental ou braçal; e à inspiração provocada pela necessidade devemos metade das sábias, belas e úteis bênçãos do mundo. Jo sentiu um pouco desta satisfação e deixou de invejar as raparigas mais ricas, consolando-se com o conhecimento de que poderia satisfazer as suas necessidades e não precisava de pedir um tostão a ninguém.

Os contos não chamaram muita atenção, mas tinham o seu mercado e, encorajada com isso, decidiu dar um arrojado passo para a fama e fortuna. Copiou o seu romance pela quarta vez, leu-o a todos os amigos de confiança e submeteu-o com medo e a tremer a três editores, que o aceitaram por fim na condição de reduzir um terço e omitir todas as partes que admirava particularmente.

— Agora tenho de optar entre guardá-lo na minha fornalha e deixá-lo ganhar bolor, pagar eu própria a impressão ou retalhá-lo para agradar aos compradores e receber por ele o que puder. A fama é uma coisa muito boa para ter em casa, mas dinheiro é mais conveniente; por isso quero saber a opinião de todos sobre este importante assunto — declarou Jo, convocando um conselho de família.

— Não estragues o teu livro, minha filha, pois tem mais mérito do que pensas e a ideia está bem elaborada. Dá-lhe tempo para amadurecer — foi o conselho do pai, que ele próprio seguira, tendo esperado com infinita paciência trinta anos até que o fruto do seu trabalho amadurecesse sem pressa para o colher agora, que estava doce e maduro.

— Na minha opinião, a Jo lucrará mais se o publicar agora do que se esperar — afirmou a Sr.^a March. — A crítica é o melhor teste para um trabalho deste género, pois revelará ao mesmo tempo méritos e defeitos ignorados e ajudá-la-á a melhorar no próximo. Nós

somos demasiado parciais, mas os elogios e censuras de estranhos serão úteis, mesmo que ganhe muito pouco dinheiro.

— Sim — disse Jo, franzindo as sobrancelhas —, é isso mesmo. Há tanto tempo que me dedico a ele, que na verdade não sei se é bom, mau ou indiferente. Será uma grande ajuda se for lido por pessoas entendidas e imparciais, que me digam o que pensam.

— Eu não lhe retiraria uma única palavra. Vais estragá-lo, se o fizeres, porque o interesse da história está mais na cabeça do que nos atos dos personagens, e será uma confusão se não houver explicações ao longo do texto — disse Meg, que acreditava piamente que aquele livro era o romance mais grandioso jamais escrito.

— Mas o senhor Allen diz: «Retire as explicações, torne-o curto e dramático e deixe que sejam os personagens a contar a história» — interrompeu Jo, lendo a nota do editor.

— Faz o que ele te diz. Ele sabe o que vai vender e nós, não. Escreve um bom livro popular e ganha o máximo de dinheiro que pudes. Em breve, quando tiveres feito nome, poderás dar-te ao luxo de divagar e introduzir personagens filosóficos e metafísicos nos teus romances — disse Amy, que tinha um ponto de vista estritamente pragmático sobre o assunto.

— Bem — declarou Jo, a rir —, se os meus personagens *são* «filosóficos e metafísicos», a culpa não é minha, pois não sei nada sobre essas coisas, tirando o que oiço o pai dizer às vezes. Se usei algumas das suas sábias ideias no meu romance, tanto melhor para mim. E tu, Beth, que dizes?

— Eu gostaria muito de o ver publicado *em breve* — foi tudo o que Beth disse, mas houve uma ênfase inconsciente nas duas últimas palavras e uma expressão pensativa nos olhos que nunca tinham perdido a candura da infância, que gelaram o coração de Jo durante alguns instantes com um ominoso medo e a levaram a tomar a decisão de concretizar a sua pequena aventura «em breve».

E foi assim que, com espartana firmeza, a jovem autora colocou o seu primogénito em cima da mesa e o retalhou sem dó nem piedade como uma ogra. Na esperança de agradar a todos, seguiu cada conselho que recebeu, mas, como o velho e o burro da fábula, não agradou a ninguém.

O pai gostava da veia metafísica que se lhe colara de forma inconsciente, por isso essa parte ficou, embora tivesse dúvidas em relação a ela. A mãe pensava que *havia* demasiada descrição, de modo que a tirou quase toda, e com ela muitas ligações necessárias na história. Meg admirava a tragédia, por isso Jo encheu as páginas de agonia para lhe agradar, enquanto Amy se opunha à comédia e, com a melhor das intenções, Jo suprimiu as alegres cenas que aligeiravam o carácter sombrio da história. Depois, para completar a ruína, cortou um terço e, com confiança, enviou o pobre pequeno romance, como um pisco depenado, para tentar a sua sorte no vasto mundo.

Sim, foi impresso, e Jo recebeu trezentos dólares por ele, bem como muitos elogios e críticas, ambos tão maiores do que ela esperava, que ficou num estado de desnorteamento do qual levou algum tempo a recuperar.

— A mãe disse que as críticas me ajudariam, mas não percebo como, se são tão contraditórias que não sei se escrevi um livro prometedor ou quebrei todos os dez mandamentos! — exclamou a pobre Jo, mexendo numa pilha de críticas ao seu livro, cuja leitura tão depressa a enchia de orgulho e alegria como de ira e profundo desânimo. — Este homem diz: «Um livro magnífico, cheio de verdadeira beleza e sinceridade; tudo é doce, puro e saudável.» — continuou a perplexa autora. — Este outro diz: «A teoria do livro é má, cheia de fantasias mórbidas, ideias espiritualistas e personagens artificiais.» Ora, como eu não tinha nenhuma teoria, não acredito no espiritualismo e copiei os personagens da vida real, não me parece que este crítico *possa* estar certo. Outro diz: «É um dos melhores romances americanos publicados nos últimos anos» (eu sei bem que não), e o seguinte declara que «Apesar de ser original, e estar escrito com grande força e sentimento, é um livro perigoso». Não é! Alguns troçam dele, outros exageram os elogios e quase todos insistem que eu tinha uma teoria profunda para expor, quando só escrevi pelo prazer e pelo dinheiro. Quem me dera tê-lo editado inteiro ou não o ter publicado, pois detesto que me julguem de uma forma tão equivocada.

A família e os amigos davam-lhe consolo e recomendações com liberalidade, mas foi um tempo difícil para a sensível e alegre Jo, que tinha tão boas intenções mas, aparentemente, fizera tanto mal. Todavia, fez-lhe bem, pois as pessoas cuja opinião tinha verdadeiro valor fizeram-lhe as críticas que constituem a melhor educação de um autor; e, passado o primeiro momento de mágoa, conseguiu rir-se do seu pobre livrinho, continuando a acreditar nele, e sentiu-se mais sábia e mais forte pelas sapatadas que recebera.

— Não sendo um génio, como Keats, não vai matar-me — disse, resoluta —, e, afinal de contas, a graça está do meu lado, pois as partes que foram retiradas da vida real são denunciadas como impossíveis e absurdas, e as cenas que inventei com a minha imaginação tonta são consideradas «encantadoramente naturais, ternas e verdadeiras». Vou conformar-me com isso e, quando estiver preparada, voltarei a ganhar coragem para escrever outro.

CAPÍTULO CINCO

EXPERIÊNCIAS DOMÉSTICAS

Como quase todas as recém-casadas, Meg começou a sua vida doméstica determinada a ser uma dona de casa exemplar. John devia considerar a sua casa um paraíso. Veria sempre um rosto sorridente, comeria sumptuosamente todos os dias e nunca daria conta da perda de um botão. Ela dedicava tanto amor, energia e alegria ao trabalho, que não poderia deixar de ser bem-sucedida, apesar de alguns obstáculos. O seu paraíso não era tranquilo, pois esta mulherzinha preocupava-se demais, estava demasiado ansiosa para agradar e trabalhava sem parar, sobrecarregada com muitas coisas. Por vezes até se sentia cansada demais para sorrir. Quando John ficou dispéptico depois de muitos acepipes, pediu-lhe com uma típica ingratidão masculina que confeccionasse umas comidas mais simples. Quanto aos botões, depressa se começou a perguntar para onde iriam, incrédula com a despreocupação dos homens e ameaçando que o obrigaria a cosê-los para ver se o trabalho *dele* resistiria melhor do que o dela a puxões impacientes e dedos desajeitados.

Eram muito felizes, mesmo depois de terem descoberto que não podiam viver apenas de amor. John não considerava Meg menos bela, apesar de ver o seu rosto a sorrir-lhe, radioso, atrás da cafeteira, e Meg não sentia que a despedida diária era menos romântica só porque o marido lhe perguntava com ternura depois do beijo: «Queres que mande trazer a casa vitela ou borrego para o jantar, querida?» A casinha deixou de ser uma habitação glorificada para se transformar num lar, mas os jovens recém-casados depressa sentiram que a mudança era para melhor. No princípio brincaram às casinhas e divertiram-se nela como crianças, mas depois John concentrou-se no trabalho, sentindo sobre os ombros o peso das preocupações de ser um chefe de família. Por sua vez, Meg deixou as batas de cambraia, colocou um grande avental e atirou-se ao trabalho, como já foi dito, com mais energia do que discernimento.

Enquanto durou a mania culinária, Meg percorreu todo o Livro de Receitas da Sr.^a Cornelius como se fosse um exercício de matemática, resolvendo os problemas com paciência e atenção. Por vezes, a família era convidada para ajudar a comer uma excessiva abundância de êxitos e outras vezes Lotty despachava discretamente outros tantos fracassos, que eram escondidos de todos os olhares nos convenientes estômagos dos pequenos Hummels. Um serão com John a rever os livros de contas produzia um abrandamento temporário no entusiasmo culinário e, durante o período de frugalidade que se seguia, o pobre homem tinha de se contentar com pudim de pão, fricassé de carne e café requentado, que punham a sua paciência à prova, embora ele aguentasse tudo com uma fortaleza de espírito digna de nota. Porém, antes de o ponto de equilíbrio ser alcançado, Meg acrescentou às suas experiências domésticas aquilo a que poucos jovens casais

escapam durante muito tempo — uma discussão familiar.

Cheia de entusiasmo doméstico para ver a despensa cheia de conservas caseiras, Meg decidiu fazer geleia de groselha. Pediu a John que encomendasse uns doze frascos pequenos e uma quantidade extra de açúcar, pois as groselhas estavam maduras e tinham de ser apanhadas sem demora. Como John acreditava piamente que «a minha esposa» era capaz de tudo e se orgulhava das suas capacidades, decidiu fazer-lhe a vontade e saborear a única fruta que tinham no quintal de uma forma muito agradável durante o inverno. E foi assim que chegaram lá a casa quatro dúzias de encantadores frasquinhos, meia barrica de açúcar e um rapazinho para apanhar as groselhas. Com os lindos cabelos protegidos sob uma pequena touca, os braços nus até aos cotovelos e um avental aos quadrados que a deixou muito atraente, a jovem dona de casa dedicou-se ao trabalho sem ter qualquer dúvida sobre o seu sucesso. Não vira já Hannah fazer doces centenas de vezes? A grande quantidade de frascos começou por surpreendê-la, mas John gostava tanto de geleia, e os frasquinhos ficariam tão bem na prateleira de cima da despensa, que Meg resolveu enchê-los todos e passou um longo dia a escolher, ferver, coar e mexer a geleia. Deu o seu melhor, consultou o livro de receitas da Sr.^a Cornelius, puxou pela cabeça para se lembrar do que Hannah fazia e que já esquecera; voltou a ferver, acrescentou mais açúcar e voltou a coar, mas aquela maldita coisa não queria «gelificar».

Apeteceu-lhe correr para casa, ainda que estivesse de avental, para pedir ajuda à mãe, mas ela e John tinham combinado que nunca incomodariam ninguém com as suas preocupações, experiências ou discussões. Tinham-se rido muito com aquela última palavra, como se a ideia que ela sugeria fosse absurda. No entanto, tinham mantido a decisão e resolviam tudo o que podiam sozinhos, sem a interferência de ninguém — um plano recomendado pela própria Sr.^a March. Assim, Meg debateu-se sozinha com as teimosas doçarias durante todo aquele quente dia de verão e às cinco da tarde sentou-se na caótica cozinha, torceu as mãos sujas, lamentou-se e chorou.

No entusiasmo inicial da nova vida, ela dizia muitas vezes: «O meu marido pode sentir-se à vontade para trazer um amigo para casa sempre que quiser. Eu vou estar sempre preparada, não haverá agitação, censuras ou desconforto, mas sim uma casa limpa e arrumada, uma mulher alegre e um bom jantar. Meu querido John, nunca me peças autorização, convida quem quiseres e podes ter a certeza de que será muito bem recebido.»

Por certo, tudo aquilo era muito encantador! John resplandecia de orgulho ao ouvi-la dizer aquilo e sentia que era uma bênção ter uma mulher superior. Porém, embora tivessem companhia de vez em quando, nunca era inesperada, e Meg ainda não tivera a oportunidade de se distinguir. Acontece sempre o mesmo neste vale de lágrimas; há uma inevitabilidade nestas coisas que só podemos estranhar, deplorar e ultrapassar o melhor possível.

Se John não se tivesse esquecido completamente da geleia, teria sido imperdoável da sua parte escolher aquele dia, de todos os dias do ano, para trazer um amigo para jantar sem avisar. Congratulando-se no seu íntimo por ter encomendado um belíssimo repasto nessa manhã, tendo a certeza de que estaria pronto no momento em que entrasse em casa e

antecipando o encantador efeito quando a bonita esposa viesse a correr ao seu encontro, levou o amigo para a sua mansão com a irreprimível satisfação de um jovem anfitrião e marido.

Este mundo está cheio de desapontamentos, como John descobriria ao aproximar-se do Pombal. A porta da entrada costumava estar hospitaleiramente aberta, mas agora não só estava fechada, como trancada, e a lama do dia anterior continuava a enfeitar os degraus. As janelas da sala de visitas encontravam-se fechadas, com as cortinas corridas, e não se via a sua linda mulher a coser no alpendre, vestida de branco, com um encantador laço no cabelo, ou uma anfitriã de olhos brilhantes a sorrir com timidez enquanto cumprimentava o convidado. Nada disso — pois não se via vivalma, a não ser um rapazinho com um ar suspeito a dormir sob os arbustos de groselhas.

— Receio que tenha acontecido alguma coisa, Scott. Vai para o jardim enquanto procuro a senhora Brooke — disse John, alarmado com o silêncio e com o estado de abandono da casa.

Apressou-se a contornar a fachada, atraído por um forte cheiro a açúcar queimado, e o Sr. Scott seguiu-o com uma expressão intrigada. Parou discretamente a alguma distância quando Brooke desapareceu, mas conseguia ver e ouvir e, como era solteiro, divertiu-se muito com a situação.

Na cozinha reinava a confusão e o desespero. Uma parte da geleia escorria das panelas, outra estava no chão e uma terceira queimava alegremente no fogão. Com uma serenidade teutónica, Lotty comia pão e bebia vinho de groselha, pois a geleia continuava muito líquida, enquanto a Sr.^a Brooke, com o avental por cima da cabeça, soluçava lugubrememente.

— Que é que se passa, minha querida? — exclamou John, precipitando-se para ela com terríveis visões de mãos queimadas, más notícias repentinas e consternação secreta ao pensar que o convidado estava no jardim.

— Oh, John, *estou* tão cansada, com tanto calor, tão zangada e preocupada! Passei o dia inteiro a trabalhar até não aguentar mais. Por favor, vem ajudar-me, senão *morro* — e a exausta dona de casa encostou-se ao seu peito, dando-lhe umas doces boas-vindas em todos os sentidos da palavra, porque o avental tinha ficado salpicado ao mesmo tempo que o chão.

— Que é que te preocupa, minha querida? Aconteceu alguma coisa terrível? — perguntou o ansioso John, beijando com ternura o cimo da pequena touca, que estava muito torta.

— Sim — respondeu Meg, a soluçar de desespero.

— Então, conta-me tudo depressa. Não chores, porque posso suportar tudo menos isso. Desembucha, amor.

— A... a geleia não gelifica e não sei o que fazer!

Depois de ouvir aquilo, John Brooke riu-se como não se atreveria a rir depois e o trocista Scott sorriu de forma inadvertida ao ouvir a forte gargalhada que deu o toque final

ao desespero da pobre Meg.

— Foi só isso? Atira-a pela janela e não te preocupas mais com ela. Se quiseses, posso comprar-te quilos. Mas, por amor de Deus, não te enerves, porque trouxe o Jack Scott para jantar cá em casa e...

John não conseguiu dizer mais nada, pois Meg afastou-o e apertou as mãos num gesto trágico enquanto se deixava cair numa cadeira e exclamava num tom onde se misturavam indignação, censura e consternação.

— Um homem para jantar, e está tudo desarrumado! John Brooke, como é que *pudeste* fazer uma coisa dessas?

— Fala baixo! Ele está no jardim. Esqueci-me da maldita geleia, mas agora não há nada a fazer — disse John, observando o que o rodeava com olhos ansiosos.

— Devias ter mandado alguém avisar-me, ou ter-me dito esta manhã, e devias ter-te lembrado de como eu estava ocupada — continuou Meg com petulância, pois até as pombas dão bicadas quando estão irritadas.

— Esta manhã não sabia, e não tive tempo para mandar avisar-te, pois encontrei-o quando vinha a sair. Nunca me ocorreu pedir-te autorização, porque sempre me disseste para fazer como quisesse. Não tinha feito antes, e podes enforcar-me se voltar a fazê-lo! — acrescentou John, com uma expressão ofendida.

— Espero bem que não! Leva-o embora sem demora, pois não posso vê-lo e não há jantar.

— Essa é boa! Onde está a carne de vaca e os legumes que mandei entregar em casa e o pudim que prometeste? — exclamou John, precipitando-se para a despensa.

— Não tive tempo para cozinhar nada e estava a pensar que podíamos ir jantar a casa da mãe. Lamento, mas estive *muito* ocupada! — E Meg recomeçou a chorar.

John era um homem calmo, mas era um ser humano, e, depois de um longo dia de trabalho, chegar a casa cansado, com fome e cheio de esperanças, e encontrar uma casa caótica, uma mesa vazia e uma mulher irritada não era propriamente um incentivo para a serenidade de mente ou modos. Porém, conteve-se, e o pequeno arrufo poderia ter acabado por ali, não fora uma infeliz palavra.

— Reconheço que é um embaraço, mas se deres uma ajuda podemos ultrapassar isto e ainda vamos divertir-nos. Não chores, querida. Faz um pequeno esforço e prepara-nos alguma coisa para comer. Estamos tão esfomeados como caçadores, por isso não seremos esquisitos. Dá-nos carnes frias, pão e queijo. Garanto que não te pediremos geleia.

John só queria fazer uma piada inofensiva, mas aquela palavra selou o seu destino. Meg pensou que era *demasiado* cruel comentar aquele triste fracasso, e a última ponta de paciência desvaneceu-se quando falou.

— Resolve o embaraço como quiseses; eu estou cansada demais para fazer «um pequeno esforço» seja por quem for. Só a um homem ocorre propor um osso e um simples pão com queijo para oferecer a uma visita. Eu recuso-me a fazer isso na minha casa. Leva

esse Scott para casa da mãe e diz-lhe que estou ausente... doente, morta, o que quiseres. Recuso-me a vê-lo e podem rir-se de mim e da minha geleiá o quanto quiserem. Aqui não terão mais nada — depois de dizer tudo isto sem respirar, tirou o avental e saiu precipitadamente da cozinha, para ir esconder-se no seu quarto.

Meg nunca soube o que aqueles dois indivíduos fizeram na sua ausência, mas o Sr. Scott não foi levado «para casa da mãe» e, quando desceu, depois de eles saírem juntos, encontrou vestígios de um caótico repasto que a encheram de horror. Lotty informou-a de que tinham comido «muito e rido mais ainda» e que o patrão a mandara deitar fora todo o doce e esconder os frascos.

Meg queria contar à mãe, mas deteve-a um sentimento de vergonha das suas deficiências e de lealdade para com John, «que podia ser cruel, mas ninguém devia saber». Por isso, depois de uma rápida limpeza, vestiu-se muito bem e sentou-se à espera de que ele voltasse para casa para ser perdoado.

Lamentavelmente, John não voltou, pois não via as coisas como ela. Com Scott, tinha tratado aquele incidente como uma boa piada, desculpando a mulher o melhor que pôde e sendo um anfitrião tão hospitaleiro que fez o amigo gostar muito da refeição improvisada e prometer voltar. No entanto, embora não demonstrasse, John estava zangado; sentia que Meg o deixara num apuro e o abandonara quando mais precisava dela. Não era justo dizer-lhe que podia trazer os amigos para casa sempre que quisesse, com total liberdade, e quando ele confiara nas suas palavras irritara-se, culpou-o e deixara-o desamparado, para ser troçado ou lamentado. Não, não era justo, caramba! E Meg tinha de saber isso. Enquanto comia e conversava com Scott, sentia-se furioso por dentro, mas quando a agitação passou e voltou a pé para casa depois de se despedir do amigo, a fúria acalmou. «Pobrezinha! Foi difícil para ela, porque queria muito agradar-me. Esteve mal, é claro, mas é muito jovem. Tenho de ser paciente e ensiná-la.» Esperou que não tivesse ido para casa da mãe, pois detestava conversas e interferência. Durante alguns instantes, irritou-se ao pensar nisso, mas o medo de que Meg ficasse doente de tanto chorar aplacou a sua zanga e fê-lo estugar o passo, decidido a ser calmo e bondoso, mas firme, muito firme, e mostrar-lhe onde é que tinha falhado nos seus deveres para com o marido.

Por sua vez, Meg também estava decidida a ser «calma e bondosa, mas firme», e a mostrar-lhe qual era o seu dever. Apeteceu-lhe correr ao seu encontro, pedir perdão e ser beijada a consolada, como tinha a certeza de que aconteceria, mas é claro que não fez nada disso e, quando viu John chegar, começou a cantarolar com muita naturalidade enquanto se baloiçava na cadeira e cosia como uma senhora rica sentada na sua melhor sala de visitas.

John ficou algo desapontado por não encontrar uma terna Níobe, mas, certo de que a sua dignidade exigia o primeiro pedido de desculpas, não disse nada, entrando muito tranquilo e sentando-se no sofá com o singularmente relevante comentário:

— Vamos ter lua nova, minha querida.

— Não tenho qualquer objeção — foi a resposta igualmente serena de Meg.

O Sr. Brooke introduziu alguns outros tópicos de interesse geral, que foram cortados

pela raiz pela Sr.^a Brooke, e a conversa esmoreceu. John aproximou-se de uma janela, abriu o jornal e concentrou-se na leitura. Meg foi para a outra janela e continuou a coser, como se aplicar rosetas novas nos chinelos fosse uma das necessidades urgentes da vida. Nenhum deles falou — ambos pareciam muito «calmos e firmes», mas estavam desesperadamente incomodados.

«Santo Deus!», pensou Meg, «a vida de casada é muito cansativa e precisa de uma paciência infinita, e amor, como diz a mãe». A palavra «mãe» trouxe-lhe à memória outros conselhos maternos dados há muito tempo, e recebidos com protestos incrédulos.

— O John é um bom homem, mas tem os seus defeitos, e tens de aprender a vê-los e suportá-los, lembrando-te dos teus. É muito decidido, mas nunca será obstinado, se argumentares com bondade em vez de te opores com impaciência. Também é muito correto e exigente com a

verdade... um sinal de bom carácter, embora digas que ele é «picuinhas». Nunca o enganes com atos ou palavras, Meg, e ele vai dar-te a confiança que mereces e o apoio de que precisas. Ele tem mau génio, não como o nosso... uma explosão e tudo passa. A sua ira raramente é incendiada, mas, quando provocada, é difícil de acalmar. Tem cuidado, muito cuidado, para não despertares esta ira contra ti mesma, pois a paz e a felicidade dependem de conservares o seu respeito. Controla-te, sê a primeira a pedir perdão se ambos errarem e evita os pequenos ressentimentos, equívocos e palavras precipitadas que dão lugar a amarga tristeza e arrependimento.

As palavras, especialmente as últimas, voltaram à memória de Meg enquanto cosia ao pôr do sol. Era o primeiro desacordo sério entre ambos e as suas palavras precipitadas pareceram-lhe tontas e duras ao recordá-las, a cólera pareceu-lhe infantil agora e pensar no pobre John a voltar para casa para se deparar com aquele cenário suavizou-lhe o coração. Olhou-o

com lágrimas nos olhos, mas ele não as viu; pousou a costura e levantou-se, a pensar, «Serei a primeira a pedir desculpa», mas ele não pareceu dar por isso; atravessou a sala devagar, pois era difícil engolir o orgulho, mas ele não virou a cabeça. Durante alguns instantes, sentiu que não seria capaz, mas depois pensou, «Isto é o princípio; farei a minha parte e não terei nada para me recriminar», inclinou-se e beijou o marido na testa. Claro que foi suficiente e aquele penitente beijo foi melhor do que mil palavras. John sentou-a logo no joelho e disse, com ternura:

— Foi muito mau rir-me dos pobres frascos de geleia. Perdoa-me, minha querida, não direi mais nada!

Mas disse, oh, se disse! Centenas de vezes, e Meg também, declarando ambos que foi a geleia mais doce que fizeram, porque a paz familiar foi restaurada depois daquela pequena discussão.

Passado algum tempo, Meg convidou especialmente o Sr. Scott para jantar e serviu-lhe um agradável banquete sem uma mulher em ponto de ebulição para primeiro prato. Nessa ocasião, esteve tão alegre e graciosa e tudo correu de uma forma tão encantadora, que o Sr. Scott disse a John que ele era um homem de muita sorte e lamentou as dificuldades da vida de solteiro até chegar a casa.

No outono, Meg teve novos problemas e experiências. Renovada a amizade com Sallie Moffat, esta passava a vida a correr para a casinha para conversar um pouco ou convidar «aquela pobre querida» para passar o dia na casa grande. Era agradável, pois, quando o tempo estava mau, Meg sentia-se muitas vezes sozinha. Estavam todos ocupados em casa, John estava ausente até à noite e ela não tinha nada para fazer a não ser coser, ler ou andar de um lado para o outro. Foi, pois, natural que comesse a passear ou a conversar com a amiga. Ao ver as bonitas coisas de Sallie, começou a desejar ter o mesmo e a sentir pena de si mesma por não poder comprá-las. Sallie era muito bondosa e oferecia-lhe muitas vezes as cobiçadas insignificâncias, mas Meg recusava, sabendo que John não gostaria que aceitasse; no entanto, esta mulherzinha tonta acabou por fazer uma coisa que John detestou muito mais.

Estava a par do rendimento do marido e adorava sentir que ele lhe confiava não apenas a sua felicidade, mas também o que alguns homens parecem valorizar acima de tudo, o seu dinheiro. Sabia onde estava, podia tirar o que quisesse, e a única coisa que ele lhe pedia era que mantivesse um registo de todos os tostões, que pagasse as contas uma vez por mês e que se lembrasse de que era casada com um homem pobre. Até ao momento, Meg portara-se bem, fora prudente e rigorosa, mantinha os livrinhos de contabilidade em ordem e mostrava-lhos todos os meses sem receio. Porém, nesse outono a serpente entrou no paraíso e tentou-a, como a muitas Evas modernas, não com maçãs, mas com vestidos. Meg não gostava que se compadecessem de si e irritava-a que a fizessem sentir-se pobre, mas tinha vergonha de confessar a sua situação financeira e de vez em quando tentava consolar-se comprando uma coisa bonita para que Sallie não pensasse que tinha de economizar. Depois arrependia-se sempre, porque as coisas bonitas raramente eram necessárias, mas eram tão baratas que não tinha de se preocupar. Assim foram crescendo estas ninharias e nos passeios de compras deixou de ser uma observadora passiva.

Porém, as ninharias custam mais do que se imagina e, ao fazer as contas no fim do mês, o valor assustou-a bastante. Naquele mês, John estava ocupado e deixou as contas ao seu cuidado; no mês seguinte estava fora da cidade; mas no terceiro mês quis fazer um grande balanço trimestral e Meg nunca se esqueceu daquele episódio, porque poucos dias antes fizera uma coisa terrível e tinha um grande peso na consciência. Sallie andava a comprar sedas e Meg queria muito ter um vestido novo, um lindo vestido claro para festas, pois o seu vestido de seda preta era muito vulgar e além disso os vestidos finos para a noite só eram adequados para raparigas solteiras. A tia March costumava oferecer vinte e cinco dólares a cada irmã pelo Ano Novo. Faltava apenas um mês e havia uma encantadora seda violeta em saldo. Meg tinha o dinheiro, só precisava de se atrever a tirá-lo. John estava sempre a dizer que o que era dele também era dela, mas acharia certo gastar não apenas os vinte e cinco dólares que ainda não recebera como mais vinte e cinco do fundo doméstico? Era esse o busílis. Sallie insistia que ela devia comprá-la, ofereceu-se para lhe emprestar o dinheiro e, com a melhor das intenções, tentou Meg para além das suas forças. Num momento perverso, o vendedor levantou o tentador pano brilhante e disse:

— Garanto-lhe que é uma verdadeira pechincha, minha senhora.

— Vou levá-lo — respondeu ela.

O tecido foi cortado e pago, Sallie rejubilou e ela riu-se como se fosse uma coisa sem importância, mas seguiu no coche da amiga como se tivesse roubado alguma coisa e a polícia andasse à sua procura.

Quando chegou a casa, tentou aplacar os remorsos estendendo a linda seda, que agora lhe parecia menos brilhante e afinal nem sequer a favorecia, e as palavras «cinquenta dólares» pareciam estar estampadas como um padrão a toda a largura. Guardou o tecido, mas este não lhe saía da cabeça, não com o prazer que um novo vestido devia provocar, mas com pavor, como o fantasma de uma loucura que não seria esquecida com facilidade. Quando John pegou nos livros nessa noite, Meg sentiu um aperto no coração e, pela primeira vez na sua vida de casada, teve medo do marido. Aqueles bondosos olhos castanhos pareciam ter a capacidade de ser severos e, embora ele estivesse inusitadamente alegre, Meg imaginou que a descobrira, mas não queria que ela soubesse. As contas da casa estavam todas pagas, John elogiou-a e preparava-se para abrir a pequena carteira a que chamavam o «banco», quando Meg, que sabia que estava vazia, lhe deteve a mão e disse, nervosa:

— Ainda não viste o meu livro de despesas pessoais.

John nunca pedia para vê-lo, mas ela insistia sempre e gostava de ver o seu espanto masculino ao observar as estranhas coisas que as mulheres compravam e de obrigá-lo a adivinhar o que eram «vivos», desafiá-lo a dizer-lhe o que era uma «combinação» ou ver o seu espanto ao perceber que uma coisinha com três botões de rosa, um pouco de veludo e um par de fios podia ser um chapéu e custar cinco ou seis dólares. Nessa noite, ele parecia querer divertir-se a questionar os números e fingir horror com as suas extravagâncias, como fazia muitas vezes, embora sentisse um grande orgulho na prudência da mulher.

O livrinho foi trazido sem pressa e pousado à sua frente. Meg pôs-se atrás da cadeira onde ele estava sentado, com o pretexto de lhe alisar as rugas da testa cansada, e, ali parada, disse, com o pânico a crescer a cada palavra:

— John, meu querido, sinto vergonha de te mostrar o meu livro porque ultimamente tenho gastado muito dinheiro. Saio tanto, que preciso de ter coisas, percebes, e a Sallie aconselhou-me a comprar e eu comprei. O meu dinheiro do Ano Novo vai pagar uma parte, mas depois arrependi-me porque sabia que não ias gostar.

John riu-se e puxou-a para o seu lado, dizendo bem-humorado:

— Não te escondas, que não te vou bater se *compraste* um par de botas lindíssimas; gosto muito dos pés da minha mulher e não me importo que ela dê oito ou nove dólares por um par de botas, se forem boas.

Fora uma das suas últimas «ninharias», e os olhos de John tinham-se detido naquela despesa enquanto falava.

«Oh, que é que ele *vai* dizer quando chegar aos terríveis cinquenta dólares!», pensou Meg com um estremecimento.

— É pior do que botas, é um vestido de seda — disse Meg com a calma do desespero, pois queria que o pior passasse depressa.

— Bem, querida, qual é o «maldito total», como diz o senhor Mantalini?

Aquele tom não era nada típico de John e Meg sabia que ele estava a olhá-la com uma expressão direta que ela enfrentava sempre de boa vontade e igual franqueza, até agora. Virou a página e a cabeça ao mesmo tempo, apontando para a quantia total, que teria sido muito má sem os cinquenta dólares e era escandalosa com aquela parcela. Durante um minuto, o silêncio foi profundo; depois, lentamente, mas com um esforço notório para não expressar desagrado, John disse:

— Bem, não sei se cinquenta é demais para um vestido, com todos os ornamentos vistosos e quinquilharias que se usam hoje em dia para fazê-los.

— Não está feito nem enfeitado — confessou Meg com um pequeno suspiro, pois a lembrança repentina do dinheiro que ainda teria de gastar para isso deixou-a arrasada.

— Vinte metros de seda parece-me muito para cobrir uma mulher pequena, mas não tenho qualquer dúvida de que a minha esposa vai ficar tão elegante como a do Ned Moffat quando o vestir — declarou John secamente.

— Sei que estás zangado, John, mas não pude evitar. Não quero esbanjar o teu dinheiro e não pensei que aquelas coisinhas iam ser tão caras. Não consigo resistir-lhes quando vejo a Sallie a comprar tudo o que quer e ter pena de mim porque eu não posso gastar dinheiro. Tento contentar-me, mas é difícil e estou cansada de ser pobre.

As últimas palavras foram ditas num tom tão baixo, que Meg pensou que ele não as ouvira, mas John ouviu e ficou profundamente ferido, pois negara muitos prazeres a si mesmo por ela. Mais valia Meg ter mordido a língua no instante em que dissera aquilo, pois ele afastou os livros e levantou-se, dizendo com um leve tremor na voz:

— Eu tinha medo disto, mas faço tudo o que posso, Meg.

Se a tivesse repreendido, ou até sacudido, não lhe teria partido o coração como partiu com aquelas poucas palavras. Meg correu para ele e abraçou-o com força, chorando lágrimas de arrependimento.

— Oh, John! Meu querido, bondoso e trabalhador marido, não foi isso que eu quis dizer! Fui má, falsa e ingrata, e não devia ter dito aquilo. Oh, como pude dizer semelhante coisa?!

Ele foi muito simpático, perdoou-a logo e não proferiu uma única censura, mas Meg sabia que tinha feito e dito uma coisa que não seria perdoada com facilidade, embora ele pudesse não voltar a falar sobre o assunto. Prometera amá-lo nos bons e nos maus momentos e censurara a sua pobreza depois de delapidar sem controlo o fruto do seu trabalho. Tinha feito uma coisa horrível, e o pior de tudo foi John ter-se mantido em silêncio, como se nada se tivesse passado, embora ficasse na cidade até mais tarde e trabalhasse à noite enquanto ela ia deitar-se e chorava até adormecer. Uma semana de arrependimento quase deixou Meg doente, e a descoberta de que ele cancelara a encomenda de um sobretudo deixou-a num estado de desespero que era patético de ver. Em resposta às suas perguntas surpreendidas a respeito daquela mudança de planos, John respondeu apenas: «Não posso pagá-lo, minha querida.»

Meg não disse mais nada, mas alguns minutos depois John encontrou-a na entrada com a cara enterrada no velho sobretudo, a chorar desesperada.

Nessa noite tiveram uma longa conversa e Meg aprendeu a amar ainda mais o marido pela sua pobreza, porque parecia ter feito dele um homem — dando-lhe a força e a coragem para lutar por uma vida melhor — e ensinara-o a ter uma terna paciência para suportar e consolar as ansiedades e falhas naturais dos entes queridos.

No dia seguinte, Meg esqueceu o orgulho, foi a casa de Sallie, contou-lhe a verdade e pediu que lhe fizesse o favor de comprar a seda. A bondosa Sr.^a Moffat acedeu de bom grado e teve a delicadeza de não lha oferecer em seguida. Em seguida, Meg mandou entregar o sobretudo em casa, e quando John chegou vestiu-o e perguntou-lhe se gostava do seu novo vestido de seda. É fácil imaginar a resposta do marido, como recebeu o presente e o ditoso estado de coisas que se seguiu. Começou a vir cedo para casa, Meg deixou de passear com Sallie e o sobretudo era vestido todas as manhãs por um marido muito feliz e despido à noite pela mais dedicada das esposas. Assim se passou o primeiro ano, e em meados do verão Meg teve uma nova experiência — a mais profunda e terna da vida de uma mulher.

Um sábado, Laurie entrou sorrateiramente na cozinha do Pombal, com uma expressão entusiasmada, e foi recebido com o ruído de címbalos, pois Hannah bateu palmas com uma panela numa mão e a tampa na outra.

— Como está a jovem mãe? Onde estão todos? Porque é que não me contaram antes de eu vir para casa? — começou Laurie num alto murmúrio.

— Feliz como uma rainha, a querida! Estão todos lá em cima em adoração. Não dissemos nada porque não queríamos furacões cá em casa. Agora vá para a sala de visitas, que eu mando-os ir ter consigo. — Com esta resposta bastante confusa, Hannah desapareceu, a rir-se de êxtase.

Pouco depois apareceu Jo, segurando com orgulho um pequeno embrulho de flanela pousado numa grande almofada. Tinha uma expressão muito séria no rosto, mas os olhos cintilavam e a voz soou estranha, como se estivesse a reprimir uma emoção.

— Fecha os olhos e estica os braços — convidou.

Laurie recuou precipitadamente para um canto e pôs as mãos atrás das costas num gesto suplicante.

— Não, obrigado, prefiro não o segurar. Tenho a certeza de que vou deixá-lo cair ou esmagá-lo.

— Então, não verás o teu sobrinho — disse Jo num tom decidido, virando-se como se pretendesse ir-se embora.

— Está bem, está bem, mas tu serás responsável pelos estragos. — E, obedecendo à ordem, Laurie fechou corajosamente os olhos enquanto alguma coisa era pousada nos seus braços. Uma gargalhada de Jo, de Amy, da Sr.^a March e de John fizeram-no abri-los no instante seguinte e viu que tinha dois bebês no colo em vez de um.

Não admira que se rissem, pois a expressão no seu rosto foi muito cómica, parado a olhar para aqueles bebês inocentes e para os divertidos espectadores com uma expressão confusa, tão baralhado que Jo se sentou no chão e chorou a rir.

— Por Júpiter, são gémeos! — foi a única coisa que Laurie conseguiu dizer durante algum tempo. Depois, virou-se para as mulheres com um olhar de súplica pateticamente cómico e acrescentou: — Alguém pegue neles depressa! Vou desatar a rir e deixá-los cair.

John resgatou os seus bebês e andou de um lado para o outro com um em cada braço, como se já fosse experiente nos mistérios de cuidar deles, enquanto Laurie se riu até as lágrimas lhe escorrerem pelas faces.

— É a melhor piada da temporada, não é? Não quis que te contassem, pois decidi surpreender-te e orgulho-me de ter conseguido — disse Jo, quando recuperou o fôlego.

— Nunca fiquei tão embaçado com coisa alguma em toda a minha vida. Não é divertido? São dois rapazes? Como é que vão chamar-se? Deixem-me vê-los outra vez. Segura-me, Jo, pois isto é demais para mim — respondeu Laurie, contemplando os recém-nascidos com o ar de um grande e benevolente terra-nova a olhar para um par de gatinhos acabados de nascer.

— Um menino e uma menina. Não são lindos? — disse o orgulhoso papá, a olhar riosamente para os pequenos bebês muito vermelhos que não paravam de se contorcer como se fossem anjos sem asas.

— As crianças mais notáveis que já vi. Qual é qual? — Laurie inclinou-se para observar os prodígios.

— A Amy pôs uma fita azul no menino e uma cor-de-rosa na menina, à francesa, para podermos distingui-los. Além disso, um tem olhos azuis e o outro tem olhos castanhos. Dá-lhes um beijo, tio Teddy — disse a malvada Jo.

— Talvez eles não gostem — começou Laurie, com uma invulgar timidez nestas questões.

— Claro que vão gostar. Já estão acostumados. Beije-os agora, senhor — ordenou ela, temendo que Laurie propusesse um substituto para beijar os bebês.

Laurie enrugou a cara e obedeceu, dando um cauteloso beijo em cada pequena face, o que originou outra gargalhada e fez os bebês guinchar.

— Eu bem disse que eles não iam gostar! Aquele é o rapaz, reparem como dá pontapés! Estica os punhos com vontade. Se não te importas, jovem Brooke, mete-te com um homem do teu tamanho — exclamou Laurie, encantado por levar um murro na cara de um punho minúsculo que se agitava sem objetivo.

— Ele vai chamar-se John Laurence e a menina vai ser Margaret, como a mãe e a avó. Mas vamos chamar-lhe Daisy, para não termos duas Megs, e suponho que o menino vai ser Jack, a não ser que arranjemos um nome melhor — disse Amy, com um interesse muito próprio de uma tia.

— Vamos chamar-lhe Demijohn e abreviamos para «Demi» — sugeriu Laurie.

— Daisy e Demi... é perfeito! Eu *sabia* que o Teddy encontraria a solução — exclamou Jo, batendo palmas.

E dessa vez Teddy acertou em cheio, pois os bebês foram «Daisy» e «Demi» durante toda a vida.

CAPÍTULO SEIS

VISITAS

— Vamos, Jo, está na hora.

— Na hora de quê?

— Não me digas que te esqueceste da promessa de fazer meia dúzia de visitas comigo hoje.

— Já fiz muitas coisas irrefletidas e disparatadas na vida, mas acho que nunca fui louca ao ponto de dizer que faria seis visitas num dia, quando uma me deixa de rastos durante uma semana.

— Mas prometeste. Fizemos um acordo. Eu acabaria o desenho da Beth por ti e tu virias comigo retribuir as visitas dos nossos vizinhos.

— Se estivesse bom tempo... Isso fazia parte do acordo. E eu cumprio as minhas promessas, Shylock. Há um monte de nuvens a oriente; *não* está bom tempo e não vou.

— Estás a esquivar-te. O dia está lindo, não há previsão de chuva e tu orgulhas-te de cumprir as promessas que fazes. Por isso, sê honrada, cumpre o teu dever e vais ficar em paz durante seis meses.

Naquele momento, Jo estava muito concentrada a costurar, pois era a modista de toda a família e orgulhava-se de saber usar a agulha tão bem como usava o aparo. Era muito irritante ser interrompida quando preparava uma primeira prova e ter de sair para fazer visitas com a sua melhor roupa num quente dia de julho. Detestava visitas formais e nunca as fazia a não ser que Amy a encurralasse com algum tipo de acordo, suborno ou promessa. Neste caso não tinha como escapar e, pousando a tesoura com rebeldia enquanto protestava que sentia o cheiro de trovoadas, acabou por ceder, arrumou a costura e, pegando no chapéu e nas luvas com uma expressão resignada, disse a Amy que a vítima estava pronta.

— Jo March, a tua petulância é capaz de fazer perder a paciência a um santo! Espero que não pretendas fazer visitas nesse estado — exclamou a irmã, observando-a com espanto.

— Porque não? Estou limpa, fresca e confortável, muito bem vestida para uma caminhada por estradas poeirentas num dia quente. Se as pessoas se preocupam mais com as minhas roupas do que comigo, não quero vê-las. Podes vestir-te por ambas e ficar tão elegante como quiseses. A elegância assenta-te bem, mas a mim, não, e os ornamentos vistosos só me incomodam.

— Valha-me Deus! — suspirou Amy. — Agora ela está do contra e vai fazer-me perder a cabeça antes de conseguir arranjá-la decentemente. Também não é um prazer para mim ir hoje, mas é uma dívida que temos para com a sociedade e só tu e eu podemos pagá-la. Faço tudo o que me pedires se te vestires bem e me ajudares a cumprir os nossos deveres cívicos. Tu falas tão bem, pareces tão aristocrática com as tuas melhores roupas e comportas-te com tanta compostura quando queres, que sinto muito orgulho em ti. Tenho medo de ir sozinha, por isso vem tomar conta de mim.

— Tu és uma miúda astuta ao adular e seduzir a tua rezingona irmã mais velha dessa maneira. Quem acreditaria que eu sou aristocrática e bem-educada e que tu tens medo de ir sozinha a algum lado?! Não sei qual das duas ideias é mais absurda. Está bem, se é mesmo necessário, acompanho-te e vou comportar-me o melhor que puder. Tu vais comandar a expedição e eu obedecerei cegamente. Estás satisfeita? — disse Jo com uma súbita mudança de perversidade para a submissão de um cordeiro.

— És um perfeito querubim! Agora, veste a tua melhor roupa e eu dir-te-ei como deves comportar-te em cada sítio para causares boa impressão. Quero que as pessoas gostem de ti, e isso não vai acontecer se não fores um pouco mais agradável. Penteia o cabelo com cuidado e põe a rosa cor-de-rosa no chapéu. Favorece-te e perdes o ar severo do vestido simples. Leva as luvas de pele clara e o lenço de mão bordado. Paramos em casa da Meg para lhe pedir emprestada a sombrinha branca e podes levar a minha cinzenta.

Amy deu as ordens enquanto se vestia e Jo obedeceu, não sem protestar, já que suspirou enquanto punha o vestido novo de organdi, franziu a testa, zangada, enquanto prendia as fitas do chapéu num laço impecável, debateu-se furiosamente com os alfinetes para prender a gola e franziu a cara toda enquanto sacudia bem o lenço de mão, cujo bordado lhe irritava tanto o nariz como aquela missão lhe ofendia os sentimentos. E quando espremeu as mãos nas luvas apertadas com dois botões e uma borla como último retoque de elegância, voltou-se para Amy com uma imbecil expressão de calma e disse, resignada:

— Estou profundamente infeliz, mas se achas que estou apresentável, morrerei contente.

— Estás muitíssimo satisfatória. Dá uma volta devagar, para eu poder ver bem. — Jo rodou e Amy deu um retoque aqui e ali e depois recuou com a cabeça inclinada, observando com graciosidade: — Sim, estás muito bem. A cabeça está perfeita, pois o chapéu branco com a rosa é deslumbrante. Põe os ombros para trás e descontra as mãos, por muito que as luvas apertem. Se há uma coisa que fazes bem, Jo, é usar um xaile... eu não consigo. Mas é muito bom ver-te com um, e ainda bem que a Menina Norton te deu aquele encantador. É simples, mas lindo, e as pregas no braço são muito artísticas. Vê lá se a minha capa está bem centrada e se as pregas do vestido estão alinhadas. Gosto de mostrar as botas, pois *tenho* pés bonitos, embora o nariz seja feio.

— Tu és uma criatura muito bela e uma alegria infindável — declarou Jo, olhando com um ar de conhecedora por entre os dedos para a pena azul que ela tinha no cabelo louro. — Por favor, minha senhora, diga-me se devo arrastar o meu melhor vestido pelo pó ou levantá-lo.

— Levanta-o ao caminhares pela rua, mas deixa-o solto dentro de casa. Os vestidos longos são o estilo que te fica melhor e tens de aprender a arrastar a saia com graciosidade. Não abotoaste metade de um punho. Abotoa-o já, por favor. Nunca parecerás bem vestida se não tiveres cuidado com estes pequenos pormenores, pois são eles que completam o conjunto harmonioso.

Jo suspirou, soltando os botões da luva enquanto abotoava o punho, e por fim ficaram ambas prontas e saíram, «lindas como retratos», disse Hannah, que assomou à janela do primeiro andar para as ver.

— Ora bem, minha querida Jo, os Chesters são pessoas muito elegantes, por isso quero que te comportes o melhor possível. Não faças nenhum dos teus comentários abruptos nem coisas esquisitas, está bem? Mantém-te calma, serena e calada... é seguro e muito senhoril, e sem dúvida podes fazer isso durante quinze minutos — disse Amy quando se aproximavam da primeira casa depois de terem ido pedir emprestada a sombrinha branca e sido inspecionadas por Meg, com um bebé em cada braço.

— Deixa-me ver, «Calma, serena e calada!», sim, acho que posso prometer isso. Representei o papel de uma jovem impecável no teatro e vou experimentar agora. Como verás, os meus talentos são grandes, por isso tranquiliza-te, minha filha.

Amy pareceu aliviada, mas a brincalhona Jo levou-a à letra e durante a primeira visita sentou-se com todos os membros muito compostos, todas as pregas do vestido bem formadas, calma como um mar de verão, serena como um glaciar e tão silenciosa como uma esfinge. Foi em vão que a Sr.^a Chester fez referências ao seu «encantador romance» e que as Meninas Chester falaram sobre festas, piqueniques, ópera e moda. A todas e a tudo Jo respondeu com um sorriso, uma vénia e um tímido «sim» ou «não», com uma expressão fria. Amy bem telegrafou a palavra «Fala», tentou envolvê-la nas conversas e deu-lhe discretos pontapés; Jo manteve-se sentada como se estivesse alheada de tudo, com uma expressão igual à cara de «Maud», «gelidamente regular e esplendidamente apática».

— Que criatura tão altiva e desinteressante que é a Menina March mais velha! — foi o lamentavelmente audível comentário de uma das senhoras quando a porta se fechou depois de as convidadas saírem. Jo riu-se em silêncio enquanto atravessava a entrada, mas Amy parecia mortificada com o fracasso das suas instruções e, como não podia deixar de ser, culpou Jo.

— Como pudeste interpretar-me tão mal? Eu só queria que te comportasses com dignidade e compostura, e tu transformaste-te numa pedra. Tenta ser sociável em casa dos Lambs; fala com as outras raparigas e interessa-te por vestidos, namoros e todos os disparates que forem abordados. Elas dão-se com a melhor sociedade, são pessoas que vale muito a pena conhecer, e não quero nada que fiquem com má impressão nossa.

— Vou ser simpática, conversar e rir, horrorizar-me e encantar-me com tudo o que quiserem. Gosto muito disto e agora vou imitar a chamada «rapariga encantadora». Sou capaz porque tenho a May Chester como modelo e vou melhorá-la ainda mais. Acredita que os Lambs vão dizer: «A Jo March é uma rapariga simpática e alegre!»

Amy ficou ansiosa, e com razão, pois quando Jo começava a ficar bizarra não era

possível prever onde pararia. O rosto de Amy foi digno de ver quando a irmã deslizou para a sala de visitas seguinte, beijou todas as senhoras com efusividade, sorriu com graciosidade para os jovens cavalheiros e participou nas conversas com uma animação que surpreendeu a observadora. Amy foi requisitada pela Sr.^a Lamb, que gostava muito dela, e obrigada a ouvir um longo relato do último ataque de Lucretia enquanto três encantadores jovens estavam por perto, à espera de uma pausa para poderem ir salvá-la. Naquela situação foi impossível controlar a irmã, que parecia possuída por um espírito de travessura e conversava de uma forma tão volúvel como a velha senhora. Um grupo de cabeças reunia-se à sua volta e Amy esforçou-se para ouvir o que se passava, porque palavras soltas encheram-na de alarme, olhos muito abertos e mãos levantadas atormentaram-na com curiosidade e frequentes ataques de riso deixaram-na com uma enorme vontade de se juntar à diversão. Podemos imaginar o seu sofrimento ao ouvir fragmentos de conversas como a que se segue:

— Ela monta muitíssimo bem... quem é que a ensinou?

— Ninguém. Costumava treinar a segurar as rédeas, sentada muito direita numa velha sela em cima de uma árvore. Agora monta tudo, pois não tem medo, e o dono da cavalaria deixa-a montar os seus cavalos por um preço muito barato porque ela treina-os muito bem para transportar senhoras. Tem uma paixão tão grande, que lhe digo muitas vezes que se tudo o resto falhar poderá ganhar a vida a domar cavalos.

Ao ouvir este horrível discurso, Amy conteve-se com dificuldade, pois a impressão que Jo estava a transmitir era a de que ela era uma jovem bastante audaz, precisamente o que mais detestava numa mulher. Mas o que poderia fazer? A velha senhora ainda ia a meio da história e muito antes de terminar já Jo tinha mudado de conversa e estava a fazer mais revelações engraçadas e a cometer gafes ainda mais terríveis.

— Sim, naquele dia a Amy estava desesperada porque todos os animais bons tinham sido levados e dos três que restavam um era coxo, o outro cego e o terceiro era tão teimoso que era preciso pôr-lhe terra na boca para ele começar a andar. Um bom animal para uma agradável festa, não acham?

— Qual deles é que ela escolheu? — perguntou um dos jovens cavalheiros a rir, muito interessado no assunto.

— Nenhum deles. Tinha ouvido dizer que havia um cavalo novo na quinta do outro lado do rio e, embora este nunca tivesse sido montado por uma senhora, ela decidiu experimentar, porque se tratava de um animal lindo e nervoso. As suas tentativas foram muito patéticas. Não havia ninguém para trazer o cavalo para ser aparelhado, por isso a Amy levou a sela até ao animal. Ela mesma atravessou o rio num barco a remos com a sela, pô-la em cima da cabeça e foi até ao celeiro, para profundo espanto do velhote!

— Montou o cavalo?

— Claro que sim, e divertiu-se imenso. Eu achei que ela ia ser trazida para casa em pedaços, mas dominou o animal com perfeição e foi a rainha da festa.

— É a isso que chamo coragem! — e o jovem Sr. Lamb virou-se e lançou um olhar

aprovador a Amy enquanto perguntava a si mesmo o que estaria a mãe a dizer, para a rapariga estar tão vermelha e pouco à vontade.

Amy ficou ainda mais vermelha e mais desconfortável passados alguns instantes, quando uma mudança súbita de conversa introduziu o tema das roupas. Uma das jovens perguntou a Jo onde tinha comprado o bonito chapéu castanho-claro que usara no piquenique; e, em vez de mencionar o lugar onde tinha sido comprado dois anos antes, a tonta da Jo teve de responder com uma franqueza desnecessária.

— Oh, a Amy pintou-o! É impossível encontrar aqueles tons suaves, por isso pintamos os nossos da cor que queremos. É muito bom ter uma irmã artista.

— Que ideia tão original! — exclamou a Menina Lamb, que achava Jo muito divertida.

— Não é nada em comparação com algumas das coisas brilhantes que ela cria. Não há nada que esta miúda não consiga fazer. Queria um par de botas azuis para a festa da Sallie, por isso pintou as suas velhas botas brancas da tonalidade de azul-celeste mais linda que já foi vista e pareciam mesmo de cetim — acrescentou Jo, com uma expressão de orgulho nas proezas da irmã que exasperou Amy a um ponto que lhe apeteceu atirar-lhe com o estojo dos cartões de visita.

— No outro dia, lemos um conto seu e gostámos muito — observou a Menina Lamb mais velha, querendo elogiar a jovem escritora que, devemos dizer, naquele momento não parecia nada erudita. Qualquer menção aos seus «trabalhos» tinha sempre um mau efeito em Jo, que ficava rígida e parecia ofendida ou mudava de assunto com um comentário brusco, como aconteceu naquele momento.

— Lamento que não tenham encontrado nada melhor para ler. Eu escrevo aquelas porcarias porque vendem e as pessoas gostam. Vão a Nova Iorque este inverno?

Como a Menina Lamb tinha «gostado» da história, este discurso não foi propriamente agradecido nem simpático. Jo deu-se conta do erro no instante em que acabou de falar, mas, temendo piorar as coisas, de repente lembrou-se de que era ela que tinha de tomar a iniciativa de terminar a visita, e fê-lo com uma brusquidão tão grande, que deixou três pessoas a meio de uma frase.

— *Temos* de ir, Amy. Adeus, querida, não deixe de vir visitar-nos. Aguardamos *ansiosamente* uma visita sua. Não me atrevo a convidá-lo *a si*, senhor Lamb, mas *se* vier, não poderei mandá-lo embora.

Jo disse isto com uma imitação tão boa do estilo exuberante de May Chester, que Amy saiu da sala o mais depressa possível, com uma vontade enorme de rir e chorar ao mesmo tempo.

— Estive muito bem, não estive? — perguntou Jo com um ar de satisfação quando saíram.

— Não podias ter estado pior — foi a demolidora resposta de Amy. — Que é que te passou pela cabeça para contares aquelas histórias sobre a minha sela, os chapéus, as botas e tudo o resto?

— Ora, é engraçado e diverte as pessoas. Eles sabem que somos pobres, por isso não vale a pena fingir que temos lacaaios, que compramos três chapéus por temporada e que temos coisas com tanta facilidade e tão boas como elas.

— Não precisavas de lhes contar todos os nossos pequenos truques e expor a nossa pobreza de uma forma tão desnecessária. Não tens uma ponta de amor-próprio e nunca aprenderás quando deves calar a boca e quando deves falar — disse Amy, desesperada.

A pobre Jo pareceu embaraçada e esfregou a ponta do nariz em silêncio com o lenço áspero, como se estivesse a penitenciar-se pelas asneiras que fizera.

— Como é que devo comportar-me aqui? — perguntou, quando se aproximaram da terceira mansão.

— Como quiseses. Tanto se me dá — foi a curta resposta de Amy.

— Então, vou divertir-me. Os rapazes estão em casa e vamos passar um bom bocado. Só Deus sabe como preciso de uma pequena mudança, pois a elegância tem um efeito mau na minha constituição — replicou Jo com brusquidão, irritada com os fracassos até ao momento.

Um caloroso acolhimento de três rapazes altos e diversas crianças pequenas depressa acalmou a sua irritação e, deixando Amy a conversar com a dona da casa e com o Sr. Tudor, que também estava de visita, dedicou-se aos mais novos e a mudança foi revigorante. Ouviu histórias da universidade com profundo interesse, fez festas a vários cães sem se queixar, concordou sem reservas que «Tom Brown era porreiro», sem ligar à forma pouco elegante do elogio, e, quando um dos rapazes propôs uma visita ao seu tanque de tartarugas, ela foi com tanta vontade, que a mãe das crianças lhe sorriu enquanto endireitava a touca que os abraços dos filhos — muito apertados, mas afetuosos — tinham deixado num estado ruinoso, mais precioso para ela do que o penteado mais irrepreensível feito por uma inspirada francesa.

Amy deixou a irmã fazer o que queria e divertiu-se muito. O tio do Sr. Tudor casara-se com uma senhora inglesa, prima em terceiro grau de um lorde vivo, e Amy tinha um grande respeito por aquela família, porque, apesar de ter nascido e sido criada na América, possuía a reverência pelos títulos que ataca os melhores — uma lealdade não confessada à antiga fé nos reis que tinha deixado a nação mais democrática da terra em grande agitação com a vinda de um miúdo loiro da realeza alguns anos antes e que ainda está associada ao amor que o mundo novo tem pelo velho —, como o amor de um filho crescido por uma mãe autoritária que o manteve debaixo da sua asa enquanto pôde e o deixou ir com uma descompostura por despedida quando ele se revoltou. Mas nem sequer a satisfação de falar com uma parente distante da nobreza britânica fez Amy esquecer-se do tempo e, quando o número regulamentar de minutos se escoou, despediu-se com relutância deste grupo aristocrático e foi à procura de Jo, desejando com fervor que a sua incorrigível irmã não estivesse numa situação que manchasse o bom nome da família March.

Podia ter sido pior, mas Amy considerou que era mau porque Jo estava sentada na relva com um grupo de rapazes à sua volta e um cão com as patas sujas deitado na saia do imponente vestido de gala, enquanto contava uma partida de Laurie a um público

admirador. Uma criança pequena empurrava as tartarugas com a sua preciosa sombrinha, uma segunda comia bolachas de gengibre em cima do melhor chapéu de Jo e uma terceira jogava à bola com as suas luvas. Porém, estavam todos muito divertidos e quando Jo recolheu os seus danificados adereços para se ir embora, os acompanhantes escoltaram-na, implorando-lhe que voltasse: «Foi muito divertido ouvir as partidas do Laurie.»

— São uns rapazes magníficos, não são? Depois daquilo, sinto-me muito jovem e cheia de energia — declarou Jo, a caminhar com as mãos atrás das costas, em parte por hábito e em parte para esconder a sombrinha toda salpicada.

— Porque é que evitas sempre o senhor Tudor? — perguntou Amy, abstendo-se, sensatamente, de comentar a delapidada aparência da irmã.

— Não gosto dele. Arma-se em bom, despreza as irmãs, preocupa o pai e não fala num tom respeitoso com a mãe. O Laurie diz que ele é libertino e *não* considero que seja um conhecimento desejável, por isso não lhe ligo.

— Pelo menos, podias tratá-lo com educação. Acenaste-lhe com frieza e há pouco fizeste uma vénia e sorriste com muita delicadeza ao Tommy Chamberlain, cujo pai é dono de uma mercearia. Seria certo se tivesses invertido o aceno e a vénia — declarou Amy num tom reprovador.

— Não seria nada — retorquiu a perversa Jo. — Eu não gosto, não respeito e não admiro o Tudor, embora a sobrinha do sobrinho do tio do avô *seja* prima em terceiro grau de um lorde. O Tommy é pobre, tímido, bondoso e muito inteligente. Tenho muita consideração por ele e gosto de demonstrá-la porque, apesar dos embrulhos de papel pardo, ele é um cavalheiro.

— É inútil tentar argumentar contigo — começou Amy.

— Completamente inútil, minha querida — interrompeu Jo. — Por isso, vamos pôr uma cara agradável e deixar um cartão de visita aqui, porque é evidente que os Kings não estão em casa e estou profundamente agradecida por isso.

Depois de o estojo de cartões de visita da família ter cumprido o seu dever, as raparigas continuaram a caminhar e Jo proferiu outro agradecimento quando chegaram à quinta casa e foram informadas de que as jovens senhoras estavam ocupadas.

— Agora vamos para casa e deixamos a tia March para outro dia. Podemos ir lá em qualquer altura, e é uma pena continuarmos a andar no meio desta poeira com os nossos melhores vestidos e adornos quando estamos cansadas e de mau humor.

— Se não te importas, fala por ti. A tia gosta que cheguemos bem vestidas para uma visita formal. Não é um grande sacrifício, dá-lhe prazer e não acredito que estrague tanto as tuas coisas como deixar cães sujos e rapazes irrequieten arruiná-las. Baixa-te e deixa-me tirar as migalhas do chapéu.

— Que boa menina que tu és, Amy — disse Jo, a olhar com uma expressão arrependida do seu vestido sujo para o da irmã, que continuava muito direito e imaculado. — Quem me dera que fosse fácil para mim como é para ti fazer pequenas coisas que agradam às pessoas. Penso nelas, mas são muito demoradas, por isso espero por uma oportunidade

para fazer um grande favor e deixo escapar os pequenos. No entanto, acho que vou acabar por aprender.

Amy sorriu e ficou logo apaziguada, dizendo com uma expressão maternal:

— As mulheres devem aprender a ser agradáveis, sobretudo as pobres, porque não têm outra forma de retribuir a bondade que recebem. Se te lembrares disso e praticares, as pessoas vão gostar mais de ti do que de mim porque tu és mais interessante.

— Eu sou uma excêntrica e vou ser sempre, mas estou disposta a reconhecer que tens razão. No entanto, é mais fácil para mim arriscar a vida por uma pessoa do que ser agradável com quem não me apetece. É um grande azar gostar e não gostar com muita intensidade, não é?

— É pior ainda não conseguir esconder. Não me importo de dizer que, como tu, não aprovo a conduta do jovem Tudor, mas acho que não me compete a mim dizê-lo, e nem a ti, e não vale a pena seres desagradável só porque ele é assim.

— Pois eu acho que as raparigas devem expressar a desaprovação que sentem pelos rapazes, e como podem demonstrar o que sentem a não ser com os modos? Não adianta pregar sermões, como bem sei por experiência própria porque tenho de lidar com o Teddy. Consigo influenciá-lo de muitas pequenas maneiras sem uma única palavra e acho que *devemos* fazer o mesmo com os outros, se pudermos.

— O Teddy é um rapaz notável e não pode servir de exemplo para outros rapazes — declarou Amy num tom de solene convicção que teria abalado o «rapaz notável» se tivesse ouvido aquele comentário. — Se fôssemos beldades, ou mulheres ricas e nobres, talvez pudéssemos fazer alguma coisa, mas fazer má cara a um grupo de rapazes porque não os aprovamos e sorrir a outros porque gostamos deles também não tem efeito nenhum e só vamos ser consideradas esquisitas e puritanas.

— Então, temos de aguentar coisas e pessoas que detestamos só porque não somos beldades nem milionárias? Que linda moralidade.

— Não sei discutir sobre isso, só sei que as coisas são assim e as pessoas que se opõem são ridicularizadas pelas suas ideias. Não gosto de reformistas e espero que nunca tentes ser uma.

— Pois eu gosto muito e se puder serei, porque apesar da troça o mundo nunca avançaria sem eles. Não estamos de acordo em relação a isso, pois tu pertences à velha guarda e eu à nova. A vida vai ser mais fácil para ti, mas eu vou divertir-me mais. Acho que vou gostar das críticas duras e dos gritos.

— Bem, agora arranja-te e não preocupes a tia com as tuas ideias novas.

— Vou tentar, mas quando estou com ela parece que fico possuída e com tendência para discursos especialmente polémicos ou sentimentos revolucionários. É a minha sina e não consigo evitar.

Encontraram a tia Carrol com a velha senhora e ambas pareciam absortas num assunto muito interessante, mas calaram-se quando as raparigas entraram, com um olhar culpado

que indicou que tinham estado a falar sobre as sobrinhas. Jo não estava de bom humor e a disposição perversa voltou; mas Amy, que cumprira com consciência o seu dever, mantivera a compostura e agradara a toda a gente, estava com uma disposição extremamente angélica. Este agradável estado de espírito foi sentido desde o primeiro momento e as duas tias trataram-na com grande afeto, vendo o que mais tarde comentaram com ênfase: «Aquela criança está melhor a cada dia que passa.»

— Vais ajudar na quermesse, querida? — perguntou a Sr.^a Carrol, quando Amy se sentou ao seu lado com o ar de admiração que as pessoas idosas tanto gostam de ver nos jovens.

— Sim, tia. A senhora Chester pediu-me ajuda e ofereci-me para ficar numa mesa, pois não tenho nada para oferecer a não ser o meu tempo.

— Eu, não — declarou Jo com determinação. — Detesto ser tratada de forma condescendente e os Chesters pensam que nos estão a fazer um grande favor ao deixarem-nos ajudar na sua pretensiosa quermesse. Não sei porque é que aceitaste, Amy... eles só querem que trabalhes.

— Eu estou disposta a trabalhar. É tanto para os pobres como para os Chesters, e acho que é muito simpático da parte deles deixarem-me partilhar o trabalho e a diversão. Não me importo de ser tratada com condescendência, se for por uma boa causa.

— Muito bem. Gosto do teu espírito de gratidão, minha querida. É um grande prazer ajudar pessoas que dão valor aos nossos esforços. Algumas não dão e é difícil — observou a tia March, olhando por cima dos óculos para Jo, que estava sentada a alguma distância, a baloiçar-se com uma expressão mal-humorada.

Se Jo tivesse sabido a grande felicidade que pesava na balança para uma delas, ter-se-ia tornado mansa como uma pomba num instante, mas infelizmente não temos janelas no peito e não conseguimos ver o que se passa na cabeça dos nossos amigos. Em geral, é melhor não conseguirmos, mas de vez em quando seria um consolo muito grande e uma enorme poupança de tempo e serenidade. Com o seu discurso seguinte, Jo ficou privada de vários anos de prazer e recebeu uma oportuna lição na arte de estar calada.

— Não gosto de favores, oprimem-me e fazem-me sentir uma escrava. Prefiro fazer tudo sozinha e ser completamente independente.

— Haha! — tossiu a tia Carrol, olhando para a tia March.

— Eu bem te disse — afirmou a tia March com um forte aceno de cabeça para a tia Carrol.

Por sorte inconsciente do que tinha feito, Jo sentou-se com o nariz no ar e uma expressão revolucionária que era tudo menos agradável.

— Falas francês, querida? — perguntou a Sr.^a Carrol, pousando a mão na de Amy.

— Bastante bem, graças à tia March, que deixa a Esther conversar comigo sempre que quero — respondeu Amy com um olhar agradecido, que arrancou um afável sorriso à velha senhora.

— Como estás tu nos idiomas? — perguntou a Sr.^a Carrol a Jo.

— Não sei uma única palavra. Não tenho jeito para estudar seja o que for. Não suporto francês, é uma língua escorregadia e parva — foi a *brusque* resposta.

As senhoras entreolharam-se de novo e a tia March disse para Amy:

— Já estás forte e bem, não é verdade, minha querida? Os problemas nos olhos ficaram resolvidos?

— Sim, tia, obrigada. Estou muito forte e bem e pretendo fazer grandes coisas no próximo inverno para poder estar preparada para ir a Roma quando surgir essa feliz oportunidade.

— Linda menina! Mereces e tenho a certeza de que um dia irás — disse a tia March com uma carícia de aprovação na cabeça de Amy, enquanto esta apanhava o novelo que caíra no chão.

«Não refiles e trabalha.

Senta-te ao lume a fiar.»

gritou *Polly*, o papagaio da tia March, inclinando-se no seu poleiro atrás da cadeira da dona para espreitar para Jo com uma expressão tão cómica de impertinente curiosidade, que foi impossível não rir.

— Um pássaro muito observador — disse a velha senhora.

— Queres vir dar um passeio, minha querida? — gritou *Polly*, a saltitar para o louceiro com um olhar que pedia um torrão de açúcar.

— Obrigada, é o que vou fazer. Vamos, Amy — e Jo pôs fim à conversa, cada vez mais convencida de que as visitas tinham um mau efeito nela. Apertou-lhes a mão num gesto masculino, mas Amy beijou as tias e as duas raparigas saíram, deixando atrás de si a impressão de sombra e sol que levou a tia March a dizer, quando elas desapareceram do seu ângulo de visão:

— Podes tratar do assunto, Mary, que eu dou o dinheiro.

— Claro que sim, se o pai e a mãe estiverem de acordo — respondeu a tia Carrol com determinação.

CAPÍTULO SETE

CONSEQUÊNCIAS

A quermesse da Sr.^a Chester era tão elegante e seleta, que as raparigas das redondezas consideravam uma grande honra serem convidadas para tomar conta de uma mesa e todas estavam muito interessadas no assunto. Amy foi convidada, mas Jo, não, o que foi bom para todas as partes, pois neste período da sua vida ela andava sempre com as mãos na cintura e foram precisas muitas pancadas com os cotovelos espetados para aprender a andar com maior graciosidade. A «criatura altiva e desinteressante» foi abandonada, enquanto o talento e o bom gosto de Amy foram recompensados com a oferta da mesa de arte, e ela não se poupou a esforços para preparar e proteger as adequadas e valiosas contribuições que foram feitas.

Tudo correu muito bem até à véspera da quermesse, mas depois ocorreu uma daquelas pequenas escaramuças que são quase impossíveis de evitar quando cerca de vinte e cinco mulheres, velhas e novas, tentam trabalhar juntas, com todos os seus ressentimentos e preconceitos particulares.

May Chester tinha muitos ciúmes de Amy porque esta era mais popular do que ela, e nesta altura foram várias as circunstâncias que contribuíram para aumentar aquele sentimento. O delicado trabalho a aparo e tinta de Amy eclipsou os jarrões que May pintara e esse foi o primeiro espinho. Depois, o conquistador Tudor tinha dançado quatro vezes com Amy no último baile, e apenas uma vez com May, e esse foi o segundo espinho. Porém, a principal ofensa, a que lhe encheu o coração de rancor e lhe deu uma desculpa para a conduta pouco amistosa, foi um rumor que lhe chegou aos ouvidos por uma alma caridosa de que as raparigas March haviam troçado dela em casa dos Lambs. Toda a culpa devia ter recaído sobre Jo, cuja cómica imitação fora demasiado real para não ser notada, e os brincalhões Lamb tinham deixado escapar a piada. Todavia, as culpadas não faziam ideia disto, e é fácil imaginar a consternação de Amy quando, na noite da véspera da quermesse, ao dar os últimos retoques na sua linda mesa, a Sr.^a Chester, ressentida com a suposta ridicularização da filha, disse num tom afável, mas com um olhar frio:

— Parece, minha querida, que as raparigas pensam que eu devia ter atribuído esta mesa às minhas filhas. Como é a mesa mais importante e algumas pessoas dizem que é a mais bonita de todas... e elas são as principais organizadoras da quermesse... pensa-se que será melhor serem elas a ocupar este lugar. Lamento, mas sei que está demasiado interessada na nossa causa para se importar com um pequeno desapontamento pessoal, e se quiser poderá ficar responsável por outra mesa.

A Sr.^a Chester convencera-se de que seria fácil fazer este pequeno discurso, mas, chegado o momento, foi muito difícil falar com naturalidade, com os inocentes olhos de Amy a fitá-la com surpresa e tristeza.

Amy sentiu que havia alguma coisa por detrás disto, mas não fazia ideia do que seria e disse em voz baixa, não escondendo que se sentia magoada:

— Talvez prefira que eu não fique em nenhuma mesa...

— Ora, minha querida, peço-lhe que não fique melindrada, é apenas uma questão de conveniência. É natural que as minhas filhas assumam o controlo, e esta mesa é considerada o lugar mais adequado. *Eu* acho que é muito boa para si, e estou muito agradecida pelo seu empenho em embelezá-la, mas temos de abdicar dos nossos desejos particulares e eu vou arranjar-lhe um bom lugar noutro lado. Gostaria da mesa das flores? As pequeninas ficaram com ela, mas já se desinteressaram. Pode torná-la encantadora e, como sabe, a mesa das flores é sempre muito procurada.

— Especialmente pelos cavalheiros — acrescentou May, com uma expressão que esclareceu May em relação a uma causa para ter caído subitamente em desgraça. Corou de raiva, mas não contestou aquele sarcasmo infantil e respondeu com uma inesperada afabilidade:

— Farei como quiser, senhora Chester. Vou sair já daqui e se quiser vou para a mesa das flores.

— Se preferir, pode pôr as suas coisas na mesa — começou May, sentindo um peso na consciência enquanto olhava para as lindas prateleiras onde estavam as conchas pintadas e as originais iluminuras que Amy fizera com tanto esmero e dispusera com tanta elegância. A intenção de May era boa, mas Amy interpretou-a mal e disse logo:

— Oh, claro, se estão a atrapalhá-la! — Amontou todas as suas coisas no avental e afastou-se, sentindo que ela e as suas obras de arte tinham sido insultadas para além de qualquer possibilidade de perdão.

— Agora ela está zangada. Valha-me Deus, mamã, quem me dera não lhe ter pedido para falar com ela — disse May, olhando com desalento para os espaços que tinham ficado vazios na sua mesa.

— As zangas entre raparigas duram pouco — replicou a mãe, sentindo-se envergonhada com o papel que tinha desempenhado nesta, e com bons motivos.

As meninas mais pequenas receberam Amy e os seus tesouros com entusiasmo, e uma receção tão cordial acalmou um pouco o seu espírito perturbado, levando-a a atirar-se logo ao trabalho, determinada a ser bem-sucedida com as flores, já que não pudera ficar na mesa de arte. Porém, tudo parecia estar contra ela: era tarde e estava cansada; todas estavam ocupadas com as suas coisas para ajudá-la e as meninas pequenas só atrapalhavam, pois corriam e falavam como um bando de gralhas, criando uma grande confusão com os seus atabalhoados esforços para preservar a mais perfeita ordem. O arco de plantas de folhagem persistente não se manteve firme depois de o montar e ficou a abanar, ameaçando cair sobre a sua cabeça quando os cestos pendurados estivessem cheios

de flores; o seu melhor azulejo foi atingido por um salpico de água que deixou uma lágrima a sépia na face do Cupido; magoou as mãos a martelar e ficou com frio por estar a trabalhar numa corrente de ar, um problema que a deixou cheia de apreensão para o dia seguinte. Qualquer menina que esteja a ler isto e tenha sofrido problemas semelhantes vai sentir pena da pobre Amy e desejar-lhe sorte para conseguir terminar a sua tarefa.

Houve grande indignação lá em casa quando Amy contou a sua história nessa noite. A mãe disse que era uma vergonha, mas que ela se tinha comportado muito bem. Beth declarou que se fosse com ela não poria os pés na quermesse, e Jo quis saber porque é que Amy não tinha pegado nas suas lindas coisas e deixado aquelas pessoas mesquinhas arranjam-se sem ela.

— Só porque elas são mesquinhas, não há razão para eu também ser. Detesto essas coisas e, embora pense que tenho o direito de me sentir magoada, não pretendo que elas percebam. Vão ficar mais incomodadas com isso do que com discursos zangados ou atos insolentes, não lhe parece, mãe?

— Esse é o estado de espírito certo, minha querida. Um beijo em resposta a uma bofetada é sempre melhor, embora por vezes não seja muito fácil dá-lo — respondeu a mãe, com a expressão de quem aprendera a diferença entre dizer e fazer.

Apesar de várias tentações muito naturais para ficar ressentida e retaliar, Amy manteve-se fiel à sua resolução durante todo o dia seguinte, determinada a conquistar o inimigo com bondade. Começou bem, graças a uma advertência que recebeu de forma inesperada, mas muito oportuna. Estava a arranjar a mesa nessa manhã, enquanto as meninas pequenas se encontravam numa antessala a encher os cestos, e pegou na sua produção preferida, um livrinho antigo que o pai encontrara entre os seus tesouros e em cujos textos em páginas de pergaminho ela fizera belas ilustrações. Enquanto folheava com justificado orgulho as páginas, ricas em delicados pormenores, os seus olhos pousaram num verso que a fez parar e pensar. Decoradas com uma brilhante iluminura escarlate, azul e dourada, com pequenos espíritos de boa vontade a ajudarem-se uns aos outros no meio de espinhos e flores viam-se as palavras: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo».

«Devia ser assim, mas não consigo», pensou Amy, enquanto os seus olhos iam da colorida página para o descontente rosto de Amy atrás dos grandes jarros que não escondiam os espaços vazios que os seus lindos trabalhos tinham ocupado. Folheou o livro que tinha na mão durante alguns momentos, lendo em cada uma das folhas uma doce censura a toda a intensa inveja e falta de caridade. Ouvimos todos os dias sábios e verdadeiros sermões feitos por inconscientes clérigos na rua, na escola, no emprego ou em casa; até uma mesa de quermesse pode transformar-se num púlpito, se oferecer as palavras boas e úteis que são sempre adequadas. A consciência de Amy pregou-lhe um pequeno sermão inspirado naquele texto e ela fez uma coisa que muitas pessoas nem sempre fazem — levou-o à letra e pô-lo logo em prática.

À volta da mesa de May estava um grupo de raparigas a admirar os bonitos artigos que estavam expostos e a conversar sobre a troca de vendedoras. Baixaram a voz, mas Amy percebeu que falavam sobre ela, ouvindo um lado da história e tirando as suas conclusões. Não foi agradável, mas estava imbuída de um novo espírito, e naquele momento teve a

oportunidade de o provar, pois ouviu May dizer com tristeza:

— É uma pena, porque não há tempo para fazer outras coisas e não quero enchê-la com porcarias. Esta mesa estava completa antes, mas agora está estragada.

— Eu acho que ela tas devolveria, se lhas pedisses — sugeriu alguém.

— Como é que poderia fazer tal coisa depois de toda a confusão que houve? — começou May, mas não concluiu, porque a voz de Amy ouviu-se do outro lado da sala, a dizer com amabilidade:

— Se as quiseses, dou-tas de boa vontade e nem tens de pedir. Estava a pensar oferecer-tas porque elas ficam melhor na tua mesa do que na minha. Aceita-as, por favor, e perdoa-me se me apressei a levá-las ontem à noite.

Enquanto falava, Amy devolveu o seu contributo com um aceno e um sorriso e afastou-se de novo, sentindo que era mais fácil fazer uma coisa simpática do que ficar para receber os agradecimentos.

— Foi encantador da parte dela, não acham? — exclamou uma rapariga.

A resposta de May foi inaudível, mas outra jovem cujo temperamento estava sem dúvida um pouco amargo depois de fazer tanta limonada acrescentou com uma desagradável gargalhada:

— Muito encantador, porque sabia que não as venderia na mesa onde está.

Aquilo foi duro; quando fazemos pequenos sacrifícios, gostamos que sejam apreciados, e por instantes Amy lamentou ter tomado aquela iniciativa, pois sentiu que a virtude nem sempre é recompensada. Mas é — como descobriria naquele momento. Começou a ficar mais animada e a sua mesa transformou-se graças às suas hábeis mãos. As meninas eram muito simpáticas e aquele pequeno ato pareceu desanuviar bastante o ambiente.

Foi um dia muito longo e difícil para Amy, pois as meninas abandonaram-na passado pouco tempo e ela ficou sentada atrás da sua mesa sem companhia. Poucas pessoas compravam flores no verão, e os ramos começaram a murchar muito antes de anoitecer.

A mesa de arte *era* a mais bonita da sala. Esteve cheia de pessoas o dia inteiro e as responsáveis andavam sempre a correr de um lado para o outro com ares importantes, a abanar caixas de moedas. Amy olhava muitas vezes com pena para o outro lado, com vontade de estar lá, onde se sentia à vontade e feliz, em vez de estar a um canto sem nada para fazer. Para algumas pessoas podia não ser mau, mas para uma jovem bonita e alegre foi não só aborrecido como muito cansativo, e a ideia de ser vista ali à noite pela família e por Laurie e os seus amigos tornou aquela situação um verdadeiro martírio.

Só voltou para casa ao fim da tarde, tão pálida e calada que todos perceberam que o dia tinha sido difícil, embora ela não se queixasse e nem sequer lhes contasse o que tinha feito. A mãe ofereceu-lhe uma chávena de chá com mais um maminho, Beth ajudou-a a vestir-se e fez-lhe uma linda grinalda para o cabelo e Jo surpreendeu a família vestindo-se com especial cuidado e insinuando com ambiguidade que as coisas podiam estar prestes a mudar.

— Peço-te que não faças nada descortês, Jo. Não vou admitir confusões, por isso quero que esqueças o que aconteceu e te comportes bem — implorou Amy, quando saiu mais cedo, esperando encontrar um reforço de flores para refrescar a sua pobre mesinha.

— Só pretendo ser irresistivelmente agradável com todas as pessoas que conheço e mantê-las na tua mesa o máximo de tempo possível. O Teddy e os seus rapazes vão dar uma ajuda e ainda nos vamos divertir — respondeu Jo, inclinando-se por cima do portão para ver se Laurie estava a chegar. Naquele momento, ouviram-se os passos familiares e ela correu ao seu encontro.

— É o meu rapaz que aí vem?

— Tão certo como é a minha rapariga que me espera! — E Laurie prendeu-lhe a mão no seu braço com o ar de um homem que vê todos os seus desejos satisfeitos.

— Oh, Teddy, não imaginas o que está a acontecer! — E Jo contou-lhe os problemas de Amy com zelo de irmã.

— Um grupo dos nossos amigos vai passar por lá, e diabos me levem se não os obrigo a comprar todas as flores que ela tem e a ficarem à frente da mesa dela — disse Laurie, aderindo à sua causa com ardor.

— A Amy diz que as flores não estão bonitas e que as frescas podem não chegar a tempo. Não quero ser injusta nem desconfiada, mas não me admiraria se nunca chegassem. Quando as pessoas fazem uma coisa má, podem muito bem fazer outra — observou Jo num tom descontente.

— O Hayes não mandou as melhores flores dos nossos jardins como eu mandei?

— Eu não sabia. Deve ter-se esquecido, e como o teu avô não estava bem, não quis incomodá-lo com pedidos, apesar de precisar de algumas.

— Ora essa, Jo, como é que pudeste pensar que tinhas de lhe pedir? Elas são tanto tuas como minhas. Não dividimos tudo? — começou Laurie, no tom que deixava sempre Jo na defensiva.

— Deus me livre! Espero que não! Não gostaria nada de ter metade de algumas das tuas coisas. Mas não podemos ficar aqui a dizer parvoíces. Tenho de ir ajudar a Amy, por isso trata de te pôr esplêndido. E se fizeres o favor de mandar o Hayes levar algumas lindas flores à quermesse, vou abençoar-te para sempre.

— Não podes fazê-lo agora mesmo? — perguntou Laurie, num tom tão sugestivo que Jo lhe fechou o portão na cara com uma antipática pressa e disse por entre as grades: — Vai-te embora, Teddy. Estou ocupada.

Graças aos conspiradores, as coisas *mudaram mesmo* naquela noite, pois Hayes mandou uma grande variedade de flores num lindo cesto arranjado para um centro de mesa. Depois, a família March apareceu *en masse* e Jo empenhou-se de tal modo e com tanto êxito, que as pessoas se aproximavam e ficavam ali a rir-se dos seus disparates, a admirar o bom gosto de Amy e, aparentemente, a divertir-se muito. Laurie e os amigos convergiram galanteadoramente para a mesa, compraram as flores e deixaram-se ficar ali,

tornando aquele canto o lugar mais animado da sala. Agora, Amy estava no seu elemento e, quanto mais não fosse por gratidão, estava tão animada e graciosa quanto era possível, chegando à conclusão de que, afinal, a virtude *era* recompensada.

Jo comportou-se com uma correção exemplar e quando Amy estava feliz, rodeada pela sua guarda de honra, circulou pela sala a escutar várias conversas que a esclareceram sobre a mudança de mesa das raparigas Chester. Censurou-se pela sua responsabilidade naquela situação melindrosa e decidiu exonerar Amy de toda a culpa o mais depressa possível. Também descobriu o que a irmã fizera com as coisas de manhã e considerou-a um modelo de magnanimidade. Ao passar pela mesa de arte, procurou os seus artigos, mas não viu nenhum sinal deles. «Escondidos, sem dúvida», pensou Jo, que podia perdoar o mal que lhe faziam mas ressentia-se profundamente com qualquer insulto feito à sua família.

— Boa noite, Menina Jo! Como está a Amy a sair-se? — perguntou May com uma expressão conciliadora, pois queria mostrar que também conseguia ser generosa.

— Vendeu tudo o que tinha para vender e agora está a divertir-se. — Como sabe, a mesa das flores é sempre agradável, sobretudo para os cavalheiros.

Jo *não* conseguiu resistir àquela pequena alfinetada, mas May aceitou-a com tanta humildade, que se arrependeu logo e começou a elogiar os grandiosos jarrões que continuavam por vender.

— Ainda há algumas iluminuras da Amy? Queria comprá-las para o nosso pai — disse Jo, muito ansiosa para conhecer o destino dos trabalhos da irmã.

— Tudo o que a Amy fez já foi vendido há muito tempo. Eu fiz questão de que as pessoas certas as vissem, e renderam uma boa quantia — respondeu May, que naquele dia, como Amy, tinha aprendido a vencer várias pequenas tentações.

Muito contente, Jo correu para dar a boa-nova a Amy, que pareceu comovida e surpreendida com o relato das palavras e modos de May.

— Agora, cavalheiros, quero que vão cumprir o vosso dever nas outras mesas com a mesma generosidade que cumpriram na minha... acima de tudo, na mesa de arte — disse, mandando dispersar «a corte do Teddy», como as raparigas chamavam aos seus colegas da universidade.

— «À carga, Chester, à carga!», é o lema para aquela mesa, mas cumpri o vosso dever como homens e fareis um bom investimento em *arte* em todos os sentidos da palavra — disse a irresistível Jo quando o dedicado grupo se preparava para ocupar o campo.

— Ouvimos e obedecemos, mas March é muito mais bonito do que May — disse o pequeno Parker, fazendo um esforço frenético para ser ao mesmo tempo inteligente e terno e sendo logo calado por Laurie, que declarou: — Muito bem, meu filho, para um rapazinho! — e despachado com uma paternal palmada na cabeça.

— Compra os jarrões — sussurrou Amy a Laurie, num toque final de generosidade para com a inimiga.

Para grande deleite de May, o Sr. Laurence comprou não apenas os jarrões como andou a passear-se pelo salão com um debaixo de cada braço. Os outros cavalheiros compraram com igual precipitação todos os tipos de frágeis ninharias e andaram com expressões infelizes pelo salão carregados de flores de cera, leques pintados, peças em filigrana e outras compras úteis e adequadas.

A tia Carrol estava lá, ouviu a história, pareceu satisfeita e puxou a Sr.^a March para um canto para lhe sussurrar alguma coisa que a deixou radiante de satisfação e a fez observar Amy com uma expressão onde se misturavam orgulho e ansiedade, embora só desvendasse a causa do seu prazer vários dias mais tarde.

A quermesse foi considerada um sucesso e quando May se despediu de Amy não fez um grande teatro, como era seu hábito, limitando-se a dar-lhe um carinhoso beijo e a olhá-la com uma expressão que dizia «Perdoa e esquece». Amy ficou satisfeita e, quando chegou a casa, viu os jarrões expostos na pedra da lareira com um grande ramo de flores em cada um.

— A recompensa de mérito para uma magnânima March — anunciou Laurie com um floreado.

— Tens muito mais princípios, generosidade e nobreza de carácter do que eu pensava, Amy. Comportaste-te com doçura e respeito-te do fundo do coração — disse Jo calorosamente, enquanto escovavam o cabelo uma à outra nessa noite.

— Sim, todos a respeitamos e amamos por estar tão disposta a perdoar. Deve ter-te custado muito, depois de trabalhares durante tanto tempo e pensares que ias vender as tuas lindas coisas. Não acredito que conseguisse fazer o que tu fizeste — acrescentou Beth, já com a cabeça na almofada.

— Ora, meninas, não têm de me elogiar tanto. Só fiz o que gostaria que me fizessem a mim. Vocês riem-se quando digo que quero ser uma senhora, mas eu quero ser uma verdadeira dama de mente e modos e esforço-me para sê-lo na medida do possível. Não sei explicar bem, mas quero estar acima das pequenas mesquinhices, disparates e defeitos que estragam tantas mulheres. Ainda estou longe disso, mas faço todos os possíveis e, com o tempo, espero ser como a mãe.

Amy falava muito a sério e Jo disse, dando-lhe um cordial abraço:

— Agora percebo o que queres e nunca mais vou rir-me de ti. Estás a avançar mais depressa do que pensas e vais ensinar-me a ser verdadeiramente educada, pois acredito que já aprendeste o segredo. Continua assim, minha querida, e um dia terás a recompensa e ninguém ficará mais encantada do que eu.

Uma semana depois, Amy recebeu a sua recompensa e foi muito difícil para a pobre Jo ficar encantada. Chegou uma carta da tia Carrol e o rosto da Sr.^a March iluminou-se tanto, que Jo e Beth, que estavam com ela, quiseram saber qual era a boa nova.

— A tia Carrol vai para a Europa no próximo mês e quer...

— Que eu vá com ela! — interrompeu Jo, levantando-se de um salto da cadeira, num êxtase incontrolável.

— Não, querida, não és tu. É a Amy.

— Oh, mãe! Ela é nova demais. Primeiro sou eu! Quero isto há tanto tempo... ia fazer-me muito bem e seria esplêndido... *tenho* de ir!

— Infelizmente, é impossível, Jo. A tia diz que quer que seja a Amy a ir e nós não podemos impor condições quando ela nos faz um favor tão grande.

— É sempre a mesma coisa. A Amy diverte-se e eu só trabalho. Não é justo, não é nada justo! — exclamou Jo com ardor.

— A verdade é que em parte a culpa é tua, minha querida. Quando a tia falou comigo no outro dia, lamentou os teus modos bruscos e o teu espírito demasiado independente. E aqui escreve, como se estivesse a citar uma coisa que tu dissesse, «primeiro tinha pensado convidar a Jo», mas como «os favores a incomodam» e «detesta francês», acho que não vou correr o risco de convidá-la. A Amy é mais dócil, será uma boa companheira para a Flo e recebe com gratidão qualquer ajuda que a viagem lhe der.

— Oh, a minha língua, a minha abominável língua! Porque é que não aprendo a ficar calada? — resmungou Jo, lembrando-se das palavras que tinham sido a sua desgraça. Quando ouviu a explicação daquelas palavras, a Sr.^a March disse, com pena:

— Gostava que pudesses ir, mas desta vez vai ser impossível, por isso tenta aguentar com alegria e não diminuas o prazer da Amy com censuras ou lamentações.

— Vou tentar — disse Jo, pestanejando com força quando se ajoelhou para apanhar o cesto que o seu entusiasmo derrubara. — Vou seguir o exemplo dela e tentar não apenas parecer contente, mas ficar contente, para não estragar um único minuto da sua alegria. No entanto, não será fácil, porque é uma grande desilusão. — E a pobre Jo molhou a pequena e rechonchuda alfineteira com várias lágrimas de amargura.

— É muito egoísta da minha parte, querida Jo, mas não poderia passar sem ti e alegro-me que não vás já — sussurrou Beth, abraçando-a com o cesto e tudo, com tanta força e um rosto tão cheio de carinho, que Jo se sentiu confortada, apesar da forte tristeza que a fez querer guardar as lágrimas e implorar com humildade à tia Carrol que lhe fizesse aquele favor, pois veria como ela lhe ficaria agradecida.

Quando Amy entrou, Jo estava preparada para participar no júbilo familiar, talvez não com a efusividade habitual, mas sem criticar a boa sorte da irmã. A jovem recebeu a notícia com grande entusiasmo, sentiu uma espécie de solene êxtase e começou a escolher as cores e a arrumar os lápis nessa noite, deixando as ninharias como roupas, dinheiro e passaportes para as pessoas que estavam menos concentradas do que ela em visões de arte.

— Para mim não é uma simples viagem de prazer, meninas — disse-lhes num tom imponente enquanto limpava a sua melhor paleta. — Vai decidir a minha carreira, porque se tiver talento vou descobrir em Roma e fazer alguma coisa para o provar.

— E se não tiveres? — perguntou Jo, a coser com olhos vermelhos as novas golas que seriam para Amy.

— Se isso acontecer, voltarei para casa e ganharei a vida a dar aulas de desenho — replicou a aspirante à fama com filosófica compostura, mas fez uma careta ao pensar naquela perspectiva e raspou a paleta como se estivesse disposta a tomar medidas vigorosas antes de renunciar aos seus sonhos.

— Não vais fazer nada disso porque detestas trabalhar. Vais casar-te com um homem rico e viver num grande luxo até ao fim dos teus dias — disse Jo.

— Às vezes as tuas previsões cumprem-se, mas não acredito nesta. Quem me dera que fosse verdade, pois se não puder ser artista gostaria de ajudar os que são — declarou Amy sorridente, como se o papel de Senhora Generosa fosse mais adequado para si do que o da pobre professora de desenho.

— Hmm! — disse Jo com um suspiro. — Se quiseses, vais conseguir, porque os teus desejos realizam-se sempre... e os meus nunca.

— Gostarias de ser tu a ir? — perguntou Amy, pensativa, a achatar o nariz com a faca.

— Muito!

— Bem, daqui a um ou dois anos, mando-te buscar e vamos procurar relíquias no fórum romano e concretizar todos os planos que fizemos tantas vezes.

— Obrigada! Vou recordar-te a promessa quando esse feliz dia chegar, se alguma vez acontecer — replicou Jo, aceitando a longínqua mas magnífica oferta com toda a gratidão que conseguiu.

Não houve muito tempo para os preparativos e a casa esteve num estado de grande agitação até à partida de Amy. Jo portou-se muito bem até a esvoaçante fita azul do chapéu da irmã desaparecer, mas depois retirou-se para o seu refúgio nas águas-furtadas e chorou até não ter mais lágrimas. Amy também aguentou estoicamente até à partida do navio. Depois, quando a prancha de embarque estava prestes a ser retirada, apercebeu-se de que em breve um oceano inteiro estaria entre ela e aqueles que mais amava e abraçou Laurie, que ainda estava no porto, dizendo-lhe com um soluço:

— Por favor, cuida deles por mim! E se acontecer alguma coisa...

— Claro que sim, minha querida, e se acontecer alguma coisa eu vou consolar-te — sussurrou Laurie, sem imaginar que muito em breve teria de cumprir aquela promessa.

E assim partiu Amy para descobrir o velho mundo, que é sempre novo e belo para os olhos jovens, enquanto o pai e o amigo a olhavam no porto e desejavam com fervor que só acontecessem coisas boas àquela menina feliz que lhes acenou até não conseguirem ver mais nada a não ser o sol a brilhar no mar.

CAPÍTULO OITO

A NOSSA CORRESPONDENTE ESTRANGEIRA

Londres

Meus queridos,

Aqui estou, de verdade, sentada numa janela da frente do Hotel Bath, em Picadilly. Não é um lugar da moda, mas o tio esteve aqui há alguns anos e não quer ir para outro lado. De qualquer maneira, não importa, porque não vamos ficar aqui muito tempo. É impossível contar-vos como gosto de tudo! Nunca conseguirei, por isso vou escrever-vos partes do meu bloco de notas, pois não tenho feito outra coisa a não ser desenhar e escrever desde que comecei a viagem.

Mandeí-vos umas linhas de Halifax, quando me sentia muito indisposta, mas depois disso tudo correu maravilhosamente bem, quase não enjoei e passava o dia inteiro no convés com muitas pessoas simpáticas com quem podia divertir-me. Foram todos muito simpáticos comigo, acima de tudo os oficiais. Não te rias, Jo, porque os cavalheiros são indispensáveis a bordo de um navio, para nos apoiarmos ou para nos servirem, e como não têm nada para fazer é uma bênção mantê-los ocupados, caso contrário estou convencida de que fumariam até morrer.

A tia e a Flo passaram mal durante toda a viagem e queriam estar sozinhas, por isso, depois de fazer tudo o que podia por elas, ia divertir-me. Que grandes passeios no convés, que lindos pores do sol, que ar e ondas esplêndidos! Quando o navio cortava as grandes ondas, era quase tão empolgante como montar um cavalo veloz. Oxalá a Beth pudesse ter vindo, pois ter-lhe-ia feito muito bem. A Jo teria ido sentar-se na vela da bujarrona, ou lá como se chama aquela coisa alta, faria amizade com os engenheiros, falaria no megafone do capitão e ia divertir-se imenso.

Foi tudo fantástico, mas fiquei contente quando vi a costa da Irlanda, e achei-a muito linda, tão verde e soalheira, com cabanas castanhas aqui e ali, ruínas em algumas das colinas e mansões senhoriais nos vales, com veados a pastar nos parques. Era de manhã muito cedo, mas não me arrependi de me levantar para ver, pois a baía estava cheia de barquinhos, a praia era lindíssima e o céu estava rosado; nunca esquecerei este cenário.

Em Queenstown, um dos meus novos conhecidos, o Sr. Lennox, deixou-nos, e quando eu disse alguma coisa sobre os lagos de Killarney ele suspirou e cantou, a olhar para mim:

Ouviste falar na Kate Kearney?

Que vive nas margens dos lagos de Killarney.

Dos seus olhos foge sem demora,

Pois fatal e perigoso

É o olhar de Kate Kearney.

Que coisa mais disparatada, não vos parece?

Em Liverpool, parámos apenas durante algumas horas. É um lugar sujo e ruidoso e não me importei nada de me ir embora. O tio saiu para comprar um par de luvas de pele de gamo, uns horríveis sapatos muito grossos e um guarda-chuva e foi logo ao barbeiro para fazer umas suíças. Depois disso gabou-se de parecer um verdadeiro britânico, mas a primeira vez que mandou engraxar os sapatos o pequeno engraxador percebeu que eram calçados por um americano e disse, com um sorriso: «Já está, senhor, usei as técnicas mais recentes de polimento ianque.» O tio achou muita graça. Oh, *tenho* de vos contar uma coisa que aquele absurdo Lennox fez! Mandou o seu amigo Ward, que também viajava connosco, encomendar um ramo de flores para mim, e a primeira coisa que vi no meu quarto foi um encantador ramo com um cartão onde se lia: «Cumprimentos de Robert Lennox». Não foi engraçado, meninas? Gosto de viajar.

Se não me despachar, nunca *chegarei* à parte de Londres. A viagem foi como passar por uma longa galeria de quadros, cheia de paisagens maravilhosas. Adorei as casas de campo com telhados de colmo, hera até aos beirais, janelas com grades e mulheres fortes com crianças rosadas às portas. O próprio gado parecia mais tranquilo do que o nosso, pois pastavam em erva que lhes dava pelos joelhos, e as galinhas cacarejavam de contentamento, como se nunca ficassem nervosas como as americanas. Nunca tinha visto cores tão perfeitas — uma erva tão verde, um céu tão azul, cereais tão amarelos e florestas tão escuras. Passei a viagem toda em êxtase, e a Flo também, e andávamos a passar de um lado para o outro, a tentar ver tudo, enquanto seguíamos a uma velocidade de cerca de noventa e cinco quilómetros por hora. A tia estava cansada e adormeceu, mas o tio pôs-se a ler o guia e não se surpreendia com coisa alguma. A viagem foi assim: a Amy a levantar-se de um salto: «Oh, aquele lugar cinzento no meio das árvores deve ser Kenilworth!» A Flo a atirar-se para a minha janela: «Que lindo! Temos de ir ali, está bem, pai?» O tio a admirar as suas botas com muita calma: «Não, minha querida, a menos que queiras cerveja. É uma fábrica de cerveja.»

Uma pausa, e depois a Flo exclama: «Valha-me Deus, há uma forca e um homem a ser içado!» «Onde, onde?», grita a Amy, olhando para dois postes altos com uma trave e algumas correntes penduradas. «Uma mina de carvão», comenta o tio com um piscar de olhos. «Ali está um lindo rebanho de cordeiros deitados», diz a Amy. «Veja, pai, não são lindos?», acrescenta Flo, sentimentalmente. «Gansos, meninas», responde o tio num tom que nos mantém caladas. Flo instala-se para ler *The Flirtations of Captain Cavendish* e eu fico com a paisagem só para mim.

Claro que estava a chover quando chegámos a Londres e não havia nada para ver a não ser nevoeiro e guarda-chuvas. Descansámos, desfizemos as malas e fizemos algumas compras entre um aguaceiro e outro. A tia Mary comprou-me algumas coisas novas, pois parti com tanta pressa que não tinha nem metade do que me fazia falta. Um lindo chapéu branco com uma pena azul, um vestido de musselina a condizer e a capa mais encantadora que podem imaginar. É esplêndido fazer compras em Regent Street, as coisas parecem muito baratas — lindas fitas a apenas meio xelim o metro. Comprei um grande carregamento, mas vou escolher as minhas luvas em Paris. Não parece uma coisa muito elegante e rica?

Para nos divertirmos, eu e a Flo pedimos uma carruagem de aluguer enquanto o tio e a tia não estavam e fomos dar um passeio, embora mais tarde tenhamos sabido que as meninas solteiras não andam nestas carruagens sozinhas. Foi muito engraçado, pois, quando a proteção de madeira foi fechada, o homem seguiu tão depressa que a Flo ficou assustada e disse-me para o mandar parar. Mas o homem estava do lado de fora, atrás de nós, e não consegui fazer-me ouvir. Ele não me ouvia nem me via acenar a sombrinha à frente, e lá fomos nós sem poder fazer nada, sacudidas de um lado para o outro da carruagem enquanto seguíamos a uma velocidade alucinante. Por fim, desesperada, vi uma pequena portinhola no teto e quando a abri apareceu um olho vermelho e uma voz um pouco embriagada disse:

— O que foi agora, senhora?

Dei a minha ordem com a voz mais séria que consegui e a criatura bateu com a porta dizendo, «Sim, sim, minha senhora», e pôs o cavalo a passo, como se estivesse num cortejo fúnebre. Eu chamei-o de novo e disse-lhe para ir um pouco mais depressa. Ao ouvir isto, o homem disparou à mesma velocidade que antes e resignámo-nos ao nosso destino.

Hoje o tempo estava bom e fomos a Hyde Park, que fica aqui perto, pois somos mais aristocráticos do que parecemos. O duque de Devonshire vive nas redondezas e vejo muitas vezes os seus lacaios no portão das traseiras, e a casa do duque de Wellington também não é longe. As coisas lindas que já vi! É tão bom como a revista *Punch*, pois havia viúvas gordas a andar de um lado para o outro nas suas carruagens vermelhas e amarelas, com lindos lacaios com meias de seda e casacos de veludo atrás e cocheiros empoados à frente. Criadas zelosas com as crianças mais rosadas que já vi. Lindas raparigas com expressões lânguidas, como se estivessem meio a dormir, dândis com excêntricos chapéus ingleses e casacos de pelica lilases a passear indolentemente e soldados altos, com casacos vermelhos curtos e boinas de lado, tão cómicos que me apeteceu desenhá-los.

Rotten Row significa «*Route du Roi*», ou caminho do rei, mas agora parece mais uma escola de equitação do que outra coisa qualquer. Os cavalos são esplêndidos, e os homens, sobretudo os moços de estrebaria, montam bem, mas as mulheres são rígidas e saltam, o que não está de acordo com as nossas regras. Apeteceu-me mostrar-lhes um tremendo galope americano, pois elas trotavam solenemente para cima e para baixo com os seus trajes muito sumários e chapéus altos, parecendo as mulheres de uma Arca de Noé de

brincar. Toda a gente monta a cavalo — homens de idade, senhoras robustas, crianças pequenas, e os jovens aqui são muito atrevidos; vi um par trocar botões de rosa, pois é o que se usa na lapela, e pareceu-me uma boa ideia.

À tarde fomos à Abadia de Westminster, mas não esperem que a descreva, porque é impossível — direi apenas que foi sublime! Esta noite vamos ao teatro ver o Fetcher representar e será um fim adequado para o dia mais feliz da minha vida.

Meia-noite

É muito tarde, mas não posso pôr a carta no correio amanhã de manhã sem vos contar o que aconteceu ontem à noite. Quem vos parece que chegou quando estávamos a jantar? O Fred e o Frank Vaughn, os amigos ingleses do Laurie! Fiquei *muito* surpreendida e nunca os teria reconhecido se não fossem os cartões de visita. Estão ambos altos e usam patilhas; o Fred é bonito ao estilo inglês e o Frank é muito melhor, pois só coxeia levemente e não usa muletas. O Laurie disse-lhes onde estaríamos e vieram convidar-nos para ir visitá-los à sua casa, mas como o tio não quer ir, teremos de retribuir a visita quando pudermos. Eles foram ao teatro connosco e divertimo-nos *imenso*, pois o Frank dedicou-se à Flo e eu e o Fred conversámos sobre diversões passadas, presentes e futuras como se nos tivéssemos conhecido a vida inteira. Digam à Beth que o Frank perguntou por ela e lamentou saber que a sua saúde não é a melhor. O Fred riu-se quando falei sobre a Jo e mandou «respeitosos cumprimentos ao chapéu grande». Nenhum deles se esqueceu do Acampamento Laurence nem do muito que nos divertimos naquele dia. Parece que foi há séculos, não parece?

Já é a terceira vez que a tia bate na parede, por isso *tenho* de parar. Sinto-me uma mundana senhora da alta sociedade londrina a escrever tão tarde, com o quarto cheio de coisas bonitas e a cabeça cheia de parques, teatros, vestidos novos e galanteadoras criaturas que dizem «Ah» e enrolam os bigodes louros com a verdadeira nobreza inglesa. Sinto muitas saudades de todos e apesar das minhas parvoíces amo-vos como sempre.

Amy

Paris

Queridas manas,

Na minha última carta falei-vos sobre a nossa visita a Londres. Os Vaughns foram muito amáveis e fizeram agradáveis festas em nossa honra. Do que mais gostei foi das idas a Hampton Court e ao Museu de Kensington — pois em Hampton vi os esboços em papel forte de Raphael e no museu havia salas cheias de quadros de Turner, Lawrence, Reynolds, Hogarth e de todos os outros grandes mestres da pintura. O dia que passámos

no parque de Richmond foi encantador, porque fizemos um típico piquenique inglês e havia tantos carvalhos excelentes e bandos e veados que não consegui desenhá-los todos. Também ouvi um rouxinol e vi cotovias a levantar voo. Graças ao Fred e ao Frank, conhecemos Londres da melhor forma possível e tivemos pena de partir, pois, embora os ingleses sejam lentos a aceitar desconhecidos, quando decidem acolhê-los *acho* que não há quem lhes ganhe em hospitalidade. Os Vaughns esperam encontrar-se connosco em Roma no próximo inverno e ficarei muito desapontada se isso não acontecer, porque eu e a Grace somos grandes amigas e os rapazes são muito simpáticos — sobretudo o Fred.

Bem, mal nos tínhamos instalado em Paris quando ele apareceu de novo, dizendo que tinha vindo passar férias e ia para a Suíça. A tia ficou muito séria no princípio, mas ele estava tão entusiasmado, que ela não conseguiu dizer nada e agora está tudo a correr muito bem e estamos muito contentes por ter vindo, pois fala francês como um nativo e não sei o que faríamos sem ele. O tio não sabe nem dez palavras e insiste em falar inglês muito alto, como se isso fizesse as pessoas percebê-lo. O sotaque da tia é antiquado e, embora eu e a Flo e eu achássemos que falávamos bem, descobrimos que não é verdade e estamos muito agradecidas por ter o Fred como «*parley-vooing*», como o tio diz.

Estamos a divertir-nos imenso! Passeamos pela cidade de manhã à noite, parando para agradáveis almoços em alegres cafés e vivendo muitas aventuras divertidas. Eu passo os dias de chuva no Louvre a admirar as obras de arte. A Jo torceria o seu maroto nariz a muitas das melhores, porque não tem alma de artista; mas *eu* tenho, e estou a cultivar o mais depressa possível o olhar e o gosto. Ela gostaria mais das relíquias de pessoas grandiosas e eu já vi o tricorne e o casaco cinzento de Napoleão, o berço do seu filho e a sua velha escova de dentes e também o sapatinho de Maria Antonieta, o anel de São Dinis, a espada de Carlos Magno e muitas outras coisas interessantes. Quando regressar, passarei horas a falar sobre tudo isto, mas agora não tenho tempo para escrever.

O Palais Royal é um lugar paradisíaco — tão cheio de *bijouterie* e coisas maravilhosas, que quase enlouqueço por não poder comprá-las. O Fred queria oferecer-me algumas, mas é evidente que não permiti. O Bois e os Champs Elysées são *très magnifique*. Vi a família imperial diversas vezes — o imperador é um homem feio, com um ar duro, e a imperatriz é pálida e bonita, mas *achei* que se veste com um terrível mau gosto — vestido roxo, chapéu verde e luvas amarelas. O pequeno Nap é um rapaz bonito que se senta a conversar com o seu tutor e manda beijos com a mão para as pessoas por quem passa na sua caleche puxada por quatro cavalos, com postilhões com casacos de cetim vermelho e uma guarda montada à frente e atrás.

Passeamos amiúde nos jardins das Tulherias porque são lindos, embora eu prefira os antigos jardins do Luxembourg. O cemitério de Père la Chaise é bastante curioso porque muitos dos túmulos parecem pequenas salas e se espreitarmos vemos uma mesa com imagens ou retratos dos mortos e cadeiras para as pessoas se sentarem quando vêm chorar pelos seus entes queridos. É tão francês, *n'est pas?*

Os nossos aposentos ficam na Rue de Rivoli e podemos sentar-nos na varanda a observar a comprida rua iluminada. É tão agradável, que passamos o serão a conversar ali quando o dia nos deixa demasiado cansados para sair à noite. O Fred é muito divertido e é

o jovem mais agradável que já conheci, tirando o Laurie, que tem modos mais encantadores. Quem me dera que o Fred fosse moreno, pois não gosto de homens louros. No entanto, os Vaughns são muito ricos e pertencem a uma excelente família, por isso não vou criticar o seu cabelo amarelo quando o meu é ainda mais amarelo.

Na próxima semana vamos para a Alemanha e para a Suíça e, como andaremos a viajar sem grandes paragens, só poderei mandar-vos pequenas cartas. No entanto, ando com o meu diário e tento «lembrar corretamente e descrever com clareza tudo o que vejo e admiro», como o pai recomendou. É um bom exercício para mim e, com o bloco de desenho, poderei dar-vos uma ideia melhor da viagem do que com estes gatafunhos.

Adieu! Um terno abraço para todos.

«Votre Amie»

Heidelberg

Minha querida mãe,

Como tenho uma hora de sossego antes de partirmos para Berna, vou tentar contar-lhe o que aconteceu, pois algumas das coisas são muito importantes, como verá.

A viagem pelo rio Reno foi perfeita e não fiz outra coisa a não ser sentar-me a desfrutá-la com todas as minhas forças. Vá procurar os antigos guias do pai e leia as descrições. Não tenho palavras suficientemente belas para descrevê-la. Em Coblenz, divertimo-nos muito, porque alguns estudantes de Bona que o Fred conheceu no barco fizeram-nos uma serenata. Era noite de luar e cerca de uma hora da madrugada eu e a Flo fomos acordadas por uma maravilhosa música por baixo das nossas janelas. Levantámo-nos logo e escondemo-nos atrás das cortinas, mas discretas espreitadelas mostraram-nos o Fred e os estudantes a cantar lá em baixo. Foi a coisa mais romântica que já vi. O rio, a ponte de barcos, a grande fortaleza em frente, o luar a iluminar tudo e música capaz de derreter o mais empedernido dos corações.

Quando terminaram, atirámos-lhes flores e vimo-los a lutar por elas, a soprar beijos com as mãos para as senhoras invisíveis e a afastar-se a rir — para fumar e beber cerveja, suponho. Na manhã seguinte, o Fred mostrou-me uma das flores amachucadas no bolso do colete e parecia muito sentimental. Eu ri-me dele e disse que tinha sido a Flo a atirá-la, não eu — o que pareceu irritá-lo, porque a atirou pela janela e ficou amuado. Acho que vou ter problemas com aquele rapaz — tudo aponta nesse sentido.

Foi muito divertido estar nas termas de Nassau e também em Baden-Baden. O Fred perdeu algum dinheiro no casino e eu ralhei com ele. Ele precisa de alguém para tomar conta dele quando está sem o Frank. A Kate disse-me uma vez que esperava que ele se casasse depressa e eu concordo com ela, porque ia fazer-lhe bem. Frankfurt foi um encanto. Vi a casa de Goethe, a estátua de Schiller e a famosa «Ariadne», de Dannecker. Foi muito bom, mas teria apreciado ainda mais se conhecesse melhor a história. Não quis perguntar porque todos conheciam, ou fingiram conhecer. Quem dera que a Jo me

contasse tudo. Devia ter lido mais, porque percebo que sou muito ignorante e isso mortifica-me.

Agora vem a parte séria, pois aconteceu aqui e o Fred acabou de se ir embora. Ele tem sido tão simpático e alegre, que todos gostamos muito dele, mas até à noite da serenata nunca pensei que fosse outra coisa a não ser uma amizade de viagem. Desde então, comecei a pensar que para ele os passeios ao luar, as conversas na varanda e as aventuras diárias eram mais do que pura diversão. Garanto-lhe que não provoquei nada, mãe. Lembrei-me do que me disse e comportei-me o melhor possível. Não posso evitar que as pessoas gostem de mim e preocupo-me se não gosto delas, embora a Jo diga que não tenho coração. Agora sei que a mãe vai abanar a cabeça, e as raparigas vão dizer, «Oh, que bandida mercenária!», mas já decidi que, se o Fred me pedir em casamento, vou aceitar, apesar de não estar loucamente apaixonada. Gosto dele e damo-nos bem. Ele é bonito, jovem, bastante inteligente e muito rico — muito mais rico do que os Laurences. Não creio que a sua família se oponha e seria muito feliz porque são todos bondosos, bem-educados e generosos, e gostam de mim. Suponho que o Fred ficará com a propriedade, já que é o gémeo mais velho, e é esplêndida! Têm uma casa numa boa rua de Londres — não tão imponente como as nossas, mas com o dobro do conforto e cheia de verdadeiro luxo, como os ingleses gostam de viver. Eu também a aprecio muito porque é genuína. Vi a baixela, as joias de família, os velhos criados e fotografias da propriedade rural, com um parque, uma casa senhorial, lindos jardins e bons cavalos. Eu não poderia ambicionar mais nada! E prefiro isto aos títulos que as raparigas arrebanham tão depressa para depois perceberem que não há mais nada atrás deles. Posso ser mercenária, mas detesto a pobreza e não pretendo suportá-la nem um minuto mais do que for necessário. Uma de nós *tem* de fazer um bom casamento. A Meg não fez, a Jo não vai fazer e a Beth não pode, por isso serei eu e facilitarei a vida a toda a família. Não me casaria com um homem que odiasse ou desprezasse, pode ter a certeza disso, e embora o Fred não seja o meu modelo ideal, é bastante bom, e com o tempo poderia gostar o suficiente dele se ele gostasse muito de mim e me deixasse fazer o que eu quisesse. Por isso tenho passado a última semana a refletir sobre este assunto, já que foi impossível não perceber que ele gosta de mim. Ele não disse nada, mas dá pequenos sinais. Nunca acompanha a Flo, fica sempre ao meu lado da carruagem, à mesa ou nos passeios, torna-se sentimental quando estamos sozinhos e faz cara feia a quem se atreve a falar comigo. Ontem ao jantar, quando um oficial austríaco olhou para nós e depois disse alguma coisa ao amigo — um barão com um ar devasso — sobre «*ein wonderschöns Blöndchen*»², o Fred ficou tão feroz como um leão e cortou a carne com tanta brusquidão que ela quase voou do prato. Ele não é um daqueles ingleses emproados e rígidos; é bastante exaltado, pois corre-lhe sangue escocês nas veias, como se percebe pelos gentis olhos azuis.

Bem, ontem fomos ao castelo ao anoitecer — todos menos o Fred, que combinou encontrar-se lá connosco depois de ir buscar a correspondência à posta-restante. Divertimo-nos muito a deambular pelas ruínas, pelas adegas onde está o gigantesco tonel e pelos lindos jardins criados pelo príncipe eleitor para a sua esposa inglesa. Do que mais gostei foi do grande terraço, que tem uma vista divina; por isso, enquanto os outros foram visitar as salas interiores, eu fiquei ali sentada a tentar desenhar a cabeça do leão de pedra

cinzenta, com videiras virgens escarlates penduradas em volta. Foi como se tivesse entrado num romance, ali sentada a ver o rio Neckar a serpentear pelo vale e à espera do meu amor — como uma verdadeira personagem de uma história, e tive a impressão de que ia acontecer alguma coisa e estava pronta. Não estava ruborizada nem trémula, mas bastante tranquila, e apenas um pouco entusiasmada.

Pouco depois, ouvi a voz do Fred e ele atravessou em passos rápidos o grande arco, à minha procura. Parecia tão perturbado, que me esqueci de mim e perguntei-lhe o que se passava. Ele disse que acabara de receber uma carta a implorar-lhe que voltasse para casa, porque o Frank estava muito doente, por isso ia partir no comboio da noite e só tinha tempo para se despedir. Tive muita pena por ele e fiquei muito desapontada por mim, mas apenas por um instante, porque ele disse de uma forma muito clara... «Voltarei em breve... não se esquecerá de mim, Amy?»

Eu não prometi nada, mas olhei-o e ele pareceu satisfeito, e não houve tempo para nada a não ser mensagens e despedidas, porque ele partiu uma hora depois e todos sentimos muito a sua falta. Sei que queria falar, mas uma vez contou-me que tinha prometido ao pai que não faria nada do género por enquanto — é um rapaz impulsivo e o velho senhor tem muito medo de ter uma nora estrangeira. Em breve vamos encontrar-nos em Roma, e nessa altura, se não tiver mudado de ideias, direi, «Sim, obrigada», quando ele me perguntar, «Quer?»

Claro que tudo isto é *muito privado*, mas quero que a mãe saiba o que está a acontecer. Não fique ansiosa por minha causa, lembre-se que sou a sua «prudente Amy» e acredite que não tomarei nenhuma decisão precipitada. Mande-me todos os conselhos que quiser e eu usá-los-ei, se puder. Quem me dera poder vê-la para ter uma boa conversa, mãe. Ame-me e confie em mim.

Sempre sua,

Amy

² Em alemão no original: uma magnífica loura. (N. da T.)

CAPÍTULO NOVE

TERNOS CONFLITOS

— Estou preocupada com a Beth, Jo.

— Porquê, mãe? Ela parece estar muito melhor desde que os bebés nasceram.

— Agora não é a sua saúde que me preocupa, mas o seu ânimo. Tenho a certeza de que há alguma coisa que a inquieta e quero que descubras o que é.

— Porque é que acha isso?

— Ela passa muito tempo sozinha e não fala tanto como antes com o pai. No outro dia encontrei-a a chorar ao pé dos bebés. Quando canta, as canções são sempre tristes, e de vez em quando vejo no seu rosto uma expressão que não compreendo. Não é a nossa Beth de sempre, e eu estou preocupada, Jo.

— Já lhe perguntou alguma coisa?

— Tentei uma ou duas vezes, mas ela evitou as minhas perguntas ou pareceu tão incomodada que parei. Nunca forço as confidências das minhas filhas e raramente tenho de esperar muito tempo por elas.

A Sr.^a March olhou para Jo enquanto falava, mas o rosto que estava à sua frente parecia inconsciente de qualquer inquietação secreta de Beth e, depois de coser um minuto em silêncio, Jo disse:

— Acho que ela está a crescer e começa a sonhar e a ter esperanças, medos e impaciências que não consegue explicar. Ora, mãe, a Beth tem dezoito anos, mas nós não nos lembramos disso e tratamo-la como uma criança, esquecendo-nos de que é uma mulher.

— Pois é. Santo Deus, como vocês crescem depressa! — replicou a mãe, com um suspiro e um sorriso.

— É inevitável, mãe, por isso tem de se resignar a todos os tipos de preocupações e deixar os seus passarinhos voar para fora do ninho, um por um. Se lhe servir de consolo, prometo que nunca voarei para muito longe.

— É um grande consolo, Jo. Agora que a Meg se foi, sinto-me sempre forte quando estás em casa. A Beth é demasiado débil e a Amy é muito jovem, por isso não posso contar com elas, mas quando é preciso tu estás sempre pronta.

— A mãe sabe que não me importo muito de fazer trabalhos difíceis, e tem de haver sempre um pau para toda a obra numa família. A Amy é esplêndida nos trabalhos de

minúcia, e eu, não, mas estou no meu elemento quando todas as carpetes têm de ser sacudidas ou quando metade da família está doente ao mesmo tempo. A Amy está a distinguir-se no estrangeiro, mas, se faltar alguma coisa em casa, cá estou eu para tratar do assunto.

— Nesse caso, deixo a Beth nas tuas mãos, porque ela abrirá o seu terno coraçãozinho à sua Jo mais depressa do que a qualquer outra pessoa. Sê muito discreta e não deixes que perceba que está a ser observada ou comentada. Se ela se pusesse de novo forte e alegre, eu não pediria mais nada da vida.

— Que sorte! Eu tenho montes de coisas para pedir.

— Quais são elas, minha querida?

— Vou resolver os problemas da Beth e depois falo-lhe dos meus. Não são muito complicados e podem esperar. — Dito isto, Jo continuou a coser com um sensato aceno de cabeça que acalmou o coração da mãe, pelo menos de momento.

Embora parecesse concentrada nas suas tarefas, Jo observava Beth e, depois de muitas diferentes conjecturas, acabou por se decidir por uma que parecia explicar a mudança que se operara na irmã. Um ligeiro incidente deu-lhe uma pista que ela pensou que desvendava o mistério, e uma imaginação fértil e um coração romântico fizeram o resto. Numa tarde de sábado, quando ela e Beth estavam sozinhas, fingiu que estava a escrever com afínco; no entanto, enquanto escrevia foi olhando para a irmã, que parecia invulgarmente quieta. Sentada à janela, o trabalho caía-lhe com frequência no colo e ela pousava a cabeça na mão numa atitude abatida enquanto os olhos se fixavam na enevoada paisagem outonal. De repente, alguém passou do outro lado, a assobiar como um operático melro, e uma voz gritou:

— Todos serenos! Venho esta noite.

Beth sobressaltou-se, inclinou-se para a frente, sorriu e acenou com a cabeça, observando o transeunte até os seus passos rápidos deixarem de se ouvir, e depois disse em voz baixa, como se estivesse a falar sozinha:

— Como está forte, bem e feliz aquele querido rapaz.

— Hmm! — disse Jo, sempre atenta à cara da irmã, pois o rubor desapareceu tão depressa como tinha aparecido, o sorriso desvaneceu-se e uma lágrima brilhou no parapeito da janela. Beth limpou-a e olhou com apreensão para Jo, mas ela continuava a raspar

com o aparo no papel a grande velocidade, aparentemente embrenhada no *Juramento de Olímpia*. No instante em que Beth se virou, Jo recomeçou a sua vigília e viu a mão da irmã subir devagar para os olhos mais do que uma vez e no seu rosto meio escondido leu uma terna tristeza que levou os seus olhos a marejarem-se de lágrimas. Com receio de se trair, saiu da sala, murmurando alguma coisa sobre precisar de mais papel.

— Valha-me Deus, a Beth ama o Laurie! — disse, sentando-se no seu quarto, pálida com o choque da descoberta que pensava ter feito. — Nunca tal coisa me passou pela cabeça! O que *dirá* a mãe? Será que ele... — Jo parou e um pensamento inesperado

deixou-a muito vermelha. — Seria terrível se ele não lhe correspondesse! Tem de a amar, vou obrigá-lo! — E abanou a cabeça com uma expressão ameaçadora para o retrato do travesso rapaz que se ria para ela da parede. — Credo, *estamos* a crescer depressa demais. A Meg casou-se e é mãe, a Amy está a desabrochar em Paris e a Beth está apaixonada. Eu sou a única bastante sensata para me manter longe de problemas. — Jo pensou intensamente durante alguns instantes com os olhos pregados no retrato e depois alisou a testa enrugada e disse com um aceno decidido para o rosto que estava à sua frente: — Não, obrigada, senhor. És muito encantador, mas não tens mais estabilidade que um cata-vento, por isso não vale a pena escreveres doces bilhetes, e sorrir daquela maneira insinuante, porque não vai adiantar nada e eu não quero.

Suspirou e mergulhou numa espécie de sonho do qual só acordou ao anoitecer, descendo para fazer mais observações que só confirmaram a sua desconfiança. Embora Laurie flirtasse com Amy e brincasse com Jo, os seus modos com Beth tinham sido sempre peculiarmente gentis e atenciosos, mas toda a gente era assim com ela e não passara pela cabeça de ninguém que ele gostasse mais dela do que dos outros. Na realidade, nos últimos tempos a família estava convencida de que «o nosso rapaz» gostava mais do que nunca de Jo, que se recusava a ouvir falar sobre o assunto e resmungava com violência se alguém se atrevia a fazer um comentário. Se soubessem dos pequenos episódios ternos do último ano, ou de tentativas de episódios ternos, que tinham sido cortados pela raiz, teriam tido a imensa satisfação de dizer «Eu bem te disse». Mas Jo detestava «namoricos» e não permitia, tendo sempre uma piada ou uma cara feia a postos, ao mínimo sinal de perigo iminente.

Quando Laurie entrou para a universidade, apaixonava-se cerca de uma vez por mês, mas essas pequenas chamas eram tão breves como ardentes, não causavam estragos e divertiam-na muito porque estava muito interessada nas alternâncias de esperança, desespero e resignação que lhe eram confidenciadas durante as conversas semanais. Porém, chegou um momento em que Laurie deixou de adorar em muitos altares, fez obscuras insinuações sobre uma arrebatadora paixão e de vez em quando sofria de byronianos acessos de tristeza. Nessas ocasiões evitava por completo o tema do amor, escrevia filosóficos bilhetes para Jo, dedicava-se aos estudos e fazia saber que ia «enfiar a cabeça nos livros» com a intenção de se licenciar no meio da maior glória. A jovem gostava mais disto do que das confidências ao anoitecer, dos suaves apertos na mão e dos olhares eloquentes, pois no seu caso o cérebro desenvolveu-se mais cedo do que o coração e ela preferia os heróis imaginários aos verdadeiros, porque, quando se cansava deles, os primeiros podiam ser fechados na fornalha até precisar deles e os últimos eram menos controláveis.

As coisas estavam neste estado quando foi feita a grandiosa descoberta, e naquela noite Jo observou Laurie como nunca antes. Se não tivesse metido a nova ideia na cabeça, não teria achado invulgar o facto de Beth estar muito calada e de ele ser muito simpático com ela. No entanto, depois de soltar as rédeas da sua imaginação fértil, ela galopou a grande velocidade, e o senso comum, que estava bastante enfraquecido por passar muito tempo a escrever romances, não a ajudou em nada. Como sempre, Beth estava recostada no sofá e Laurie sentava-se junto dela numa cadeira baixa, divertindo-a com todos os géneros de

mexericos, pois ela estava muito dependente das suas «histórias» semanais e ele nunca a desapontava. Mas, nessa noite, Jo imaginou que os olhos de Beth fitavam o rosto moreno que estava ao seu lado com especial prazer e que escutava com intenso interesse o relato de um empolgante jogo de críquete, embora a maioria da gíria do jogo fosse tão inteligível para ela como sânscrito. Como queria ver, também lhe pareceu notar um aumento de gentileza nos modos de Laurie e achou que ele baixava a voz de vez em quando, se ria menos do que era habitual, estava um pouco distraído e punha a manta sobre os pés de Beth com uma assiduidade que era quase comovente.

«Quem sabe! Já vi coisas mais estranhas», pensou Jo, enquanto andava pela sala. «Ela vai transformá-lo num anjo e ele vai tornar a vida encantadoramente fácil e agradável para a querida. Só têm de se amar. Não sei como é que ele pode resistir, e acredito que aconteceria se não atrapalhássemos.»

Como ninguém *estava* a atrapalhar a não ser ela, começou a achar que devia desaparecer a toda a velocidade. Mas para onde iria? A arder de desejo de se sacrificar no altar da devoção fraterna, sentou-se para decidir aquela questão.

Não esqueçamos que o velho sofá era um verdadeiro patriarca dos sofás — comprido, largo, confortável e baixo. Um pouco gasto, como não podia deixar de ser, já que as raparigas dormiam e brincavam nele quando eram bebês, pescavam penduradas nas suas costas, montavam nos seus braços, tinham coleções de animais por baixo dele quando eram crianças e descansavam as cabeças cansadas, sonhavam acordadas e escutavam doces conversas quando jovens. Todos o adoravam, pois era um refúgio familiar, e um canto fora sempre o lugar preferido de Jo. Entre as muitas almofadas que adornavam o venerável sofá havia uma dura e redonda, forrada com pelo de cavalo que picava muito, com um nodoso botão de cada lado; esta horrível almofada era a sua propriedade especial e Jo usava-a como arma de defesa, barricada ou implacável preventivo de um sono demasiado longo.

Laurie conhecia bem aquela almofada e tinha motivos para a olhar com profunda aversão, pois fora bombardeado com ela sem dó nem piedade noutros tempos, quando eram permitidas brincadeiras, e agora era muitas vezes impedido por ela de ocupar o lugar que mais cobiçava, ao lado de Jo na ponta do sofá. Se «a salsicha», como lhe chamavam, estivesse ao alto, era um sinal de que podia aproximar-se e descansar, mas se estivesse atravessada no sofá, coitado do homem, mulher ou criança que se atrevesse a mexer nela. Nessa noite, Jo esqueceu-se de barricar o canto e ainda não estava sentada há cinco minutos quando um enorme vulto apareceu ao seu lado. Laurie sentou-se com os dois braços esticados nas costas do sofá e as pernas compridas estendidas à sua frente e exclamou, com um suspiro de satisfação:

— *Isto*, sim, é do melhor!

— Não é permitido calão — retorquiu Jo, pousando a almofada com força. Mas era tarde demais e não havia espaço para ela, por isso pô-la no chão e fê-la desaparecer de uma forma muito misteriosa.

— Vá lá, Jo, não sejas espinhosa. Depois de se matar a estudar a semana inteira, um tipo

merce mimos e deve recebê-los.

— Estou ocupada. Vai pedir à Beth.

— Não, ela não quer que eu a incomode, mas tu gostas destas coisas, a não ser que de repente tenhas mudado de ideias. Mudaste? Detestas o teu rapaz e queres atirar-lhe almofadas?

Raramente se viu uma coisa mais sedutora do que aquele comovente apelo, mas Jo reprimiu o «seu rapaz» virando-se para ele com a carrancuda pergunta:

— Quantos ramos de flores mandaste à Menina Randal esta semana?

— Nenhum! Dou-te a minha palavra de honra! Ela está comprometida. Que tens a dizer?

— Fico contente por saber. É uma das tuas extravagâncias parvas, mandar flores a raparigas de quem não gostas nem um pouco — continuou Jo num tom reprovador.

— As raparigas sensatas de quem gosto muito não me deixam mandar-lhes «flores e outras coisas», por isso que posso fazer? Tenho de dar *vazão* aos meus sentimentos.

— A mãe não aprova namoricos, nem por brincadeira, e tu passas a vida a namoriscar desesperadamente, Teddy.

— Daria tudo para poder responder «Também tu». Como não posso, direi apenas que não vejo mal nenhum neste agradável joguinho, se todas as partes perceberem que é pura brincadeira.

— Sim, parece agradável, mas não consigo aprender como se faz. Já tentei, porque uma pessoa sente-se mal quando está acompanhada e não faz o mesmo que todos os outros, mas parece que não resulta comigo — declarou Jo, esquecendo o seu papel de mentora.

— Pede à Amy que te ensine. Ela tem talento para isso.

— Sim, ela tem muito jeito e nunca parece ir longe demais. Suponho que algumas pessoas tenham um dom natural para agradar sem se esforçarem e outras para dizer e fazer sempre a coisa errada no lugar errado.

— Muito me alegra que não saibas namoriscar. É muito bom ver uma rapariga sensata e simples que pode ser divertida e bondosa sem se ridicularizar. Só aqui entre nós, Jo, algumas das raparigas que conheço fazem figuras tão tristes, que sinto vergonha por elas. Tenho a certeza de que não fazem de propósito, mas se soubessem como os rapazes falam sobre elas depois, creio que mudariam um pouco a sua maneira de ser.

— Elas fazem o mesmo quando falam sobre vocês, mas, como as suas línguas são mais afiadas, os rapazes saem a perder, pois vocês são tão parvos como elas. Se se portassem como deve ser, elas fariam o mesmo, mas como sabem que gostam das parvoíces delas, continuam a comportar-se assim e depois vocês culpam-nas.

— A senhora sabe muito sobre isso! — afirmou Laurie num tom superior. — Nós não gostamos de raparigas inquietas e de namoricos, embora por vezes finjamos que sim. Entre cavalheiros nunca falamos sobre as raparigas bonitas e recatadas, a não ser com o

maior respeito. Bendita seja a tua alma inocente! Se estivesses no meu lugar durante um mês, verias coisas que te surpreenderiam um pouco. Dou-te a minha palavra de honra que quando vejo uma daquelas raparigas levianas apetece-me sempre dizer, como o nosso amigo Cock Robin:

«Que descaramento, devias era ter vergonha,

Sua grande atrevida!»

Foi impossível não se rir do cómico conflito entre a cavalheiresca relutância de Laurie em falar mal das mulheres e o seu desagrado muito natural em relação à tolice pouco feminina de que a sociedade da moda lhe mostrava muitos exemplos. Jo sabia que o «jovem Laurence» era considerado um *parti* extremamente bom por mães mundanas, recebia bastantes sorrisos das filhas delas e era muito adulado por senhoras de todas as idades para se tornar um dândi. Observava-o com bastantes ciúmes, temendo que ficasse estragado, e rejubilou mais do que teria confessado ao perceber que ele ainda dava valor a raparigas recatadas. De repente, voltou ao tom de censura e disse, baixando a voz:

— Se *tens* de dar «vazão» aos teus sentimentos, Teddy, dedica-te a uma das «raparigas bonitas e recatadas» que respeitas e não percas tempo com as tontas.

— A sério que me aconselhas isso? — E Laurie olhou para ela com uma estranha mistura de ansiedade e regozijo.

— Claro que sim, mas seria melhor esperares até acabares a universidade, e entretanto poderás tornar-te digno dela. Agora não mereces a... bem, seja a rapariga recatada quem for. — E Jo também pareceu pouco à vontade, pois quase deixara escapar um nome.

— Eu sei que não! — concordou Laurie com uma expressão de humildade pouco característica nele, baixando os olhos enquanto enrolava a borla do avental de Jo à volta do dedo.

«Deus tenha piedade de nós, isto nunca vai resultar», pensou Jo, acrescentando em voz alta:

— Canta para mim. Apetece-me ouvir música e gosto sempre da tua.

— Prefiro ficar aqui, muito obrigado.

— Bem, não podes, não há espaço. Vai fazer alguma coisa útil, porque és demasiado grande para ser decorativo. Pensei que detestavas estar amarrado ao avental de uma mulher — retorqui Jo, citando algumas palavras rebeldes que ele dissera em tempos.

— Ah! Depende de quem usa o avental — e Laurie torceu a borla com audácia.

— Vais ou não? — perguntou Jo, apanhando a almofada que estava no chão.

Ele fugiu sem demora e, quando estava a meio da canção *Up with the bonnets of Bonnie Dundee*, ela escapuliu-se e só voltou depois de o jovem se ir embora muito ofendido e

zangado.

Naquela noite, Jo esteve acordada durante muito tempo, e começava a adormecer quando o som de um soluço abafado a fez voar para a cabeceira de Beth com uma pergunta ansiosa:

— Que é que se passa, querida?

— Pensei que estavas a dormir — soluçou Beth.

— É a antiga dor?

— Não. É uma dor nova, mas consigo aguentar — respondeu Beth, tentando conter as lágrimas.

— Conta-me o que te dói e deixa-me curar-te, como fiz muitas vezes com a outra.

— Não podes, não tem cura. — A voz de Beth falhou e ela abraçou-se à irmã, chorando com tal desespero, que Jo ficou assustada.

— Onde é? Queres que chame a mãe?

Beth não respondeu à primeira pergunta, mas na escuridão levou a mão ao coração de forma involuntária, como se a dor fosse ali, e com a outra segurou a irmã com força e suspirou, ansiosa:

— Não, não, não a chames, não lhes digas! Eu vou melhorar depressa. Deita-te aqui e faz-me festas na cabeça. Podes acreditar que vou acalmar e dormir.

Jo obedeceu, mas enquanto a sua mão acariciava suavemente a testa quente e as pálpebras molhadas da irmã, sentiu o seu coração muito cheio e apeteceu-lhe falar. Porém, embora fosse muito jovem, já sabia que os corações, como as flores, não podem ser tratados com brusquidão e devem abrir-se com naturalidade. Por isso, embora estivesse convencida de que conhecia a causa da nova dor de Beth, limitou-se a dizer, no mais terno dos tons:

— Alguma coisa te preocupa, querida?

— Sim, Jo! — foi a resposta, depois de um longo silêncio.

— Não te faria bem contar-me o que é?

— Agora não, ainda não.

— Então não vou perguntar mais nada, mas lembra-te, Bethy, que eu e a mãe estamos sempre prontas para te ouvir e ajudar, se pudermos.

— Eu sei. Contar-te-ei em breve.

— A dor está melhor?

— Oh, sim, muito melhor. Tu és um grande consolo, Jo!

— Dorme, querida. Eu fico aqui contigo.

Adormeceram abraçadas e na manhã seguinte Beth parecia de novo bem, pois aos

dezoito anos nem as cabeças nem os corações doem durante muito tempo e uma palavra amiga cura quase todos os males.

Todavia, Jo tinha tomado uma decisão e, depois de refletir sobre um projeto durante alguns dias, confidenciou-o à mãe.

— No outro dia, a mãe perguntou-me quais eram os meus desejos, por isso vou contar-lhe um deles — começou, quando estavam sentadas sozinhas. — Este inverno quero sair daqui para mudar de ares.

— Porquê, Jo? — E a mãe levantou a cabeça de repente, como se aquelas palavras tivessem um duplo significado.

Com os olhos postos no trabalho, Jo respondeu num tom muito sério:

— Quero alguma coisa nova. Sinto-me inquieta e ansiosa para ver, fazer e aprender mais do que agora. Preocupo-me demasiado com as minhas pequenas coisas e preciso de novos estímulos, por isso, se puder ser dispensada este inverno, gostaria de viajar um pouco e experimentar as minhas asas.

— Para onde é que vais viajar?

— Para Nova Iorque. Ontem tive uma ideia brilhante e vou dizer-lhe qual foi. A senhora Kirke escreveu-lhe a pedir uma jovem respeitável para ensinar os seus filhos e coser. É bastante difícil encontrar uma pessoa para fazer essas coisas, mas eu acho que seria adequada para o cargo, se me esforçasse.

— Minha querida, queres ir servir para aquela grande pensão?! — A Sr.^a March pareceu surpreendida, mas não desagradada.

— Não é propriamente servir, porque a senhora Kirke é sua amiga, a alma mais bondosa que já pisou esta terra, e eu sei que não seria tratada como uma criada. A família dela está separada dos outros, e ninguém me conhece lá. E não me importo que conheçam; é um trabalho honesto e não me envergonho.

— Nem eu. Mas a tua escrita?

— Vai ser bom mudar. Vou ver e ouvir coisas novas, ter ideias diferentes, e mesmo que não passe muito tempo lá, vou trazer muito material para as minhas parvoíces.

— Não duvido. Mas são os únicos motivos para esta vontade súbita?

— Não, mãe.

— Posso saber quais são os outros?

Jo olhou para cima e para baixo e depois disse devagar, com as faces ruborizadas.

— Pode ser presunçoso e errado dizer isto, mas acho que o Laurie está a gostar demasiado de mim.

— Então não gostas dele da mesma forma que é evidente que ele começa a gostar de ti? — E a Sr.^a March pareceu ansiosa quando fez a pergunta.

— Credo, não! Adoro o querido rapaz como sempre, e sinto um enorme orgulho nele,

mas, para alguma coisa mais, está fora de questão.

— Ainda bem, Jo!

— Porquê, mãe?

— Porque penso que não são adequados um para o outro. Como amigos, são muito felizes, e as vossas discussões frequentes passam depressa, mas estou convencida de que se revoltariam ambos se ficassem juntos a vida inteira. São demasiado parecidos e gostam demais de liberdade, e também têm temperamentos fortes e são teimosos, por isso não seriam felizes para sempre numa relação que precisa tanto de infinita paciência e indulgência como de amor.

— É isso mesmo que eu penso, embora não conseguisse expressá-lo dessa forma. Ainda bem que pensa que ele está só a começar a gostar de mim. Ficaria muito triste se o tornasse infeliz, pois não poderia apaixonar-me pelo querido amigo apenas por gratidão, pois não?

— Tens a certeza dos seus sentimentos por ti?

A cor acentuou-se nas faces de Jo quando respondeu com uma expressão onde se misturavam o prazer, orgulho e pena que têm as raparigas quando falam sobre os primeiros apaixonados:

— Receio que sim, mãe. Ele não disse nada, mas olha-me muito. Acho que é melhor ir-me embora antes que a coisa se complique.

— Concordo contigo, e se não tem remédio, podes ir.

Jo pareceu aliviada e, passado algum tempo, disse, sorridente:

— Como a senhora Moffat se admiraria com a sua falta de estratégia, se soubesse. E como gostará de saber que a Annie pode continuar a ter esperança!

— Ah, Jo, as mães podem diferir na sua estratégia, mas todas têm a mesma esperança... o desejo de ver os filhos felizes. A Meg é muito feliz e eu estou contente com o seu sucesso. A ti desejo-te que desfrutes da tua liberdade até te cansares dela, pois só então descobrirás que existe uma coisa mais doce. Agora a Amy é a minha principal preocupação, mas o seu bom senso vai ajudá-la. Quanto à Beth, não me atrevo a ter outra esperança a não ser que fique bem. A propósito, nos últimos dias parece mais alegre. Falaste com ela?

— Sim. Ela admitiu que tem uma preocupação e prometeu contar-me em breve. Eu não disse mais nada, porque sei o que é. — E Jo contou-lhe a sua pequena história.

A Sr.^a March abanou a cabeça e não ficou convencida com aquela perspetiva tão romântica do caso, mas manteve uma expressão séria e repetiu a sua opinião de que, para bem de Laurie, ela devia ir para longe durante algum tempo.

— Não vamos dizer-lhe nada enquanto o plano não for definitivo. Depois posso fugir antes de ele ter tempo para se recompor e fazer um drama. A Beth tem de pensar que eu vou porque quero muito, e é verdade, pois não posso falar com ela sobre o Laurie, mas ela

pode mimá-lo e consolá-lo quando eu partir e curá-lo desta mania romântica. Ele já passou por tantas pequenas coisas destas, que está acostumado e depressa ultrapassará a paixoneta.

Jo falou esperançada, mas não conseguia livrar-se do agoiro medo de que esta «pequena coisa» fosse pior do que as outras e que Laurie não se curasse desta «paixoneta» com tanta facilidade como até então.

O plano foi discutido e aprovado em conselho familiar, pois a Sr.^a Kirke aceitou Jo com muito agrado e prometeu que ela ficaria muito bem na sua casa. As aulas dar-lhe-iam independência e poderia usar o tempo livre com proveito escrevendo. Além disso, os novos ambientes e pessoas seriam úteis e agradáveis. Jo gostou da perspectiva e estava ansiosa pela partida, pois o ninho começava a ficar pequeno demais para a sua natureza irrequieta e espírito aventureiro. Quando tudo ficou resolvido, contou a Laurie, cheia de medo e a tremer, mas, para sua surpresa, ele aceitou muito bem. Ultimamente andava mais sério do que era costume, mas muito agradável, e quando foi acusado em tom de brincadeira de ter virado uma página na sua vida, respondeu com sobriedade:

— Pois virei, e pretendo que se mantenha virada.

Jo ficou muito aliviada por ele ter um dos seus ataques de virtude e tratou dos preparativos com o coração leve, porque Beth parecia mais alegre e esperava estar a fazer o melhor para todos.

— Deixo uma coisa ao teu cuidado especial — disse à irmã na noite da véspera da partida.

— Os teus papéis? — perguntou Beth.

— Não... o meu rapaz. Vais ser boa com ele, não vais?

— Claro que sim. Mas não posso preencher o teu lugar e ele vai sentir muitas saudades tuas.

— Não lhe vai fazer mal. Lembra-te de que o deixo a teu cargo para lhe ralhares, para o mimares e manteres na ordem.

— Por ti, farei o melhor que puder — prometeu Beth, sem perceber porque é que Jo a olhava com uma expressão tão estranha.

Quando se despediu, Laurie sussurrou-lhe ao ouvido:

— Não vai adiantar nada, Jo. Não te vou perder de vista, por isso tem cuidado com o que fazes, porque vou buscar-te e trago-te para casa.

CAPÍTULO DEZ

O DIÁRIO DE JO

Nova Iorque, novembro

Queridas mãe e Beth,

Vou escrever-vos uma carta grande, pois tenho muitas coisas para vos contar, embora não seja uma elegante jovem a viajar no Continente. Quando deixei de ver o querido rosto do pai, senti alguma tristeza, e poderia ter derramado uma ou duas lágrimas se uma senhora irlandesa com quatro filhos pequenos, todos a chorar com maior ou menor intensidade, não me tivesse distraído, pois diverti-me a atirar biscoitos de gengibre por cima do banco sempre que eles abriam a boca para berrar.

Pouco depois, o sol apareceu no céu e, tomando-o por um bom augúrio, também eu me animei e desfrutei plenamente da viagem.

A Sr.^a Kirke recebeu-me com tanta simpatia que me senti logo à vontade, mesmo naquela grande casa cheia de desconhecidos. Ela deu-me uma engraçada salinha no sótão — não tinha mais nada disponível, mas tem um fogão e uma boa mesa junto de uma janela cheia de sol, por isso posso sentar-me ali a escrever sempre que quiser. A linda vista e a torre de uma igreja em frente compensam as muitas escadas, e eu afeiçoei-me logo ao meu recanto. O quarto das crianças, onde vou ensinar e coser, é um agradável aposento ao lado da sala particular da Sr.^a Kirke, e as duas meninas são lindas — parecem bastante mimadas, mas gostaram de mim depois de lhes contar a história dos «Sete Porcos Maus» e não tenho dúvida de que serei uma precetora exemplar.

As refeições serão feitas com as crianças, se preferir não comer na mesa grande, e por agora será assim, pois *sou* tímida, embora ninguém acredite.

A Sr.^a K disse-me, num tom maternal:

— Sinta-se como se estivesse em sua casa, minha querida. Eu não paro de manhã até à noite, como deve imaginar, com uma família destas, mas ficarei muito mais descansada se souber que as crianças estão em segurança consigo. Os meus aposentos estão sempre abertos para si, e o seu será o mais confortável que eu conseguir. Há algumas pessoas agradáveis cá em casa, se se sentir sociável, e tem sempre as noites livres. Se tiver algum problema, não hesite em vir ter comigo e seja o mais feliz que puder. Há uma sineta para o jantar. Agora tenho de correr para me arranjar — e foi-se embora muito depressa, ficando eu a instalar-me no meu novo ninho.

Quando desci, pouco depois, vi uma coisa que me agradou. As escadarias são muito compridas nesta casa alta, e eu parei à espera no cimo da terceira para que uma criadita subisse. Um homem com um ar estranho que subia atrás dela tirou-lhe o pesado balde de carvão da mão, levou-o até ao cimo, pousou-o junto de uma porta e afastou-se, dizendo com uma espécie de aceno e um sotaque estrangeiro:

— É melhor assim. As costas pequenas são muito jovens para carregar tanto peso.

Não foi tão simpático da parte dele? Eu gosto dessas coisas, pois, como o pai diz, são as insignificâncias que revelam o carácter. Quando contei à Sr.^a K nessa noite, ela riu-se e disse:

— Deve ter sido o professor Bhaer. Ele está sempre a fazer esse género de coisas.

A Sr.^a K contou-me que ele é de Berlim, muito erudito e bondoso, mas pobre como um rato de igreja, e dá aulas para se sustentar a ele e a dois sobrinhos órfãos que está a criar aqui para cumprir o desejo da irmã, que era casada com um americano. Não é uma história muito romântica, mas fiquei interessada; e gostei de saber que a Sr.^a K lhe empresta a sua sala particular para dar aulas a alguns alunos. Há uma porta de vidro entre ela e o quarto das crianças e eu vou espreitá-lo para vos contar como é. Deve ter uns quarenta anos, por isso não constitui perigo algum, mãe.

Depois do jantar e de deitar as meninas, ataquei o grande cesto da costura e passei um agradável serão a conversar com a minha nova amiga. Vou escrever uma carta-diário e mandá-la uma vez por semana. Por isso, boa noite e amanhã há mais.

Terça-feira à noite

Esta manhã, o meu seminário foi muito agitado, porque as crianças pareciam tresloucadas e houve momentos em que pensei que devia sacudi-las para se acalmarem. Um bom anjo inspirou-me a dar-lhes uma aula de ginástica e não parei até elas estarem tão cansadas que não se importaram nada de se sentar e ficar quietas. Depois do almoço, a criada foi passear com elas e eu voltei para a costura, como a pequena Mabel, «com vontade». Estava a agradecer às minhas estrelas por ter aprendido a fazer bonitas casas de botões, quando a porta da sala da Sr.^a K se abriu e fechou, e alguém começou a cantarolar:

«Kennst du das Land»

como um grande zangão. Sei que foi terrivelmente incorreto, mas não consegui resistir à tentação e, levantando uma ponta da cortina da porta de vidro, espreitei. O professor Bhaer estava lá e enquanto organizava os livros pude olhar bem para ele. É um alemão típico, bastante corpulento, com cabelo castanho que cai por todos os lados, uma barba hirsuta, um nariz engraçado, os olhos mais bondosos que já vi e uma esplêndida voz forte que faz bem aos ouvidos depois da nossa algaraviada americana áspera ou arrastada. As suas

roupas eram antiquadas, as mãos grandes e ele não tem uma única coisa bonita na cara, com exceção dos dentes. No entanto, gostei dele, pois tem uma linda cabeça, a camisa estava impecável e parecia um cavalheiro, embora lhe faltassem dois botões no casaco e tivesse um remendo num sapato. Parecia sério, apesar de cantarolar, até se aproximar da janela para virar os bolbos de jacintos para o sol e acariciar o gato, que o recebeu como um velho amigo. Depois sorriu e, quando bateram à porta, falou num tom alto e apressado:

— Entre!

Eu preparava-me para fugir quando vi entrar uma amostra de gente com um grande livro e parei para ver o que se passava.

— Eu *quer* o meu Bhaer — disse a pequena, pousando o livro com estrondo e correndo para ele.

— Terás metade do teu Bhaer. Vem e dá-lhe um grande abraço, minha Tina — disse o professor, levantando-a no ar e segurando-a tão alto por cima da cabeça que ela teve de inclinar a carinha para lhe dar um beijo.

— Agora eu *tem* de estudar a minha *leção* — disse a engraçada criaturinha, e ele sentou-a à mesa, abriu o grande dicionário que ela trouxera e deu-lhe papel e lápis. Ela começou a escrever, virando uma folha de vez em quando e passando o dedinho gorducho pela página como se estivesse à procura de uma palavra com uma expressão tão séria que quase revelei a minha presença com uma gargalhada, enquanto o Sr. Bhaer lhe acariciava os lindos cabelos com uma expressão paternal que me fez pensar que devia ser sua, se bem que parecesse mais francesa do que alemã.

Bateram novamente à porta e a chegada de duas jovens levou-me de volta para o meu trabalho, e ali fiquei virtuosamente a ouvir todo o barulho e tagarelice que vinha da sala ao lado. Uma das raparigas ria-se com ternura e dizia, «Ora, professor», num tom provocante, e a outra pronunciava o seu alemão com um sotaque que devia obrigar o professor a fazer um enorme esforço para se manter sério.

Ambas pareciam pôr à prova a sua paciência até ao limite, pois ouvi-o dizer mais de uma vez num tom categórico:

— Não, não, *não* é assim; não está atenta ao que eu digo! — E uma vez ouviu-se uma pancada seca, como se ele tivesse batido com o livro na mesa, e depois a desesperada exclamação: — *Prut!* Tudo corre mal hoje.

Senti pena do pobre homem e, quando as raparigas saíram, espreitei mais uma vez para ver se tinha sobrevivido. Ele tinha-se recostado na cadeira, exausto, e ficou sentado com os olhos fechados até o relógio bater as duas horas, altura em que se levantou de um salto, guardou os livros no bolso, como se estivesse pronto para mais uma aula, e, pegando na pequena Tina, que adormecera no sofá, saiu com ela em silêncio. Parece-me que tem uma vida muito difícil.

A Sr.^a Kirke perguntou-me se eu queria ir jantar às cinco horas e, como estava a sentir algumas saudades de casa, pensei que seria bom, só para ver o tipo de pessoas que vivem

sob o mesmo teto que eu. Pus-me apresentável e tentei entrar atrás da Sr.^a Kirke, mas, como ela é baixa e eu sou alta, os meus esforços de camuflagem foram um grande fracasso. Ela sentou-me ao seu lado e, depois de passado o rubor, ganhei coragem para olhar à minha volta. A mesa comprida estava cheia e todos estavam atentos à comida, sobretudo os cavalheiros, que pareciam ter o tempo contado, pois *devoravam*, em todos os sentidos da palavra, desaparecendo logo que acabavam de comer. Havia o habitual contingente de homens jovens ensimesmados; jovens casais, concentrados um no outro; senhoras casadas com os seus bebés e senhores idosos a falar sobre política. Acho que não tenho grande vontade de fazer amizade com nenhum deles, exceto com uma senhora solteira com um rosto doce, que parece ser interessante.

Abandonado ao fundo da mesa estava o professor, a gritar respostas às perguntas de um senhor de idade surdo e muito curioso, de um lado, e a conversar sobre filosofia com um francês do outro. Se a Amy estivesse aqui, ter-lhe-ia virado as costas para sempre, porque, é triste dizer, ele tinha um grande apetite e devorou o jantar de uma forma que teria horrorizado «sua senhoria». Eu não me importei, pois gosto «de ver pessoas a comer com vontade», como a Hannah diz, e o pobre homem deve precisar de uma grande quantidade de comida depois de passar o dia inteiro a ensinar burros.

Quando subi depois do jantar, dois homens jovens estavam a pôr os seus chapéus de pelo de castor no espelho da entrada e eu ouvi um dizer em voz baixa para o outro:

— Quem é a nova?

— Precetora, ou coisa que o valha.

— Por que diabo é que come na nossa mesa?

— É amiga da velhota.

— Uma cara bonita, mas sem estilo.

— Nem um pouco. Vamos acender os cigarros e sair.

Ao ouvir aquilo, fiquei zangada, mas depois não me importei, porque uma precetora é tão boa como um escriturário, e tenho sensatez, mesmo que não tenha estilo, e isso é mais do que algumas pessoas têm, a avaliar pelos comentários dos elegantes seres que saíram a tagarelar e a fumar como chaminés entupidas. Detesto pessoas vulgares!

Quinta-feira

Ontem foi um dia calmo, passado a ensinar, a coser e a escrever no meu quartinho, que é muito acolhedor, com um candeeiro e uma lareira. Soube algumas novidades e fui apresentada ao professor. Parece que a Tina é filha da francesa que engoma as roupas delicadas na lavandaria da pensão. A pequerrucha está perdida de amores pelo Sr. Bhaer e segue-o como um cão sempre que ele está em casa, o que o encanta, porque, embora seja

solteiro, gosta muito de crianças. A Kitty e a Minnie Kirke também gostam dele e contam muitas peripécias sobre as brincadeiras que ele inventa, os presentes que traz e as esplêndidas histórias que conta. Parece que os homens mais jovens o ridicularizam, chamando-lhe Velho Fritz, Cerveja Loura e Ursa Maior, e fazem todo o tipo de brincadeiras com o seu nome. Mas ele diverte-se como um miúdo, segundo diz a Sr.^a K, e reage com tanto desportivismo, que todos gostam dele, apesar dos seus modos estranhos.

A senhora solteira é a Menina Norton — rica, culta e simpática. Hoje falou comigo ao jantar (voltei a sentar-me à mesa porque é muito divertido observar as pessoas) e convidou-me para ir ao seu quarto. Tem muitos bons livros e quadros, conhece pessoas interessantes e parece amável, por isso vou ser simpática com ela porque *quero* dar-me com a boa sociedade, mas não daquela de que a Amy gosta.

Ontem à noite estava na nossa sala quando o Sr. Bhaer chegou com alguns jornais para a Sr.^a Kirke. Ela não estava lá, mas a Minnie, que é uma pequena mulherzinha, apresentou-mo com muita elegância:

— Esta é a amiga da mamã, a Menina March.

— Sim, ela é alegre e gostamos muito dela — acrescentou a Kitty, que é uma «*enfant terrible*».

Ambos fizemos uma vénia e depois rimo-nos porque a apresentação formal e o franco comentário foram um contraste muito cómico.

— Ah, sim! Oiço estas marotas a aborrecê-la, Menina Marsch. Se voltar a acontecer, chame-me e eu venho — disse ele, com uma expressão ameaçadora que encantou as pequenas pestes.

Eu prometi que o chamaria e ele foi-se embora, mas parece que estava destinada a encontrá-lo muitas vezes, pois hoje, quando passei pela sua porta a caminho da saída, bati-lhe sem querer com a minha sombrinha. Ela abriu-se logo e vi-o parado em roupão, com uma grande meia azul numa mão e uma agulha de cerzir na outra; não pareceu nada envergonhado, pois, quando lhe expliquei e continuei apressadamente o meu caminho, acenou com a mão, com meia e tudo, e disse com a sua voz alegre:

— Tenha um bom dia para fazer seu passeio. *Bon voyage, Mademoiselle.*

Ri-me até chegar ao fundo das escadas, mas também foi um pouco patético pensar que o pobre homem tem de remendar as suas roupas. Bem sei que os cavalheiros alemães bordam, mas cerzir é muito diferente, e não é tão bonito.

Sábado

Não aconteceu nada digno de nota, a não ser uma visita à Menina Norton, que tem um quarto cheio de coisas lindas e foi muito encantadora porque me mostrou todos os seus

tesouros e me perguntou se gostaria de ir com ela de vez em quando a palestras e concertos, como sua acompanhante — se essas atividades me interessassem. Ela propôs-me isto como se eu estivesse a fazer-lhe um favor, mas tenho a certeza de que a Sr.^a Kirke lhe falou sobre nós e ela fá-lo para ser simpática comigo. Eu sou extremamente orgulhosa, mas favores destes de pessoas como ela não me incomodam, por isso aceitei com gratidão.

Quando voltei para o quarto das crianças, ouvi tanto barulho na sala de visitas, que espreeitei lá para dentro e vi o Sr. Bhaer de gatas, com a Tina às costas, a Kitty a puxá-lo com uma corda de saltar e a Minnie a dar bolos de sementes a dois rapazinhos enquanto eles rugiam e saltavam em jaulas construídas com cadeiras.

— Estamos a brincar aos zoológicos — explicou Kitty.

— *Est'ê* o meu *alifante*! — acrescentou Tina, agarrada ao cabelo do professor.

— A mamã deixa-nos sempre fazer o que queremos ao sábado à tarde quando o Franz e o Emil vêm, não é, senhor Bhaer? — disse Minnie.

O «alifante» sentou-se tão sério como um verdadeiro espécime animal e disse-me com sobriedade:

— Dou-lhe a minha palavra de que é verdade. Se fizermos muito barulho, diga-nos «chiu!», e nós falamos mais baixo.

Eu prometi que faria isso, mas deixei a porta aberta e diverti-me tanto como eles — nunca vi uma brincadeira mais gloriosa. Brincaram à apanhada, aos soldados, dançaram e cantaram, e quando começou a ficar escuro amontoaram-se no sofá à volta do professor enquanto ele lhes contava encantadores contos de fadas de cegonhas no topo das chaminés e de pequenos «duendes das minas» que andam nos flocos de neve enquanto eles caem. Quem dera que os americanos fossem tão simples e naturais como os alemães, não acham?

Gosto tanto de escrever, que só faria isto se os motivos de economia não me impedissem, pois, embora tenha usado papel fino e letra pequena, tremo ao pensar nos selos que esta longa carta levará. Peço-vos que me mandem as cartas da Amy quando puderem dispensá-las. As minhas pequenas notícias parecerão muito banais depois das suas aventuras esplendorosas, mas sei que irão gostar delas. O Teddy está a estudar tanto que não consegue arranjar tempo para escrever às amigas? Cuida bem dele por mim, Beth, conta-me tudo sobre os bebés e dá imensos beijos meus a todos.

Da tua muito amiga,

Jo

P. S. Quando leio as minhas cartas, parecem-me cheias de conversas sobre o Bhaer, mas as pessoas estranhas interessam-me sempre e não tinha mais sobre que escrever. Beijos.

Minha preciosa Betsey,

Como esta carta vai ser escrita à pressa, mando-a para ti, para te divertir e dar-te uma ideia das minhas andanças, pois, se bem que tranquilas, são bastante divertidas e poderão alegrar-te. Depois do que a Amy diria que foram esforços hercúleos no campo da agricultura mental e moral, as minhas jovens ideias começam a desabrochar e os meus pequenos ramos vergam como eu queria. Não são tão interessantes para mim como a Tina e os rapazes, mas cumprio o meu dever para com as duas e elas gostam de mim. O Franz e o Emil são alegres rapazinhos e eu gosto muito deles, pois a mistura de espírito alemão e americano que têm produz um estado de efervescência constante. As tardes de sábado são momentos de grande algazarra, quer sejam passadas em casa ou fora dela, pois, quando o tempo está bom, vão todos dar um passeio, como um seminário, com o professor e eu própria para manter a ordem, e divertimo-nos imenso!

Agora somos muito bons amigos e comecei a ter aulas. Na realidade não consegui evitar, e tudo aconteceu de uma forma tão engraçada, que tenho de te contar. Para começar pelo princípio, a Sr.^a Kirke chamou-me um dia quando eu ia a passar pelo quarto do Sr. Bhaer, onde andava a deambular.

— Alguma vez viu um antro assim, minha querida? Venha ajudar-me a arrumar estes livros, porque revirei tudo à procura dos seis lenços de assoar que lhe dei há pouco tempo.

Eu entrei e, enquanto trabalhávamos, olhei à minha volta, pois era sem dúvida um «antro». Livros e papéis por toda a parte, um cachimbo com boquilha de sepiolite partido e uma velha flauta sobre a lareira, como se já não fosse usada; um pássaro com mau aspeto, sem cauda, chilreava no parapeito de uma janela e uma caixa com ratinhos brancos enfeitava a outra; por entre os manuscritos viam-se barcos meio terminados e pedaços de cordel; pequenas botas sujas secavam diante da lareira e vestígios dos queridos meninos, por quem ele se escraviza, eram visíveis em todo o quarto. Depois de uma grande busca, foram encontrados três dos lenços perdidos — um sobre a gaiola do pássaro, outro cheio de tinta e um terceiro bastante queimado por ser usado como pega.

— Que homem este! — exclamou a alegre Sr.^a K a rir, enquanto punha os despojos no saco dos trapos. — Suponho que os outros tenham sido rasgados para fazer as velas dos navios, para ligar dedos cortados ou para fazer caudas para papagaios de papel. É terrível, mas não posso ralhar com ele. É tão distraído e tem tão boa índole, que deixa estes rapazes fazerem dele gato-sapato. Eu concordei em lavar e coser as suas roupas, mas ele esquece-se de as entregar e eu esqueço-me de verificar, por isso às vezes anda num estado lastimável.

— Deixe-me cosê-las — disse eu. — Não me importo e ele não precisa de saber. Eu gostaria muito... ele é muito simpático ao trazer-me a correspondência e emprestar-me livros.

E foi assim que comecei a pôr as suas coisas em ordem e a tricotar calcanhares em dois pares de meias — pois as suas estranhas cerzaduras tinham-nas deformado. Nada foi dito e esperei que ele não descobrisse, mas um dia da semana passada apanhou-me em flagrante. Ouvir as lições que ele dá a outros interessou-me e diverti-me tanto, que quis aprender. Como a Tina anda sempre a correr de um lado para o outro, deixando a porta aberta, eu consigo ouvir. Estava sentada perto da sua porta, a acabar a última meia e a tentar compreender o que ele dizia a uma aluna nova que é tão burra como eu; a rapariga saiu e eu pensei que ele também se tinha ido embora, porque ficou tudo em silêncio e eu estava ocupada a dizer um verbo e a baloiçar-me para a frente e para trás de uma forma absurda quando um pequeno som me fez levantar a cabeça e ver que ali estava o Sr. Bhaer a olhar e a rir baixinho, enquanto fazia sinais à Tina para não trair a sua presença.

— Então — disse ele, quando parei e fiquei a olhá-lo como uma idiota. — A menina espregueira-me, eu espregueiro-a, e não é mau... mas, veja, eu não estou a ser agradável quando digo, gosta de alemão?

— Sim, mas o senhor está ocupado demais e eu sou demasiado burra para aprender — balbucieei, vermelha como uma beterraba.

— *Prut!* Vamos arranjar tempo e vai conseguir aprender. À noite vou dar uma pequena lição com muita alegria porque, olhe, Menina Marsch, tenho esta dívida para pagar — e apontou para o meu trabalho. — Sim! Estas senhoras tão simpáticas dizem uma para a outra: «ele é um velho distraído, não vai perceber o que fazemos, nunca verá que os calcanhares das meias já não têm buracos, vai pensar que os botões crescem quando caem e acreditar que os atilhos se fazem sozinhos». Ah! Mas eu tenho um olho e vejo muito. Tenho um coração, e estou agradecido por isto. Vamos... uma lição de vez em quando ou acabaram-se os bons trabalhos de fada para mim e para os meus.

Claro que depois daquilo não pude dizer nada, pois é uma oportunidade esplêndida, combinei tudo e começámos. Tive quatro aulas e fiquei atolada num pântano gramatical. O professor foi muito paciente comigo, mas deve ter sido um tormento para ele, pois de vez em quando olhava-me com uma expressão de leve desespero e eu não sabia se havia de rir ou chorar. Optei pelas duas coisas e, quando suspirei de profunda mortificação e angústia, ele atirou a gramática para o chão e saiu da sala. Senti-me desgraçada e abandonada para todo o sempre, mas não o culpei nem um pouco, e estava a juntar os meus papéis para correr para o sótão e lamentar-me quando ele entrou, tão animado e resplandecente como se eu tivesse enchido o meu nome de glória.

— Agora vamos experimentar um método novo. A menina e eu vamos ler estes pequenos e lindos contos juntos e não olhamos mais para aquele livro tão árido, que vai ficar de castigo no canto por nos dar problemas.

Falou com muita bondade e abriu os contos de fadas de Hans Andersen de uma forma tão convidativa à minha frente, que senti mais vergonha do que nunca e continuei a minha aula com uma determinação que pareceu diverti-lo muito. Esqueci a timidez e trabalhei com persistência (nenhuma outra palavra expressará melhor a minha atitude), com todo o empenho, tropeçando nas palavras compridas, pronunciando segundo a inspiração do momento e fazendo o melhor que podia. Quando acabei de ler a primeira página e parei

para respirar, ele bateu palmas e exclamou no seu tom caloroso:

— *Das ist gut!* Agora vamos bem! É a minha vez. Vou fazer em alemão, dê-me seu ouvido. — E começou a ler, pronunciando as palavras com a sua voz forte e com um gosto que foi bom de ver e ouvir. Felizmente, a história era *O Soldadinho de Chumbo*, que é alegre, como sabes, por isso pude rir-me — e ri-me —, embora não percebesse metade do que ele leu, mas não consegui conter-me porque ele estava muito sério e eu muito entusiasmada, e era tudo muito cómico.

Depois desse dia, tudo correu melhor e agora leio muito bem as minhas lições, pois gosto desta forma de estudar e percebo a gramática nos contos e na poesia como quem toma comprimidos com doce. Gosto muito e ele ainda não parece ter-se cansado, o que é muito simpático da sua parte, não achas? Quero oferecer-lhe um presente no Natal, pois não me atrevo a dar-lhe dinheiro. Sugira-me uma coisa boa, mãe.

Fico contente por saber que o Laurie parece feliz e ocupado, que deixou de fumar e está a deixar crescer o cabelo. A Beth lida melhor do que eu com ele. Não sinto ciúmes, querida, faz o teu melhor, mas não o transformes num santo. Creio que não ia gostar dele sem um pouco de atrevimento humano. Lê-lhe partes das minhas cartas. Não tenho tempo para escrever muito e isso bastará. Graças a Deus que continuas tão bem.

Janeiro

Feliz Ano Novo para todos, minha querida família, que, claro está, inclui o Sr. L e um jovem chamado Teddy. Não consigo dizer-vos o quanto gostei da vossa encomenda de Natal, pois só a recebi à noite e já tinha perdido qualquer esperança. A vossa carta chegou de manhã, mas não fazia nenhuma referência a uma encomenda, para ser surpresa, por isso fiquei desapontada porque tinha «uma espécie de sensação» de que não se esqueceriam de mim. Sentia-me um pouco desanimada quando fui para o meu quarto depois do jantar e, quando o grande pacote enlameado e amachucado me foi trazido, abracei-o e saltei. Foi tão *caseiro* e revigorante, que me sentei no chão, li, olhei, comi, ri e chorei da forma absurda que todos conhecem tão bem. Mandaram-me tudo o que eu queria, e foi melhor ainda por ter sido feito em vez de comprado. A nova «bata para tinta» da Beth é essencial e a caixa da Hannah com bolo de gengibre vai ser um tesouro. Vou usar as belas camisas de dormir de flanela que a mãe me manda e ler com cuidado os livros que o pai anotou. Muito, muito obrigada a todos!

Por falar em livros, devo dizer-vos que estou a ficar rica nesse departamento, pois no dia de Ano Novo o Sr. Bhaer ofereceu-me uma linda edição de Shakespeare. É um livro de que ele gosta muito, e eu admirei-o muitas vezes no seu lugar de destaque junto da Bíblia em alemão e de Platão, Homero e Milton, por isso podem imaginar como me senti quando ele pegou nele, aberto, e me mostrou o meu nome nele, «do meu amigo Friedrich Bhaer».

— Diz muitas vezes que gostaria de ter uma biblioteca; aqui, entre estas duas tampas

(queria dizer capas) estão muitos livros num. Leia-o bem e será muito útil, pois o estudo dos personagens deste livro vai ajudá-la a perceber o mundo e a pintá-lo com o seu aparo.

Agradei-lhe o melhor possível e agora falo sobre «a minha biblioteca» como se tivesse cem livros. Nunca tinha percebido a profundidade de Shakespeare, mas também nunca tinha tido um Bhaer para me explicar. *Não* se riam deste nome terrível; não se diz Bear nem Beer³, como as pessoas *pronunciam*, mas entre as duas, como só os alemães conseguem pronunciar. Ainda bem que ambas gostam do que vos conto sobre ele, e espero que possam conhecê-lo um dia. A mãe admiraria o seu bom coração e o pai a sua cabeça sábia. Eu admiro as duas coisas e sinto-me rica com o meu novo «amigo Friedrich Bhaer».

Como não tenho muito dinheiro, nem sabia do que ele gostaria, arranjei várias pequenas coisas e espalhei-as pelo quarto em sítios onde ele as encontraria sem esperar. Escolhi objetos úteis, bonitos ou engraçados: um tinteiro novo na sua mesa, uma pequena jarra para a sua flor — pois tem sempre uma flor ou um pouco de verdura num copo para se manter fresco, como diz; e um suporte para o seu fole, para não queimar o que a Amy chama «*mouchoirs*». Fi-lo como os que a Beth inventou, uma grande borboleta com um corpo gordo, asas pretas e amarelas, antenas e olhinhos redondos. Ele gostou imenso e pô-lo na pedra da lareira com um artigo de *virtu*; por isso acabou por ser um fracasso. Apesar de ser pobre, não esqueceu nenhuma criada nem nenhuma criança da casa e ninguém, desde a lavadeira francesa até à Menina Norton, se esqueceu dele. Fiquei muito contente por isso.

Na véspera de Ano Novo, organizaram um baile de máscaras e foi muito divertido. Eu não queria descer, porque não tinha roupa, mas à última hora a Sr.^a Kirke lembrou-se de uns velhos brocados e a Menina Norton emprestou-me renda e penas, por isso vesti-me de Sr.^a Malaprop⁴ e entrei com a cara escondida atrás de uma máscara. Ninguém me reconheceu porque disfarcei a voz e não passou pela cabeça de ninguém que a calada e altiva Menina March (pois a maior parte das pessoas pensam que sou muito severa e fria, e sou, com os franganotes atrevidos) pudesse dançar, mascarar-se e proferir uma «linda loucura de epitáfios, como uma alegoria nas margens do Nilo». Diverti-me muito e quando tirámos as máscaras foi engraçado vê-los a olhar para mim. Ouvi um dos rapazes dizer a outro que sabia que eu era uma atriz; na verdade, estava convencido de que me tinha visto num dos pequenos teatros. A Meg vai adorar esta piada. O Sr. Bhaer disfarçou-se de Nick Bottom e a Tina era Titania — uma fadinha perfeita no seu colo. Vê-los dançar foi «uma grande paisagem», para usar um teddyismo.

Afinal, acabei por ter um Ano Novo muito feliz e, quando fui para o meu quarto e pensei em tudo, senti que está a correr bem apesar dos muitos fracassos, pois agora estou sempre feliz, trabalho com vontade e interesse-me mais pelas outras pessoas do que antigamente, o que é satisfatório. Que Deus vos abençoe a todos! Com todo o carinho

Jo

³ «Bhaer» pronuncia-se como as palavras inglesas *bear* (urso) e *beer* (cerveja). (N. da T.)

⁴ Personagem da comédia de 1775 *The Rivals*, de Richard Sheridan. Um dos aspetos mais engraçados desta personagem é que usa palavras incorretas para se expressar. (N. da T.)

CAPÍTULO ONZE

UM AMIGO

Embora estivesse muito feliz na atmosfera social que a rodeava e bastante ocupada com o trabalho diário com que ganhava o pão de cada dia, que o esforço tornava ainda mais doce, Jo arranjava tempo para as suas obras literárias. O objetivo que se apoderou dela nesta fase era natural para uma rapariga pobre e ambiciosa, mas os meios que escolheu para o atingir não foram os melhores. Como percebeu que dinheiro conferia poder, decidiu que queria ter as suas coisas, não apenas para si, mas para as pessoas que amava mais do que a si mesma. O sonho de encher a casa de confortos, dando a Beth tudo o que ela queria, desde morangos no inverno até um órgão no seu quarto; viajar para o estrangeiro e ter sempre *mais* do que o indispensável para poder dedicar-se ao luxo da caridade tinha sido durante muitos anos o seu mais querido castelo no ar.

A experiência do conto premiado pareceu abrir um caminho que, depois de um longo percurso e muitas dificuldades, levaria a um encantador *château en Espagne*. Porém, o desastre do romance extinguiu-lhe a coragem durante algum tempo, pois a opinião pública é um gigante que já assustou pessoas mais corajosas e com empreendimentos maiores do que o dela. Como o herói imortal, Jo descansou um pouco depois da primeira tentativa, que resultou num trambolhão, e no menos encantador dos tesouros do gigante, se bem me lembro. Mas o espírito de «levantar-se e experimentar de novo» era tão forte nela como nos heróis lendários, por isso desta vez seguiu por um caminho duvidoso e tornou-se mais ambiciosa, mas quase deixou ficar para trás o que era muito mais precioso do que os sacos de dinheiro.

Começou a escrever contos sensacionalistas, pois naqueles tempos negros até a perfeita América lia porcarias. Não contou a ninguém, escreveu uma «história empolgante» e levou-a com arrojo ao Sr. Dashwood, editor da *Weekly Volcano*. Nunca lera *Sartor Resartus*, mas tinha um instinto feminino de que as roupas têm uma influência mais poderosa em muitos do que o mérito do carácter ou a magia dos modos. Por isso, vestiu as suas melhores roupas e, tentando persuadir-se de que não estava entusiasmada nem nervosa, subiu com coragem dois lances de escadas escuras e sujas e entrou numa sala desarrumada, com uma nuvem de fumo de charuto, onde se encontravam três cavalheiros sentados com os sapatos mais altos do que os chapéus, que nenhum deles se deu ao trabalho de tirar da cabeça quando ela entrou. Um pouco chocada com esta receção, Jo hesitou à entrada e murmurou, muito embaraçada:

— Desculpem. Ando à procura do escritório da *Weekly Volcano*. Queria falar com o senhor Dashwood.

O par de sapatos que estava mais alto desceu do tampo da secretária e o homem que fumava mais levantou-se e, prendendo o charuto entre os dedos com o maior cuidado, avançou com um aceno e um semblante que expressava apenas sono. Sentindo que tinha de resolver o assunto de alguma maneira, Jo pegou no manuscrito e, cada vez mais ruborizada à medida que falava, balbuciou fragmentos do pequeno discurso que preparara com o maior cuidado para a ocasião.

— Uma amiga pediu-me para lhe mostrar uma história... apenas a título de experiência... gostaria de conhecer a sua opinião... e estaria disposta a escrever mais se esta for aprovada.

Enquanto Jo corava e se atrapalhava, o Sr. Dashwood tinha pegado no manuscrito e estava a folheá-lo com dedos muito sujos, observando as páginas com um olhar crítico.

— Presumo que não seja uma primeira tentativa? — perguntou, ao constatar que as páginas estavam numeradas, escritas apenas de um lado e *não* tinham sido amarradas com uma fita... sinal inequívoco de que se tratava de uma novata.

— Não, senhor. Ela tem alguma experiência e ganhou um prémio com uma história no *Blarneystone Banner*.

— Ah, sim? — E o Sr. Dashwood lançou um olhar rápido a Jo, que pareceu reparar em tudo o que ela tinha vestido, desde o laço do chapéu até aos botões das botas. — Bem, se quiser pode deixá-lo. Nós temos mais deste material do que podemos usar, mas vou dar uma vista de olhos e dou-lhe uma resposta na próxima semana.

Jo *não* queria deixá-lo, pois não gostara nada do Sr. Dashwood, mas, dadas as circunstâncias, não lhe restou outra alternativa a não ser fazer uma vénia e ir-se embora, especialmente alta e digna como acontecia quando se sentia irritada ou embaraçada. Naquele momento sentiu as duas coisas ao mesmo tempo, pois os olhares trocados entre os cavalheiros deixaram claro que a sua pequena ficção da «minha amiga» era considerada uma boa piada, e uma gargalhada provocada por alguma coisa dita pelo editor quando ela fechou a porta completou a sua atrapalhação. Quase decidida a nunca mais voltar, foi para casa apaziguar a irritação que sentia cosendo bibes com vigor e, passadas uma ou duas horas, já estava bastante calma para se rir de tudo aquilo e ansiar pela semana seguinte.

Quando voltou lá, o Sr. Dashwood encontrava-se sozinho e Jo deu graças por isso. Estava muito mais acordado do que da primeira vez — o que foi agradável — e não estava tão entretido a fumar um charuto para esquecer as boas maneiras, por isso a segunda conversa correu muito melhor do que a primeira.

— Nós vamos aceitar isto (os editores nunca dizem «eu»), se não se opuser a algumas alterações. É demasiado comprido, mas se omitirmos as partes que marquei vai ficar com o tamanho certo — disse num tom muito profissional.

Jo quase não reconheceu o seu manuscrito, de tal maneira estava enrugado e as páginas e parágrafos sublinhados. Porém, sentindo-se como um carinhoso progenitor a quem é pedido que corte as pernas do seu bebé para que ele possa caber num berço novo, Jo olhou para os trechos marcados e ficou surpreendida ao perceber que todas as reflexões morais,

que incluía com todo o cuidado como base para muito romance, tinham sido riscadas.

— Mas eu pensava que todas as histórias devem ter algum tipo de moral e tive o cuidado de fazer alguns dos meus pecadores arrependerem-se.

A gravidade editorial do Sr. Dashwood descontraiu num sorriso, pois Jo esquecera a «amiga» e falara como apenas uma autora podia falar.

— As pessoas querem ser entretidas, não que lhes preguem sermões. Hoje em dia, a moral não vende. — O que, deve dizer-se em abono da verdade, não era uma afirmação correta.

— Então, acha que resultaria com estas alterações?

— Sim. É um enredo novo e está muito bem trabalhado... linguagem boa, etc. — foi a afável resposta do Sr. Dashwood.

— Que é que... isto é, que compensação... — começou Jo, sem saber muito bem como devia expressar-se.

— Oh, sim!... Bem, nós pagamos entre vinte e cinco e trinta por coisas deste género. O pagamento é efetuado depois da publicação — respondeu o Sr. Dashwood, como se aquela parte lhe tivesse escapado. É sabido que estas insignificâncias escapam muitas vezes à mente editorial.

— Muito bem, pode ficar com ele — disse Jo, devolvendo-lhe a história com uma expressão satisfeita. Depois de trabalhar a um dólar por coluna, vinte e cinco pareciam-lhe um bom pagamento. — Posso dizer à minha amiga que fica com outro conto se ela tiver um melhor do que este? — perguntou Jo, sem perceber que se tinha descaído e encorajada pelo seu sucesso.

— Bem, podemos dar-lhe uma vista de olhos. Não vou prometer que o publico. Diga-lhe para o tornar curto e picante e para não se importar com a moral. Que nome é que a sua amiga quer que apareça? — perguntou num tom desinteressado.

— Nenhum, se não se importa. Ela não quer que o seu nome seja conhecido e não tem um *nom de plume* — disse Jo, ficando muito corada.

— Como ela preferir, é claro. A história vai ser publicada na próxima semana. Vem buscar o dinheiro ou mando entregá-lo? — perguntou o Sr. Dashwood, que sentia um desejo natural de saber quem seria esta nova colaboradora.

— Eu passo por cá. Bom dia, senhor!

Quando Jo saiu, o Sr. Dashwood pôs os pés em cima da secretária com o elegante comentário:

— Pobre e orgulhosa, como é costume, mas serve.

Seguindo as orientações do Sr. Dashwood, e fazendo da Sr.^a Northbury o seu modelo, Jo mergulhou no mar revolto da literatura sensacionalista, mas, graças à boia salva-vidas lançada por um amigo, voltou à superfície sem grandes mazelas.

Como a maioria dos jovens escritores, foi ao estrangeiro buscar os seus personagens e cenários, bem como os *banditi*, condes, ciganos, freiras e duquesas que usava no seu palco e que desempenhavam os respetivos papéis com tanta exatidão e engenho como seria de esperar. Os seus leitores não se preocupavam com minudências como gramática, pontuação e probabilidade, e o Sr. Dashwood permitia amavelmente que ela enchesse as suas colunas aos preços mais baixos, sem achar necessário dizer-lhe que a verdadeira causa daquela hospitalidade era o facto de um dos seus escritores ter recebido a oferta de um salário mais alto e o ter deixado numa situação difícil.

Jo depressa começou a interessar-se pelo trabalho, porque a sua esqualida bolsa começou a engrossar e a pequena poupança que estava a fazer para levar Beth para as montanhas no verão seguinte ia crescendo a pouco e pouco, a um ritmo constante, à medida que as semanas passavam. A única coisa que perturbava a sua satisfação era não contar nada à família. Estava convencida de que o pai e a mãe não aprovariam e preferia concretizar o seu plano primeiro e pedir-lhes perdão depois. Era fácil manter segredo porque as histórias não estavam assinadas. É evidente que o Sr. Dashwood percebera muito depressa, mas prometera não dizer nada e, surpreendentemente, cumprira a sua palavra.

Jo pensava que não lhe faria mal, pois a verdade é que não queria escrever nada de que se envergonhasse, e acalmava todos os problemas de consciência pensando no momento em que mostraria as poupanças e se ria do segredo bem guardado.

Porém, como o Sr. Dashwood rejeitava todas as histórias que não eram apaixonantes, e as emoções fortes só podem ser produzidas torturando as almas dos leitores, história e romance, terra e mar, ciência e arte, registos policiais e manicómios tinham de ser esquadrinhados para conseguir material. Jo depressa percebeu que a sua inocente experiência lhe dera apenas alguns vislumbres do trágico mundo que constitui a base da sociedade e, com a energia que a caracterizava, dedicou-se a colmatar as suas deficiências. Ansiosa para arranjar material para as suas histórias, e empenhada em tornar os enredos originais, se bem que a execução não fosse magistral, lia os jornais à procura de acidentes, incidentes e crimes; despertava as suspeitas de bibliotecários ao pedir livros sobre venenos; observava rostos na rua e personalidades boas, más e indiferentes que a rodeavam; mergulhava no pó de tempos ancestrais em busca de factos ou ficções tão antigos que eram tão bons como se fossem novos e embrenhou-se na loucura, pecado e tristeza até onde as suas limitadas oportunidades permitiam. Convenceu-se de que estava a prosperar bem, mas, sem perceber, começara a profanar alguns dos atributos femininos do carácter de uma mulher. Vivia em má companhia e, embora fosse imaginária, a sua influência afetava-a, pois nutria o coração e a imaginação com alimento perigoso e insubstancial e fazia o inocente desabrochar da sua natureza ter um contacto prematuro com o lado mais negro da vida, que todos acabamos por conhecer.

Jo começou a sentir isto, mais do que a ver, pois tantas descrições das paixões e sentimentos de outras pessoas puseram-na a estudar e a especular sobre os seus, uma mórbida diversão a que as jovens mentes saudáveis não se entregam de forma voluntária. As malfetorias trazem sempre um castigo e Jo recebeu o seu quando mais precisava dele.

Não sei se foi o estudo de Shakespeare que a ajudou a interpretar o carácter, ou se foi o instinto natural que todas as mulheres têm para distinguir o que é honesto, corajoso e forte. O problema é que enquanto dotava os seus heróis imaginários de todas as perfeições possíveis, Jo estava a descobrir um herói real que a interessava apesar das suas muitas imperfeições humanas. Numa das suas conversas, o Sr. Bhaer aconselhara-a a estudar personagens simples, verdadeiros e belos sempre que os encontrasse, pois era um bom treino para um escritor. Jo levou-o à letra e começou a estudá-lo, uma coisa que o teria surpreendido muito se tivesse percebido, pois o honrado professor considerava-se muito humilde.

A primeira coisa que intrigou Jo foi todos gostarem tanto dele. Não era rico nem famoso, não podia ser considerado fascinante, imponente ou brilhante, e, no entanto, era tão cativante como um fogo ameno e as pessoas pareciam juntar-se à sua volta com a mesma naturalidade com que rodeiam uma lareira quente. Era pobre, mas parecia estar sempre a dar alguma coisa; era estrangeiro, e, não obstante, todos eram seus amigos; já não era jovem, mas era feliz como um rapazinho; tinha uma aparência simples e um pouco estranha, mas o seu rosto era belo para muitos e as suas singularidades eram facilmente perdoadas pelo que ele era. Jo observava-o muitas vezes, a tentar descobrir o encanto, e por fim concluiu que era a benevolência que operava o milagre. Se tinha algum pesar, «guardava-o bem guardado», e só virava o seu lado feliz para o mundo. Tinha rugas na testa, mas o Tempo parecia tocar-lhe com suavidade, lembrando-se de como era bondoso com os demais. As agradáveis curvas à volta da boca eram um memorial de muitas palavras amistosas e gargalhadas alegres; os seus olhos nunca tinham uma expressão fria ou dura e a sua grande mão tinha um aperto quente e forte que era mais expressivo do que palavras.

As roupas também pareciam partilhar a natureza hospitaleira do utilizador. Era como se estivessem à vontade e gostassem de o tornar confortável. O grande sobretudo sugeria um enorme coração por baixo; o casaco cor de ferrugem tinha um ar social e os bolsos deformados eram a prova inequívoca de que pequenas mãos entravam muitas vezes vazias e saíam cheias; as próprias botas eram benevolentes e os colarinhos nunca estavam duros e ásperos como os das outras pessoas.

— É isso! — disse Jo para si mesma quando descobriu que a genuína boa vontade com os seus semelhantes podia embelezar e dignificar até um entroncado professor alemão que emborcava o jantar, cerzia as próprias meias e estava sobrecarregado com o apelido Bhaer.

Jo dava grande valor à bondade, mas também possuía um enorme respeito feminino pelo intelecto e uma pequena descoberta que fez a respeito do professor aumentou muito a estima que sentia por ele. Como ele nunca falava sobre a sua vida, ninguém sabia que na sua cidade natal tinha sido um homem muito respeitado e estimado pela erudição e integridade, até que um compatriota veio visitá-lo e divulgou este agradável facto numa conversa com a Menina Norton. Jo soube por ela e gostou ainda mais, porque o Sr. Bhaer nunca tinha dito nada. Sentiu orgulho ao saber que ele era um conceituado professor em Berlim, embora fosse apenas um pobre professor de Línguas na América, e a sua vida

simples, de trabalho árduo, foi muito embelezada pelo interesse do romance que esta descoberta lhe conferiu.

Outro dom, melhor ainda do que o intelecto, foi-lhe mostrado de uma forma muito inesperada. A Menina Norton tinha acesso ao mundo literário, e Jo nunca teria tido a oportunidade de o conhecer sem ela. A solitária mulher interessava-se pela ambiciosa rapariga e tinha a amabilidade de fazer muitos favores deste tipo a ela e ao professor. Uma noite levou-os consigo a um seletos simpósio organizado em honra de diversas celebridades.

Jo ia preparada para se curvar e adorar os poderosos que reverenciava à distância com juvenil entusiasmo. Todavia, o respeito que sentia pelo génio sofreu um forte choque nessa noite e ela levou algum tempo a recuperar da descoberta de que afinal de contas as grandiosas criaturas eram apenas homens e mulheres. Imagine-se a sua consternação ao lançar um olhar de tímida admiração ao poeta cujos versos sugeriam um ser etéreo, que se alimentava de «espírito, fogo e orvalho», e vê-lo devorar a comida com um ardor que apagava por completo a sua postura intelectual. Como se estivesse a virar as costas a um ídolo caído, fez outras descobertas que depressa dissiparam as suas ilusões românticas. O grande romancista oscilava entre duas licoreiras com a regularidade de um pêndulo; o famoso teólogo flirtava descaradamente com uma das idosas Madames de Staël, que lançava olhares fulminantes a outra Corinne que a satirizou com bonomia depois de a levar de vencida nos esforços para ocupar a atenção do profundo filósofo, que bebia chá e parecia estar a dormir, pois a loquacidade da senhora impossibilitava o discurso. Esquecidos os moluscos e Períodos Glaciários, as celebridades científicas coscuvilhavam sobre arte enquanto se atiravam às ostras e gelados com característica energia; o jovem músico, que estava a encantar a cidade como um segundo Orfeu, conversava sobre cavalos, e o espécime da nobreza britânica presente era o homem mais banal do grupo.

O serão ainda ia a meio, mas Jo estava tão completamente *désillusionnée* que se sentou num canto para se recompor. Pouco depois, o Sr. Bhaer juntou-se a ela, parecendo muito fora do seu elemento, e naquele momento vários filósofos, cada um com as suas ideias, aproximaram-se para fazer um torneio intelectual no recanto onde eles estavam. A conversa estava muito para lá da compreensão de Jo, mas ela gostou, embora Kant e Hegel fossem deuses desconhecidos, o Subjetivo e Objetivo, termos ininteligíveis, e a única coisa que «resultou do seu subconsciente» foi uma grande dor de cabeça quando tudo terminou. A pouco e pouco, foi percebendo que o mundo estava a ser desfeito em pedaços e colado com princípios novos que, segundo os participantes na conversa, eram muito melhores do que os antigos; que a religião corria sérios riscos de desaparecer e que o intelecto passaria a ser o único Deus. Jo não sabia nada sobre filosofia ou metafísica, mas um curioso entusiasmo meio agradável e meio doloroso tomou conta dela enquanto escutava com a sensação de estar a pairar no tempo e no espaço, como um balão no ar.

Olhou em volta para ver se o professor estava a gostar e viu-o a observá-la com a expressão mais sombria que já vira nele. Ele abanou a cabeça e fez-lhe sinal para se afastar, mas Jo estava fascinada com a liberdade da Filosofia Especulativa e deixou-se ficar onde estava, a tentar descobrir em que é que os sábios cavalheiros pretendiam

acreditar depois de aniquilarem todas as antigas crenças.

O Sr. Bhaer era um homem diferente e hesitava em dar as suas opiniões, não por serem pouco sólidas, mas por serem demasiado sinceras e sérias para serem apresentadas de ânimo leve. Enquanto olhava de Jo para várias outras pessoas jovens atraídas pelo brilhantismo da pirotecnia filosófica, franziu o sobrolho e apeteceu-lhe falar, temendo que alguma jovem alma inflamável fosse desencaminhada pelos foguetes para descobrir, quando acabasse a exibição, que tinha apenas uma cana vazia ou uma mão queimada.

Manteve silêncio enquanto conseguiu, mas, quando lhe pediram uma opinião, exaltou-se com honesta indignação e defendeu a religião com toda a eloquência da verdade — uma eloquência que tornou o seu pouco seguro inglês musical e embelezou o seu rosto banal. Teve uma luta difícil, pois os homens eruditos esgrimiam bem os seus argumentos, mas não se deu por vencido e defendeu as suas ideias como um homem. Estranhamente, enquanto ele falava, o mundo voltou a compor-se para Jo; as velhas crenças que tinham sobrevivido durante tanto tempo pareceram melhores do que as novas. Deus não era uma força cega e a imortalidade não era uma linda fábula, mas um facto abençoado. Sentiu que voltava a ter terreno sólido debaixo dos pés e, quando o Sr. Bhaer se calou, vencido nas palavras, mas nem um pouco convencido, apeteceu-lhe bater palmas e agradecer-lhe.

Não fez nada disso, mas lembrou-se deste episódio e sentiu um enorme respeito pelo professor, pois sabia que fora difícil para ele falar naquele momento e ali e só o fizera porque a sua consciência não lhe permitira ficar em silêncio. Começou a perceber que o carácter é mais importante do que dinheiro, posição social, intelecto ou beleza, e a sentir que, se a grandeza é o que um sábio definiu como «verdade, reverência e boa vontade», então o seu amigo Friedrich Bhaer era não apenas bom, mas grandioso.

Esta opinião era reforçada todos os dias. Jo valorizava a sua estima, ansiava pelo seu respeito, queria ser merecedora da sua amizade, e, quando o desejo foi mais sincero, esteve prestes a perder tudo isso. Tudo teve origem num chapéu bicornes, pois uma noite o professor veio dar a aula a Jo com um boné de soldado feito de papel que Tina lhe tinha posto na cabeça e ele se esquecera de tirar.

«É evidente que não se olha ao espelho antes de descer», pensou Jo com um sorriso quando ele disse «Boa noite» e se sentou com sobriedade, muito alheado do ridículo contraste entre o tema da lição e o que lhe enfeitava a cabeça, pois ia ler-lhe *A Morte de Wallenstein*.

Jo nada disse no princípio, pois gostava de ouvir a sua forte gargalhada quando acontecia alguma coisa engraçada. Decidiu deixá-lo descobrir por si mesmo e acabou por se esquecer, pois ouvir um alemão a ler Schiller é uma ocupação muito absorvente. Depois da leitura, começou a aula, que foi animada porque Jo estava muito bem-disposta naquela noite e o chapéu de papel mantinha os seus olhos brilhantes de alegria. O professor não sabia o que pensar e por fim parou para lhe perguntar, com uma irresistível expressão de leve surpresa:

— Menina Marsch, porque é que se ri na cara do seu professor? É por não ter respeito por mim que se comporta tão mal?

— Como posso respeitá-lo, senhor, quando se esquece de tirar o chapéu? — disse Jo.

O distraído professor levou a mão à cabeça, sentiu e removeu o pequeno chapéu de papel com uma expressão séria, olhou-o durante alguns instantes e depois atirou a cabeça para trás e riu-se a bom rir.

— Ah, já percebo; é aquela peste da Tina que me torna ridículo com o meu chapéu. Bem, não é nada; mas se esta lição não correr bem, é a menina que vai usá-lo.

Porém, a lição não correu durante alguns minutos porque o Sr. Bhaer avistou uma imagem no chapéu e, desdobrando-o, afirmou com uma expressão de profundo desgosto:

— Quem dera que estes jornais não entrassem cá em casa. Não são adequados para os olhos das crianças, nem devem ser lidos pelos jovens. Não é bom e não tenho paciência para as pessoas que fazem este mal.

Jo olhou para a folha e viu uma agradável ilustração com um louco, um cadáver, um vilão e uma serpente. Não gostou, mas o impulso que a fez virá-la não foi de desprazer mas de medo, porque durante alguns instantes pensou que o jornal era o *Volcano*. Todavia, não era, e o pânico desapareceu quando se lembrou que, mesmo que fosse e tivesse uma das suas histórias, não estaria assinada para revelar a sua identidade. Porém, ela própria se traiu com um olhar e um rubor, pois, embora fosse um homem distraído, o professor via muito mais do que as pessoas imaginavam. Sabia que Jo escrevia, e encontrara-a junto dos escritórios do jornal mais do que uma vez, mas ela não falava sobre o assunto e ele nunca fazia perguntas, embora desejasse muito ver o seu trabalho. Ora, ocorreu-lhe que ela estava a fazer uma coisa que a envergonhava e aquilo incomodou-o. Não pensou: «Não tenho nada com isto; não tenho o direito de dizer nada», como muitas pessoas teriam feito; só se lembrou de que ela era jovem e pobre; que era uma rapariga longe do amor da mãe e dos cuidados do pai; e o impulso de ajudá-la foi tão rápido e natural como o que o levaria a estender a mão para salvar um bebé caído num charco. Tudo isto lhe passou pela cabeça num minuto, mas o seu rosto não revelou nada; e quando o jornal foi virado e a agulha de Jo recomeçou o seu trabalho, estava pronto para dizer, com naturalidade, mas num tom muito sério:

— Sim, faz bem em afastá-lo. Não gosto de pensar que raparigas jovens e bondosas veem essas coisas. São muito agradáveis para algumas pessoas, mas eu preferia dar pólvora aos meus sobrinhos para brincarem a este lixo mau.

— Podem não ser todos maus... apenas disparatados. E se há procura, não vejo que mal há em escrevê-los. Pessoas muito respeitáveis ganham a vida honestamente com os chamados contos sensacionalistas — disse Jo, fazendo as pregas com tanta energia, que uma fila de pequenas ranhuras seguiu o alfinete.

— Há procura de uísque, mas penso que nem eu nem a menina gostaríamos de o vender. Se as pessoas respeitáveis soubessem o mal que fazem, não sentiriam que estão a ganhar a vida *honestamente*. Não têm o direito de pôr veneno nos bombons e deixar que os pequenos os comam. Não! Deviam pensar um pouco e limpar lama na rua antes de fazerem isto!

O Sr. Bhaer falou com ardor e dirigiu-se para a lareira enquanto amachucava o papel nas mãos. Jo deixou-se ficar muito quieta, como se o fogo a tivesse queimado, pois as duas faces continuavam a arder muito depois de o chapéu de papel ter virado fumo e subido inofensivamente pela chaminé.

— Gostaria muito de poder fazer o mesmo a todos os outros — murmurou o professor, voltando para junto dela com uma expressão aliviada.

Jo pensou que a pilha de jornais que tinha no quarto faria uma grande fogueira e naquele momento o dinheiro que tanto lhe custara a ganhar pesou-lhe muito na consciência. No entanto, depois consolou-se com o pensamento: «Os meus não são assim; são apenas disparatados, nunca maus, por isso não preciso de me preocupar.» Pegou no livro e disse, com uma expressão aplicada:

— Podemos continuar, professor? Agora vou comportar-me muito bem.

Ele disse apenas «Espero que sim», mas aquelas palavras significavam muito mais do que ela imaginava, e a expressão séria e bondosa com que a fitou fizeram-na sentir que tinha as palavras *Weekly Volcano* gravadas na testa em letras garrafais.

Logo que chegou ao quarto, pegou nos jornais e releu com todo o cuidado cada uma das suas histórias. Como tinha falta de vista, por vezes o Sr. Bhaer usava óculos, e Jo experimentara-os uma vez, sorrindo ao ver como ampliavam a letra pequena do seu livro; agora, parecia ter os óculos mentais ou morais do professor, porque as falhas daqueles pobres contos foram flagrantes e encheram-na de horror.

— *São* lixo e em breve serão piores do que lixo, se eu continuar, pois cada um é mais sensacionalista do que o anterior. Eu continuei cegamente, magoando-me e a outras pessoas só para ganhar dinheiro. Sei que é assim porque não consigo ler isto com seriedade sem sentir uma vergonha terrível; e *que faria* se fossem vistos em casa, ou se o senhor Bhaer tivesse acesso a eles?

Ficou corada ao pensar naquilo e enfiou o molho inteiro na lareira, quase incendiando a chaminé com o calor.

«Sim, é o melhor lugar para disparates tão inflamáveis. Acho que preferia incendiar a casa a deixar outras pessoas queimarem-se com a minha pólvora», pensou, enquanto via o «Demónio do Jura» desaparecer numa pequena cinza preta com olhos ardentes.

Quando nada restava dos seus três meses de trabalho a não ser um monte de cinzas e o dinheiro no colo, Jo deixou-se ficar sentada no chão com uma expressão muito séria, a pensar no que devia fazer com o dinheiro.

— Acho que *ainda* não fiz muito mal e posso ficar com isto para pagar o meu tempo — disse, depois de muito meditar, acrescentando com impaciência:

— Quase gostava de não ter consciência, porque é muito inconveniente. Se quisesse fazer a coisa certa e não me sentisse incomodada quando faço mal, seria magnífico. Às vezes não consigo deixar de desejar que o pai e a mãe não tivessem sido tão exigentes em relação a essas coisas.

Ah, Jo, em vez de desejares isso, ainda bem que «o pai e a mãe *foram* exigentes» e tem

pena daqueles que não tiveram guardiões como eles para os formarem com princípios que podem parecer muros de uma prisão para os jovens impacientes, mas que com o tempo serão bases sólidas para a formação do carácter de mulher.

Jo não escreveu mais histórias sensacionalistas, decidindo que o dinheiro não pagava o seu papel na sensação. Porém, indo de um extremo ao outro, como acontecia com pessoas da sua ténpera, imitou a Sr.^a Sherwood, a Menina Edgeworth e Hannah More⁵ e produziu uma história que podia ser considerada um ensaio ou um sermão, tamanha era a sua moral. Teve dúvidas sobre ela desde o primeiro momento, pois a sua vívida imaginação e o gosto juvenil pelo romance sentiam-se tão pouco à vontade com o novo estilo como se sentiria se se tivesse mascarado com o rígido e pesado traje do século passado. Enviou esta didáctica pérola para vários mercados, mas não arranjou comprador e sentiu-se inclinada a concordar com o Sr. Dashwood que a moral não vendia.

Em seguida aventurou-se com uma história infantil, que poderia ter vendido sem dificuldade se não tivesse sido mercenária ao ponto de exigir um preço exorbitante. A única pessoa que lhe ofereceu o suficiente para valer a pena tentar a literatura juvenil foi um simpático cavalheiro que considerava que era sua missão converter o mundo inteiro à sua crença particular. Porém, por muito que gostasse de escrever para crianças, Jo não podia condenar todos os seus rapazes malvados a serem comidos por ursos ou atacados por touros enraivecidos por não irem à catequese, nem todas as crianças boas que cumpriam as suas obrigações a serem recompensadas com todos os tipos de alegria, desde bolos de gengibre dourados até escoltas de anjos quando partiam desta vida, com salmos ou sermões nas suas línguas ceceosas. Assim, nada resultou destas experiências e Jo fechou o tinteiro e disse, num muito salutar ataque de humildade:

— Não sei nada. Esperarei até aprender antes de voltar a tentar e, entretanto, vou «limpar lama na estrada», se não puder fazer melhor... afinal de contas, é um trabalho honesto. — Esta decisão provou que o segundo tombo lhe tinha feito algum bem.

Enquanto decorriam estas revoluções interiores, a sua vida exterior era tão atarefada e rotineira como sempre; e se por vezes parecia séria, ou um pouco triste, ninguém notava a não ser o professor Bhaer. Ele fazia-o com tanta discrição, que Jo nunca percebeu que a observava para ver se aceitava e lucrava com a sua reprimenda; ela passou no teste e ele ficou satisfeito, pois, embora não tivessem sido trocadas palavras, sabia que ela parara de escrever. Adivinhou não apenas porque Jo já não vinha para a aula com o dedo indicador da mão direita manchado de tinta, mas porque agora passava os serões lá em baixo, nunca mais a encontrara perto dos escritórios do jornal e ela estudava com uma paciência tenaz que lhe garantiu que estava determinada a ocupar a mente com uma coisa útil, ainda que não agradável.

Ajudou-a de muitas maneiras, revelando-se um verdadeiro amigo, e Jo estava feliz, pois embora o aparo se encontrasse parado, ela estava a aprender outras lições além de alemão e a cimentar as bases para a história sensacional da sua vida.

O inverno foi agradável e longo, pois ela só deixou a Sr.^a Kirke em junho. Todos pareceram ficar tristes quando chegou o momento da partida; as crianças ficaram inconsoláveis e o cabelo do Sr. Bhaer estava muito despenteado, como acontecia sempre

que se sentia perturbado.

— Vai para casa! Ah, está feliz por ter uma casa para onde ir! — disse ele, quando Jo lhe contou, e sentou-se em silêncio a cofiar a barba num canto durante uma pequena festa na véspera da partida.

Ela saía cedo, por isso despediu-se de todos na noite anterior e, quando chegou a vez dele, disse calorosamente:

— Bem, senhor professor, não deixe de nos visitar se alguma vez for viajar para aquelas paragens. Nunca lhe perdoarei se não for, porque quero que todos conheçam o meu amigo.

— Deveras? Posso ir? — perguntou ele, olhando-a com uma expressão ansiosa que Jo não percebeu.

— Sim, venha no próximo mês. O Laurie vai acabar o curso e gostará de assistir à licenciatura.

— É o seu melhor amigo, de quem fala? — perguntou o professor num tom alterado.

— Sim, é o Teddy, o meu rapaz. Estou muito orgulhosa dele e gostava que o conhecesse.

Nesse momento, Jo olhou para cima, muito inconsciente de tudo a não ser do prazer que sentia por poder apresentá-los um ao outro. De repente, alguma coisa no rosto do Sr. Bhaer fê-la perceber que talvez considerasse Laurie mais do que um melhor amigo e, precisamente porque queria manter-se descontraída, começou a corar de forma involuntária; e quanto mais tentava não corar, mais vermelha ficava. Se não tivesse Tina no colo, não sabia o que teria feito. Felizmente, a criança abraçou-a e Jo conseguiu esconder o rosto durante alguns instantes, esperando que o professor não reparasse. Mas ele viu e o seu rosto passou daquela ansiedade momentânea para a expressão habitual, quando lhe disse com grande cordialidade:

— Creio que não vou conseguir arranjar tempo para isso, mas desejo grandes sucessos ao seu amigo e a maior felicidade para si. Que Deus a abençoe! — Apertou-lhe calorosamente as mãos, pegou em Tina ao colo e foi-se embora.

Porém, depois de deitar os sobrinhos, sentou-se durante muito tempo à lareira com uma expressão cansada e *«heimweh»*, ou saudades de casa a pesarem-lhe no coração. Uma vez, quando se lembrou de Jo sentada com a criança no colo e aquela nova doçura no rosto, pousou a cabeça nas mãos durante alguns instantes e depois andou de um lado para o outro no quarto, como se procurasse alguma coisa que não conseguia encontrar.

— Não é para mim, não devo esperar agora — disse para si mesmo com um suspiro que foi quase um resmungo. Em seguida, como se estivesse a censurar-se pela saudade que não conseguia reprimir, beijou as duas cabeças desgrenhadas na almofada, pegou no raramente usado cachimbo com boquilha de sepiolite e abriu o seu Platão.

Fez o seu melhor, e de forma corajosa, mas não me parece que um par de rapazes irrequietos, um cachimbo ou até o divino Platão fossem substitutos muito satisfatórios

para uma esposa, um filho e um lar.

Apesar de ser muito cedo, na manhã seguinte foi à estação para se despedir de Jo e, graças ao professor, ela começou a sua solitária viagem com a agradável recordação de um rosto conhecido a sorrir enquanto lhe dizia adeus, um ramo de violetas para lhe fazer companhia e, o melhor de tudo, o feliz pensamento:

«Bem, o inverno já passou e não escrevi nenhum livro nem ganhei uma fortuna, mas fiz um amigo digno de ter e tentarei mantê-lo durante toda a vida!

5 Escritoras norte-americanas extremamente moralistas. (*N. da T.*)

CAPÍTULO DOZE

MÁGOA

Fosse qual fosse o motivo, o certo é que Laurie se dedicou aos estudos naquele ano, licenciando-se com louvor, e os amigos contaram que fez o discurso final com a graça de um Phillips e a eloquência de um Demóstenes. Estiveram todos presentes. O avô, extremamente orgulhoso! O Sr. e a Sr.^a March, John e Meg, Jo e Beth, e todos exultaram com a admiração sincera que os rapazes menosprezam na altura mas não recebem do mundo em todos os triunfos posteriores.

— Tenho de ficar para este maldito jantar, mas amanhã vou cedo para casa. Vêm esperar-me como é costume, meninas? — perguntou-lhes Laurie enquanto instalava as irmãs na carruagem quando terminaram os festejos do dia. Disse «meninas» mas referia-se a Jo, pois era a única que mantinha o velho hábito. Ela não tinha coragem de recusar nada ao seu esplêndido e bem-sucedido amigo, e respondeu com carinho:

— Eu vou, Teddy, faça chuva ou faça sol, e marcharei à tua frente a cantar «*Hail the conquering hero comes*» e a tocar berimbau.

Laurie agradeceu-lhe com uma expressão que a fez pensar, com um súbito ataque de pânico, «Oh, valha-me Deus! Sei que ele vai dizer alguma coisa... e depois, o que é que farei?»

Meditação noturna e as tarefas matinais acalmaram um pouco os seus temores e, decidindo que não seria vaidosa ao ponto de pensar que ele a iria pedir em casamento quando lhe dera todas as razões para saber qual seria a sua resposta, saiu à hora combinada esperando que Teddy não a obrigasse a ferir os seus pobres sentimentos. Uma visita à casa de Meg e o refrescante cheiro e toque de Daisy e Demijohn fortificaram-na mais ainda para o *tête-à-tête*, mas, ao ver a figura alta surgir ao longe, sentiu uma enorme vontade de virar as costas e fugir.

— Onde está o berimbau, Jo? — gritou Laurie, quando chegou a uma distância em que podia ser ouvido.

— Esqueci-me dele — disse Jo, animando-se desde logo porque aquela saudação não podia ser considerada amorosa.

Jo dava-lhe sempre o braço nestas ocasiões, mas desta vez não deu e ele não se queixou, o que era mau sinal, falando sem parar sobre todos os tipos de trivialidades até saírem da estrada e entrarem no pequeno carreiro que atravessava o arvoredo até às casas. Naquele momento, começou a andar mais devagar, perdendo de repente a fluidez do discurso, e de vez em quando ocorria uma terrível pausa. Para salvar a conversa de um dos poços de

silêncio em que ela estava sempre a cair, Jo disse, num tom apressado:

— Agora tens de ter uma boas e longas férias!

— É o que pretendo fazer.

Alguma coisa no seu tom decidido fez com que Jo levantasse a cabeça e, ao ver que ele a fitava com uma expressão que lhe garantiu que chegara o temido momento, levantou a mão e implorou:

— Não, Teddy... por favor, não!

— Vou falar e *tens* de me ouvir. Não adianta, Jo, temos de falar sobre o assunto, e quanto mais depressa melhor para ambos — replicou ele, ficando corado e agitado.

— Então, diz o que queres dizer, que eu escuto — declarou Jo, com uma paciência desesperada.

Laurie era um jovem apaixonado, deveras apaixonado, e queria «declarar» o seu sentimento, ainda que corresse mal, por isso mergulhou no assunto com característica impetuosidade, dizendo, numa voz que se *embargava* de vez em quando, apesar dos corajosos esforços para mantê-la firme:

— Amo-te desde que te conheço, Jo, não consegui evitar porque és tão boa para mim. Tentei dizer-te, mas não me deixaste. Agora vais ter de me ouvir e dar-me uma resposta, pois *não* consigo continuar assim.

— Queria poupar-te a isto. Pensei que compreenderias... — começou Jo, percebendo que era muito mais difícil do que imaginara.

— Eu sei que sim, mas as raparigas são tão esquisitas, que nunca se sabe o que querem dizer. Muitas dizem sim quando querem dizer não e fazem um homem perder a cabeça só para se divertirem — replicou Laurie, entrincheirando-se atrás de um facto inegável.

— *Eu*, não. Nunca quis que gostasses de mim dessa forma e fui-me embora para Nova Iorque para evitar que isto acontecesse.

— Bem me pareceu. Este modo de proceder é típico em ti, mas não adiantou. Só me fez amar-te ainda mais. Trabalhei muito para te agradar, desisti do bilhar e de tudo o que não gostas, esperei e nunca me queixei, pois esperava que me amasses, embora saiba que não te mereço... — A sua voz embargou-se sem que pudesse evitá-lo, por isso decapitou ranúnculos amarelos enquanto pigarreava para limpar a «maldita garganta».

— Claro que mereces; és bom demais para mim e estou-te muito agradecida, muito orgulhosa e gosto muito de ti. Não sei porque é que não consigo amar-te como queres. Tentei, mas sou incapaz de mudar o sentimento e estaria a mentir-te se dissesse que sim quando não é verdade.

— É mesmo verdade, Jo?

Laurie parou e prendeu-lhe as duas mãos enquanto fazia a pergunta, com uma expressão que ela não esqueceria com facilidade.

— É mesmo verdade, meu querido!

Estavam no pequeno bosque, perto da couceira, e quando Jo disse aquelas palavras com relutância, Laurie soltou-lhe as mãos e virou-se como se fosse começar a andar, mas daquela vez a vedação foi demais para ele e encostou a cabeça no poste coberto de musgo, ficando tão imóvel que Jo até se assustou.

— Oh, Teddy, tenho tanta pena, que me mataria se isso adiantasse alguma coisa! Queria muito que não ficasses assim, mas não consigo evitar; sabes que é impossível as pessoas obrigarem-se a amar outras pessoas — exclamou Jo, sem elegância, mas cheia de remorsos, enquanto lhe tocava suavemente no ombro, lembrando-se de quando ele a consolara há tanto tempo.

— Às vezes conseguem — disse uma voz abafada pelo poste.

— Não acredito que seja o tipo certo de amor e preferia não experimentar — foi a resposta determinada.

Seguiu-se uma longa pausa, enquanto um melro cantava alegremente no salgueiro da margem do rio e a erva alta abanava ao sabor do vento. Depois, Jo disse, num tom muito sério, sentando-se no degrau da couceira:

— Quero contar-te uma coisa, Laurie.

Ele sobressaltou-se como se tivesse levado um tiro, levantou a cabeça e exclamou, num tom agressivo:

— *Não* me digas isso agora, Jo, porque não conseguiria suportar!

— Dizer o quê? — perguntou ela, admirada com aquela violência.

— Que amas aquele velho.

— Que velho? — perguntou Jo, convencida de que ele estava a falar do avô.

— Aquele maldito professor sobre quem estavas sempre a escrever. Se disseses que o amas, sei que farei alguma coisa desesperada — e parecia decidido a cumprir a sua palavra quando apertou as mãos uma na outra com um brilho de ódio nos olhos.

Jo sentiu vontade de rir, mas conteve-se e disse com carinho, porque também ela estava a ficar incomodada com tudo aquilo:

— Não jures, Teddy! Ele não é velho, nem é mau, mas bom e altruísta, e o melhor amigo que tenho... a seguir a ti. Peço-te que não tenhas um ataque de raiva; quero ser simpática, mas sei que me vou zangar se disseses mal do meu professor. Não tenho qualquer intenção de amá-lo, nem a outro homem.

— Mas daqui a algum tempo é o que vai acontecer, e que será de mim?

— Tu vais amar outra pessoa, como um rapaz sensato que és, e esquecer tudo isto.

— *Não consigo* amar mais ninguém e nunca te esquecerei, Jo, nunca! Nunca! — E bateu com o pé no chão para reforçar as palavras ardentes.

«O que *farei* com ele?!», suspirou Jo, percebendo que as emoções eram mais intratáveis

do que esperava.

— Não ouviste o que queria dizer-te. Senta-te e escuta, porque quero fazer tudo bem e deixar-te feliz — disse, esperando acalmá-lo com um pouco de razão... o que demonstrava que nada sabia sobre o amor.

Vendo um raio de esperança na última frase de Jo, Laurie atirou-se aos seus pés na erva, pousou o braço no primeiro degrau da couceira e olhou-a com uma expressão expectante. Semelhante atitude não era favorável a uma conversa serena ou a um pensamento claro, pois como *poderia* dizer coisas duras ao seu rapaz enquanto ele a fitava com olhos cheios de amor e tristeza, e as pestanas ainda húmidas com uma ou duas lágrimas amargas que a dureza do seu coração lhe tinha arrancado? Virou-lhe a cabeça com suavidade e disse, enquanto lhe acariciava os cabelos encaracolados que ele deixara crescer por sua causa num gesto muito comovente.

— Concordo com a mãe quando ela diz que tu e eu não fomos feitos um para o outro porque os nossos temperamentos vivos e fortes vontades iriam tornar-nos muito infelizes se cometêssemos a loucura de... — Jo fez uma pequena pausa depois da última palavra, mas Laurie acabou a frase com uma expressão arrebatada:

— Nos casarmos... não seria loucura nenhuma! Se me amasses, Jo, eu seria um perfeito santo... porque tu fazes o que queres de mim!

— Não é verdade. Tentei e falhei, e não vou arriscar a nossa felicidade com uma experiência tão séria. Não concordamos, e nunca concordaremos, por isso seremos bons amigos a vida inteira, mas não faremos nada precipitado.

— Claro que faremos, se a oportunidade surgir — balbuciou Laurie com rebeldia.

— Tens de ser razoável e ver a coisa de um ponto de vista sensato — implorou Jo, quase sem argumentos.

— Não serei razoável e não quero ter o que chamas de «um ponto de vista sensato». Não me vai ajudar e só te torna mais dura. Acho que não tens coração.

— Quem me dera não ter!

A voz de Jo tremeu um pouco e, pensando que era um bom augúrio, Laurie virou-se e recorreu a todos os seus poderes de persuasão ao dizer, no tom sedutor que nunca antes fora tão perigosamente sedutor:

— Não nos desapontes, querida. Estão todos à espera. O avô está convencido de que vai acontecer, a tua família gosta da ideia e eu não posso viver sem ti. Diz que sim e vamos ser felizes. Diz, diz!

Só meses depois é que Jo compreendeu como tivera força de vontade para manter a resolução que tomara quando decidira que não amava o seu rapaz, e nunca poderia amá-lo. Foi muito difícil, mas conseguiu, sabendo que adiar seria inútil e cruel.

— Não posso dizer «sim» com sinceridade, por isso não direi. Mais adiante perceberás que tenho razão e vais agradecer-me por isso — começou ela num tom solene.

— Que me enforcem, se o fizer! — exclamou Laurie, levantando-se de um salto, profundamente indignado com aquela ideia.

— Claro que vais! — insistiu Jo. — Esquecerás isto daqui a algum tempo e encontrarás uma rapariga encantadora e muito prendada que te adorará e será uma digna dona da tua linda casa. Eu nunca seria. Sou caseira, desajeitada, estranha e velha, sentirias vergonha de mim e discutiríamos... como vês, nem agora conseguimos evitar... eu não gostaria da sociedade elegante e tu gostarias, detestarias que escrevesse e eu não poderia deixar de o fazer, seríamos infelizes, desejando não ter casado, e tudo seria horrível!

— Mais alguma coisa? — perguntou Laurie, com dificuldade para escutar com paciência aquela tirada profética.

— Mais nada... a não ser que acho que nunca me vou casar. Sou feliz como estou e prezo demais a minha liberdade para querer abdicar dela por um homem mortal.

— Eu sei que não é verdade! — interrompeu-a Laurie. — Pensas isso agora, mas chegará um momento em que irás *gostar* de alguém, e vais amá-lo com intensidade e viver e morrer por ele. Sei que vai acontecer porque te conheço e terei de ficar a ver. — O desesperado apaixonado atirou o chapéu ao chão com um gesto que teria parecido cómico se o seu rosto não estivesse tão trágico.

— Sim, *vou* viver e morrer por ele, se alguma vez aparecer e me fizer amá-lo, contra a minha vontade, e terás de aguentar o melhor que puderes — exclamou Jo, perdendo a paciência com o pobre Teddy. — Fiz tudo o que podia, mas tu *não* queres ser razoável, e é egoísta da tua parte atormentares-me pelo que não posso dar. Gostarei sempre de ti, muito até, como amigo, mas nunca me casarei contigo, e quanto mais depressa acreditares, melhor será para os dois, por isso acredita agora.

Aquele discurso foi como incendiar pólvora. Laurie olhou-a durante alguns instantes, como se não soubesse muito bem o que fazer, e em seguida virou-se com brusquidão e disse, num tom desesperado:

— Um dia vais arrepender-te, Jo.

— Oh! Onde é que vais? — exclamou ela, pois o rosto de Laurie assustou-a.

— Para o diabo! — foi a resposta consoladora.

Por instantes, o coração de Jo parou ao ver que ele se dirigia para a margem do rio. Porém, é preciso muita loucura, pecado ou tristeza para mandar um jovem para uma morte violenta, e Laurie não era do tipo fraco que se deixa derrotar por um único fracasso. Não estava nos seus planos um mergulho melodramático, mas um instinto cego levou-o a atirar o chapéu e o casaco para o barco e remar como um louco, fazendo melhor tempo a subir o rio do que fizera em muitas corridas. Jo inspirou fundo e soltou as mãos enquanto via o pobre rapaz tentar ultrapassar a dor que tinha no coração.

— Vai fazer-lhe bem e voltará para casa num estado tão terno e penitente, que não me atreverei a vê-lo — disse, acrescentando enquanto voltava para casa em passos lentos, sentindo-se como se tivesse assassinado uma coisa inocente e a tivesse enterrado por baixo das folhas: — Agora tenho de ir preparar o senhor Laurence para ser muito simpático com

o meu pobre rapaz. Quem dera que ele amasse a Beth. Talvez venha a amar com o tempo, mas começo a pensar que me enganei em relação a ela. Valha-me Deus! Como é que as raparigas podem ter apaixonados e recusá-los? Acho que é horrível.

Certa de que ninguém faria melhor do que ela, foi falar com o Sr. Laurence, contou-lhe a história com muita coragem e depois perdeu a presença de espírito e chorou com tanta tristeza ao pensar na sua insensibilidade, que o bondoso velhote, embora estivesse muito desapontado com a notícia, não a censurou. Tinha dificuldade em perceber como é que uma rapariga podia não amar Laurie e esperou que mudasse de ideias, mas sabia ainda melhor do que Jo que o amor não podia ser forçado, por isso abanou a cabeça com tristeza e decidiu afastar o seu agressivo neto do perigo, pois as palavras do impetuoso rapaz ao afastar-se de Jo perturbaram-no mais do que admitiria.

Quando Laurie chegou a casa exausto, mas bastante controlado, o avô recebeu-o como se não soubesse de nada e manteve o engano com muito sucesso durante uma ou duas horas. Porém, quando se sentaram juntos ao anoitecer, o momento do dia de que tanto gostavam, foi difícil para o ancião falar como de costume, e mais difícil ainda para o jovem ouvir os louvores dos sucessos do último ano, que agora lhe pareciam um trabalho de amor perdido⁶. Aguentou enquanto pôde, e depois foi para o piano e começou a tocar. As janelas estavam abertas, e Jo, que passeava no jardim com Beth, para variar compreendeu a música melhor do que a irmã, pois ele tocava a Sonata Patética de Beethoven com uma intensidade que nunca lhe ouvira antes.

— Devo dizer que está muito bem, mas é tão triste que dá vontade de chorar. Toca-nos alguma coisa mais alegre, rapaz — disse o Sr. Laurence, cujo velho coração bondoso estava cheio de compreensão, que queria demonstrar mas não sabia como.

Laurie atirou-se a uma música mais animada, tocando com violência durante vários minutos, e teria conseguido chegar ao fim se, numa pausa momentânea, não tivesse ouvido a voz da Sr.^a March dizer:

— Jo, querida, vem para dentro. Preciso de ti.

Precisamente o que Laurie queria dizer, com um significado diferente. Quando a ouviu, perdeu-se; a música terminou de forma abrupta e o músico ficou sentado às escuras na escuridão.

— Não suporto isto — murmurou o velho senhor e, levantando-se, dirigiu-se com dificuldade para o piano, pousou uma mão em cada um dos ombros largos e disse, com tanta suavidade como uma mulher:

— Eu sei, meu rapaz, eu sei.

Durante alguns instantes não obteve resposta, e depois Laurie perguntou com brusquidão:

— Quem é que lhe contou?

— A própria Jo.

— Então, não há mais nada para dizer! — E afastou as mãos do avô com um gesto

impaciente, pois, embora estivesse agradecido pela solidariedade, o seu orgulho masculino não suportava a piedade de um homem.

— Não é bem assim. Quero dizer uma coisa e depois encerramos este assunto — replicou o Sr. Laurence com invulgar brandura. — Talvez não queiras ficar em casa nesta altura?

— Não pretendo fugir de uma rapariga. A Jo não pode impedir que a veja, e ficarei enquanto me apetecer — interrompeu Laurie num tom desafiador.

— Não, se és o cavalheiro que penso que és. Estou desapontado, mas a rapariga não pode obrigar-se a gostar de ti e a única coisa que deves fazer é afastar-te durante algum tempo. Para onde irás?

— Não importa. Não me interessa o que vai acontecer-me. — E Laurie levantou-se com uma gargalhada indiferente que feriu os ouvidos do avô.

— Por amor de Deus, encara isto como um homem e não faças nenhum disparate! Porque não ir para o estrangeiro, como tinhas pensado, e esquecer?

— Não posso.

— Mas estavas doido para ir, e eu prometi-te uma viagem quando terminasses a universidade.

— Ah, mas eu não queria ir sozinho! — E Laurie pôs-se a andar pela sala com uma expressão que o avô não viu, e ainda bem.

— Não te peço que vás sozinho. Há uma pessoa que está pronta para te acompanhar para qualquer parte do mundo.

— Quem, avô? — perguntou Laurie, parando para ouvir.

— Eu.

Laurie aproximou-se sem demora e estendeu a mão, dizendo com voz rouca:

— Eu sou um bruto egoísta, mas, sabe, avô...

— Deus sabe que sei, pois passei pelo mesmo uma vez quando era jovem, e mais tarde com o teu pai. Agora, meu querido rapaz, senta-te sossegado e escuta o meu plano. Está tudo decidido e pode ser feito já — disse o Sr. Laurence, segurando o jovem como se tivesse medo de que ele caísse, como o pai fizera antes dele.

— Diga-me, avô. — E Laurie sentou-se sem uma ponta de interesse no rosto ou na voz.

— Há um negócio em Londres que precisa de ser resolvido. Eu pretendia que fosses tratar do assunto, mas posso fazê-lo melhor, e as coisas por aqui vão ficar muito bem nas mãos do Brooke. Os meus sócios fazem quase tudo e eu só me mantenho no cargo até tu ocupares o meu lugar, por isso posso sair quando quiser.

— Mas o avô detesta viajar. Não posso pedir-lhe uma coisa dessas na sua idade — começou Laurie, que estava grato pelo sacrifício mas preferia ir sozinho, se fosse.

O velho senhor sabia aquilo muito bem e desejava impedir que acontecesse, porque a

disposição do neto garantia-lhe que não seria sensato deixá-lo por sua conta. Assim, reprimindo uma tristeza natural ao pensar nos confortos caseiros que teria de deixar, declarou com veemência:

— Santo Deus, ainda não sou um inválido e a ideia de viajar agrada-me muito. Vai fazer-me bem e os meus velhos ossos não sofrerão, porque hoje em dia viajar é quase tão cómodo como estar sentado numa poltrona.

Um movimento inquieto de Laurie sugeriu que *a sua* poltrona não era cómoda, ou ele não gostava do plano, o que fez o velho senhor dizer:

— Não penses que serei um desmancha-prazeres ou um fardo. Vou porque penso que te sentirás mais feliz do que se ficasse cá. Não pretendo andar na gandaia contigo, mas deixar-te livre para ires aonde quiseses enquanto eu me divirto à minha maneira. Tenho amigos em Londres e em Paris e gostaria de os visitar. Entretanto, podes ir a Itália, à Alemanha, à Suíça, ou onde te apetecer, e desfrutar das pinturas, música, paisagens e aventuras que quiseses.

Naquele momento, Laurie sentiu que o seu coração estava completamente partido e que o mundo era um enorme deserto. Porém, ao ouvir certas palavras que o velho senhor introduziu com habilidade na última frase, o coração partido deu um salto inesperado e um ou dois oásis verdes surgiram de repente no meio do grande deserto. Com um suspiro, disse num tom apático:

— Como quiser, avô. Não me importa onde vou nem o que faço.

— Importa-me a mim... lembra-te disso, meu rapaz. Dou-te liberdade total, mas confio que farás bom uso dela. Promete-me isso, Laurie.

— O que quiser, avô.

«Muito bem», pensou o velho senhor, «não te importas agora, mas, ou estou muito enganado, ou chegará um momento em que a promessa te afastará de problemas.»

Como era um indivíduo enérgico, o Sr. Laurence malhou enquanto o ferro estava quente e partiram antes que o arrasado ser recuperasse o suficiente para se revoltar. Durante o tempo necessário para os preparativos, Laurie comportou-se como é habitual nos jovens que sofrem um desgosto amoroso. Andava taciturno, irritável e pensativo; perdeu o apetite, negligenciou o vestuário e dedicava muito tempo a tocar piano de uma forma impetuosa. Evitava Jo, mas consolava-se a observá-la pela janela com uma expressão trágica que atormentava os sonhos da jovem à noite e a oprimia com um forte sentimento de culpa durante o dia. Ao contrário de alguns sofrendores, nunca falava sobre a sua paixão não correspondida e não deixava que ninguém, nem sequer a Sr.^a March, tentasse consolá-lo ou oferecer-lhe compaixão. Até certo ponto, isto foi um alívio para os amigos, mas as semanas que antecederam a partida foram muito desconfortáveis e todos se regozijaram porque «o pobre e querido rapaz ia viajar para esquecer o seu problema e voltaria para casa feliz». Claro que ele sorriu sombriamente com a ilusão deles, mas ignorou-a com a triste superioridade de quem sabia que a sua fidelidade, como o seu amor, era imutável.

No momento da partida, fingiu grande animação, para esconder certas emoções

inconvenientes que pareciam querer impor-se. Esta alegria não convenceu ninguém, mas todos tentaram fingir que sim, para o bem dele, e Laurie aguentou-se muito bem até a Sr.^a March o beijar, com um sussurro cheio de preocupação materna. Depois, sentindo que estava a descontrolar-se muito rapidamente, abraçou todos à pressa, sem esquecer a aflita Hannah, e correu para o andar de baixo como se a sua vida dependesse disso. Jo seguiu-o passados alguns instantes, para lhe acenar se ele olhasse para trás. Ele olhou para trás, aproximou-se, abraçou-a, no degrau acima dele, e levantou os olhos para ela com uma expressão que tornou o seu breve apelo eloquente e patético.

— Oh, Jo, não podes?

— Meu querido Teddy, quem me dera poder!

Não foram trocadas mais palavras, apenas uma pequena pausa. Em seguida, Laurie endireitou-se e disse:

— Muito bem, está tudo bem. — E afastou-se sem dizer mais nada. Ah! Mas nada estava bem, e Jo preocupava-se mesmo, pois durante os poucos instantes que a cabeça com caracóis esteve pousada no seu braço depois da dura resposta, sentiu que tinha apunhalado o melhor amigo e, quando ele a deixou sem olhar para trás, percebeu que o rapaz que Laurie tinha sido nunca mais voltaria.

[6](#) *Love Labour's Lost*, o título da primeira comédia de Shakespeare. (N. da T.)

CAPÍTULO TREZE

O SEGREDO DE BETH

Ao regressar a casa naquela primavera, Jo ficou chocada com a mudança que se operara em Beth. Ninguém falou sobre o assunto, nem parecia ter notado, pois fora demasiado gradual para surpreender os que a viam todos os dias. Todavia, para olhos estimulados pela ausência, foi muito claro, e Jo sentiu um grande peso no coração quando viu o rosto da irmã. Não estava mais pálido, mas um pouco mais magro do que no outono; porém, tinha uma estranha aparência transparente, como se a parte mortal estivesse a desaparecer a pouco e pouco e a parte imortal começasse a brilhar através da frágil carne com uma beleza indescritivelmente patética. Jo viu e sentiu, mas na altura não disse nada e pouco depois a primeira impressão perdeu uma grande parte da força, pois Beth parecia feliz, ninguém dava sinais de duvidar que ela estava melhor, e, como tinha outras preocupações, os seus receios foram esquecidos durante algum tempo.

Porém, quando Laurie se foi embora e a paz voltou a imperar, a vaga ansiedade regressou para atormentá-la. Confessou os seus pecados e foi perdoada, mas quando mostrou as poupanças e propôs uma viagem às montanhas, Beth agradeceu-lhe do fundo do coração mas implorou que não fosse para tão longe de casa. Outra pequena estada na praia seria melhor e, como a avó não foi persuadida a deixar os bebés, Jo levou-a para o tranquilo lugar onde ela podia passar muito tempo ao ar livre e deixar que as frescas brisas marítimas dessem um pouco de cor às suas faces pálidas.

Não era um lugar da moda, mas, embora houvesse pessoas agradáveis, as raparigas fizeram poucos amigos, preferindo viver uma para a outra. Beth era tímida demais para falar com outras pessoas e Jo estava demasiado embrenhada na preocupação com a irmã para se importar com os outros. Estavam muito concentradas uma na outra e iam e vinham sem se aperceberem do interesse que despertavam nas pessoas que as rodeavam e que observavam com olhos compassivos a irmã forte e a fraca, sempre juntas, como se sentissem por instinto que uma longa separação não estava muito longe.

Elas sentiam o mesmo, mas nenhuma falava, pois muitas vezes entre nós e as pessoas que nos estão mais próximas e nos são mais queridas existe uma reserva que é muito difícil de ultrapassar. Jo tinha a impressão de que tinha caído um véu entre o seu coração e o de Beth, mas, quando estendeu a mão para o levantar, pareceu que havia algo sagrado no silêncio e esperou que a irmã tomasse a iniciativa de falar. Estranhou, mas ficou grata, por os pais não verem o que ela via e, durante as tranquilas semanas, quando a sombra se tornou muito óbvia, não disse nada à família, pensando que seria notório quando Beth não voltasse melhor. Perguntou a si mesma se a irmã perceberia a dura verdade e que pensamentos lhe passariam pela cabeça durante as longas horas em que se deitava nas

rochas quentes com a cabeça no seu colo enquanto o vento salutar soprava sobre ela e o mar fazia música aos seus pés.

Um dia, Beth contou-lhe. Estava tão imóvel, que Jo pensou que dormia e, pousando o livro, sentou-se a olhar para ela com olhos tristes, tentando descortinar sinais de esperança na leve cor das faces da irmã. Porém, não encontrou o suficiente para ficar satisfeita, pois as faces estavam muito magras e as mãos pareciam demasiado débeis para segurar as conchinhas rosadas que tinham andado a apanhar. Com maior amargura do que nunca, percebeu que Beth estava a afastar-se dela a pouco e pouco e os seus braços apertaram instintivamente com mais força o maior tesouro que possuía. Durante um minuto, os seus olhos estiveram demasiado velados para ver, mas, quando desanuviaram, Beth olhava-a com tanta ternura, que quase não foi preciso dizer:

— Querida Jo, ainda bem que sabes. Tentei contar-te, mas não consegui.

A única resposta foi a face da irmã encostada à sua — nem sequer lágrimas, pois, quando estava profundamente comovida, Jo não chorava. Naquele momento era a mais fraca e Beth tentou consolá-la e apoiá-la com um abraço e as palavras tranquilizadoras que lhe sussurrou no ouvido:

— Já sei há bastante tempo, querida, e agora que estou acostumada, não é difícil pensar nem suportar. Tenta ver a situação como eu e não te preocupes comigo, porque é o melhor, acredita que sim.

— Foi isso que te deixou tão infeliz no outono, Beth? Já sentias naquela altura e não me contaste nada? — perguntou Jo, recusando-se a ver ou dizer que *era* melhor, mas contente por saber que Laurie não era culpado dos problemas de Beth.

— Sim. Na altura deixei de ter esperança, mas não queria admitir. Tentei pensar que era uma fantasia de doente e não quis afligir ninguém. No entanto, quando vos via a todos tão bem e fortes, e cheios de planos felizes, foi difícil perceber que nunca poderia ser como vocês... e fiquei muito infeliz, Jo.

— Oh, Beth, e não me disseste... não me deixaste consolar-te e ajudar-te! Como é que conseguiste afastar-me e suportar tudo sozinha?

A voz de Jo estava cheia de terna censura e sentiu uma grande dor no coração ao pensar na solitária luta que ela devia ter travado enquanto aprendia a dizer adeus à saúde, ao amor e à vida e aceitava a sua cruz com tanta alegria.

— Talvez estivesse errada, mas tentei fazer a coisa certa; não tinha a certeza, e, como ninguém disse nada, esperei estar equivocada. Teria sido egoísta da minha parte assustar-vos a todos, quando a mãe estava tão ansiosa com a Meg, a Amy estava fora e tu estavas tão feliz com o Laurie... pelo menos era o que eu pensava na altura.

— E eu estava convencida de que tu o amavas, Beth, e fui-me embora porque não podia apaixonar-me por ele — exclamou Jo, contente por lhe contar toda a verdade.

Beth pareceu tão espantada com a ideia, que Jo sorriu e acrescentou, com muita suavidade:

— Então não o amavas? Eu tive receio que sim e imaginei o teu pobre coraçãozinho a sofrer de paixão.

— Ora, Jo, como poderia amá-lo se ele gostava tanto de ti? — perguntou Beth, tão inocente como uma criança. — Amo-o muito. Como posso evitar, se ele é tão bom para mim? Mas nunca poderia ser outra coisa a não ser meu irmão. E espero que um dia seja a sério.

— Não através de mim — afirmou Jo, decidida. — Ainda tem a Amy e são perfeitos um para o outro, mas agora não tenho espírito para essas coisas. Só tu me importas, Beth. *Tens* de te pôr boa.

— Eu quero... não sabes quanto! Esforço-me, mas todos os dias perco um pouco e tenho mais certeza de que nunca recuperarei. É como a maré, Jo. Quando começa a descer, recua devagar, mas não pode ser travada.

— *Será* travada... a tua maré não pode descer tão depressa... só tens dezanove anos. Não te posso deixar ir, Beth. Vou trabalhar, rezar e lutar contra tudo. Tem de haver maneiras... não pode ser tarde demais. Deus não pode ser cruel a ponto de te levar de junto de mim —

exclamou a pobre Jo com rebeldia, pois tinha um espírito muito menos devotamente submisso do que a irmã.

As pessoas simples e sinceras raramente falam muito sobre a sua devoção. Mostram-na, de preferência, mais em atos do que em palavras, e tem mais influência do que homilias ou protestos. Beth não conseguia argumentar nem explicar a fé que lhe dava coragem e paciência para desistir da vida e esperar a morte com alegria. Como uma criança confiante não fazia perguntas e deixava tudo nas mãos de Deus e da natureza, pai e mãe de todos nós, com a certeza de que eles, e apenas eles, podiam ensinar e fortalecer o coração e o espírito para esta vida e para a Vida Eterna. Não censurou Jo com discursos cheios de virtude, só a amou ainda mais pelo afeto ardente e agarrou-se com mais força ao querido amor humano de que o nosso Pai nunca nos quer afastar, mas através do qual nos atrai mais para Si. Não podia dizer «Ainda bem que vou», porque a vida era muito doce para ela, por isso disse, a soluçar:

— Vou tentar estar pronta. — E abraçou Jo com força quando a primeira grande onda de grande tristeza se abateu sobre as duas juntas.

Pouco depois, recuperada a serenidade, Beth pediu:

— Contas-lhes quando voltarmos para casa?

— Acho que eles vão perceber sem que sejam precisas palavras — disse Jo com um suspiro, pois agora parecia-lhe que Beth mudava todos os dias.

— Talvez não. Ouvi dizer que as pessoas que mais nos amam são as últimas a ver estas coisas. Se não perceberem, conta-lhes por mim. Não quero segredos e é melhor prepará-los. A Meg tem o John e os bebés para se consolar, mas tu tens de apoiar o pai e a mãe, está bem, Jo?

— Se conseguir, mas ainda não desisti. Vou acreditar que é uma fantasia de doente e não

te deixarei pensar que é verdade — declarou Jo, a tentar falar com alegria.

Beth pensou durante alguns momentos e disse no seu tom discreto:

— Não sei expressar-me, e não tentaria com ninguém a não ser contigo, porque só consigo falar com a minha querida Jo. O que quero dizer é que tenho a impressão de que nunca estive destinada a viver muito tempo. Não sou como vocês; nunca fiz planos para quando fosse crescida; nunca pensei em ser casada, como todas vocês pensavam. Não me conseguia imaginar a não ser como a pequena Beth, sempre em casa, sem utilidade em parte alguma a não ser ali. Nunca quis ir para lado nenhum, e a parte difícil agora é deixar-vos. Não tenho medo, mas acho que vou sentir saudades vossas até no Céu.

Jo não conseguiu falar e durante vários minutos não se ouviu nada a não ser o suspiro do vento e o rumorejar das ondas na areia. Uma gaivota de asas brancas voou perto delas e o sol refletiu-se no seu peito prateado. Beth observou-a até ela desaparecer e os seus olhos encheram-se de tristeza. Um passarinho cinzento saltitou pela praia a piar baixinho, como se estivesse a saborear o sol e o mar; aproximou-se bastante de Beth, observou-a com um olhar acolhedor e sentou-se numa rocha quente a limpar as penas molhadas, sem medo. Beth sorriu e sentiu-se consolada, pois o minúsculo ser parecia oferecer-lhe a sua pequena amizade e recordar-lhe que existia um agradável mundo para ser aproveitado.

— Querido passarinho! Vê como é manso, Jo! Gosto mais deles do que das gaivotas; não são tão selvagens e bonitos, mas parecem coisinhas felizes e confiantes. No verão passado costumava dizer que eram os meus passarinhos e a mãe dizia que eram parecidos comigo... criaturas ocupadas, com uma cor acinzentada, sempre perto da água e a chilrear aquela sua alegre melodia. Tu és a gaivota, Jo, forte e selvagem, apreciadora da tempestade e do vento, a voar para o mar e feliz sozinha. A Meg é a pomba e a Amy é a cotovia, como as que nos descreve nas suas cartas, a tentar atravessar as nuvens, mas sempre a cair no ninho. Pobre querida! Tão ambiciosa, mas com um coração bom e terno. Por muito alto que voe, nunca se esquecerá de casa. Espero voltar a vê-la, mas ela parece *tão* longe.

— A Amy regressa na primavera e vou fazer tudo para que estejas pronta para a ver e ouvir todas as histórias que tem para contar. Nessa altura já te terei posto bem e rosada — começou Jo, sentindo que de todas as mudanças operadas em Beth a conversa era a maior, pois agora parecia falar sem esforço e pensava em voz alta de uma forma nada característica da sua personalidade tímida.

— Não tenhas mais esperanças, querida, tenho a certeza de que não adiantará nada. Não vamos ficar tristes, mas aproveitar enquanto podemos o tempo que temos juntas. Teremos momentos felizes, porque não sofro muito, e acho que, se me ajudares, a maré descerá com facilidade.

Jo inclinou-se para beijar o rosto tranquilo e com aquele beijo silencioso dedicou-se de corpo e alma à irmã.

Jo tinha razão. Não houve necessidade de palavras quando chegaram a casa, pois o pai e a mãe viram com toda a clareza o que tinham rezado tanto para não ver. Cansada da pequena viagem, Beth foi logo para a cama, dizendo que estava muito feliz por estar de

volta; e, quando desceu, Jo constatou que lhe tinha sido poupada a difícil tarefa de contar o seu segredo. O pai tinha a cabeça apoiada na chaminé da lareira e não se virou quando ela entrou, mas a mãe estendeu os braços como se estivesse a pedir-lhe ajuda e foi consolá-la sem palavras.

CAPÍTULO CATORZE

NOVAS IMPRESSÕES

Às três da tarde todas as pessoas elegantes que estão a passar uma temporada em Nice podem ser vistas na Promenade des Anglais, um lugar encantador com o largo passeio ladeado de palmeiras, flores e arbustos tropicais, delimitado pelo mar de um lado e do outro pela grande avenida cheia de hotéis e moradias. Ao fundo, estendem-se pomares cor de laranja e colinas. Muitas nações estão ali representadas, muitas línguas são faladas e muitos trajés usados, e num dia soalheiro o espetáculo é tão alegre e colorido como uma feira. Altivos ingleses, animados franceses, sóbrios alemães, bonitos espanhóis, feios russos, discretos judeus e descontraídos americanos fazem passeios de carruagem, sentam-se ou deambulam vagarosamente, a comentar as notícias e a criticar a celebridade que acabou de chegar, que pode ser Ristori ou Dickens, Victor Emmanuel ou a rainha das ilhas Sandwich. As carruagens são tão variadas como as pessoas e atraem muita atenção, sobretudo as caleches baixas que as senhoras conduzem, com um par de lindos pôneis, coloridas redes para evitar que as volumosas saias se soltem dos reduzidos veículos e pequenos lacaios empoleirados atrás.

Um jovem alto percorria lentamente este passeio no Dia de Natal, com as mãos atrás das costas e uma expressão algo distraída. Parecia italiano, estava vestido como um inglês e tinha o ar independente de um americano, uma combinação que atraía muitos olhares femininos, que o seguiam com expressões de aprovação, e de muitos dândis com fatos de veludo preto, laços cor-de-rosa, luvas de camurça e flores cor de laranja na lapela que encolhiam os ombros e lhe invejavam a altura. Havia muitos rostos bonitos para admirar, mas o jovem não reparou neles, a não ser para lançar um ou outro olhar a uma rapariga ou senhora loura vestida de azul. Naquele momento saiu do passeio e parou um momento no cruzamento, como se estivesse indeciso entre ir ouvir a banda no Jardin Publique ou passear pela praia até Castle Hill. O trote rápido dos cascos de pôneis fê-lo levantar a cabeça quando uma das pequenas carruagens, com uma única senhora, se aproximou velozmente pela rua. A senhora era jovem, loura e estava vestida de azul. Ele olhou-a durante alguns instantes e depois todo o seu rosto se iluminou e, acenando o chapéu como um menino, correu ao seu encontro.

— Oh, Laurie! És mesmo tu? Pensei que não virias! — exclamou Amy, soltando as rédeas para estender as duas mãos e escandalizando com este gesto uma mãe francesa que apressou os passos da filha não fosse esta ficar desmoralizada por observar os modos libertinos daqueles «ingleses loucos».

— Demorei mais do que pensava, mas prometi que passaria o Natal contigo e aqui estou.

— Como está o teu avô? Quando é que chegaste? Onde estás hospedado?

— Muito bem... ontem à noite... no Chavrain. Fui ao teu hotel, mas disseram-me que tinham saído todos.

— *Mon Dieu!* Tenho tantas coisas para te contar, que nem sei por onde começar. Sobe e poderemos falar à vontade. Eu vou dar um passeio e queria companhia. A Flo está a poupar-se para esta noite.

— O que acontece esta noite...? Um baile?

— Uma festa de Natal no nosso hotel. Há muitos americanos hospedados lá e fazem-na para comemorar o dia. Vens connosco, não vens? A tia vai ficar encantada.

— Obrigado! Para onde vamos agora? — perguntou Laurie, enquanto se recostava e cruzava os braços, um gesto que agradou a Amy, que preferia conduzir, pois a sua sombrinha-chicote e as rédeas azuis nas costas dos póneis brancos davam-lhe uma satisfação infinita.

— Primeiro vou ao banco buscar a correspondência e depois a Castle Hill. A paisagem é linda e gosto de alimentar os pavões. Alguma vez estiveste lá?

— Muitas vezes, há anos, mas não me importo de voltar.

— Agora fala-me sobre ti. A últimas notícias que tive foi quando o teu avô escreveu a dizer que esperava o teu regresso de Berlim.

— Sim, passei lá um mês e depois fui vê-lo a Paris, onde ele vai passar o inverno. Tem amigos lá e diverte-se muito, por isso vou e venho e tudo corre às mil maravilhas.

— Parece-me um arranjo muito civilizado — disse Amy, sentindo a falta de alguma coisa nos modos de Laurie, embora não conseguisse perceber o que era.

— Ele detesta viajar e eu não suporto estar no mesmo sítio, por isso cada um faz o que quer e não há problemas. Encontramo-nos muitas vezes e ele gosta de ouvir as minhas aventuras, enquanto eu gosto de sentir que alguém fica feliz por me ver quando regresso das minhas deambulações. É um velho buraco sujo, não achas? — acrescentou com uma fungadela de desagrado quando passaram pela alameda em direção à Place Napoleon, na cidade velha.

— O lixo é pitoresco, por isso não me importo. O rio e as colinas são encantadores, e eu adoro estes vislumbres das vielas estreitas. Agora teremos de esperar que passe a procissão que vai para a Igreja de São João.

Enquanto Laurie contemplava com uma expressão apática a procissão de padres sob os pálios, freiras de véus brancos com compridas velas acesas e uma irmandade vestida de azul a cantar, Amy observou-o e sentiu uma timidez que nunca sentira porque ele tinha mudado e não descortinava o alegre rapaz que deixara no homem taciturno que estava ao seu lado. Pensou que ele estava mais bonito do que nunca e muito mais bem vestido, mas agora que o prazer de voltar a vê-la passara, parecia cansado e desanimado — não estava doente, nem inequivocamente infeliz, mas mais velho e mais sério do que seria de esperar de um ou dois anos de vida próspera. Não conseguiu compreender e não se atreveu a fazer

perguntas, por isso abanou a cabeça e incitou os pôneis quando a procissão atravessou os arcos da ponte Paglioni e desapareceu na igreja.

— *Que pensez-vous?* — perguntou, exibindo o seu francês que melhorara em quantidade, embora talvez não em qualidade, desde que estava no estrangeiro.

— Que a *mademoiselle* fez bom uso do seu tempo e o resultado é encantador — replicou Laurie, fazendo uma vénia com a mão no coração e um olhar de admiração.

Amy ruborizou-se de prazer, mas o elogio não a satisfez como as bruscas lisonjas que ele lhe fazia em casa, quando se passeava à sua volta em ocasiões festivas e lhe dizia que estava «estupenda», com um caloroso sorriso e uma palmadinha de aprovação na cabeça. Não gostou do novo Laurie, pois, embora não fosse *blasé*, apesar do olhar, parecia indiferente.

«Se vai ser assim quando for adulto, quem me dera que fosse sempre um rapaz», pensou com uma curiosa sensação de desilusão e desconforto enquanto se esforçava por parecer descontraída e alegre.

No Avigdor estavam as preciosas cartas de casa e, entregando as rédeas a Laurie, leu-as com prazer enquanto seguiam pela frondosa rua por entre sebes verdes, onde rosas-chás floriam como se estivessem em junho.

— A mãe diz que a Beth está muito mal. Penso muitas vezes que devia voltar para casa, mas todos me dizem «fica». Eu fico, porque nunca mais terei uma oportunidade como esta — disse Amy, olhando para uma página com uma expressão muito séria.

— Acho que tens razão. Não poderias fazer nada em casa e para eles é um grande consolo saber que estás bem e feliz, e a divertir-te tanto, minha querida.

Ele aproximou-se um pouco e pareceu mais o velho Laurie quando disse aquilo, aligeirando o medo que por vezes lhe apertava o coração, pois o olhar, o gesto e o fraterno «minha querida» pareceram uma garantia que se houvesse algum problema não estaria sozinha numa terra estrangeira. Continuou a ler e riu-se, mostrando-lhe um pequeno desenho de Jo no seu fato de escrever, com um laço muito direito na touca e as palavras «O génio queima!» a sair-lhe da boca.

Laurie sorriu, pegou na folha, guardou-a no bolso do colete «para não ser levada pelo vento» e escutou com interesse a animada carta que Amy lhe leu.

— Este Natal vai ser feliz como sempre para mim, com presentes pela manhã, tu e cartas à tarde e uma festa à noite — disse Amy, quando desceram da caleche no meio das ruínas do antigo forte e foram rodeados por um bando de esplêndidos pavões muito mansos que queriam ser alimentados. Enquanto Amy se ria no talude mais acima a atirar migalhas aos coloridos pássaros, Laurie olhou-a como ela o olhara, com uma curiosidade natural para ver as mudanças operadas pelo tempo e pela ausência. Não viu nada que o deixasse perplexo ou desapontado e muito para admirar e aprovar, pois, fechando os olhos a algumas pequenas afetações do discurso e maneiras, ela estava tão jovial e graciosa como sempre, com o acrescento daquele indescritível «não sei o quê» na roupa e no porte a que chamamos elegância. Sempre madura para a idade, conquistara um certo *aplomb* na

atitude e no discurso que a fazia parecer uma mulher mais mundana do que era; todavia, a velha petulância ainda se revelava de vez em quando, a forte vontade continuava a levar a melhor e a franqueza nativa não tinha sido apagada pelo verniz estrangeiro.

Laurie não percebeu tudo isto enquanto a observava a alimentar os pavões, mas viu o suficiente para ficar satisfeito e interessado e guardou a linda imagem de uma alegre rapariga ao sol, que realçava o suave brilho do seu vestido, a cor fresca das faces, o brilho dourado do cabelo e a fazia sobressair no agradável cenário.

Quando chegaram ao planalto rochoso que coroa a colina, Amy acenou com a mão como se estivesse a dar-lhe as boas-vindas ao seu refúgio preferido e apontou para diferentes coisas:

— Lembras-te da Catedral e do Corso, dos pescadores a arrastar as redes na baía e da linda estrada para Villa Franca, com a Torre de Schubert por baixo e, o melhor de tudo, aquele pequeno ponto no meio do mar que dizem que é a Córsega?

— Lembro, e não mudou muito — respondeu ele sem entusiasmo.

— O que a Jo daria para ver aquele famoso ponto! — exclamou Amy, sentindo-se alegre e ansiosa para que ele partilhasse da sua boa disposição.

— Sim — foi a única resposta dele, mas virou-se e esforçou-se para ver a ilha que uma usurpadora ainda maior que Napoleão tornava agora interessante aos seus olhos.

— Olha bem por ela e depois vem contar-me o que tens feito durante todo este tempo — disse Amy, sentando-se à espera de uma boa conversa.

Porém, isso não aconteceu, porque ele sentou-se ao pé dela e respondeu a todas as suas perguntas, mas Amy só conseguiu saber que ele andara a viajar pelo Continente e estivera na Grécia. Assim, depois de passearem durante uma hora, voltaram para o hotel, onde Laurie cumprimentou a Sr.^a Carrol e se despediu, prometendo voltar à noite.

Não podemos deixar de referir que Amy se «ataviou» com um cuidado especial naquela noite. O tempo e a ausência tinham operado a sua magia nos dois jovens; ela vira o seu velho amigo a uma nova luz, não como «o nosso rapaz», mas como um bonito e agradável homem, e estava consciente de um desejo muito natural de lhe agradecer. Amy conhecia os seus pontos fortes e realçava-os ao máximo, com o gosto e habilidade que são preciosos para uma mulher pobre e bonita.

A musselina e o tule eram baratos em Nice, por isso envolvia-se neles nestas ocasiões e, seguindo a sensata moda inglesa de roupa simples para raparigas, criava lindas *toilettes* com flores frescas, algumas bugigangas e todos os tipos de elegantes expedientes que eram baratos e eficazes. Deve ser dito que a artista se apoderava por vezes da mulher e ela adotava *coiffures* antigos, atitudes esculturais e tecidos clássicos. Mas não podemos esquecer que todos temos as nossas pequenas fraquezas e é fácil perdoá-las nos jovens, que satisfazem os nossos olhos com a sua graciosidade e nos mantêm os corações alegres com as suas vaidades despretensiosas.

— Quero que o Laurie pense que estou bem e que conte a todos lá em casa — disse

Amy para si mesma enquanto vestia o velho vestido de baile de seda branca de Flo e o cobria com uma nuvem de ilusão de tule de onde os seus ombros brancos e cabeça dourada emergiam com um efeito muito artístico. Teve o bom senso de não mexer muito no cabelo, depois de prender as espessas ondas e caracóis num elaborado nó atrás da cabeça.

«Ainda não está na moda, mas estará, e não posso dar-me ao luxo de ficar um susto», costumava dizer quando era aconselhada a frisar, levantar ou entrançar, como ditava o estilo mais recente.

Como não tinha ornamentos à altura desta importante ocasião, Amy enfeitou a vaporosa saia com azáleas cor-de-rosa e emoldurou os ombros brancos com delicadas folhas de videira verdes. Recordando as botas pintadas, olhou para os chinelos de cetim branco com satisfação e dançou pelo quarto a admirar os seus aristocráticos pés.

— O leque novo condiz com as flores, as luvas servem-me na perfeição e a renda verdadeira do *mouchoir* da tia compõe o meu visual. Se tivesse um nariz e uma boca clássicos, seria completamente feliz — disse, observando-se com um olhar crítico e uma vela em cada mão.

Apesar deste problema, estava invulgarmente alegre e bonita quando saiu a deslizar; Amy raramente corria, pois achava que não se coadunava com o seu estilo. Como era alta, o imponente andar altivo era mais adequado do que o desportivo ou atrevido. Andou de um lado para o outro no comprido salão enquanto esperava por Laurie e uma vez parou debaixo do lustre, que fazia o seu cabelo brilhar; depois pensou melhor e dirigiu-se para a outra extremidade do aposento, como se estivesse envergonhada do desejo infantil de provocar uma primeira impressão favorável. E não podia ter feito melhor porque Laurie entrou tão discretamente, que ela não o viu e, parada à janela do fundo com a cabeça meio virada e uma mão a segurar o vestido, a esbelta figura branca contra os reposteiros vermelhos teve o efeito de uma estátua bem posicionada.

— Boa noite, Diana! — disse Laurie com a expressão de satisfação que Amy gostava de ver nos seus olhos quando a olhavam.

— Boa noite, Apolo! — respondeu, a sorrir, pois também ele estava mais elegante do que era costume e o pensamento de entrar na sala de baile pelo braço de um homem tão atraente fê-la sentir uma pena genuína das quatro desengaçadas Meninas Davis.

— Aqui tens as tuas flores! Fui eu próprio que as arranjei, lembrando-me de que não gostas do que a Hannah chama «buquê» — disse Laurie, estendendo-lhe um delicado ramo de flores numa pulseira que ela admirava todos os dias, quando passava pela montra da Cardiglia.

— Que simpático! — exclamou, agradecida. — Se soubesse que vinhas, teria um presente para te oferecer hoje... embora não fosse tão bom como este.

— Obrigado! Não é o que mereces, mas melhoraste-o — acrescentou Laurie, enquanto ela prendia a pulseira de prata no pulso.

— Por favor, não me digas essas coisas!

— Pensei que gostavas de ser elogiada.

— Não por ti. Não me parece natural e gosto mais da tua antiga franqueza.

— Ainda bem! — replicou ele com uma expressão de alívio, abotoando-lhe as luvas e perguntando-lhe se tinha a gravata direita como costumava fazer quando iam a festas juntos em casa.

O grupo que estava reunido na grande *salle à manger* naquela noite só podia ver-se no Continente. Os hospitaleiros americanos tinham convidado todas as pessoas que conheciam em Nice e, como não tinham preconceitos contra os títulos, arranjaram alguns para acrescentar brilho ao seu baile de Natal.

Um príncipe russo dignou-se a sentar-se num canto durante uma hora a conversar com uma volumosa senhora vestida como a mãe de Hamlet, de veludo preto e uma gargantilha de pérolas. Um conde polaco de dezoito anos dedicou-se às senhoras, que o consideraram «um querido fascinante», e um Sereníssimo Qualquer Coisa alemão, que tinha vindo jantar sozinho, deambulou pelo salão à procura do que devorar. O secretário particular do barão de Rothschild, um judeu com um nariz grande e botas justas, sorria com afabilidade a todos os presentes, como se o apelido do patrão o coroasse com um halo dourado; um francês gordo, que conhecia o imperador, veio satisfazer o seu gosto pela dança; e Lady Jones, uma matrona britânica, enfeitava a sala com a sua pequena família de oito. Claro que havia muitas raparigas americanas ligeiras, com vozes esganiçadas, raparigas inglesas bonitas, mas apagadas, e algumas meninas francesas sem graça, mas atrevidas. Também estava presente o habitual grupo de jovens cavalheiros em viagem, que se divertiam alegremente, enquanto mães de todas as nações se mantinham junto das paredes e lhes sorriam com simpatia quando dançavam com as filhas.

Qualquer jovem pode imaginar o estado de espírito de Amy quando «entrou em cena» naquela noite de braço dado com Laurie. Sabia que estava bem, adorava dançar, sentia-se muito à vontade num salão de baile e gostava da encantadora sensação de poder que as raparigas sentem quando descobrem o novo e encantador reino que nasceram para governar por virtude da beleza, juventude e feminilidade. Sentia verdadeira pena das meninas Davis, que eram desastradas, feias e não tinham outra companhia a não ser um carrancudo pai e três tias solteironas ainda mais mal-encaradas, e fez-lhes uma simpática vénia ao passar, o que foi bom para ela porque as deixou ver o seu vestido e ficar a arder de curiosidade para saber quem seria aquele amigo com um ar tão distinto. Quando a banda começou a tocar, as cores de Amy acentuaram-se, os seus olhos começaram a brilhar e os pés bateram no chão com impaciência, pois dançava bem e queria que Laurie soubesse. Por conseguinte, o choque que sentiu pode ser mais bem imaginado do que descrito, quando ele perguntou, num tom muito tranquilo:

— Gostas de dançar?

— É o que se costuma fazer num baile!

Aquele tom surpreendido e a resposta pronta levaram Laurie reparar o mais depressa possível o seu erro.

— Estava a referir-me à primeira dança. Dás-me a honra?

— Posso conceder-te se deixar o conde plantado. Ele dança divinamente, mas vai desculpar-me porque tu és um velho amigo — replicou Amy, esperando que o nome surtisse bom efeito e mostrasse a Laurie que não podia brincar com ela.

— Ele é um rapazinho agradável, mas muito baixo para aguentar os passos de

«Uma filha dos deuses

Divinamente alta e mais divinamente loura»

— foi toda a justificação que teve.

O grupo em que estavam era composto por ingleses e Amy viu-se obrigada a caminhar com decoro durante um cotilhão, quando lhe apetecia dançar uma tarantela muito mais animada. Laurie entregou-a ao «rapazinho agradável» e foi cumprir o seu dever com Flo, sem garantir Amy para as danças seguintes, com uma repreensível falta de discernimento que foi devidamente castigada, pois ela comprometeu-se logo até ao jantar, com a intenção de se compadecer se ele desse algum sinal de arrependimento. Mostrou-lhe o seu livro de baile com contida satisfação quando ele veio com toda a calma pedir-lhe a dança seguinte, uma gloriosa polca, mas as suas delicadas desculpas não a convenceram e, enquanto galopava com o conde, viu-o sentado ao lado da tia com uma expressão de alívio.

Aquilo foi imperdoável e Amy não lhe ligou durante muito tempo, trocando apenas uma ou outra palavra com ele quando vinha para junto da sua acompanhante entre as danças para um necessário ajuste ou para um momento de descanso. Porém, a sua raiva teve um bom efeito já que a escondeu sob um rosto sorridente e parecia invulgarmente alegre e brilhante. Os olhos de Laurie seguiam-na com prazer, pois ela não corria nem se arrastava, dançando com animação e graça e tornando o delicioso passatempo o que ele devia ser. Com muita naturalidade, começou a observá-la deste novo ponto de vista e, antes de o serão terminar, tinha decidido que «a pequena Amy seria uma mulher muito encantadora».

Foi um agradável serão porque o espírito social da temporada depressa se apoderou de todos e a alegria do Natal encheu os rostos de brilho, tornou os corações felizes e os pés ligeiros. Os músicos tocavam os seus instrumentos como se gostassem; todos dançavam o melhor que sabiam, e os que não podiam dançar admiravam os seus vizinhos com inusitada simpatia. O ar estava pesado com os Davis, e muitos Jones cabriolavam como um bando de jovens girafas. O secretário dourado lançava-se pelo salão como um meteoro, com uma deslumbrante francesa que enchia o salão com a cauda do seu vestido de cetim cor-de-rosa. O Sereno Teutão encontrou a mesa do jantar e ficou feliz, a comer sem parar e a assombrar os empregados de mesa com os estragos que fazia. Porém, o amigo do imperador cobriu-se de glória pois dançava *tudo*, quer soubesse quer não, e improvisava piruetas quando não conhecia os passos. O entusiasmo infantil daquele homem gordo era encantador, pois, embora fosse pesado, dançava como uma bola de

borracha. Corria, voava e saltitava; o seu rosto brilhava, a cabeça calva cintilava, as abas do casaco abanavam sem parar, os sapatos brilhavam no ar e, quando a música parava, ele limpava as gotas de suor da testa e sorria para os outros homens como um Pickwick francês sem óculos.

Amy e o seu polaco distinguiram-se pelo mesmo entusiasmo e por uma agilidade mais graciosa, e Laurie começou a marcar de forma involuntária o ritmado compasso dos chinelos brancos enquanto eles voavam com tanta leveza como se tivessem asas. Quando o pequeno Vladimir a deixou por fim, com garantias de que estava «desolado por sair tão cedo», ela estava pronta para descansar e ver como o seu traidor suportara o castigo.

Podemos assegurar que teve êxito, porque aos vinte e três anos os afetos não correspondidos encontram um bálsamo na companhia de amigos e os nervos jovens estremecem, o sangue jovem dança e o saudável espírito jovem anima-se quando sujeito ao encantamento da beleza, da luz, da música e do movimento. Laurie estava bem desperto quando se levantou para lhe oferecer o seu assento, e, quando se afastou para ir buscar-lhe alguma coisa para comer, Amy pensou, com um sorriso de satisfação:

«Ah, bem me pareceu que lhe faria bem!»

— Pareces a «Mulher pintada por si mesma», do Balzac — disse Laurie, enquanto a abanava com uma mão e lhe segurava a chávena de café com a outra.

— O meu *rouge* não sai. — Amy esfregou a face brilhante e mostrou-lhe a luva branca com uma sóbria simplicidade que o fez desatar a rir.

— Que é que chamas a isto? — perguntou ele, tocando numa prega do vestido que pousara no seu joelho.

— Ilusão.

— Bom nome. É muito bonito... é uma coisa nova?

— É velho como as montanhas. Já viste em dezenas de raparigas e só agora descobres que é bonito... *stupide!*

— Nunca tinha visto em ti, o que explica o erro.

— Nada disso, é proibido. Agora prefiro beber café a receber elogios. E não estejas tão torto, porque me enervas.

Laurie endireitou-se e pegou no prato vazio com uma expressão humilde, mas sentindo um estranho prazer em ter a «pequena Amy» a mandar nele, pois ela perdera a timidez e sentia um desejo irresistível de o maltratar, como fazem as raparigas com muito encanto quando os senhores da criação evidenciam o mais pequeno sinal de sujeição.

— Onde é que aprendeste todas estas coisas? — perguntou ele com uma expressão intrigada.

— Como «todas estas coisas» é uma expressão bastante vaga, queres fazer o favor de especificar? — replicou Amy, sabendo perfeitamente bem o que ele queria dizer, mas deixando-o descrever o que é indescritível.

— Bem... o ar geral, o estilo, a segurança, a... a... ilusão... percebes? — E Laurie riuse, sem saber o que dizer, saindo daquela situação difícil com a nova palavra.

Amy ficou encantada, mas é evidente que não mostrou, e respondeu com discrição:

— A vida no estrangeiro dá-nos um certo polimento, quer nos demos conta disso quer não. Eu estudo e divirto-me. Quanto a isto — disse, apontando para o vestido —, é tule barato, as flores são gratuitas e estou acostumada a tirar o melhor partido possível das minhas pobres coisas.

Amy lamentou aquela última frase, temendo que fosse de mau gosto, mas Laurie gostou mais dela por isso e começou a admirar e a respeitar a corajosa paciência que aproveitava ao máximo as oportunidades e o alegre espírito que escondia a pobreza com flores. Amy não percebeu porque é que ele a olhava com tanta bondade nem porque é que preencheu o resto do livro com o seu nome e se dedicou a ela até ao fim da noite da maneira mais encantadora; mas o impulso que deu origem a esta agradável mudança foi o resultado de uma das novas impressões que ambos estavam a dar e a receber sem se darem conta disso.

CAPÍTULO QUINZE

NA PRATELEIRA

Em França, as raparigas são muito reprimidas até se casarem e só depois o seu lema passa a ser «*Vive la liberté*». Na América, como todos sabem, as raparigas assinam cedo uma declaração de independência e desfrutam da liberdade com um entusiasmo republicano, mas as jovens casadas costumam abdicar dela quando nasce o primeiro herdeiro do trono e entram numa reclusão quase tão grande como nos conventos de freiras francesas, ainda que não tão silenciosa. Quer gostem quer não, são virtualmente postas na prateleira quando termina a euforia do casamento, e a maioria delas poderia exclamar, como uma mulher muito bela no outro dia: «Sou tão bonita como sempre fui, mas ninguém repara em mim porque sou casada.»

Não sendo uma beldade, nem uma senhora da sociedade, Meg só passou por essa experiência quando os bebés tinham um ano, pois no seu pequeno mundo prevaleciam costumes ancestrais e ela era mais admirada e amada do que nunca.

Como era uma mulherzinha muito feminina, tinha um instinto maternal muito forte e estava inteiramente concentrada nos filhos, com absoluta exclusão de tudo o resto e todos os demais. Cuidava deles dia e noite com uma incansável devoção e ansiedade, deixando John nas mãos da criada, uma senhora irlandesa que comandava agora os destinos da cozinha. Como era um homem caseiro, John sentia falta das atenções que se acostumara a receber da esposa, mas, como adorava os filhos, abdicou de bom grado do seu conforto durante algum tempo, supondo, com uma ignorância tipicamente masculina, que a paz seria restaurada em breve. Porém, passaram-se três meses e não havia meio de as coisas voltarem ao normal. Meg parecia exausta e nervosa, pois os bebés absorviam todos os minutos do seu tempo, a casa estava negligenciada e Kitty, a cozinheira, que levava a vida com muita calma, servia-lhe refeições deficientes. Quando saía pela manhã, o pobre homem era sobrecarregado com muitos pequenos recados para a mamã que não podia sair de casa; se chegava alegre à noite, ansioso para abraçar a família, era travado por um: «Chiu! Eles acabaram de adormecer depois de não me darem descanso o dia inteiro.» Se propunha alguma diversão em casa, ouvia um: «Não, porque vai incomodar os bebés.» Se sugeria uma ida a uma palestra ou a um concerto recebia um olhar de censura e uma resposta determinada: «Deixar os meus filhos por prazer, nunca!» O seu sono era interrompido por choros de bebés e visões de um fantasma a andar em silêncio de um lado para o outro durante a noite; as refeições eram interrompidas com a saída frequente da fada do lar, que o abandonava, meio servido, se um suspiro abafado soava no ninho do primeiro andar. E quando lia o jornal à noite as cólicas de Demi misturavam-se com a lista de transportes marítimos e a queda de Daisy afetava o preço das ações porque a Sr.^a

Brooke só se interessava pelas notícias domésticas.

O pobre homem estava muito incomodado porque os filhos lhe tinham roubado a mulher. A casa estava convertida num quarto de bebés e o eterno «chiu» fazia-o sentir-se um brutal intruso sempre que entrava nos domínios sagrados do Reino dos Bebés. John aguentou com paciência durante seis meses, mas, quando não viu sinais de mudança, fez o que outros pais exilados fazem — tentou encontrar um pouco de consolo noutro lado. Scott casara-se e morava perto, por isso John acostumou-se a passar com ele uma ou duas horas à noite, quando a sua sala de visitas estava vazia e a mulher cantava canções de embalar que pareciam não ter fim. A Sr.^a Scott era uma linda e alegre rapariga que não tinha mais nada para fazer a não ser mostrar-se simpática, e desempenhava o seu papel com grande sucesso. A sala de visitas dos Scott estava sempre iluminada e acolhedora, com o tabuleiro de xadrez preparado, o piano afinado, bastantes conversas alegres e uma pequena ceia muito convidativa.

John teria preferido a sua lareira, se não estivesse tão solitária, mas aceitou com gratidão a segunda melhor opção e desfrutou da companhia dos vizinhos.

No princípio, Meg aprovou o novo estado de coisas e sentiu-se aliviada ao saber que o marido estava a divertir-se em vez de dormir na sala ou andar ruidosamente pela casa e acordar as crianças. Mas depois, quando acabaram as preocupações com os dentes e os ídolos começaram a ir dormir a horas decentes, dando tempo à mãe para descansar, começou a sentir a falta de John e a achar que o cesto da costura era fraca companhia quando ele não estava sentado à sua frente com o velho roupão, a queimar os chinelos no guarda-fogo. Não queria pedir-lhe para ficar em casa, mas sentia-se magoada por ele não perceber que sentia a sua falta sem ter de lhe dizer, esquecendo por completo os muitos serões que esperara por ela em vão. Meg estava nervosa e exausta de tanta vigília e preocupação e com o estado de espírito pouco razoável que sentem as melhores mães quando os problemas domésticos as oprimem, a falta de exercício lhes tira a alegria e demasiada devoção ao ídolo da mulher americana — o bule de chá — as faz sentir que só têm nervos e nenhum músculo.

Contemplando-se ao espelho, a pobre Meg dizia:

— Estou a ficar velha e feia. O John já não me acha interessante, por isso deixa a sua gasta mulher e vai ver a linda vizinha, que não tem preocupações nenhuma. Pelo menos os bebés amam-me e não se importam se estou magra e pálida e não tenho tempo para ondular o cabelo. São o meu consolo e um dia o John verá que me sacrifiquei com gosto por eles, não é, meus preciosos?

A esta patética reclamação, Daisy respondia com um arrulho, ou Demi com um riso, e Meg esquecia as lamentações para brincar com eles, acalmando a solidão durante algum tempo. Mas a dor aumentou quando John começou a interessar-se por política e estava sempre a ir a casa do amigo para discutir assuntos de interesse, sem perceber que Meg sentia a sua falta. No entanto, não disse nada até a mãe a encontrar um dia lavada em lágrimas e insistir em saber qual era o problema, pois não lhe tinha escapado que o ânimo da filha estava a decair de dia para dia.

— Não contaria a mais ninguém a não ser a si, mãe, mas preciso muito de um conselho, porque, se o John continuar assim durante muito mais tempo, mais me valia ser viúva — respondeu a Sr.^a Brooke, secando as lágrimas no babete de Daisy com uma expressão magoada.

— Continuar assim como, minha querida? — perguntou a mãe, ansiosa.

— Passa o dia inteiro fora de casa, e à noite, quando quero vê-lo, está sempre a ir para casa dos Scotts. Não é justo que seja eu a fazer o trabalho mais duro e nunca me divertir. Os homens são muito egoístas, até os melhores.

— As mulheres também. Não culpes o John até perceberes onde falhaste.

— Mas não pode estar certo ele abandonar-me.

— Tu não o abandonas?

— Ora, mãe. Pensei que ficaria do meu lado!

— Fico, e lamento tudo isto, mas acho que a culpa é tua, Meg.

— Não vejo em que é que falhei.

— Deixa-me dizer-te. O John alguma vez te abandonou, como dizes, quando fazias questão de lhe fazer companhia ao serão... o seu único momento de lazer?

— Não, mas agora tenho dois bebés para cuidar e não posso.

— Acho que podes, querida, e acho que devias. Posso falar com toda a franqueza? Não te esqueças que a mãe que te censura é a mesma que se compadece.

— Eu sei! Fale-me como se eu fosse novamente a pequena Meg. Muitas vezes sinto que preciso mais do que nunca de ser ensinada, porque estes bebés dependem de mim para tudo.

Meg puxou a sua cadeira baixa para junto da mãe e as duas mulheres baloiçaram-se e conversaram afetuosamente, sentindo que o laço da maternidade as unira mais do que nunca.

— Tu só cometeste o erro que é cometido pela maioria das jovens esposas. O amor pelos filhos fez-te esquecer os deveres que tens para com o teu marido. É um erro muito natural e desculpável, Meg, mas que é melhor corrigir antes que sigam caminhos diferentes, pois os filhos deviam aproximar mais os casais mais do que nunca, e não separá-los, como se fossem apenas teus e o John só tivesse de sustentá-los. Há várias semanas que reparei, mas não quis falar, pois estava convencida de que o tempo resolveria tudo

— Parece-me que não. Se lhe pedir para ficar, ele pensará que estou com ciúmes, e não o insultaria com essa ideia. Ele não percebe que o quero e não sei como dizer-lhe sem palavras.

— Torna a casa tão agradável que ele não queira sair. Ele anseia pela sua casinha, minha querida, mas sem ti não é um lar, e tu estás sempre no quarto das crianças.

— Não devia estar lá?

— Não o tempo todo. Ficas nervosa por estar tanto tempo fechada e acabas por não fazer nada bem. Além disso, tens obrigações para com o John como tens para com os bebés. Não abandones o marido pelos filhos e não o excludes do quarto dos bebés; ensina-o a ajudar-te com eles. O seu lugar também é ali e as crianças precisam dele. Se o deixares fazer parte desse mundo, ele vai participar com todo o empenho e alegria e será melhor para todos vós.

— Acha mesmo isso, mãe?

— Sei que é assim, Meg, porque foi o que fiz, e raramente dou conselhos a não ser que tenha a certeza de que são práticos. Quando tu e a Jo eram pequenas, cometi o mesmo erro que tu, sentindo que não estaria a cumprir o meu dever se não me dedicasse às duas de corpo e alma. O vosso pobre pai embrenhou-se nos livros depois de eu recusar todas as suas ofertas de ajuda e deixou-me fazer tudo sozinha. Eu lutei enquanto pude, mas a Jo era demais para mim. Quase a estraguei, deixando-a fazer tudo o que queria. Tu não eras muito forte e preocupei-me contigo até ficar doente. Depois, o teu pai veio salvar-me e tratou de tudo com muita calma, tornando-se tão útil que percebi o meu erro e desde então nunca mais consegui passar sem ele. É esse o segredo da felicidade da nossa casa. Ele não deixa que o seu trabalho o impeça de realizar os pequenos cuidados e deveres que nos afetam a todos e eu tento não deixar que as preocupações domésticas destruam o meu interesse pelos seus empreendimentos. Cada um faz a sua parte sozinho em muitas coisas, mas em casa trabalhamos sempre juntos.

— É verdade, mãe. E o meu maior desejo é ser para o meu marido e para os meus filhos o que a mãe tem sido para os seus. Ensine-me como e farei tudo o que me disser.

— Tu foste sempre a minha filha dócil. Bem, querida, se eu estivesse no teu lugar, deixaria o John envolver-se mais no tratamento do Demi, pois o rapaz precisa de treino e nunca é demasiado cedo para começar. Depois faria o que te propus muitas vezes... deixaria a Hannah vir ajudar-te. Ela é uma ama maravilhosa e podes confiar-lhe os teus preciosos bebés enquanto te dedicas mais à casa. Precisas do exercício, a Hannah gostaria do descanso e o John teria novamente a sua mulher. Tens de sair mais e de estar alegre e ocupada, pois és o sol da família e se estiveres triste o tempo não estará bom. Tenta interessar-te pelas coisas de que o John gosta, conversa com ele, deixa-o ler para ti, troquem ideias e ajudem-se um ao outro. Não te feches numa redoma só porque és mulher. Compreende o que se passa e educa-te para participar no que acontece no mundo porque tudo te afeta a ti e aos teus.

— O John é tão inteligente, que tenho medo de que pense que sou burra se lhe fizer perguntas sobre política e outras coisas.

— Não acredito que pense uma coisa dessas. O amor tapa uma imensidão de pecados, e a quem podes fazer perguntas mais livremente do que a ele? Experimenta e verás se ele não acha que a tua companhia é muito mais agradável do que as ceias da senhora Scott.

— Vou experimentar. Pobre John! Acho que o *abandonei* muito, mas pensei que estava a fazer a coisa certa e ele nunca disse nada.

— Ele tentou não ser egoísta, mas suponho que se *tenha sentido* bastante esquecido. Este é o momento em que os jovens casados têm maior tendência para se afastar, Meg, e o momento em que deviam estar mais unidos, pois a primeira ternura depressa se desvanece, a menos que haja um cuidado especial para preservá-la. E nenhum momento é mais belo e precioso para os pais do que os primeiros anos das pequenas vidas que lhes foram confiadas para formar. Não deixes que o John seja um estranho para os filhos, pois eles farão mais para o manter seguro e feliz neste mundo de problemas e tentações do que qualquer outra coisa, e através deles vocês aprenderão a amar-se como devem. Agora vou-me embora, minha querida! Pensa no que te disse e segue os meus conselhos, se te parecerem bons. Que Deus vos abençoe a todos!

Meg pensou em tudo o que ouvira, concluiu que os conselhos eram bons e agiu em conformidade com eles, se bem que a primeira tentativa não tenha corrido exatamente como ela previra. Claro que as crianças a tiranizavam e começaram a mandar na casa quando descobriram que se pontapeassem e berrassem conseguiam tudo o que queriam. A mamã era uma pobre escrava dos seus caprichos, mas o papá não se deixava subjugar com tanta facilidade, e de vez em quando afligia a meiga esposa ao tentar exercer disciplina paterna sobre o seu rebelde filho. Demi herdara um pouco da firmeza de carácter do pai — não lhe chamaremos obstinação — e quando decidia ter ou fazer alguma coisa, não havia nada nem ninguém capaz de mudar a sua pequena mente pertinaz. A mamã pensava que o pobrezinho era pequeno demais para ser ensinado a vencer as suas predisposições, mas o papá acreditava que nunca era demasiado cedo para aprender a ser obediente, e foi assim que o menino Demi depressa descobriu que quando se punha a guerrear com o papá perdia sempre. No entanto, como um bom inglês, o bebé respeitava o homem que o conquistou e amava o pai, cujo sério «Não, não» o impressionava mais do que todas as palmadinhas amorosas da mãe.

Alguns dias depois da conversa com a mãe, Meg decidiu tentar um serão social com John, por isso mandou fazer um bom jantar, preparou a sala de visitas, arranjou-se e deitou as crianças cedo para que nada interferisse com a sua experiência. Porém, infelizmente, a maior teimosia de Demi era na hora de ir para a cama, e naquela noite decidiu fazer uma grande birra. A pobre Meg cantou e embalou-o, contou-lhe histórias e tentou tudo o que lhe ocorreu para o adormecer, mas foi inútil e os grandes olhos não se fechavam. Muito depois de Daisy ter ido para a terra dos sonhos, como a gorducha dócil que era, o travesso Demi continuava a olhar para a luz com a expressão mais desperta que se pode imaginar.

— O Demi vai ficar sossegado, como um menino bonito, enquanto a mamã vai lá abaixo dar o jantar ao pobre papá? — perguntou Meg, quando a porta da entrada se fechou sem barulho e os passos familiares seguiram em bicos dos pés para a sala de jantar.

— *Mim qué jantá!* — disse Demi, preparando-se para se juntar à festa.

— Não. Mas eu guardo-te uns bolinhos para o pequeno-almoço se fores dormir, como a Daisy. Fazes isso, meu amor?

— *Si!* — E Demi fechou os olhos com força, como se quisesse adormecer e apressar a chegada do desejado dia.

Aproveitando o momento propício, Meg saiu sorrateiramente e correu para o andar de baixo para receber o marido com um rosto sorridente e o cabelo apanhado com o pequeno laço azul de que ele tanto gostava. John reparou logo e disse, com agradável surpresa:

— Ora, mãezinha, como estamos alegres esta noite! Estás à espera de visitas?

— Apenas de ti, meu querido.

— Alguém faz anos ou é o aniversário de alguma coisa?

— Não. Cansei-me de ser desleixada e decidi vestir-me bem, para variar. Tu arranjaste sempre para jantar, mesmo que estejas muito cansado. Por isso achei que devia fazer o mesmo, porque tenho tempo.

— Faço-o por respeito por ti, minha querida — disse o antiquado John.

— Eu também, senhor Brooke — riu-se Meg, parecendo de novo jovem e bonita quando apontou para o bule de chá.

— Bem, isto é muito encantador e tal e qual como nos velhos tempos. O chá está delicioso. Bebo à tua saúde, querida! — E John bebeu o chá com um ar de tranquilo prazer que durou muito pouco, pois, quando pousou a chávena, a maçaneta da porta mexeu-se misteriosamente e ouviu-se uma vozinha dizer com impaciência:

— *Aba poita; eu vem!*

— É aquele malandro. Eu disse-lhe para adormecer sozinho e ele veio para baixo, descendo as calças descalço e podendo constipar-se — disse Meg, abrindo a porta.

— *Manã agoa* — anunciou Demi num tom alegre, quando entrou com a ponta da comprida camisa de dormir no braço e os caracóis a abanar alegremente e se pôs a saltitar à volta da mesa, lançando olhares gulosos para os bolinhos.

— Não, ainda não é de manhã. Tens de ir para a cama e não podes aborrecer a pobre mamã; então, sim, comerás um bolinho com açúcar.

— *Mim qué o papá* — disse o espertalhão, preparando-se para subir para o colo paterno e deleitar-se com prazeres proibidos. Mas John abanou a cabeça e disse para Meg:

— Se o mandaste ficar lá em cima a dormir, tens de o obrigar a ir, senão ele nunca vai aprender a obedecer-te.

— Sim, claro. Vem, Demi! — E Meg levou o filho, sentindo uma grande vontade de dar umas palmadas ao pequeno desmancha-prazeres que saltitava ao seu lado, convencido de que ia receber o suborno quando chegassem ao quarto.

E não ficou desapontado, porque aquela mulher de vistas curtas deu-lhe um torrão de açúcar, aconchegou-o na cama e proibiu mais passeios até à manhã seguinte.

— *Si* — mentiu Demi, a chupar alegremente o seu açúcar e a considerar que a primeira tentativa fora claramente bem-sucedida.

Meg voltou para o seu lugar e o jantar decorria de uma forma muito agradável quando o pequeno fantasma voltou e expôs as delinquências maternas exigindo com audácia:

— Mais *açuca*, mamã.

— Assim não pode ser — disse John, endurecendo o coração contra aquele pequeno pecador. — Nunca teremos paz enquanto aquela criança não aprender a ir para a cama como deve ser. Já te escravizaste durante demasiado tempo. Dá-lhe uma lição e o problema ficará resolvido. Deita-o na cama e deixa-o ficar, Meg.

— Ele não vai querer. Só fica sossegado se eu me sentar ao seu lado.

— Eu trato dele. Vai para cima e deita-te, como a mamã mandou, Demi.

— Não *queo*! — replicou o jovem rebelde, pegando no cobiçado «bolinho» e começando a comê-lo com calma audácia.

— Nunca debes dizer isso ao papá. Se não fores, eu próprio te levo.

— Vá, bora; mim não *gota* do papá! — E Demi refugiou-se nas saias da mãe.

Mas esse subterfúgio revelou-se inútil, pois foi entregue ao inimigo com um «Sê brando com ele, John», que encheu o culpado de espanto, pois se a mamã o abandonava era porque o dia do juízo final se aproximava. Despojado do bolo, defraudado da festa e levado por uma mão forte para aquela detestada cama, o pobre Demi não conseguiu reprimir a raiva e desafiou abertamente o papá, esperneando e gritando sem parar até ao cimo das escadas. Quando era posto na cama de um lado, saía pelo outro e dirigia-se para a porta, para ser ignominiosamente apanhado pela ponta da pequena camisa de dormir e posto uma vez mais na cama. Isto repetiu-se até o pequeno perder as forças, e nessa altura dedicou-se a gritar a plenos pulmões. Este exercício vocal costumava conquistar Meg, mas John ficou tão indiferente como a proverbial porta que se diz ser surda. Sem aconchego, sem açúcar, sem canção de embalar e sem história, até a luz foi apagada, ficando a «grande escuridão» do quarto iluminada apenas pelo brilho avermelhado da lareira, que Demi olhou com curiosidade, não com medo. Esta nova ordem de coisas desagradou-lhe e gritou sombriamente pela mamã enquanto a raiva passava e lembranças da sua terna escrava voltavam ao autocrata preso. As lamúrias que se seguiram aos raivosos gritos partiram o coração de Meg, que subiu as escadas a correr e implorou:

— Deixa-me ficar com ele. Agora ele vai portar-se bem, John.

— Não, minha querida, eu disse-lhe que tem de ir dormir, como tu mandaste, e é o que vai acontecer, nem que tenha de ficar aqui a noite inteira.

— Mas ele vai ficar doente de tanto chorar — suplicou Meg, recriminando-se por abandonar o seu menino.

— Não vai nada. Está tão cansado, que vai adormecer não tarda nada e o assunto ficará resolvido porque ele compreenderá que tem de obedecer. Não interfiras, que eu trato dele.

— Ele é meu filho e não posso admitir que o seu temperamento seja dominado com dureza.

— Ele é meu filho e não vou admitir que o seu temperamento seja estragado com indulgência. Vai para baixo, minha querida, e deixa o rapaz comigo.

Quando Jo falava naquele tom autoritário, Meg obedecia sempre, e nunca lamentou a sua docilidade.

— Posso dar-lhe um beijo, John?

— Claro que sim. Demi, diz «boa noite» à mamã e deixa-a ir descansar, porque ela está muito cansada por passar o dia inteiro a cuidar de vocês.

Meg insistiu sempre que foi o beijo que conquistou a vitória, pois depois disso Demi soluçou mais calmo e ficou muito quieto ao fundo da cama, onde se tinha encostado a fazer birra.

«Pobre homenzinho! Ele está exausto de tanto sono e de tanto chorar. Vou tapá-lo e depois vou acalmar a Meg», pensou John, aproximando-se da cabeceira à espera de ver o seu rebelde herdeiro a dormir.

Mas não estava, e no momento em que o pai espreitou para ele, os seus olhos abriram-se, o pequeno queixo começou a tremer e ele estendeu os braços, dizendo com um penitente soluço:

— *Mim bom agoa.*

Sentada nas escadas do lado de fora do quarto, Meg não percebeu o longo silêncio que se seguiu à birra e, depois de imaginar todo o tipo de acidentes impossíveis, entrou em silêncio no quarto para ver o que se passava. Demi estava profundamente adormecido, não na posição habitual de braços abertos, mas enroscado, aninhado no interior do braço do pai e a segurar o seu dedo, como se sentisse que a justiça era atenuada com misericórdia, e adormecera um bebé mais triste e mais sábio. John esperou com paciência feminina até a pequena mão soltar o aperto e, enquanto esperava, adormeceu, mais cansado depois daquela guerra com o pequeno filho que com um dia inteiro de trabalho.

Ao contemplar os dois rostos na almofada, Meg sorriu e saiu, dizendo num tom satisfeito:

— Não tenho de temer que o John seja duro com os meus bebés. Ele *sabe* lidar com eles e será uma grande ajuda, porque o Demi *está* a ser demais para mim.

Quando desceu por fim, à espera de encontrar uma mulher pensativa ou recriminadora, John ficou agradavelmente surpreendido ao vê-la ornamentar um chapéu e muito contente quando ela lhe pediu para ler alguma coisa sobre as eleições, se não estivesse demasiado cansado. Percebeu logo que estava em curso uma revolução, mas, prudentemente, absteve-se de fazer perguntas, pois sabia que Meg era uma pessoa tão transparente que nunca conseguiria guardar um segredo nem para salvar a vida e, por conseguinte, depressa surgiria uma pista. Leu um longo debate com grande prazer e em seguida explicou-o no seu estilo lúcido, enquanto Meg tentava parecer muito interessada, fazer perguntas inteligentes e evitar que os seus pensamentos fugissem do estado da nação para o estado do chapéu. Porém, no seu íntimo, decidiu que a política era tão má como a matemática e que a missão dos políticos parecia ser chamar nomes uns aos outros, mas guardou estas ideias femininas só para si e, quando John se calou, abanou a cabeça e deu a sua opinião com diplomática ambiguidade:

— Bem, a verdade é que não percebo onde vamos parar.

John riu-se e observou-a durante alguns momentos, enquanto ela equilibrava uma linda composição de tule e flores na mão e a olhava com um genuíno interesse que o seu discurso não conseguira despertar.

«Ela está a tentar gostar de política por minha causa, por isso vou tentar gostar de artigos de modas femininas», pensou o justo John, acrescentando em voz alta:

— Isso é muito bonito. É o que chamam uma touca de pequeno-almoço?

— Meu querido marido, é um chapéu... o meu melhor chapéu para ir a concertos e ao teatro!

— Enganei-me. Como é tão pequeno, confundi-o com uma daquelas coisas vaporosas que usas às vezes. Como é que o seguras na cabeça?

— Estes pedaços de renda são presos por baixo do queixo com um botão de rosa, assim... — E Meg demonstrou pondo o chapéu e olhando-o com uma irresistível expressão de calma satisfação.

— É um chapéu amoroso, mas prefiro o rosto que está por baixo, porque parece novamente jovem e feliz. — E John beijou o rosto sorridente, para grande prejuízo do botão de rosa sob o queixo.

— Ainda bem que gostas, porque quero que me leves a um dos novos concertos uma destas noites. Preciso muito de um pouco de música para voltar aos eixos. Não te importas?

— Claro que levo, com todo o gosto, ou a qualquer outro sítio onde queiras ir. Estiveste fechada durante tanto tempo, que vai fazer-te um bem imenso e eu vou gostar muito. Quem é que te pôs isso na cabeça, mãezinha?

— Bem, há uns dias tive uma conversa com a mãe e contei-lhe como me sentia nervosa, zangada e aborrecida, e ela disse-me que precisava de mudar e de ter menos preocupações. Por isso, a Hannah vem ajudar-me com as crianças e eu vou cuidar mais da casa e divertir-me um pouco de vez em quando, para não me tornar uma velha nervosa e acabada antes do tempo. É apenas uma experiência, John, e quero tentar por ti e por mim, porque te abandonei vergonhosamente nos últimos tempos e vou tentar pôr a nossa casa como era antes. Não te opões, pois não?

Não importa o que John disse nem que o pequeno chapéu tenha escapado por um triz da mais completa ruína; a única coisa que temos de saber é que ele *não* pareceu opor-se, a avaliar pelas mudanças que ocorreram de forma gradual na casa e nos seus ocupantes. Nem tudo foi um mar de rosas, mas todos ficaram melhor com o sistema de divisão de tarefas. As crianças melhoraram muito com a disciplina imposta pelo pai, pois o correto e inflexível John trouxe ordem e obediência ao Reino dos Bebés, e Meg recuperou a animação e controlou os nervos com bastante exercício saudável, algum prazer e muitas conversas confidenciais com o sensato marido. A casa tornou-se de novo um lar e John não sentia vontade de sair, a não ser que a mulher o acompanhasse. Agora os Scotts visitavam os Brookes e todos achavam que a casinha era um lugar alegre, repleto de

felicidade, alegria e amor familiar. Até a alegre Sallie Moffat gostava de ir lá. «A tua casa é sempre muito calma e agradável. Faz-me bem, Meg», costumava dizer, olhando em volta com olhos melancólicos como se estivesse a tentar descobrir o encanto para poder usá-lo na casa grande, cheia de esplêndida solidão, pois não havia ali bebês ruidosos e risonhos e Ned vivia num mundo que era só seu e onde não havia lugar para ela.

Esta felicidade caseira não surgiu de repente, mas John e Meg tinham encontrado a chave para ela e cada ano da vida de casados ensinava-os a usá-la, abrindo os tesouros de verdadeiro amor e ajuda mútua que os mais pobres podem possuir e os mais ricos não conseguem comprar. É o tipo de prateleira onde as jovens esposas e mães podem deixar-se colocar, a salvo das ansiedades, problemas e complicações do mundo, encontrando amores leais nos pequenos filhos e filhas que se agarram a elas sem se deixarem intimidar com tristeza, pobreza ou idade e caminhando lado a lado, nos bons e nos maus momentos, com um amigo leal que é, no verdadeiro sentido da antiga expressão, «o amparo do lar», e aprendendo, como Meg aprendeu, que o reino mais feliz de uma mulher é a sua casa e a sua maior honra é a arte de a governar — não como rainha mas como sensata esposa e mãe.

CAPÍTULO DEZASSEIS

LAURENCE, O PREGUIÇOSO

Laurie foi para Nice com a intenção de ficar uma semana e ficou um mês. Estava cansado de andar a viajar sozinho e a familiar presença de Amy parecia trazer às paisagens estrangeiras onde se encontrava o encanto de casa. Sentia bastante falta dos «mimos» que recebia e gostou de senti-los de novo, pois as atenções de desconhecidas, por muito lisonjeiras que fossem, não tinham metade do encanto da fraterna adoração das raparigas em casa. Amy nunca o mimaria como as outras, mas estava muito contente por vê-lo agora e não o largava, sentindo que ele era o representante da querida família, de quem sentia mais saudades do que confessava. Os dois jovens consolaram-se naturalmente na companhia um do outro e passavam muito tempo juntos, a andar a cavalo, a passear, a dançar ou a preguiçar, pois em Nice ninguém pode ser muito ativo durante a temporada das festas. Porém, muito embora aparentemente estivessem a divertir-se com grande descontração, de uma forma semiconsciente estavam a fazer descobertas e a formar opiniões sobre cada um. Amy subia todos os dias na estima do amigo, mas ele caía na dela, e ambos sentiram a verdade sem que fosse preciso proferir uma só palavra. Ela tentava agradar e conseguia, porque estava agradecida pelos muitos prazeres que ele lhe proporcionava, e retribuía com as pequenas coisas que as mulheres femininas sabem fazer com um encanto indescritível. Laurie não se esforçava nada, deixando-se ir o mais confortavelmente possível enquanto tentava esquecer e achando que todas as mulheres lhe deviam uma palavra bondosa porque uma o tratara com frieza. Não lhe custava ser generoso e teria oferecido a Amy todas as bugigangas à venda em Nice se ela as tivesse aceitado, mas, ao mesmo tempo, sentia que não podia mudar a opinião que ela começava a fazer dele e tinha bastante medo dos astutos olhos azuis que pareciam observá-lo com um misto de pena e surpresa trocista.

— Foram todos passar o dia ao Mónaco, mas eu preferi ficar aqui para escrever cartas. Já as terminei e vou desenhar para Valrosa. Queres vir? — perguntou Amy, quando Laurie chegou como era habitual por volta do meio-dia de um dia encantador.

— Bem, sim. Mas não está muito calor para uma caminhada tão longa? — respondeu ele devagar... pois o fresco *salon* parecia convidativo depois de olhar lá para fora.

— Tenho a carruagem pequena e o Baptiste pode conduzir, por isso não terás de fazer nada a não ser segurar no guarda-chuva e manter as luvas limpas — retorquiu Amy, lançando um olhar sarcástico para as imaculadas luvas, que eram um ponto fraco de Laurie.

— Nesse caso, irei com prazer — disse ele, estendendo a mão para o bloco de desenho,

mas ela prendeu-o debaixo do braço com um áspero:

— Não te incomodes... não me custa nada levá-lo e *tu* pareces exausto.

Laurie ergueu as sobrancelhas e seguiu-a sem pressa quando ela correu para o andar de baixo, mas, quando entraram na carruagem, pegou nas rédeas e deixou o pequeno Baptiste sem nada para fazer a não ser cruzar os braços e adormecer no seu assento.

Os dois nunca discutiam. Amy era demasiado bem-educada e agora Laurie estava demasiado preguiçoso. Por isso, pouco depois ele espreitou por baixo da aba do chapéu da rapariga com um ar inquisitivo. Ela respondeu com um sorriso e seguiram juntos numa disposição muito amistosa.

Foi um passeio encantador por estradas sinuosas cheias de pitorescos cenários que encantam os olhos apreciadores de coisas belas. Aqui, um antigo mosteiro, de onde os solenes cânticos dos monges chegavam até eles. Ali, um pastor de pernas nuas, com sapatos de madeira, chapéu pontiagudo e um tosco casaco sobre um ombro sentava-se a fumar cachimbo numa pedra enquanto as cabras saltitavam entre as rochas ou se deitavam aos seus pés. A cada passo viam-se burros mansos cor de rato carregados com cestas de erva acabada de cortar, com uma bonita rapariga de *capaline* sentada entre as pilhas verdes, ou uma velha a fiar com uma roca. Trigueiras crianças de olhos suaves saíam a correr de casebres de pedra para oferecer ramos de flores ou molhos de laranjas ainda nos ramos. As colinas estavam cheias de nodosas oliveiras de folhagem escura, havia fruta madura nos pomares e grandes anémonas escarlate ladeavam as bermas da estrada, para lá das quais se erguiam as encostas verdes e as altas escarpas íngremes e brancas dos Alpes Marítimos em grande destaque contra o azul céu italiano.

Valrosa merecia bem o nome, pois naquele clima de verão eterno havia rosas a florescer por toda a parte. Cobriam a arcada, enfiavam-se entre as grades do grande portão dando doces boas-vindas a quem por ali passava e ladeavam a avenida que serpenteava por entre os limoeiros e as frondosas palmeiras até à mansão na colina. Todos os recantos de sombra, onde os bancos convidavam as pessoas a parar e descansar, eram uma massa de flores; cada fresca caverna natural tinha uma ninfa de mármore a sorrir atrás de um véu de flores; e cada fonte refletia rosas vermelhas, brancas ou cor-de-rosa curvadas para sorrir à sua própria beleza. Rosas cobriam as paredes da casa, adornavam as cornijas, trepavam pelos pilares e invadiam a balaustrada do enorme terraço, de onde se avistava o soalheiro mar Mediterrâneo e a cidade de muralhas brancas na costa.

— É um verdadeiro paraíso para passar a lua de mel, não achas? Alguma vez viste rosas assim? — perguntou Amy, parando no terraço para apreciar a paisagem e sentindo um luxuriante perfume no ar.

— Não, e também nunca senti espinhos assim — replicou Laurie, com o polegar na boca após uma vã tentativa de apanhar uma solitária flor vermelha que crescia fora do seu alcance.

— Experimenta mais em baixo e apanha as que não têm espinhos — aconselhou Amy, apanhando sem dificuldade três minúsculas rosas pálidas que enfeitavam a parede atrás de si. Pô-las na lapela de Laurie como uma oferenda de paz e ele parou durante alguns

instantes a contemplá-las com uma expressão curiosa, pois na parte italiana da sua natureza havia um pouco de superstição e ele estava naquele estado de agri-doce melancolia em que os jovens com uma imaginação fértil encontram significado em coisas insignificantes e alimento para o romance em toda a parte. Pensara em Jo quando tentava apanhar a espinhosa rosa vermelha, pois as flores de cores fortes ficavam-lhe bem e ela usava-as com frequência, cortando-as na estufa em casa. As rosas pálidas que Amy lhe ofereceu eram as que os italianos colocam nas mãos de defuntos, nunca em *bouquets* de noivas, e por instantes pensou se o agoiro seria para Jo ou para si mesmo. Porém, no instante seguinte, o seu senso comum americano suplantou o sentimentalismo e soltou a gargalhada mais forte que Amy lhe ouvia desde que ele tinha chegado.

— É um bom conselho... é melhor que o aceites, para poupar os dedos — disse ela, convencida de que a sua conversa o divertia.

— Obrigado, é o que vou fazer! — respondeu ele na brincadeira... e passados alguns meses fê-lo a sério.

— Quando é que vais ter com o teu avô, Laurie? — perguntou Amy, quando ele se sentou num banco rústico.

— Muito em breve.

— Já disseste isso uma dúzia de vezes nas últimas três semanas.

— Devo dizer que respostas curtas evitam problemas.

— Ele está à tua espera e devias ir.

— Ele é uma criatura hospitaleira, bem sei!

— Então, porque é que não vais?

— Perversidade natural, suponho.

— Indolência natural, queres dizer. É um horror! — e Amy parecia severa.

— Não é tão mau como parece. Se fosse, só ia aborrecê-lo, por isso mais vale ficar aqui a atormentar-te mais um pouco... tu aguentas melhor. Na verdade, acho que é muito bom irritar-te. — E Laurie instalou-se confortavelmente para descansar no largo rebordo da balaustrada.

Amy abanou a cabeça e abriu o bloco de desenho com uma expressão de resignação, mas decidiu pregar um sermão «àquele rapaz» e, passado um minuto, recomeçou.

— Que é que estás a fazer agora?

— A observar lagartos.

— Não, não! O que quero saber é o que pretendes e desejas fazer?

— Fumar um cigarro, se tu permitires.

— És insuportável! Sabe que não aprovo que fumes e só permitirei se me deixares desenhar-te. Preciso de uma figura.

— Com todo o prazer. Como queres retratar-me? De corpo inteiro ou três quartos, a fazer o pino ou de pé? Eu sugeriria com o maior respeito uma postura reclinada, e depois desenha-te também e chama-lhe *Dolce far niente*.

— Fica como estás e adormece se quiseses. *Eu* pretendo trabalhar muito — replicou Amy no seu tom mais enérgico.

— Que delicioso entusiasmo! — disse Laurie, recostando-se num vaso alto com uma expressão de absoluta satisfação.

— Que diria a Jo se te visse agora? — perguntou Amy com impaciência, esperando arrancá-lo daquela apatia ao mencionar o nome da sua irmã ainda mais enérgica do que ela.

— O que diz sempre: «Vai-te embora, Teddy, que estou ocupada!» — Riu-se quando falou, mas a gargalhada não soou natural e uma sombra passou-lhe pelo rosto, pois ouvir aquele nome tocou na ferida que ainda não estava sarada. O tom e a sombra intrigaram Amy, pois já vira aquelas expressões antes e agora olhava a tempo de lhe apanhar uma nova no rosto: um olhar duro e amargo, cheio de dor, insatisfação e mágoa que desapareceu antes de ela poder analisá-lo, dando novamente lugar à expressão indiferente. Enquanto ele se refastelava ao sol, com a cabeça descoberta e olhos cheios de devaneio sulista, Amy observou-o durante alguns instantes com um prazer artístico, a pensar que ele parecia italiano, pois Laurie parecia tê-la esquecido e estava perdido nos seus pensamentos.

— Pareces a efígie de um jovem cavaleiro a dormir no seu túmulo — disse ela, desenhando com cuidado o bonito perfil definido contra a pedra escura.

— Quem me dera!

— Que desejo tão disparatado, a menos que tenhas estragado a tua vida. Estás tão mudado, que às vezes penso... — Amy calou-se, com um olhar tímido e melancólico, mais significativo do que a frase que deixara a meio.

Laurie viu e compreendeu a afetuosa ansiedade que ela hesitava em expressar. Olhando-a nos olhos, disse, como costumava dizer à mãe dela:

— Está tudo bem, minha senhora!

Aquilo satisfê-la e acalmou as dúvidas que tinham começado a preocupá-la nos últimos tempos. Também a comoveu, e mostrou-o no tom cordial com que disse:

— Ainda bem! Não pensei que tivesses feito alguma coisa má, mas imaginei que poderias ter gasto muito dinheiro naquela devassa cidade de Baden-Baden, ter perdido a cabeça por alguma encantadora francesa casada ou teres-te metido num daqueles sarilhos que os jovens parecem considerar uma parte necessária de uma viagem ao estrangeiro. Não fiques aí ao sol, vem deitar-te aqui na relva e «vamos ser amigos», como Jo costumava dizer quando nos sentávamos no canto do sofá a contar segredos uns aos outros.

Laurie deitou-se obedientemente na relva e começou a prender margaridas nas fitas do

chapéu de Amy, que estava pousado no chão.

— Estou pronto para os segredos. — E ele olhou para cima com uma decidida expressão de interesse nos olhos.

— Eu não tenho nenhum para contar. Podes começar.

— Eu também não tenho nenhum. Pensei que talvez tivesses notícias de casa.

— Conte-te tudo o que veio recentemente. Não recebes muitas cartas? Pensei que tu e a Jo escreviam verdadeiros testamentos um ao outro.

— Ela está muito ocupada e eu ando de um lado para o outro, por isso é impossível manter uma correspondência regular. Quando é que comesças a tua grande obra de arte, Raphaella? — perguntou ele, mudando de assunto de forma abrupta depois de nova pausa, durante a qual perguntou a si mesmo se Amy conheceria o seu segredo e queria falar sobre o assunto.

— Nunca! — respondeu ela, com uma expressão abatida mas decidida. — Roma tirou-me toda a vaidade que tinha, porque ao ver aquelas maravilhas senti-me demasiado insignificante para viver e, desesperada, renunciei a todas as minhas disparatadas esperanças.

— Porquê, se tens tanta energia e talento?

— Precisamente por isso. Porque talento não é génio e não há energia que possa converter-se nele. Eu quero ser grande, ou nada. Não serei uma simples troca-tintas, por isso não quero continuar a tentar.

— E agora que é que vais fazer com a tua pessoa, se me é permitido perguntar?

— Vou aperfeiçoar os meus outros talentos e ser um ornamento para a sociedade, se tiver essa oportunidade.

Foi um discurso audacioso e bem típico de Amy, mas a audácia fica bem aos jovens e a sua ambição tinha um bom fundamento. Laurie sorriu, mas gostou do espírito com que ela abraçava um novo objetivo quando o que acalentava há tanto tempo morria, sem perder tempo a lamentar-se.

— Bom! E presumo que é aqui que entra o Fred Vaughn.

Amy manteve um silêncio discreto, mas no seu rosto cabisbaixo estampou-se uma expressão preocupada que levou Laurie a sentar-se e dizer num tom sério:

— Agora vou ser o irmão e fazer-te perguntas. Pode ser?

— Não prometo responder.

— Se a tua língua não disser nada, a tua cara vai dizer. Ainda não és uma mulher suficientemente mundana para esconder os teus sentimentos, minha querida. No ano passado ouvi rumores que te envolviam e ao Fred, e a minha opinião é que se ele não tivesse sido chamado a casa tão de repente, e demorado tanto tempo, teria resultado em alguma coisa. Estou certo?

— Não me compete a mim dizer — foi a formal resposta de Amy, mas os seus lábios sorriram e os seus olhos encheram-se de um brilho traidor que mostraram que ela conhecia o seu poder e gostava de saber que existia.

— Não estás noiva, espero? — E de repente Laurie assumiu uma séria expressão de irmão mais velho.

— Não.

— Mas ficarás, se ele voltar e se ajoelhar aos teus pés, não é verdade?

— Muito provavelmente.

— Então, gostas do velho Fred?

— Podia gostar, se me esforçasse.

— Mas não pretendes tentar enquanto não chegar o momento oportuno? Santo Deus, que extraordinária prudência! Ele é um bom rapaz, Amy, mas nunca pensei que te agradasse.

— É rico, é um cavalheiro e tem modos encantadores — começou Amy, a tentar parecer descontraída e digna, mas sentindo alguma vergonha de si mesma, apesar da sinceridade das suas intenções.

— Compreendo... as rainhas da sociedade não podem viver sem dinheiro, por isso queres fazer um bom casamento e começar dessa forma? Muito certo e bem pensado, tendo em conta como está o mundo, mas parece-me estranho, vindo dos lábios de uma das filhas da tua mãe.

— No entanto, é verdade.

Foi uma frase curta, mas a determinação com que foi proferida contrastou de forma curiosa com a jovem que falava. Laurie sentiu isto intuitivamente e deitou-se de novo, com uma sensação de desilusão que não conseguiu explicar. O seu olhar e silêncio, bem como uma certa desaprovação tácita, irritaram Amy e fizeram-na decidir dizer-lhe tudo o que queria sem mais demora.

— Gostava que me fizesses o favor de despertar um pouco — disse com brusquidão.

— Sê uma menina linda e fá-lo por mim!

— Se tentasse, conseguiria. — E Amy pareceu disposta a mostrar-lhe da forma mais sumária possível

— Então tenta. Dou-te autorização — retorquiu Laurie, satisfeito por ter alguém para irritar depois de uma longa abstinência do seu passatempo preferido.

— Ficarias zangado em cinco minutos.

— Eu nunca me zango contigo. São precisas duas pedras para fazer fogo e tu és tão fria e macia como a neve.

— Não tens ideia do que sou capaz de fazer... se aplicada da forma certa, a neve produz brilho e ardor. A tua indiferença é em parte afetação, e uma boa sacudidela poderá provar

isso.

— Sacode à vontade. Não me vai magoar e talvez te divirtas, como dizia o grande homem quando a pequena mulher lhe batia. Olha-me como se fosse um marido ou uma carpete e bate até te cansares, se esse exercício te agrada.

Amy estava sem dúvida picada e queria vê-lo deixar a apatia que tanto o alterava, por isso afiou a língua e o lápis e começou:

— Eu e a Flo temos um nome novo para ti. É Laurence, o preguiçoso. Agrada-te?

Pensou que Laurie ficaria aborrecido, mas ele limitou-se a cruzar os braços atrás da cabeça com um imperturbável:

— Não é mau! Obrigado, meninas.

— Queres saber o que penso sobre ti na realidade?

— Estou ansioso para saber.

— Bem... desprezo-te.

Se Amy tivesse dito «odeio-te», num tom petulante e coquete, ele ter-se-ia rido e gostado bastante, mas o tom sério e quase triste da voz da amiga fê-lo abrir os olhos e perguntar:

— Posso saber porquê?

— Porque com todas as oportunidades para seres bom, útil e feliz, tens defeitos, és preguiçoso e infeliz.

— É uma linguagem forte, *mademoiselle*.

— Se quiseses, posso continuar.

— Continua, por favor, é muito interessante.

— Bem me pareceu que ias gostar. As pessoas egoístas gostam sempre de falar sobre si mesmas.

— *Eu* sou egoísta? — A pergunta escapou sem querer, e num tom de surpresa, pois a única virtude de que ele se orgulhava era da generosidade.

— Sim, muito egoísta — continuou Amy num tom calmo e frio, mais eficaz do que se estivesse zangada. — Vou dizer-te porquê, porque te tenho observado enquanto nos divertimos e não estou nada satisfeita contigo. Andas a viajar há quase seis meses e não fizeste nada a não ser perder tempo e dinheiro, e desapontar os teus amigos.

— Uma pessoa não pode divertir-se um pouco depois de quatro anos de trabalhos forçados?

— Pelo que vejo, não pareces ter-te divertido muito. Pelo menos não estás mais feliz. Quando nos encontrámos, eu disse que estavas melhor. Agora retiro tudo o que disse, pois não tens metade da simpatia que tinhas quando te deixei em casa. Tornaste-te

abominavelmente preguiçoso, gostas de coscuvilhices e perdes tempo com coisas frívolas. Contentas-te em ser mimado e admirado por pessoas tontas, em vez de ser amado e respeitado por pessoas sábias. Com dinheiro, talento, posição, saúde e beleza... ah, gostas disso, grande vaidoso!, mas é a verdade e tenho de a dizer... com todas essas coisas esplêndidas para usar e aproveitar, não fazes mais nada a não ser mandriar, e em vez de seres o homem que podias e devias ser, és apenas... — Amy calou-se, com os olhos cheios de dor e pena.

— São Laurence num andor — acrescentou Laurie, terminando tranquilamente a frase. Mas o sermão começava a surtir efeito, pois agora os seus olhos tinham um brilho desperto e uma expressão meio zangada, meio magoada, substituíra a indiferença anterior.

— Imaginei que irias reagir assim. Os homens dizem-nos que somos anjos e que podemos fazer de vós o que quisermos, mas no instante em que tentamos fazer-vos bem, riem-se de nós e não escutam, o que prova o valor da vossa adulação. — Amy falou com amargura e virou as costas ao exasperante mártir que se encontrava aos seus pés.

Passados alguns instantes, uma mão pousou na página para a impedir de continuar a desenhar e a voz de Laurie disse, com a cómica imitação de uma criança arrependida:

— Vou portar-me bem! Oh, prometo que me vou portar bem!

Mas Amy não se riu, pois estava a levar o seu papel muito a sério, e, batendo na mão aberta com o lápis, disse, num tom sóbrio:

— Não tens vergonha de ter uma mão assim? É tão macia e branca como a de uma mulher e parece que nunca fez outra coisa a não ser usar as melhores luvas da Jouvin e apanhar flores para as senhoras. Graças a Deus que não és um dândi! Por isso, ainda bem que não tens anéis de diamantes ou braceletes, apenas o pequenino que a Jo te deu há tanto tempo. Querida irmã! Como gostaria que ela estivesse aqui para me ajudar.

— Também eu!

A mão desapareceu tão depressa como tinha surgido, e o eco do seu desejo teve energia suficiente para agradar até a Amy, que o olhou com um novo pensamento na cabeça — mas ele estava deitado com o chapéu a tapar o rosto, como se quisesse estar à sombra, e o bigode escondia a boca. Só viu o peito subir e descer com uma respiração profunda que podia ser um suspiro, e a mão que usava o anel no meio da relva, como se estivesse a esconder uma coisa demasiado preciosa ou terna para ser mencionada. De repente, várias insinuações e ninharias ganharam forma e significado aos olhos de Amy e disseram-lhe o que a irmã nunca lhe tinha confiado. Percebeu que Laurie nunca tomava a iniciativa de falar sobre Jo, recordou a sombra que passara pelo seu rosto pouco antes, a mudança no seu carácter e o facto de continuar a usar o pequeno anel, que não era um ornamento digno de uma mão elegante. As raparigas são rápidas a perceber esses sinais e sentem a sua eloquência. Amy tinha pensado que aquela alteração talvez se devesse a um desgosto de amor e agora tinha a certeza. Os seus olhos marejaram-se de lágrimas e, quando falou de novo, fê-lo numa voz que podia ser maravilhosamente suave e bondosa, quando queria.

— Sei que não tenho o direito de te falar assim, Laurie, e se não fosses a pessoa mais

doce do mundo estarias muito zangado comigo. Mas todos gostamos muito de ti e sentimos um orgulho tão grande em tudo o que fazes que não suportei a ideia de que ficariam desapontados contigo em casa como eu fiquei aqui... embora talvez eles compreendessem a mudança melhor do que eu.

— Talvez sim — foi a resposta que veio de baixo do chapéu, num tom sombrio e tão comovente como se estivesse a chorar.

— Se me tivessem contado, não te teria massacrado e ralhado quando devia ter sido mais bondosa e paciente que nunca. Nunca gostei daquela Menina Randal e agora odeio-a! — disse a astuta Amy, decidida a saber toda a verdade.

— Para o diabo com a Menina Randal! — E Laurie tirou o chapéu da cara com uma expressão que não deixava dúvidas quanto aos seus sentimentos por aquela jovem.

— Peço desculpa. Pensei... — E Amy fez uma diplomática pausa.

— Não pensaste nada. Sabias perfeitamente bem que nunca gostei de ninguém a não ser da Jo — disse Laurie com o velho tom impetuoso e virando-lhe as costas enquanto falava.

— Bem me parecia, mas como nunca me disseram nada e tu vieste para a Europa, pensei que estava enganada. E a Jo não foi bondosa contigo? Ora, eu estava convencida de que ela te amava muito.

— Ela *foi* bondosa, mas não da maneira certa, e é uma sorte não me amar, se eu sou o tipo imprestável que pensas que sou. No entanto, a culpa é dela e podes dizer-lhe isso.

O olhar duro e amargo voltou quando ele falou e Amy ficou preocupada porque não sabia que bálsamo aplicar para curar aquela ferida.

— Fiz mal, não sabia. Desculpa ter-me zangado tanto, mas gostava muito que suportasses isso melhor, meu querido Teddy.

— Não digas isso! É o nome que ela me chama! — E Laurie levantou a mão num gesto rápido para travar as palavras proferidas num tom com um misto de bondade e censura que era tão característico de Jo. — Espera até passares pelo mesmo — acrescentou em voz baixa, enquanto arrancava mãos-cheias de relva.

— Se estivesse no teu lugar, suportaria a dor com valentia, para ganhares o seu respeito, já que não tiveste o seu amor — exclamou Amy, com a decisão de quem nada sabia sobre o assunto.

Ora, Laurie orgulhava-se de *ter* reagido especialmente bem, sem lamentações, sem pedir compaixão e partindo com o seu desgosto para ultrapassá-lo sozinho. O sermão de Amy colocou a questão sob uma nova perspetiva e pela primeira vez pareceu-lhe fraco e egoísta desanimar daquela maneira ao primeiro fracasso e fechar-se numa taciturna indiferença. De repente, foi como se tivesse sido despertado com um safanão de um sonho melancólico e não conseguiu voltar a adormecer. Sentou-se e perguntou lentamente:

— Achas que a Jo me desprezaria como tu desprezas?

— Se te visse agora, sim. Ela detesta pessoas preguiçosas. Porque é que não fazes

alguma coisa esplêndida que a *obrigará* a amar-te?

— Fiz tudo o que pude, mas foi inútil.

— Estás a referir-te à licenciatura com louvor? Isso não foi mais do que a tua obrigação e o que devias ao teu avô. Teria sido uma vergonha falhar, depois de gastares tanto tempo e dinheiro quando todos sabiam que *tinhas capacidade* para chegar longe.

— Digas o que disseres, falhei, porque a Jo não me quis amar — começou Laurie, pousando a cabeça na mão num gesto de abatimento.

— Nada disso, e vais acabar por perceber, porque te fez bem e provou que, se quiseses, podes fazer alguma coisa. Se te dedicasses a outra tarefa do mesmo género, depressa voltarias a ser o Laurie alegre e feliz de sempre e esquecerias o teu desgosto.

— Isso é impossível!

— Experimenta e verás. Não precisas de encolher os ombros e pensar que eu não sei nada sobre essas coisas. Não tenho a pretensão de saber muito, mas *sou* observadora e vejo muito mais do que imaginas. Interessam-me as experiências e inconsistências dos outros e, embora não consiga explicar, lembro-me delas e uso-as em meu benefício. Podes amar a Jo a vida inteira, se quiseses, mas não deixes que esse amor te estrague, porque é uma pena desperdiçares tantos dons válidos por não poderes ter o que queres. Pronto... chega de sermão, porque sei que vais acordar e ser um homem, apesar daquela rapariga sem coração.

Nenhum deles falou durante vários minutos. Laurie sentou-se a rodar o pequeno anel no dedo e Amy deu os últimos retoques no apressado desenho em que estivera a trabalhar enquanto falava. Depois pousou-o no joelho e perguntou:

— Gostas?

Ele olhou e sorriu, porque o desenho estava magistral. A figura comprida e preguiçosa estava deitada na relva com uma expressão melancólica e olhos meio fechados, e uma mão segurava um cigarro de onde saía o pequeno fio de fumo que rodeava a cabeça do sonhador.

— Que bem que desenhas! — disse ele com genuína surpresa e prazer, acrescentando com uma pequena gargalhada: — Sim, sou eu.

— Como estás... este é como eras. — E Amy pôs outro desenho ao lado do que ele segurava.

Não estava tão bem feito, mas tinha uma vida e um espírito que compensavam os muitos defeitos e retratava tão bem o passado, que o rosto do jovem sofreu uma mudança enquanto o contemplava. Era um tosco desenho de Laurie a domar um cavalo; não tinha casaco nem chapéu e todas as linhas da ativa figura, rosto resoluto e atitude dominadora estavam cheias de energia e significado. O formoso animal, acabado de domar, arqueava o pescoço sob a rédea muito esticada, com uma pata a bater no chão com impaciência e as orelhas espetadas como se estivesse a escutar a voz de comando. Na crina encrespada, no cabelo ao vento e na atitude ereta do cavaleiro havia uma sugestão de movimento que

tinha sido parado repentinamente, de força, coragem e energia juvenil que contrastava profundamente com a indolente graça do desenho «*Dolce far niente*». Laurie não disse nada, mas, enquanto olhava para um e para o outro, Amy viu-o ruborizar-se e apertar os lábios como se estivesse a ler e assimilar a pequena lição que ela lhe dera. Aquilo satisfê-la e, sem esperar que ele falasse, disse, no seu tom alegre.

— Lembras-te do dia em que correste com o *Puck* e nós ficámos a ver? A Meg e a Beth estavam assustadas, mas a Jo bateu palmas e saltou, e eu sentei-me na vedação e desenhei-te. Encontrei esse esboço na minha pasta há poucos dias, retoquei-o e guardei-o para te mostrar.

— Muito agradecido! Melhoraste imenso desde então e dou-te os parabéns. Posso atrever-me a lembrar-te no «paraíso para uma lua de mel» que o jantar é servido às cinco no teu hotel?

Laurie levantou-se enquanto falava, devolveu-lhe os desenhos com um sorriso e uma vénia e olhou para o relógio, como se quisesse recordar-lhe que até os sermões morais têm de ter um fim. Tentou recuperar a anterior expressão calma e indiferente, mas agora *foi* uma afetação porque a repreensão tinha sido mais eficaz do que ele admitiria. Amy sentiu uma sombra de frieza nos seus modos e disse para si mesma: «Agora ofendi-o, mas se lhe fizer bem, não me importo... se o fizer odiar-me, lamento, mas é a verdade e não posso retirar uma única palavra do que disse.»

Riram-se e conversaram até chegarem ao hotel e, no seu pequeno assento nas traseiras da carruagem, o pequeno Baptiste pensou que *monsieur* e *mademoiselle* estavam muito bem-dispostos. Porém, ambos se sentiam pouco à vontade; a amizade franca tinha sido afetada, o sol estava tapado e, apesar da aparente alegria, no coração de cada um havia um secreto descontentamento.

— Vemo-nos esta noite, *mon frère*? — perguntou Amy, quando se separaram à porta da tia.

— Infelizmente, tenho um compromisso. *Au revoir, Mademoiselle!* — E Laurie curvou-se como se pretendesse beijar-lhe a mão, à moda estrangeira, coisa que fazia melhor do que muitos homens. Porém, alguma coisa no seu rosto fez Amy dizer, depressa e com uma expressão calorosa:

— Não. Sê comigo o que sempre foste e despede-te como antes. Prefiro um forte aperto de mão inglês às sentimentais saudações que se usam em França.

— Adeus, querida! — E com estas palavras, proferidas no tom de que gostava, Laurie deixou-a com um aperto de mão tão forte que quase doeu.

Na manhã seguinte, em vez da visita habitual, Amy recebeu um bilhete que a fez sorrir no princípio e suspirar no fim:

«Minha querida Mentora,

Por favor despede-te por mim da tua tia e podes exultar porque «Laurie, o preguiçoso»

foi ter com o avô, como o melhor dos meninos. Desejo-te um inverno agradável e espero que os deuses te concedam uma maravilhosa lua de mel em Valrosa! Acho que o Fred também lucraria com um safanão. Diz-lhe isso, com os meus parabéns.

O teu agradecido,

Telémaco»

— Lindo menino! Ainda bem que se foi embora — disse Amy, com um sorriso de aprovação. No instante seguinte, o sorriso desapareceu ao olhar para a sala vazia, e acrescentou, com um suspiro involuntário: — Sim, *estou* contente... mas vou sentir muitas saudades dele!

CAPÍTULO DEZASSETE

O VALE DA SOMBRA

Passada a primeira onda de amargura, a família aceitou o inevitável e tentou suportar a realidade com alegria, entreadjudando-se com o afeto aumentado que une os lares em tempos difíceis. Esqueceram o desgosto e cada um fez o que tinha de fazer para tornar feliz o último ano de Beth.

O quarto mais agradável da casa foi-lhe atribuído e ali foram colocadas todas as coisas de que mais gostava — flores, quadros, o seu piano, a pequena mesa de trabalho e os adorados gatinhos. Os melhores livros do pai foram lá parar, bem como a cadeira de baloiço da mãe, a secretária de Jo e os desenhos mais bonitos de Amy. Meg trazia os bebês todos os dias numa amorosa peregrinação que enchia de sol o dia da tia Beth. John começou a separar com discrição uma pequena quantia para poder ter o prazer de comprar a fruta que a doente adorava e desejava. A velha Hannah nunca se cansava de confeccionar manjares para tentar um apetite caprichoso, chorando enquanto trabalhava, e do outro lado do mar chegavam pequenos presentes e alegres cartas que pareciam trazer o calor e a fragrância de terras que não sabem o que é o inverno.

Era aqui que Beth se sentava, tranquila e ocupada como sempre, como uma santa doméstica no seu altar, pois nada poderia mudar a sua natureza doce e altruísta e, mesmo enquanto se preparava para deixar esta vida, tentava torná-la mais feliz para os que iriam ficar. Os frágeis dedos nunca estavam parados e um dos seus prazeres era fazer pequenas coisas para as crianças que passavam por ali todos os dias a caminho da escola. Deitar um par de luvas pela janela para um par de mãos roxas, uma bolsa de tecido para a pequena mãe de muitas bonecas, panos para limpar aparos para jovens escritores que se esforçavam no meio de florestas de rabiscos, livros de recortes para olhos que gostavam de arte e todos os tipos de agradáveis objetos, até as crianças que subiam com relutância a escada do conhecimento terem o seu caminho salpicado de flores, por assim dizer, e começarem a considerar a gentil doadora como uma espécie de fada madrinha que se sentava lá em cima e os enchia milagrosamente de presentes adequados aos seus gostos e necessidades. Se Beth quisesse alguma recompensa, encontrava-a nos rostinhos alegres que se voltavam sempre para a sua janela com acenos e sorrisos e para as cómicas cartinhas que recebia, cheias de borrrões e gratidão.

Os primeiros meses foram muito felizes e Beth costumava olhar à sua volta e dizer, «Como isto é lindo!» quando se sentavam todos juntos no quarto soalheiro, os bebês a espremer e a palpar no chão, a mãe e as irmãs a trabalhar perto dela e o pai a ler com a sua agradável voz os sábios livros antigos, que pareciam repletos de boas palavras de consolo tão pertinentes agora como quando tinham sido escritas, muitos séculos antes — uma

pequena capela onde um padre paternal ensinava ao seu rebanho as duras lições que todos temos de aprender, tentando mostrar-lhes que a esperança pode consolar o amor e a fé pode tornar possível a resignação. Sermões simples que iam diretamente para as almas dos que ouviam, porque o coração do pai estava na religião do sacerdote e as falhas frequentes na voz conferiam uma dupla eloquência às palavras que dizia ou lia.

Foi bom para todos terem este tempo de paz para se prepararem para as tristes horas que os esperavam, pois a certa altura Beth disse que a agulha estava «muito pesada» e pousou-a para sempre. Falar cansava-a, ver pessoas perturbava-a, a dor reclamou-a para si e o seu espírito tranquilo foi lamentavelmente perturbado pelos males que assolavam a sua fraca carne. Ai, que dias pesados, que noites tão longas, tanto sofrimento nos corações e tantas orações de súplicas quando os que mais a amavam foram obrigados a ver as magras mãos estendidas para eles numa súplica, a ouvir o amargo grito, «Ajudem-me, ajudem-me!» e a sentir que não havia ajuda. Um triste eclipse da alma serena, uma forte luta da jovem vida com a morte, mas ambos foram misericordiosamente breves e, passada a rebelião natural, a antiga paz voltou mais bela que nunca. Com a ruína do frágil corpo, a sua alma fortaleceu-se e, embora falasse pouco, os que a rodeavam sentiram que estava pronta, viram que o primeiro peregrino a ser chamado era o mais apto e esperaram com ela na margem, tentando ver os Espíritos de Luz que viriam recebê-la quando atravessasse o rio.

Jo nunca mais a deixou desde o momento em que ela disse «Sinto-me mais forte quando estás aqui». Dormia num sofá no quarto, acordando com frequência para reavivar o lume na lareira, para alimentar, levantar ou cuidar da paciente criatura que raramente pedia alguma coisa e «tentava não ser um estorvo». Passava o dia inteiro no quarto, com ciúmes de qualquer outra enfermeira e mais orgulhosa por ter sido escolhida do que por qualquer outra honra que recebera na vida. Foram horas preciosas e úteis para Jo, pois agora o seu coração recebia os ensinamentos de que necessitava; lições de paciência eram-lhe dadas com tanta doçura, que não poderia deixar de aprender; caridade para todos, o espírito encantador que consegue perdoar e esquecer verdadeiramente a maldade, a lealdade do dever que torna fáceis as coisas difíceis e a fé sincera que nada teme e confia sem duvidar.

Quando acordava, Jo via muitas vezes Beth a ler o seu livrinho muito gasto, ouvia-a cantar baixinho para passar a noite de insónia ou via-a com o rosto pousado nas mãos enquanto lágrimas lhes escorriam pelos dedos transparentes. Ficava deitada a observá-la, com pensamentos demasiado profundos para lágrimas, sentindo que a simples e altruísta Beth tentava desapegar-se da querida vida e preparar-se para a vida eterna com palavras sagradas de consolo, discretas orações e a música de que tanto gostava.

Ver isto fez mais por Jo do que os mais sábios sermões, os mais sagrados hinos e as mais fervorosas orações que qualquer voz poderia proferir, pois, com olhos iluminados por muitas lágrimas e um coração suavizado pelo mais terno desgosto, reconheceu a beleza da vida da irmã — sem grandes acontecimentos, sem ambições, e, no entanto, cheia das genuínas virtudes que «têm um cheiro doce e florescem no pó; o esquecimento de si mesma que faz com que os mais humildes da terra sejam os primeiros a ser lembrados no céu, o verdadeiro sucesso que é possível para todos.

Uma noite, enquanto procurava nos livros que estavam em cima da mesa alguma coisa

que a fizesse esquecer o cansaço mortal que sentia e que era quase tão difícil de suportar como a dor, enquanto folheava o seu velho preferido, *Pilgrim's Progress*, Beth encontrou um pequeno papel escrito com a caligrafia de Jo. Ao ler o seu nome e ver a tinta borrada nas linhas, teve a certeza de que tinham caído lágrimas na folha.

«Pobre Jo, está profundamente adormecida, por isso não vou acordá-la para lhe pedir autorização. Ela mostra-me todas as suas coisas e penso que não se importará que leia isto», pensou Beth, olhando para a irmã que estava deitada no tapete, com as tenazes ao lado, pronta para acordar logo que o tronco se desfizesse.

MINHA BETH

*Pacientemente sentada à sombra
Até que a luz do Alto chegue
É uma serena e santa presença
Que santifica a nossa afligida casa.
Alegrias, esperanças e tristezas terrenas,
Desfazem-se como pequenas ondas na margem
Do fundo e solene rio
Onde estão agora os seus dispostos pés.
Oh, minha irmã, que foges de mim,
Para longe das lutas e tristezas humanas,
Deixa-me como presente essas virtudes
Que a tua vida embelezaram!
Oferece-me, querida, essa infinita paciência
Que tem o poder de aguentar
Um espírito alegre e resignado
Na sua prisão de dor.

Dá-ma, pois tanto preciso dela,
Dessa coragem, sábia e doce.
Que fez florescer debaixo dos teus pés
O difícil caminho do dever.
Dá-me essa natureza altruísta,*

*Que com iluminação divina
Pode perdoar o mal com puro amor...
Dócil coração, perdoa-me o meu!*

*Assim perde o nosso adeus todos os dias
Um pouco da sua amarga dor,
E enquanto aprendo esta dura lição
A minha grande perda torna-se o meu ganho.
Pois tornará o toque do desgosto
A minha natureza mais serena,
Dará à vida novas aspirações —
E uma nova confiança no desconhecido.*

*Doravante, do outro lado do rio
Te verei para todo o sempre em segurança,
Um amado espírito caseiro
À minha espera na margem.
Esperança e fé da minha dor nascidas,
Serão os meus anjos da guarda,
E a irmã que antes de mim parte,
Pelas suas mãos me levará para casa.»*

Embora os versos estivessem manchados e com borrões de tinta, não rimassem e fossem fracos, puseram uma expressão de indizível consolo no rosto de Beth, pois a única coisa que lamentava na vida era ter feito tão pouco e isto pareceu garantir-lhe que a sua vida não fora inútil — que a sua morte não traria o desespero que temia. Enquanto estava sentada com o papel dobrado nas mãos, o tronco queimado desfez-se. Jo acordou, reavivou o lume e aproximou-se da cama em bicos de pés, esperando que a irmã estivesse a dormir.

— Não estou a dormir, querida, e estou muito feliz. Encontrei isto e li. Sei que não te importarias. Fui tudo isto para ti, Jo? — perguntou ela, com humilde ansiedade.

— Oh, Beth, tanto, tanto! — E Jo pousou a cabeça na almofada, ao lado da cabeça da irmã.

— Nesse caso, não sinto que tenha desperdiçado a minha vida. Não sou tão boa como me fazes, mas *tentei* fazer o que é certo, e agora, quando é tarde demais para começar a

fazer ainda melhor, é um grande consolo saber que uma pessoa me ama tanto e sente que a ajudei.

— Mais do que ninguém no mundo, Beth. Dantes, eu pensava que não te podia deixar ir, mas estou a aprender a sentir que não te vou perder, que serás mais para mim do que nunca e que, embora pareça que sim, a morte não poderá separar-nos.

— Eu sei que não pode e já não tenho medo dela, porque tenho a certeza de que continuarei a ser a tua Beth, para te amar e ajudar mais do que nunca. Tens de ocupar o meu lugar, Jo, e ser tudo para o pai e para a mãe quando eu partir. Eles vão voltar-se para ti e não podes abandoná-los. E se for difícil fazer tudo sozinha, lembra-te que não te esqueço e que serás mais feliz a fazer isso do que a escrever livros esplêndidos ou a ver o mundo inteiro, porque o amor é a única coisa que podemos levar connosco quando partimos e torna o fim muito fácil.

— Vou tentar, Beth. — E naquele momento Jo renunciou à sua antiga ambição e comprometeu-se com uma nova e melhor, reconhecendo a pobreza dos seus desejos e sentindo o abençoado refrigério de uma crença na imortalidade do amor.

Os dias de primavera iam passando, o céu ficou mais limpo, a terra mais verde, as flores desabrocharam cedo e os pássaros voltaram a tempo de se despedir de Beth, que, como uma criança cansada mas confiante, apertou a mão que a orientara durante a vida inteira enquanto o pai e a mãe a guiavam com ternura pelo vale da sombra e a entregavam a Deus.

Raramente, a não ser em livros, os moribundos proferem palavras memoráveis, têm visões ou partem com belas expressões. E as pessoas que acompanharam a partida de muitas almas sabem que para a maioria o fim chega com tanta naturalidade e simplicidade como o sono. Como Beth esperava, a «maré desceu com facilidade», e na hora de escuridão que antecede o amanhecer, no peito onde respirara pela primeira vez, soltou o último suspiro, sem uma despedida mas com um olhar cheio de amor e uma pequena expiração.

Com lágrimas, orações e mãos ternas, a mãe e as irmãs prepararam-na para o longo sono que a dor nunca mais perturbaria — vendo com olhos agradecidos a linda serenidade que depressa substituiu a patética paciência que atormentara os seus corações durante tanto tempo e sentindo com reverente alegria que para a sua querida a morte era um anjo benigno, não um fantasma cheio de pavor.

Quando a manhã chegou, pela primeira vez em muitos meses a lareira estava apagada, o lugar de Jo estava vazio e o quarto estava muito silencioso. Mas um pássaro cantava alegremente num arbusto ali perto, as campânulas-brancas floriam à janela e o sol primaveril brilhava como uma bênção no plácido rosto pousado na almofada, um rosto tão cheio de paz sem dor, que os que mais a amavam sorriram entre as lágrimas e agradeceram a Deus, porque, por fim, Beth estava bem.

CAPÍTULO DEZOITO

APRENDER A ESQUECER

O sermão de Amy fez bem a Laurie, embora ele só reconhecesse esse facto muito tempo depois; os homens raramente admitem, pois, quando as mulheres são as conselheiras, os senhores da criação não aceitam o conselho enquanto não se convencem de que era precisamente o que pretendiam fazer; só então o seguem e, se tudo correr bem, dão à conselheira do sexo fraco metade do crédito pelo sucesso; se falharem, atribuem-lhe generosamente toda a culpa. Laurie voltou para junto do avô e dedicou-se tanto a ele durante várias semanas, que o velho senhor declarou que o clima de Nice fizera maravilhas por ele e que devia repetir. Era o que o jovem mais queria fazer, mas nem elefantes o conseguiriam arrastar para lá, depois da reprimenda que recebera. O orgulho proibia-o, e sempre que as saudades eram muito fortes reforçava a sua resolução repetindo as palavras que tinham deixado uma impressão mais forte: «desprezo-te» e «vai fazer alguma coisa esplêndida que a *obrigará* a amar-te».

Laurie pensou tantas vezes naquele assunto, que depressa se viu obrigado a confessar que tinha *mesmo* sido egoísta e preguiçoso, mas quando um homem tem um grande desgosto deve poder satisfazer todos os tipos de caprichos até esquecer. Sentiu que os seus complicados problemas estavam quase acabados e, embora nunca deixasse de ser um fiel sofredor, não tinha ocasião para usar as suas roupas de luto de forma ostensiva. Jo *não* queria amá-lo, mas podia *fazê-la* respeitá-lo e admirá-lo se realizasse alguma coisa que provasse que o «não» de uma rapariga não lhe estragara a vida. Sempre quisera fazer alguma coisa útil e o conselho de Amy tinha sido bastante desnecessário. Só estava à espera de que os tais complicados problemas estivessem bem enterrados e, feito isso, sentiu que estava pronto para «esconder o seu coração destroçado e continuar a lutar».

Do mesmo modo que quando tinha uma alegria ou um desgosto Goethe colocava essa emoção numa canção, Laurie decidiu embalsamar o seu desgosto de amor em música e compor um requiem que atormentasse a alma de Jo e derretesse o coração de todos os ouvintes. Assim, quando o avô reparou que ele estava a ficar inquieto e melancólico e o mandou embora, foi para Viena, onde tinha amigos músicos, e dedicou-se ao trabalho com a firme determinação de se distinguir. Porém, quer o desgosto fosse demasiado grande para ser expresso em música ou a música fosse demasiado etérea para vencer uma mágoa mortal, depressa descobriu que o requiem estava muito para além das suas capacidades — pelo menos de momento. Era evidente que a sua cabeça ainda não estava em condições de funcionar e as suas ideias tinham de ser clarificadas, porque muitas vezes, no meio de uma melodia triste, começava a cantarolar ou a dançar uma música que lhe recordava vividamente o baile de Natal em Nice — acima de tudo, o francês gordo — e punha um

ponto final na trágica composição durante algum tempo.

A seguir tentou a ópera, pois nada lhe parecia impossível no princípio, mas também este empreendimento foi afetado por dificuldades imprevistas. Queria Jo para sua heroína e recorreu à memória em busca de recordações ternas e visões românticas do seu amor. Porém, a memória traiu-o e, como se estivesse possuída pelo espírito perverso da rapariga, só conseguia recordar as suas excentricidades, defeitos e caprichos, só via os seus aspetos menos sentimentais — a bater tapetes, com um lenço na cabeça, barricada com a almofada do sofá ou a atirar água fria na sua paixão à la Gummidge — e uma irresistível gargalhada estragou a imagem melancólica que ele queria pintar. Jo negava-se terminantemente a ser posta numa ópera e Laurie teve de desistir com um «O raio da rapariga é um verdadeiro tormento!», enquanto levava a mão ao cabelo como convinha a um distraído compositor.

Quando procurou outra jovem menos intratável para imortalizar numa melodia, a memória apresentou-lhe uma com grande rapidez. Este fantasma tinha muitas caras, mas aparecia sempre com cabelo louro, envolta numa nuvem diáfana e flutuava, etérea, na sua mente num agradável caos de rosas, pavões, póneis brancos e fitas azuis. Laurie não deu um nome àquele delicado espectro, mas elegeu-a a sua heroína e começou a gostar muito dela, como não podia deixar de ser, pois equipou-a com todos os dons e graça que existem neste mundo e acompanhou-a, incólume, por tribulações que teriam aniquilado qualquer mulher mortal.

Graças a esta inspiração, esteve numa disposição magnífica durante algum tempo. Porém, a pouco e pouco o trabalho foi perdendo o encanto e Laurie acabou por se esquecer de compor e passava o dia inteiro a meditar, de aparo na mão, ou a deambular pela alegre cidade em busca de novas ideias e a refrescar a mente, que naquele inverno parecia estar num estado de alguma inquietação. Não fez grande coisa, mas pensou muito e apercebeu-se de que uma mudança se operava em si, ainda que não soubesse muito bem o que era. «Deve ser o génio a arder em fogo lento... vou deixá-lo ferver e ver o que acontece», pensou, com uma secreta desconfiança de que não era o génio, mas uma coisa muito mais comum. Fosse o que fosse, ardeu com algum resultado, porque ele começou a ficar cada vez mais descontente com a sua vida desocupada, a desejar ter um trabalho verdadeiro e sério para se dedicar de corpo e alma e, por fim, chegou à sábia conclusão de que nem todas as pessoas que gostavam de música eram compositores. Ao voltar de uma das grandiosas óperas de Mozart, esplendidamente representada no Royal Theatre, olhou para a sua, tocou algumas das melhores partes, sentou-se a observar os bustos de Mendelssohn, Beethoven e Bach, e de repente rasgou as pautas, uma por uma, e disse para si mesmo enquanto destruía a última:

— Ela tem razão! Talento não é génio, e é impossível forçá-lo. Aquela música tirou-me a vaidade como Roma lhe tirou a dela, e acabou-se a farsa. Agora, que é que vou fazer da minha vida?

Pareceu-lhe uma pergunta de resposta difícil e começou a desejar ter de trabalhar para ganhar o pão nosso de cada dia. Agora, mais do que nunca, teve uma oportunidade válida para «ir para o diabo», como dissera um dia, pois tinha muito dinheiro e nada para fazer, e todos sabem que Satanás gosta de dar que fazer às pessoas ricas e ociosas. O pobre rapaz

tinha muitas tentações exteriores e interiores, mas compreendia-as bastante bem e, por muito que valorizasse a liberdade, dava mais valor ainda à boa-fé e à confiança, por isso a promessa que fizera ao avô e o desejo de olhar com honestidade para os olhos das mulheres que o amavam e dizer «Está tudo bem» mantiveram-no em segurança e determinado.

É muito provável que alguma Sr.^a Grundy diga: «Não acredito. Os rapazes são irresponsáveis, os homens jovens fazem as suas asneiras e as mulheres não podem esperar milagres.» Atrevo-me a dizer que *não* acredita, Sr.^a Grundy, mas, todavia, é verdade. As mulheres operam muitos milagres, e penso que até podem elevar o padrão dos homens recusando-se a acreditar nesses ditados. Os rapazes são irresponsáveis, e quanto mais tempo melhor, e os homens fazem as suas asneiras se tiverem de fazer, mas as mães, as irmãs e as amigas podem ajudar a que a sementeira seja pequena e impedir que muitos joios estraguem o trigo, acreditando, e mostrando que acreditam, na possibilidade de lealdade às virtudes que tornam os homens mais dignos aos olhos das mulheres boas. Se *for* uma ilusão feminina, deixem-nos desfrutar dela enquanto podemos, já que sem ela perde-se metade da beleza e do romance da vida e tristes presságios amarguram todas as nossas esperanças que temos nos corajosos e ternos rapazinhos que continuam a amar mais as mães do que a si mesmos e não têm vergonha de admitir.

Laurie estava convencido de que a tarefa de esquecer o amor por Jo absorveria toda a sua energia durante anos, e foi com grande surpresa que percebeu que se tornava mais fácil a cada dia que passava. Começou por se recusar a acreditar. Zangou-se consigo e não conseguia compreender, mas estes nossos corações são coisas curiosas e contraditórias e o tempo e a natureza operam mudanças, ainda que não dêmos por isso. O coração de Laurie *recusava-se* a sofrer; a ferida insistia em sarar com uma rapidez que o surpreendia e, em vez de tentar esquecer, deu por si a procurar lembrar-se. Não previra esta mudança nos acontecimentos e não estava preparado para ela. Estava descontente consigo, surpreendido com a sua volubilidade e com um estranho misto de desilusão e alívio por conseguir recuperar tão depressa de um golpe tão tremendo. Tentou avivar as brasas do amor perdido com todo o cuidado, mas elas recusaram-se a reacender-se e restava apenas um confortável brilho que o aquecia e lhe fazia bem sem lhe provocar febre. Com relutância, foi obrigado a confessar a si mesmo que a paixão juvenil estava a dar lugar a um sentimento mais tranquilo — muito terno e com algum ressentimento que passaria com o tempo, deixando um afeto fraternal que perduraria a vida inteira.

Quando a palavra «fraternal» lhe passou pela cabeça durante um devaneio, sorriu e olhou para o retrato de Mozart que estava à sua frente.

«Bem, ele foi um grande homem e, quando não conseguiu uma irmã, ficou com a outra e foi feliz.»

Laurie não proferiu estas palavras, mas pensou-as e no instante seguinte beijou o pequeno anel e disse para si mesmo:

— Nem pensar! Não posso tê-la esquecido, nunca conseguirei esquecê-la! Vou tentar de novo, e se não conseguir... então...

Deixando a frase por acabar, pegou em aparo e papel e escreveu a Jo, dizendo-lhe que não poderia fazer nada enquanto houvesse a mais pequena esperança de ela poder mudar de ideias. Não podia, não queria... deixá-lo voltar para casa e ser feliz? Enquanto esperava pela resposta, não fez nada, mas não fez nada energeticamente, porque estava num estado de febril impaciência. A carta chegou por fim e acalmou a sua mente num ponto, pois Jo não podia e não queria. Estava concentrada em Beth e nunca mais queria ouvir falar na palavra «amor». Implorava-lhe que fosse feliz com outra pessoa, mas que guardasse sempre um cantinho no coração para a sua «irmã» Jo, que gostava muito dele. Num pós-escrito, pedia-lhe que não dissesse a Amy que Beth estava pior. Ela voltaria para casa na primavera e não havia necessidade de ensombrar o resto da sua estada. Se Deus quisesse, haveria muito tempo, mas Laurie tinha de lhe escrever amiúde para que ela não se sentisse sozinha, com saudades de casa ou ansiosa.

— É o que vou fazer, e já. Pobrezinha. Acho que vai ter um regresso muito triste. — E Laurie abriu a escrivantina, como se escrever a Amy fosse a conclusão certa para a frase que ficara inacabada algumas semanas antes.

Porém, não escreveu a carta nesse dia, pois enquanto tirava o seu melhor papel encontrou uma coisa que o fez mudar de ideia. Quando mexia numa parte da escrivantina, no meio de contas, passaportes e diversos documentos de negócios estavam algumas cartas de Jo, e noutro compartimento havia três bilhetes de Amy, muito bem amarrados com uma das suas fitas azuis e que lhe recordaram as pequenas rosas mortas guardadas no seu interior. Com uma expressão meio arrependida e meio divertida, Laurie pegou em todas as cartas de Jo, alisou-as, dobrou-as e arrumou-as muito bem numa pequena gaveta da escrivantina, rodou o pequeno anel no dedo durante alguns momentos com uma expressão pensativa e em seguida tirou-o devagar, guardou-o com as cartas, fechou a gaveta à chave e saiu para ouvir uma missa cantada na Igreja de Santo Estêvão, como quem assiste a um funeral. E, embora não sentisse uma tristeza profunda, pareceu-lhe uma forma mais adequada de passar o resto do dia do que a escrever cartas para encantadoras jovens.

Todavia, a carta foi enviada sem demora e Amy respondeu logo porque *sentia* saudades de casa e confessou isso mesmo no seu estilo deliciosamente confiante. Trocavam correspondência com grande assiduidade e durante o início da primavera as cartas iam e vinham com a regularidade de um relógio. Laurie vendeu os bustos, queimou a ópera e voltou para Paris, esperando que alguém chegasse em breve. Queria desesperadamente ir para Nice, mas só iria se fosse convidado, e Amy não o convidou porque estava a ter pequenas experiências que a faziam querer evitar o olhar inquisitivo do «nosso rapaz».

Fred Vaughn tinha voltado e fizera-lhe a pergunta a que ela pensara responder com um «sim, obrigada»; mas agora disse, «não, obrigada», com delicadeza, mas firmeza, pois quando chegou o momento perdeu a coragem e percebeu que era preciso mais alguma coisa para além de dinheiro e posição social para satisfazer o novo anseio que enchia o seu coração tão cheio de esperanças e medos. A frase «O Fred é um bom tipo, mas nunca pensei que te interessasses por ele» e o rosto de Laurie quando a proferira voltavam-lhe à memória com a mesma persistência como as suas palavras, quando dissera com um olhar,

mas sem o pronunciar: «casarei por dinheiro». Agora afligia-a saber que dissera aquilo e gostaria de poder voltar atrás, porque lhe parecia muito pouco feminino. Não queria que Laurie pensasse que ela era uma criatura sem coração e mundana; já não queria tanto ser uma rainha da sociedade como queria ser uma mulher digna de ser amada. Ainda bem que ele não a detestara pelas coisas terríveis que lhe dissera. Aceitara-as muito bem e era mais simpático do que nunca. As suas cartas eram um grande consolo, pois as que chegavam de casa eram muito irregulares e nem por sombras tão satisfatórias como as dele. Era não apenas um prazer, mas uma obrigação, responder-lhes porque o pobre rapaz estava triste e precisava de ser animado, já que Jo continuava a ter um coração de pedra. Amy pensava que a irmã devia fazer um esforço para amá-lo. Não podia ser muito difícil, e muitas outras sentiriam orgulho e satisfação por terem o amor de um rapaz tão querido, mas Jo nunca agiria como as outras raparigas, por isso tinha de ser muito bondosa com ele e tratá-lo como um irmão.

Se todos os irmãos fossem tão bem tratados como Laurie foi neste período, seriam uma raça de seres muito mais felizes do que são. Agora, Amy nunca lhe ralhava; queria saber a sua opinião sobre todos os assuntos; interessava-se por tudo o que ele fazia, confeccionava-lhe pequenos presentes encantadores e enviava-lhe duas cartas por semana, cheias de histórias animadas, confidências fraternais e lindos desenhos das coisas agradáveis que a rodeavam. Como poucas irmãs prezam os irmãos a ponto de andarem com as suas cartas nos bolsos, lendo-as e relendo-as amiúde, chorando quando são breves, beijando-as quando são longas e guardando-as como tesouros, não insinuaremos que Amy fez alguma destas coisas ternas e disparatadas. No entanto, naquela primavera andava algo pálida e melancólica, perdeu uma grande parte do encanto que sentia pela sociedade e saía muitas vezes sozinha para desenhar. Nunca tinha muito para mostrar quando voltava para casa, mas atrevo-me a dizer que estava a estudar a natureza quando passava horas sentada com as mãos entrelaçadas no terraço de Valrosa, ou a desenhar distraidamente alguma coisa que lhe vinha à cabeça — um robusto cavaleiro esculpido num túmulo, um jovem a dormir na erva com o chapéu sobre os olhos ou uma rapariga de cabelos encaracolados muito bem vestida, a passear num salão de baile pelo braço de um cavalheiro alto, os dois rostos desfocados segundo os últimos ditames da arte, uma coisa segura mas pouco satisfatória.

A tia convenceu-se de que ela se arrependia da resposta que dera a Fred e, depois de perceber que as negações eram inúteis e as explicações impossíveis, Amy deixou-a pensar o que quisesse e tratou de comunicar a Laurie que Fred fora para o Egito. Não lhe disse mais nada, mas ele percebeu e pareceu aliviado enquanto dizia para si mesmo, com uma expressão tranquila:

— Tinha a certeza de que ela pensaria melhor e mudaria de ideias. Pobre rapaz, já passei por tudo isso e sei o que está a sentir.

Dizendo isto, soltou um grande suspiro e depois, como se tivesse saldado a sua dívida com o passado, pôs os pés em cima do sofá e leu a carta de Amy com grande prazer.

Enquanto ocorriam estas mudanças no estrangeiro, em casa os problemas tinham-se agravado, mas a carta a contar que Beth estava a morrer nunca chegou às mãos de Amy e

quando recebeu a seguinte já a relva estava verde sobre a irmã. A triste notícia chegou-lhe em Vevey, para onde o calor de Nice os levara em maio. Tinham viajado sem pressa para a Suíça, passando por Génova e pelos lagos italianos. Amy aceitou muito bem e acatou sem protestos a decisão familiar de que não devia encurtar a visita, pois, como era muito tarde para se despedir da irmã, seria melhor ficar e deixar que a ausência suavizasse o sofrimento. Porém, sentia o coração muito pesado. Queria estar em casa e olhava todos os dias para o lago com uma tristeza profunda, à espera de que Laurie viesse consolá-la.

Ele não se fez esperar muito, porque o mesmo correio trouxe cartas para os dois, mas, como estava na Alemanha, demorou mais alguns dias a receber a sua. Logo que a leu, preparou a mochila, despediu-se dos amigos viajantes e partiu para cumprir a sua promessa, com o coração cheio de alegria e tristeza, esperança e incerteza.

Conhecia muito bem Vevey e, logo que o barco atracou no pequeno cais, seguiu pela costa para La Tour, onde os Carrols estavam a viver *en pension*. O *garçon* estava desolado quando lhe disse que a família tinha ido dar um passeio no lago, mas, não, a *mademoiselle* loura devia estar no jardim do *château*. Se *monsieur* quisesse fazer o favor de se sentar, iria buscá-la num instante. Mas *monsieur* não podia esperar nem mais «um instante» e a meio do discurso foi procurar a *mademoiselle*.

Era um agradável jardim antigo nas margens de um lago encantador, com castanheiros de folhas sussurrantes, hera a trepar por toda a parte e a sombra preta da torre a refletir-se no meio da água cheia de sol. Num canto do muro largo e baixo havia um banco, e era para ali que Amy ia muitas vezes para ler, trabalhar ou consolar-se com a beleza que a rodeava. Ali estava naquele dia, com a cabeça pousada na mão, cheia de saudades de casa e a chorar enquanto pensava em Beth e perguntava a si mesma porque é que Laurie não vinha. Não o ouviu atravessar o pátio nem o viu parar na arcada que fazia a transição do caminho coberto para o jardim. Laurie deixou-se ficar parado durante alguns instantes a observá-la com novos olhos e a ver o que ninguém vira antes — o lado terno do seu carácter. Tudo nela sugeria sem palavras amor e tristeza; as cartas manchadas no colo, a fita preta com que prendera o cabelo, a dor e paciência de mulher que se estampavam no seu rosto; até a pequena cruz de ébano na garganta lhe pareceu patética, pois fora-lhe oferecida por si e ela usava-a como único adorno. Se tinha alguma dúvida em relação à receção que Amy lhe faria, ficou descansado no instante em que ela levantou a cabeça e o viu, pois, deixando cair tudo, correu para ele e exclamou, num tom inequívoco de amor e saudades:

— Oh Laurie, Laurie! Eu sabia que virias ver-me!

Creio que tudo foi dito e definido naquele momento, pois ali parados em silêncio, a cabeça escura curvada sobre a loura num gesto protetor, Amy sentiu que ninguém poderia consolá-la e apoiá-la tão bem como Laurie; e Laurie decidiu que Amy era a única mulher no mundo que poderia preencher o lugar de Jo e fazê-lo feliz. Não lhe disse isso, mas ela não ficou desapontada porque ambos sentiram a verdade, ficaram satisfeitos e deixaram que o resto ficasse por dizer.

Instantes depois, Amy voltou para o seu lugar e, enquanto secava as lágrimas, Laurie apanhou os papéis espalhados, encontrando bons augúrios para o futuro nas inúmeras

cartas muitas vezes lidas e nos sugestivos desenhos. Quando se sentou ao lado de Amy, ela sentiu-se de novo tímida e corou ao recordar a impulsiva recepção.

— Não consegui evitar. Sentia-me tão sozinha e triste e fiquei muito contente por te ver. Foi uma grande surpresa quando levantei a cabeça e te avistei, no momento em que começava a pensar que não virias — disse ela, tentando em vão falar com naturalidade.

— Vim logo que soube. Quem me dera poder dizer alguma coisa para te consolar pela perda da querida Beth, mas só consigo sentir, e... — Não conseguiu dizer mais nada, pois também ele se sentiu tímido e não soube o que dizer. Queria pousar a cabeça de Amy no ombro e dizer-lhe para chorar, mas não se atreveu, por isso pegou-lhe na mão e apertou-a num gesto de solidariedade que foi mais eloquente do que palavras.

— Não precisas de dizer nada... isto consola-me — disse ela em voz baixa. — A Beth está bem e feliz e não devo desejar que volte. No entanto, por muito que queira vê-los a todos, tenho medo de voltar para casa. Mas não vamos falar mais sobre isso, porque me faz chorar e quero desfrutar da tua companhia enquanto estiveres aqui. Não tens de te ir já embora, pois não?

— Não, se quiseres que fique, minha querida.

— Quero, quero muito! A tia e a Flo são muito bondosas, mas tu és como se fosses da família e seria muito bom ter-te durante algum tempo.

Amy parecia uma criança cheia de saudades de casa, com o coração triste, e ao vê-la assim Laurie perdeu a timidez e deu-lhe o que ela queria — os mimos a que estava acostumada e a alegre conversa de que necessitava.

— Pobrezinha! Pareces doente de desgosto. Vou cuidar de ti, por isso não chores mais e vamos dar um passeio... o vento está frio demais para estares parada — disse ele no tom carinhoso e autoritário de que Amy gostava. Prendeu-lhe o chapéu, enfiou-lhe o braço no seu e começaram a caminhar pela soalheira alameda sob os castanheiros com folhas novas. Laurie sentiu-se mais à vontade de pé e para Amy foi muito agradável ter um braço forte para se apoiar, um rosto conhecido para lhe sorrir e uma voz bondosa para conversar apenas com ela.

O pitoresco jardim antigo tinha abrigado muitos pares de apaixonados e parecia expressamente feito para eles, tão soalheiro e isolado, sem nada a vê-los a não ser a torre, e o grande lago para levar o eco das suas palavras enquanto a água formava pequenas ondas nas margens mais abaixo. Durante uma hora, este par caminhou e conversou, ou descansou no muro, desfrutando das doces influências que conferiam tanto encanto ao tempo e ao lugar; e quando uma pouco romântica sineta soou para o jantar, chamando-os para casa, Amy sentiu que deixava o seu fardo de solidão e tristeza no jardim do *château*.

No momento em que viu o rosto alterado da sobrinha, a Sr.^a Carrol foi iluminada por uma nova ideia e pensou, surpreendida: «Agora percebo tudo... a criança tem estado a ansiar pelo jovem Laurence. Bendito seja Deus! Nunca tinha pensado numa coisa destas!»

Com uma louvável discrição, a boa senhora não disse nada, nem mostrou que tinha

percebido, e convidou Laurie para ficar com grande cordialidade, rogando a Amy que aproveitasse a sua companhia, pois ia fazer-lhe melhor do que tanta solidão. Amy foi um modelo de docilidade e, como a tia estava muito ocupada com Flo, dedicou-se ao amigo e fê-lo com mais do que o sucesso habitual.

Em Nice, Laurie tinha descansado e Amy ralhado; em Vevey, Laurie nunca estava ocioso, sempre a andar, a cavalgar, a remar o barco ou a estudar de uma forma muito enérgica, enquanto Amy admirava tudo o que ele fazia e seguia o seu exemplo até onde podia. Ele afirmou que a mudança se devia ao clima, e Amy não o contradisse, contente por poder usar uma desculpa igual para ter recuperado a saúde e a alegria.

O revigorante ar fez bem aos dois e muito exercício operou grandes mudanças nas mentes e nos corpos. No alto das infíndáveis colinas, as suas visões da vida e do dever pareceram definir-se; os ventos frescos levaram desanimadas dúvidas, enganadoras fantasias e disposições tristes; o quente sol de primavera trouxe todos os tipos de ideias ambiciosas, ternas esperanças e pensamentos felizes; o lago pareceu lavar os problemas do passado e as grandiosas montanhas ancestrais olhavam-nos, benignas, dizendo: «Amai-vos um ao outro, crianças.»

Apesar da dor recente, foi uma época feliz, tão feliz que Laurie não podia suportar a ideia de a perturbar com uma palavra. Demorou algum tempo a recuperar da surpresa de se ter curado tão depressa do primeiro amor, que ele acreditara que seria o último e único. Consolou-se com a aparente deslealdade pensando que a irmã de Jo era quase como se fosse ela e com a convicção de que teria sido impossível amar outra mulher a não ser Amy tão depressa e com tanta intensidade. O seu primeiro pedido de casamento tinha sido tempestuoso e pensou nele como se tivesse acontecido há muitos anos, com um sentimento de compaixão onde se misturava alguma mágoa. Não se envergonhava, mas considerou que fora uma experiência agri-doce e que ficaria feliz quando a dor passasse. Decidiu que o segundo pedido devia ser o mais calmo e simples possível; não havia necessidade de fazer uma cena e não era preciso dizer a Amy que a amava; ela sabia sem palavras e dera-lhe a resposta há muito tempo. Tudo aconteceu com tanta naturalidade, que ninguém poderia queixar-se e sabia que todos ficariam contentes — até Jo. Porém, quando a nossa primeira paixoneta é destroçada, temos tendência para ser cautelosos e adiar uma segunda tentativa, por isso Laurie deixou os dias passar, desfrutando de todos os minutos e deixando ao acaso o proferir da palavra que poria fim à primeira e mais doce fase do novo romance.

Imaginara que o desenlace aconteceria no jardim do *château*, ao luar, e da forma mais graciosa e decorosa, mas foi precisamente o contrário, já que o assunto ficou decidido no lago, ao meio-dia, com algumas palavras diretas. Tinham passado a manhã a andar de barco, desde a sombria povoação de St. Gindolf até à soalheira Montreux, com os Alpes da Saboia de um lado, o Monte Saint Bernard e o Dent du Midi do outro, a linda Vevey no vale e Lausanne no alto da colina, com um céu azul por cima das cabeças e o lago mais azul ainda por baixo, salpicado com os pitorescos barcos que pareciam gaivotas de asas brancas.

Conversavam sobre Bonnivard quando passaram por Chillon, e sobre Rousseau quando

olharam para Clarens, onde ele escrevera o seu *Héloïse*. Nenhum deles o lera, mas sabiam que era uma história de amor e cada um perguntou a si mesmo se teria metade do interesse da sua. Amy tinha posto a mão na água durante a pequena pausa na conversa e, quando levantou a cabeça, Laurie estava inclinado nos remos com uma expressão que a fez dizer apressadamente, só para não ficar calada:

— Deves estar cansado... descansa um pouco e deixa-me remar. Vai fazer-me bem, porque desde que vieste tenho estado muito preguiçosa e não tenho feito nada.

— Não estou cansado, mas se quiseses podes pegar num remo. Há bastante espaço, embora tenha de me sentar perto do meio para o barco não se inclinar — respondeu Laurie, como se a ideia lhe agradasse bastante.

Sentindo que não tinha melhorado muito as coisas, Amy aceitou o terço de lugar que lhe fora oferecido, afastou o cabelo do rosto e pegou num remo. Remava tão bem como fazia muitas outras coisas e, embora usasse as duas mãos, e Laurie apenas uma, os remos estavam sincronizados e o barco deslizou suavemente pela água.

— Remamos muito bem juntos, não achas? — perguntou Amy, que não queria ficar em silêncio agora.

— Tão bem, que gostava que continuássemos a remar para sempre no mesmo barco. Também queres, Amy? — perguntou ele com muita ternura.

— Sim, Laurie! — respondeu Amy, muito devagar.

Naquele instante, pararam ambos de remar e, sem darem por isso, acrescentaram um lindo quadro de amor e felicidade humana às belas paisagens que se dissolviam nas águas do lago.

CAPÍTULO DEZANOVE

SOZINHA

Era fácil prometer espírito de sacrifício quando o ser estava absorvido noutra e o coração e a alma eram purificados por um doce exemplo, mas quando a prestável voz se calou, a lição diária terminou e não restou nada a não ser solidão e tristeza, Jo descobriu que a promessa era muito difícil de cumprir. Como podia «consolar o pai e a mãe» quando o seu coração lhe doía com uma saudade incessante da irmã; como podia «alegrar a casa» se toda a sua luz, calor e beleza pareciam ter desaparecido no momento em que Beth trocou a casa antiga pela nova; e onde, em que parte do mundo, conseguiria «arranjar um trabalho útil e alegre para fazer» que ocupasse o lugar do amoroso serviço que tinha sido tão compensador? Experimentou uma maneira cega e desesperada de cumprir o seu dever, revoltando-se em segredo, pois parecia-lhe injusto que as suas poucas alegrias fossem reduzidas, os fardos aumentados e a vida cada vez mais difícil. Algumas pessoas pareciam ter todo o sol e outras toda a sombra. Não era justo, pois esforçava-se mais do que Amy para ser boa e nunca recebia uma recompensa, apenas desilusão, problemas e trabalho árduo.

Pobre Jo! Foram dias difíceis, pois uma espécie de desespero apoderou-se dela quando pensou que passaria a vida sozinha naquela casa tranquila, dedicada a tarefas rotineiras, com alguns pequenos prazeres insignificantes, e o dever que nunca parecia tornar-se mais fácil. «Não vou conseguir. Não estou destinada a uma vida assim e sei que vou revoltar-me e fazer alguma coisa desesperada se ninguém vier ajudar-me», pensou, quando os primeiros esforços falharam e mergulhou no estado de espírito sorumbático e infeliz que surge muitas vezes quando as vontades fortes têm de se render ao inevitável.

Mas alguém veio ajudá-la, embora Jo não tenha reconhecido logo os seus bons anjos porque se apresentaram em formas conhecidas e usaram as simples fórmulas mágicas que melhor se adequam à pobre humanidade. Acordava muitas vezes durante a noite a pensar que Beth a tinha chamado e, quando olhava para a caminha vazia, chorava com a amargura de uma tristeza insubmissa — «Oh, Beth! Volta! Volta!» — e não esticava os ansiosos braços em vão, pois, tão rápida a ouvir os seus soluços como ela fora a ouvir o mais ténue sussurro da irmã, a mãe vinha consolá-la. Não apenas com palavras, mas com a paciente ternura que acalma com um toque, com lágrimas que eram silenciosas lembranças de um desgosto maior do que o seu e sussurros entrecortados que eram mais eloquentes do que orações, porque a esperançosa resignação andava de mãos dadas com o desgosto natural. Foram momentos sagrados em que os corações falavam no silêncio da noite, tornando a dor numa bênção que aplacou a dor e reforçou o amor. Ao sentir isto, o fardo de Jo pareceu tornar-se mais fácil de carregar, o dever tornou-se mais doce e a vida

pareceu mais tolerável, vista do abrigo seguro dos braços da mãe.

Quando o coração partido recebeu um pouco de consolo, a mente perturbada também procurou ajuda, pois um dia entrou no escritório, curvou-se sobre a boa cabeça grisalha que se levantara para recebê-la com um sorriso tranquilo, e disse, com grande humildade:

— Fale-me como falava com a Beth, pai. Preciso mais do que ela, porque estou perdida.

— Nada me consola como isto, minha querida — respondeu ele com um tremor na voz, abraçando-a como se também ele precisasse de ajuda e não tivesse medo de pedir.

Depois, sentando-se na cadeira baixa de Beth ao seu lado, Jo falou-lhe sobre os seus problemas, sobre a dor e o ressentimento que sentia pela perda da irmã, os inúteis esforços que a desencorajavam, a falta de fé que tornava a vida tão negra e todo o triste desnorteamento a que chamamos desespero. Confidenciou-lhe tudo, ele deu-lhe a ajuda de que ela necessitava e ambos encontraram consolo naquela conversa, pois tinha chegado o momento em que podiam falar não apenas como pai e filha, mas como homem e mulher, capazes de se servirem mutuamente com alegria e amor. Sucederam-se os momentos felizes e pensativos no velho escritório a que Jo chamava «a igreja de um membro» e de onde saía com renovada coragem e um espírito mais submisso — pois os pais que tinham ensinado uma filha a ir ao encontro da morte sem medo tentavam agora ensinar outra a aceitar a vida sem desânimo ou desconfiança e a usar as lindas oportunidades que ela lhe dava com gratidão e poder.

Jo teve outras ajudas — humildes e salutarens tarefas e alegrias que não queriam ver negado o seu papel de a servir e que ela foi aprendendo a perceber e valorizar. As vassouras e os panos da loiça não podiam ser tão desagradáveis como antes porque era Beth que os usava e um pouco do seu espírito doméstico pareceu ficar no pequeno esfregão e na velha escova que nunca foram deitados para o lixo. Quando os usava, Jo dava por si a cantarolar as canções que a irmã costumava cantar, a imitar os seus modos organizados e a dar os pequenos retoques aqui e ali que mantinham tudo fresco e aconchegante, que era o primeiro passo para tornar o lar feliz, embora ela não percebesse até Hannah dizer, apertando-lhe a mão num gesto de aprovação:

— Sua criatura atenciosa, se estiver nas tuas mãos, estás determinada a que não esqueçamos o querido cordeirinho. Nós não dizemos muito, mas vemos, e o Senhor vai abençoar-te por isso, vais ver.

Enquanto se sentavam a coser juntas, Jo descobriu que a irmã Meg estava muito mais perfeita; falava muito bem, sabia muito sobre os bons impulsos, pensamentos e sentimentos femininos e estava muito feliz com o marido e os filhos e com tudo o que faziam uns pelos outros.

— Afinal, o casamento é uma coisa excelente. Será que eu desabrocharia como tu se experimentasse, partindo do princípio de que arranjava um marido? — disse Jo, enquanto construía um papagaio de papel para Demi no desarrumado quarto das crianças.

— É do que precisas para fazer aparecer a metade terna e feminina da tua natureza, Jo.

Tu és como o ouriço de um castanheiro, espinhoso por fora mas macio como seda por dentro, e com um fruto doce, se alguém conseguir chegar a ele. Um dia, o amor vai fazer-te mostrar o coração e o ouriço espinhoso cairá.

— O gelo abre os ouriços dos castanheiros, minha senhora, e é preciso um bom abanão para que eles caiam. Os rapazes vão às castanhas, e eu não quero ser apanhada por eles — retorquiu Jo, colando o papagaio de papel, que nenhum vento faria jamais subir no ar porque Daisy se prendeu nele como um peso.

Meg riu-se, contente por ver um pouco do velho espírito da irmã, mas sentiu que tinha a obrigação de dar a sua opinião com todos os argumentos que pudesse, e as conversas das duas não se perderam, acima de tudo porque dois dos argumentos mais fortes de Meg eram os bebês, que Jo adorava. O desgosto é o sentimento mais eficaz para abrir alguns corações, e o de Jo estava quase pronto para ser apanhado; mais um pouco de sol para amadurecer o fruto e não o abanão impaciente de um rapaz, mas a mão de um homem que o tiraria com todo o cuidado do ouriço e encontraria o fruto forte e doce. Se ela desconfiasse disso, ter-se-ia fechado e seria mais espinhosa do que nunca. Felizmente, não estava a pensar em si e, quando chegou o momento, caiu sem dar por isso.

Se fosse a heroína de um conto moral, neste período da sua vida devia ter-se tornado bastante santa, renunciado ao mundo e ido fazer o bem, com o bolso cheio de opúsculos. Mas acontece que Jo não era uma heroína; não passava de uma rapariga humana lutadora, como centenas de outras, e fazia parte da sua natureza estar triste, zangada, indiferente ou enérgica, consoante a disposição. É extremamente virtuoso dizer que seremos boas, mas não podemos fazer tudo ao mesmo tempo e é preciso um longo puxão, um forte puxão, e puxarmos todas juntas antes de algumas de nós aprenderem o caminho certo. Jo tinha chegado muito longe, estava a aprender a cumprir o seu dever e a sentir-se infeliz se não conseguia; mas cumpri-lo com alegria — ah, isso era uma coisa completamente diferente! Ela dizia muitas vezes que queria fazer uma coisa esplêndida, por muito difícil que fosse; e agora o seu desejo fora concedido, pois o que podia ser mais belo do que dedicar a vida ao pai e à mãe, tentando deixar a casa tão feliz para eles como eles a tinham tornado para si? E, se eram necessárias dificuldades para aumentar o esplendor do esforço, haveria alguma coisa mais difícil para uma rapariga inquieta e ambiciosa do que abdicar das suas esperanças, planos e desejos e viver para os outros com um espírito alegre?

A providência confiara nela; aqui estava a tarefa, não a que ela esperava, mas melhor, porque o ego não fazia parte dela. Como poderia levá-la até ao fim? Decidiu que tentaria, e na primeira tentativa encontrou as ajudas que sugeri. Foi-lhe dada mais uma, e ela aceitou-a, não como uma recompensa, mas como um consolo, como o cristão aceitou o refresco que estava à sua disposição no pequeno caramanchão onde descansava enquanto subia a montanha chamada Dificuldade.

— Porque é que não escreves? A escrita trazia-te sempre felicidade — disse-lhe a mãe uma vez, quando Jo foi acometida de um novo acesso de desalento.

— Não tenho ânimo para escrever e, ainda que tivesse, ninguém gosta das minhas coisas.

— Nós gostamos. Escreve alguma coisa para nós e esquece o resto do mundo. Experimenta, querida. Tenho a certeza de que te faria bem e nos agradaria muito.

— Acho que não vou conseguir — disse Jo, mas sentou-se à secretária e começou a reler os manuscritos meio terminados.

Uma hora mais tarde, a mãe espreitou e ela estava a escrever, com a bata preta e uma expressão concentrada que a fez sorrir e afastar-se sem fazer barulho, muito satisfeita com o sucesso da sua sugestão. Jo nunca percebeu como aconteceu, mas alguma coisa naquela história foi direta aos corações de todos os que a leram, pois depois de a família inteira se ter rido e chorado com ela, o pai enviou-a, muito contra a sua vontade, para uma das revistas populares, e, para sua grande surpresa, não só foi paga como foram pedidas outras. Cartas de diversas pessoas cujo elogio constituía uma honra seguiram-se à publicação da pequena história, os jornais copiaram-na e foi admirada por desconhecidos e por amigos. Para uma coisa tão pequena, foi um enorme sucesso, e Jo ficou mais surpreendida do que quando o seu romance foi elogiado e condenado ao mesmo tempo.

— Não compreendo. O que *pode* haver numa simples história como esta para que as pessoas a elogiem tanto? — perguntava-se, bastante estupefacta.

— Há verdade nela, Jo. É o segredo; o humor e o páthos dão-lhe vida, e por fim encontraste o teu estilo. Escreveste sem pensar em fama ou dinheiro e puseste o teu coração nela, minha filha. Tiveste o amargo e agora vem o doce. Continua a dar o teu melhor e alegra-te tanto como nós com o teu sucesso.

— Se *existe* algo de bom ou verdadeiro no que escrevo não é meu. Devo-lhe tudo a si, à mãe e à Beth — declarou Jo, mais comovida com as palavras do pai do que com todos os elogios que pudesse receber.

Assim, ensinada pelo amor e pelo desgosto, Jo escreveu as suas pequenas histórias, espalhou-as pelo mundo para conquistar amigos por toda a parte e encontrou um mundo muito caridoso para essas humildes viajantes, pois foram muito bem recebidas e mandavam agradáveis tributos à mãe, como obedientes filhas surpreendidas pela boa sorte.

Quando Amy e Laurie escreveram a comunicar o noivado, a Sr.^a March temeu que Jo não se alegrasse com a notícia, mas os seus receios depressa se desvaneceram, pois, embora parecesse séria no primeiro momento, ela aceitou muito bem e encheu-se de esperanças e planos para «as crianças» antes mesmo de ler a carta pela segunda vez. A dita carta parecia uma espécie de dueto escrito, onde cada um glorificava o outro como fazem os enamorados, muito agradável de ler e satisfatória de pensar, pois ninguém tinha objeções a fazer.

— Gosta da ideia, mãe? — perguntou Jo quando pousaram as folhas escritas com uma caligrafia pequena e olharam uma para a outra.

— Sim, já estava à espera disto desde que a Amy me escreveu a dizer que tinha recusado o Fred. Naquela altura senti que alguma coisa melhor do que o chamado «espírito mercenário» se apoderara dela e algumas coisas nas suas cartas fizeram-me

suspeitar que o amor e o Laurie sairiam vencedores.

— Que sagaz que é, mãe, e que discreta! Nunca me disse nada.

— As mães precisam de ter olhos atentos e línguas discretas quando têm de criar filhas. Tive algum medo de te pôr essa ideia na cabeça, pois poderias escrever a dar-lhes os parabéns antes do tempo.

— Eu já não sou a espalha-brasas que era. Agora pode confiar em mim, porque sou bastante séria e sensata para ser a *confidante* de qualquer pessoa.

— Pois és, minha querida, e devia ter confiado em ti, mas pensei que talvez fosse doloroso saberes que o teu Teddy amava outra pessoa.

— Ora, mãe, a sério que pensou que eu podia ser tão tonta e egoísta depois de ter recusado o seu amor quando estava mais fresco, e melhor?

— Sabia que foste sincera naquela altura, Jo, mas ultimamente tenho pensado que, se ele voltasse e te pedisse de novo, talvez quisesse dar-lhe outra resposta. Perdoa-me, minha querida, não consigo deixar de ver que estás muito sozinha, e por vezes vejo um olhar triste nos teus olhos que me faz doer o coração. Por isso pensei que, se voltasse a tentar, o teu rapaz poderia preencher o espaço vazio.

— Não, mãe, é melhor assim, e ainda bem que a Amy aprendeu a amá-lo. Mas a mãe tem razão numa coisa; *estou* sozinha e se o Teddy tivesse tentado de novo talvez tivesse dito que sim, não porque o amo mais do que amava, mas porque quero mais ser amada do que quando ele se foi embora.

— Alegro-me ao ouvir isso, Jo, porque demonstra que estás a progredir. Há muito amor para ti, por isso tenta contentar-te com o do pai e da mãe, das irmãs e dos irmãos, dos amigos e dos bebés, até que chegue o melhor apaixonado de todos para te dar a recompensa que mereces.

— As mães são as *melhores* apaixonadas do mundo, mas não me importo de lhe confidenciar que gostava de experimentar todos os tipos de amor. É muito curioso, mas quanto mais tento satisfazer-me com todos os tipos de afetos naturais, mais parece que me faltam. Não fazia ideia de que os corações conseguiam ter tantos... o meu é tão elástico, que agora nunca parece cheio, e dantes eu ficava bastante satisfeita com a minha família. Não compreendo.

— Eu compreendo. — E a Sr.^a March esboçou o seu sábio sorriso enquanto Jo voltava atrás na carta para ler o que Amy dizia sobre Laurie.

— «É tão lindo ser amada como o Laurie me ama. Ele não é sentimental, não fala muito, mas vejo e sinto o seu amor em tudo o que diz e faz, e deixa-me tão feliz e humilde, que não pareço a mesma rapariga que era. Só agora percebo como é bom, generoso e carinhoso, pois ele deixa-me ler o seu coração e vejo-o cheio de nobres impulsos, esperanças e objetivos, e estou tão orgulhosa por saber que me pertence. Ele diz que sente que “agora pode fazer uma próspera viagem comigo ao seu lado, e muito amor como lastro”. Espero que sim, e tento ser tudo o que ele acredita que sou, pois amo o meu galante capitão com todo o meu coração, alma e força, e nunca o abandonarei, enquanto

Deus nos deixar estar juntos. Oh, mãe, nunca pensei que este mundo pudesse ser um paraíso tão grande quando duas pessoas se amam e vivem uma para a outra!»

— E esta é a nossa serena, reservada e mundana Amy! É bem verdade que o amor opera milagres. Eles devem estar muito felizes! — E Jo juntou as folhas de papel com todo o cuidado, como se estivesse a fechar a capa de um encantador romance que prende o leitor até ao fim e o faz sentir-se só quando volta para o mundo real.

Pouco depois, Jo subiu para o primeiro andar, pois o dia estava chuvoso e não podia ir passear. Estava possuída por um espírito inquieto e a velha sensação voltou, não amarga como em tempos, mas com uma triste e paciente curiosidade para tentar perceber porque é que uma irmã podia ter tudo o que queria e a outra, nada. Não era verdade. Jo tinha consciência disso e tentou esquecer o assunto, mas a necessidade natural de afeto era muito forte e a felicidade de Amy despertara o profundo desejo de alguém para «amar de alma e coração, e nunca o abandonar enquanto Deus os deixasse estar juntos».

Lá em cima, no sótão, onde terminaram as inquietas deambulações de Jo, havia quatro pequenas arcas de madeira em fila, cada uma com o nome da respetiva proprietária e cheia de relíquias da infância e adolescência que já tinham chegado ao fim para todas. Jo olhou para elas e, quando chegou à sua, inclinou o queixo na ponta e olhou distraidamente para a caótica coleção até um molho de velhos cadernos lhe chamar a atenção. Tirou-os, virou-os e reviveu aquele agradável inverno em casa da bondosa Sr.^a Kirke. Começou por sorrir, mas depois ficou pensativa e triste e, quando leu uma pequena mensagem escrita pelo punho do professor, os seus lábios começaram a tremer, os cadernos caíram-lhe do colo e ela sentou-se a olhar para as simpáticas palavras como se tivessem um novo significado e tocassem um terno recanto no seu coração.

«Espere por mim, minha amiga. Posso demorar um pouco, mas não deixarei de vir.»

— Oh, se fosse verdade! Sempre tão bondoso e tão paciente comigo. Meu querido Fritz, não lhe dei metade do valor que ele merecia quando o tive, mas agora adoraria vê-lo, pois todos parecem estar a afastar-se de mim e estou sozinha.

E, dobrando bem o pequeno papel, como se fosse uma promessa que iria cumprir-se, Jo pousou a cabeça numa confortável saca de trapos e chorou como se estivesse a fazer contraponto com a chuva que batia no telhado.

Seria autocomiseração, solidão ou desânimo? Ou seria o despertar de um sentimento que esperara a sua hora com tanta paciência como a pessoa que o inspirara? Quem sabe?

CAPÍTULO XX

SURPRESAS

Jo estava sozinha ao anoitecer, deitada no velho sofá, e olhava para a lareira com uma expressão pensativa. Era como mais gostava de passar a hora do crepúsculo. Ninguém a incomodava e costumava deitar-se sobre a almofadinha vermelha de Beth, a planejar histórias, a sonhar acordada ou a pensar carinhosamente na irmã que nunca parecia estar muito longe. O seu rosto tinha uma expressão cansada, séria e muito triste, porque fazia anos no dia seguinte e pensou que os anos passavam depressa, estava a ficar velha e tinha conseguido muito pouco na vida. Quase vinte e cinco anos e nada de relevante para mostrar! Mas Jo estava errada nesse ponto; tinha muito para mostrar e em breve perceberia e ficaria grata.

— Uma velha solteirona... é o que estou destinada a ser. Uma solteirona literária com um aparo por marido e uma família de histórias como filhos. Daqui a vinte anos talvez tenha alguma fama, quando for velha e não conseguir desfrutar dela, quando estiver sozinha e não puder partilhá-la, quando for independente e não precisar dela. Bem, não vale a pena tornar-me uma santa cheia de amargura ou uma egoísta pecadora, e acho que as velhas solteironas se sentem muito confortáveis com a sua situação quando se acostumam a ela, mas... — e Jo suspirou, como se a perspectiva não fosse tentadora.

Raramente é no começo, e para uma pessoa de vinte e cinco anos os trinta parecem o fim de tudo, mas não é tão trágico como parece e a pessoa pode viver muito feliz se tiver presença de espírito. Aos vinte e cinco anos, as raparigas começam a falar em ficar solteiras, mas em segredo decidem que isso não acontecerá; aos trinta não falam sobre o assunto, mas aceitam a realidade com discrição; e, se forem sensatas, consolam-se com a ideia de que têm mais vinte anos úteis e felizes durante os quais poderão aprender a envelhecer com graciosidade. Não se riam das solteironas, queridas raparigas, pois muitas vezes escondem-se romances muito ternos e trágicos nos seus corações que batem tão devagar sob os sóbrios vestidos, e muitos sacrifícios silenciosos de juventude, saúde, ambição e amor tornam os emurhecidos rostos belos aos olhos de Deus. Até as irmãs tristes e amargas devem ser tratadas com bondade, mais não seja porque perderam a melhor parte da vida; e ao olharem para elas com compaixão e não com desprezo, as raparigas que estão na flor da vida devem lembrar-se que também elas podem perder o tempo de viço — que as faces rosadas não duram para sempre, os cabelos brancos começarão a aparecer nos bonitos cabelos castanhos e, com o passar do tempo, a bondade e o respeito serão tão doces como o amor e a admiração são agora.

Cavalheiros, ou melhor, rapazes, sejam corteses com as solteironas, por muito pobres, simples ou afetadas que sejam, porque o único cavalheirismo que vale a pena ter é o que

está disposto a ser deferente com os idosos, proteger os fracos e servir o sexo feminino sem olhar a posição, idade ou cor. Lembrem-se das boas tias que vos ralharam e exasperaram, mas também cuidaram de vocês e vos mimaram, muitas vezes sem receberem uma palavra de agradecimento. Não se esqueçam dos sarilhos de que vos ajudaram a sair, das «dicas» que vos deram com a sua pouca experiência, dos pontos que os velhos dedos pacientes coseram para vós, dos passos que os velhos pés deram de boa vontade, e retribuam a bondade das queridas velhotas com as pequenas atenções que as mulheres adoram receber até morrer. As raparigas inteligentes reconhecem depressa essas características e gostarão mais de vós por as terem; e se a morte, que é praticamente a única força que consegue separar mãe e filho, vos roubar a vossa, podem ter a certeza de que encontrarão o terno acolhimento e os cuidados maternais de uma tia Priscilla, que reservou o canto mais quente do seu coração para «o melhor sobrinho do mundo».

Jo devia ter adormecido (como talvez tenha acontecido com o leitor durante esta pequena homilia), pois, de repente, o fantasma de Laurie pareceu parar à sua frente. Um fantasma substancial e com vida que se inclinava sobre ela com a expressão que costumava ostentar quando sentia muito e não queria mostrar. Mas, como Jenny na balada,

«Não podia acreditar que fosse ele»

e ficou deitada a contemplá-lo num silêncio estupefacto até ele se curvar e beijá-la. Só então acreditou e levantou-se, exclamando com alegria:

— Oh, meu Teddy! Oh, meu Teddy!

— Querida Jo, estás contente por me ver?

— Contento! Meu querido rapaz, é impossível expressar a felicidade que sinto com palavras. Onde está a Amy?

— A tua mãe ficou com ela na casa da Meg. Parámos lá pelo caminho e não consegui arrancar a minha mulher das garras delas.

— A tua o quê? — gritou Jo... pois Laurie proferira aquelas palavras com um orgulho e satisfação inconsciente que o traíram.

— Oh, raios, agora é que fiz asneira! — E pareceu tão culpado que Jo caiu sobre ele como um relâmpago.

— Vocês casaram-se?

— Sim, senhora, mas prometo que não voltarei a fazer uma coisa dessas. — E ajoelhou-se com as mãos postas num gesto penitente e uma expressão cheia de travessura, júbilo e triunfo.

— Casaram-se a sério?

— Muito a sério, obrigado.

— Deus tenha piedade de nós. Que coisa terrível é que vais fazer a seguir? — E Jo caiu no sofá com um arquejo.

— Felicitações características, mas não propriamente lisonjeiras — retorquiu Laurie, ainda numa posição humilhante, mas resplandecente de satisfação.

— Que é que esperavas, quando me deixas sobressaltada ao entrares aqui como um ladrão e revelares um segredo destes? Levanta-te, rapaz ridículo, e conta-me tudo.

— Não te conto nada a menos que me deixes sentar-me no meu antigo lugar e prometas que não te vais barricar.

Jo riu-se com aquilo como não se ria há muito tempo e bateu no sofá num gesto convidativo, enquanto dizia, num tom cordial:

— A velha almofada está no sótão e já não precisamos dela. Senta-se aqui e confessa tudo, Teddy.

— Como é bom ouvir-te chamar-me «Teddy»! Só tu me chamas assim. — E Laurie sentou-se com uma expressão de grande satisfação.

— Como é que a Amy te chama?

— Meu senhor.

— É típico dela... e é o que pareces. — Os olhos de Jo mostraram claramente que achava o seu rapaz mais atraente do que nunca.

A almofada desaparecera, mas ainda assim *havia* uma barreira; um afastamento natural, criado pelo tempo, pela ausência e pela mudança de sentimentos. Ambos sentiram isso, e entreolharam-se durante alguns instantes como se aquela barreira invisível lançasse uma sombra sobre eles. No entanto, desapareceu logo, porque Laurie disse com uma vã tentativa de dignidade:

— Não pareço um homem casado e chefe de uma família?

— Nem um pouco, e nunca parecerás. Estás mais crescido e gentil, mas és o mesmo estouvado de sempre.

— Com franqueza, Jo, devias tratar-me com um pouco mais de respeito — começou Laurie, que estava a divertir-se muito com tudo aquilo.

— Como queres que te trate com mais respeito, se pensar em ti casado e acomodado é tão irresistivelmente engraçado que não consigo ficar séria? — respondeu Jo, com um sorriso tão contagioso, que soltaram nova gargalhada e instalaram-se para ter uma boa conversa como costumavam fazer no passado.

— Não vale a pena saíres com este frio para ires buscar a Amy, porque eles vêm todos para cá. Eu não consegui esperar. Queria contar-te a grande novidade pessoalmente e ter «a primeira nata», como costumávamos dizer quando lutávamos para comer as natas do leite.

— Claro que querias, e estragaste a história começando pelo lado errado. Agora começa

como deve ser e conta-me como tudo aconteceu. Estou morta para saber.

— Bem, casei-me para agradar à Amy — começou Laurie, com um brilho que fez Jo exclamar:

— Primeira mentira. A Amy casou-se para te agradar. Continue e conte-me a verdade, se puder, senhor.

— Agora começa a armar-se em minha mãe... não é bonito ouvi-la? — disse Laurie para o lume, que brilhou e crepitou como se concordasse. — É a mesma coisa, porque ela e eu somos um. Pensámos em vir para casa com os Carrols há mais de um mês, mas de repente eles mudaram de ideias e decidiram passar mais um inverno em Paris. No entanto, o meu avô queria vir para casa. Ele viajou para me agradar e eu não podia deixá-lo vir sozinho, nem conseguiria deixar a Amy. E a senhora Carrol tinha ideias muito inglesas sobre acompanhantes e esses disparates, e recusou-se a deixar a Amy voltar connosco. Por isso, eu resolvi o problema dizendo: «Vamos casar-nos e depois poderemos fazer o que quisermos.»

— Claro que resolveste. Tu fazes sempre o que te convém.

— Nem sempre. — E alguma coisa na voz de Laurie fez Jo dizer apressadamente:

— Como é que conseguiste que a tia concordasse?

— Foi difícil, mas conseguimos convencê-la porque tínhamos montes de boas razões do nosso lado. Não houve tempo para escrever a pedir autorização, mas todas vocês gostavam da ideia e teriam consentido... e era apenas uma questão «de nos adiantarmos aos acontecimentos», como diz a minha mulher.

— Que orgulhosas que estamos dessas palavrinhas e como gostamos de as dizer! — interrompeu Jo, falando também para o lume e observando com deleite a luz feliz que parecia iluminar os olhos que estavam tão tragicamente sombrios da última vez que os vira.

— Talvez um pouco. Ela é uma mulherzinha tão cativante, que não consigo deixar de sentir orgulho nela. Bem, o tio e a tia estavam lá para impor decoro; nós estávamos tão absortos um no outro, que não tínhamos préstimo nenhum separados, e aquela solução encantadora resolveria tudo a contento de todas as partes. Por isso, casámo-nos.

— Quando, onde e como? — perguntou Jo, numa febre de interesse e curiosidade femininos, pois não fazia ideia.

— Há seis semanas, no consulado americano em Paris... um casamento muito simples, é claro, porque apesar de tanta felicidade não nos esquecemos da nossa querida Beth.

Jo pousou a mão na dele ao ouvir aquelas palavras e Laurie acariciou com carinho a almofadinha vermelha, de que se recordava bem.

— Porque é que não nos contaram depois? — perguntou Jo num tom mais baixo, depois de estarem um minuto em silêncio.

— Queríamos fazer-vos uma surpresa. Pensámos que viríamos logo para casa, mas, a

seguir ao casamento, o meu querido avô decidiu que precisaria de pelo menos um mês para se preparar e mandou-nos ir passar a lua de mel onde quiséssemos. Uma vez a Amy tinha dito que Valrosa era o lugar ideal para uma lua de mel, por isso resolvemos ir para lá e fomos felizes como as pessoas só são uma vez na vida. Devo dizer que foi um grande amor entre as rosas!

Laurie pareceu esquecer-se de Jo durante alguns instantes e ela ficou contente, porque o facto de lhe contar aquelas coisas com tanta liberdade e naturalidade mostrou-lhe que tinha perdoado e esquecido. Tentou retirar a mão, mas, como se tivesse adivinhado o pensamento que originara o impulso em parte involuntário, Laurie apertou-a com força e disse, com uma seriedade adulta que nunca vira nele antes:

— Minha querida Jo, quero dizer-te uma coisa e depois esqueceremos este assunto para sempre. Como te disse na minha carta, quanto escrevi a dizer que a Amy tinha sido muito bondosa comigo, nunca deixarei de te amar; mas esse amor alterou-se e aprendi a perceber que é melhor assim. A Amy e tu trocaram de lugar no meu coração, nada mais. Acho que estava destinado a ser assim e que teria acontecido naturalmente, se eu tivesse esperado como tu tentaste que eu fizesse. No entanto, nunca consegui ser paciente e tive um desgosto. Naquela altura, era um rapaz... teimoso e violento, e precisei de uma dura lição para perceber que tinha errado. Pois *foi* um erro, Jo, e descobri isso depois de fazer figuras tristes. Juro-te que houve um momento em que estive tão baralhado, que não percebia qual amava mais... tu ou a Amy... e tentei amar as duas da mesma maneira, mas não consegui; e quando a vi na Suíça, tudo pareceu esclarecer-se logo. Ambas se encaixaram nos devidos lugares e tive a certeza de que tinha esquecido o antigo amor antes de começar o novo; que podia partilhar o meu coração entre a irmã Jo e a esposa Amy, e amá-las profundamente. Acreditas, e queres voltar aos velhos tempos felizes em que nos conhecemos?

— Sim, Teddy, acredito do fundo do coração, mas não penses que podemos voltar a ser crianças... os velhos tempos felizes não voltam e não podemos esperar que isso aconteça. Agora somos adultos, com trabalhos sóbrios, acabou-se a brincadeira e temos de abdicar dos folguedos. Tenho a certeza de que também pensas assim; vi a mudança que se operou em ti e também verás que estou diferente. Vou sentir a falta do meu rapaz, mas amarei igualmente o homem e vou admirá-lo ainda mais porque ele quer ser o que esperámos que fosse. Já não podemos ser pequenos companheiros de brincadeiras, mas seremos irmão e irmã e vamos amar-nos até ao fim da vida, não vamos, Laurie?

Ele não disse nada, mas pegou na mão que ela lhe oferecia e pousou nela o rosto durante algum tempo, sentindo que da séria paixão juvenil nascera uma linda e forte amizade que era uma bênção para ambos. Quase em seguida, Jo disse num tom alegre, porque não queria que o regresso a casa fosse triste:

— Não consigo acreditar que as minhas duas crianças se casaram e que vão constituir uma família. Parece que ainda ontem abotoava o bibe da Amy e te puxava o cabelo quando fazias asneiras. Santo Deus, como o tempo voa!

— Como uma das crianças é mais velha do que tu, não precisas de parecer uma avó. Orgulho-me de ser um «cavalheiro crescido», como Peggotty disse de David, e, quando

vires a Amy, vais achar que ela é uma criança bastante precoce — disse Laurie, parecendo divertido com a sua expressão maternal.

— Podes ter mais alguns anos do que eu, mas sou muito mais velha em sentimento, Teddy. As mulheres são sempre; e este último ano foi tão difícil, que me sinto como se tivesse quarenta anos.

— Pobre Jo! Deixámos que aguentasses tudo sozinha enquanto nos divertíamos. Tu *estás* mais velha. Tens aqui uma ruga, e ali outra. Quando não te ris, os teus olhos parecem tristes, e quando toquei na almofada há pouco senti uma lágrima nela. Foi muito difícil para ti, e tiveste de suportar tudo sozinha; que besta egoísta que eu fui! — E Laurie puxou o cabelo para baixo com um olhar cheio de remorsos.

Porém, Jo voltou-se para a traiçoeira almofada e respondeu num tom que tentou tornar alegre:

— Não, tive o pai e a mãe para me ajudar, os queridos bebés para me consolar e o pensamento de que tu e a Amy estavam em segurança e felizes para tornar os problemas mais fáceis de suportar. Às vezes, *sinto-me* sozinha, mas acho que é bom para mim, e...

— Nunca mais estarás sozinha — interrompeu Laurie, abraçando-a como se quisesse protegê-la de todos os males humanos. — Eu e a Amy não podemos passar sem ti, por isso tens de vir ensinar as crianças a cuidar da casa, e fazer tudo a meias como costumávamos fazer. Tens de nos deixar mimar-te e todos viveremos ditosamente felizes e amigos juntos.

— Se não incomodasse, seria muito agradável. Já começo a sentir-me bastante jovem, pois, não sei como, todos os meus problemas parecem desaparecer quando chegas. Foste sempre um consolo, Teddy. — E Jo pousou a mão no ombro do amigo, como fizera há anos, quando Beth estava doente e Laurie lhe dissera para se apoiar nele.

Laurie olhou-a, perguntando a si mesmo se ela se recordava do momento, mas Jo sorria para si mesma como se todos os problemas *tivessem* desaparecido de verdade com a sua chegada.

— Continuas a ser a mesma Jo, a chorar num instante e a rir no outro. Pareces um pouco travessa agora. Que é que se passa, avó?

— Queria saber como é que tu e a Amy se dão.

— Como anjos!

— Sim, claro, no princípio... mas quem é que manda?

— Não me importo de dizer que agora é ela; pelo menos, deixo-a pensar que sim... sabe que ela gosta. Com o decorrer do tempo será à vez, porque dizem que o casamento reduz os direitos para metade e duplica as obrigações.

— Vão continuar como começaram e a Amy vai mandar em ti até ao fim da tua vida.

— Bem, ela faz isso de uma forma tão impercetível, que acho que não me importarei muito. É o tipo de mulher que sabe mandar bem. A verdade é que até gosto, porque ela manipula-nos com tanta mestria que ainda nos faz sentir que nos esteve a fazer um favor.

— Nunca pensei que viveria para te ver ser um marido dominado pela mulher e gostar!
— exclamou Jo com as mãos levantadas para o céu.

Foi bom ver Laurie aguentar-se e sorrir com máscula troça ao ouvir aquela insinuação e responder com o seu ar «altivo e poderoso»:

— A Amy é demasiado bem-educada para isso, e eu não sou o tipo de homem que se submete a uma situação dessas. Eu e a minha mulher respeitamo-nos demais para nos tiranizarmos ou discutirmos.

Jo gostou daquilo e pensou que a nova dignidade assentava muito bem a Laurie, mas o rapaz parecia estar a transformar-se muito depressa num homem e alguma tristeza misturou-se com o prazer que sentia.

— Tenho a certeza disso. Tu e a Amy nunca discutiram como nós discutíamos. Ela é o sol e eu sou o vento da fábula, e, se bem te lembras, o sol lidou melhor com o homem.

— Ela pode fazê-lo explodir ou brilhar sobre ele — replicou Laurie, a rir. — Levei um grande sermão em Nice! Dou-te a minha palavra de honra que foi muito pior do que qualquer um dos teus ralhetes. Um verdadeiro abanão. Um dia conto-te... *ela* nunca contará, porque, depois de me dizer que me desprezava e sentia vergonha de mim, perdeu-se de amores pelo desprezível cavalheiro e casou-se com o imprestável.

— Que baixeza! Se ela te maltratar, vem ter comigo, que eu defendo-te!

— Parece que precisava, não é verdade? — disse Laurie, levantando-se com uma atitude que passou de imponente a arrebatada quando se ouviu a voz de Amy a dizer:

— Onde está ela? Onde está a minha querida Jo?

A família inteira entrou em grupo, todos foram abraçados e beijados de novo e, depois de várias tentativas goradas, os três viajantes foram instalados para serem olhados e admirados. O Sr. Laurence, forte e cordial como sempre, tinha melhorado quase tanto como os outros com a viagem pelo estrangeiro — pois a maior parte da dureza parecia ter desaparecido e a antiquada formalidade recebera um refinamento e polimento que o tornara mais amável do que nunca. Foi muito bem vê-lo resplandecer de felicidade pelos «meus filhos», como chamava ao jovem par; e o melhor de tudo foi ver Laurie a andar à volta dos dois, como se nunca se cansasse de apreciar o bonito quadro que formavam.

No instante em que pousou os olhos em Amy, Meg percebeu que a sua roupa não parecia parisiense, que a jovem Sr.^a Moffat seria completamente eclipsada pela jovem Sr.^a Laurence e que «sua senhoria» era uma mulher muito mais elegante e graciosa.

«Que bem que ficam juntos! Eu tinha razão e o Laurie encontrou uma bonita e completa rapariga que será mais adequada para a sua casa do que a velha e trapalhona Jo, e que será um orgulho e não um tormento para ele», pensou Jo enquanto observava o casal.

A Sr.^a March e o marido sorriam e acenavam um para o outro com expressões felizes, pois viam que a mais nova tivera sorte, não só nas coisas mundanas mas na riqueza maior do amor, confiança e felicidade.

No rosto de Amy estampava-se o suave brilho que indica um coração em paz, a voz

tinha uma nova ternura e o porte faustoso e afetado fora substituído por uma suave dignidade feminina e vencedora. Não era estragada por pequenas afetações, e a cordial doçura dos modos era mais encantadora do que a nova beleza ou a antiga graça, pois carimbava-a com o selo inconfundível da verdadeira fidalga que ela sonhava ser.

— O amor fez muito pela nossa filha mais nova — disse a mãe com doçura.

— Teve um bom exemplo em casa a vida inteira, minha querida — sussurrou o Sr. March em resposta, com uma expressão apaixonada para o rosto gasto e para a cabeça grisalha ao seu lado.

Daisy não conseguia despregar os olhos da «nita titia» e agarrou-se como uma lapa à maravilhosa pulseira cheia de lindos pendentes. Demi parou para considerar a nova relação antes de se comprometer com a precipitada aceitação de um suborno, que assumiu a tentadora forma de uma família de ursos de madeira oriundos de Berna. No entanto, um movimento de flanco produziu uma rendição incondicional, porque Laurie sabia quais eram os seus pontos fracos:

— Meu jovem, quando tive a honra de te conhecer, deste-me um murro na cara. Agora exijo uma satisfação de cavaleiro! — E dito isto, o alto tio começou a brincar com o pequeno sobrinho de uma forma que danificou a sua dignidade filosófica e encantou a sua alma infantil.

— Santo Deus! Está vestida de seda da cabeça aos pés. Não é um encanto vê-la ali sentada no meio de tanto luxo e ouvir as pessoas chamarem senhora Laurence à pequena Amy? — balbuciou a velha Hannah, que não resistia a espreitar amiúde pela porta de correr de uma maneira muito promíscua enquanto punha a mesa.

Credo, como falaram! Primeiro um, depois outro, a seguir todos ao mesmo tempo, a tentar contar a história de três anos em meia hora. Foi uma sorte o jantar estar pronto, para poderem fazer uma pausa e recuperar as forças, pois teriam ficado roucos e fracos se tivessem continuado durante muito mais tempo. Depois, entraram na pequena sala de jantar num cortejo muito feliz! O Sr. March acompanhou com orgulho a «Sr.^a Laurence»; a Sr.^a March apoiava-se com igual orgulho no braço do «meu filho»; o velho cavaleiro deu o braço a Jo, sussurrando-lhe: «Agora tens de ser a minha rapariga», enquanto olhava para o canto vazio ao pé da lareira. Jo respondeu num sussurro, com lábios trémulos: «Vou tentar preencher o lugar dela, senhor.»

Os gémeos saltitavam atrás, sentindo que podiam fazer tudo o que quisessem porque todos estavam tão ocupados com os recém-chegados, que estavam livres para fazer um regabofe, e acreditem que aproveitaram a oportunidade ao máximo. Roubaram goles de chá, empanturraram-se com bolachas de gengibre, comeram um biscoito quente cada um e, como maior travessura, cada um deles enfiou no bolso uma linda pequena tarte, que se colou e se desfez traiçoeiramente, ensinando-lhes que a natureza humana e a pastelaria são frágeis! Cheios de remorsos por terem sequestrado as tartes, e temendo que os astutos olhos da tia Dodo trespassassem o fino disfarce de cambraia e lã que escondia o saque, os pequenos pecadores colaram-se ao «vô», que não tinha os óculos postos. Amy, que andava de mão em mão como se fosse um jarro de refresco, voltou para a sala de visitas pelo

braço do pai Laurence; os outros juntaram-se como antes e Jo ficou sem par, mas não se importou nada e deixou-se ficar, para responder à ansiosa pergunta de Hannah:

— A menina Amy vai andar no seu cupé e usar todas as maravilhosas loiças de prata que estão guardadas lá em cima?

— Não devias perguntar se ela vai conduzir seis cavalos brancos, comer em loiças de ouro e usar diamantes e rendas todos os dias? O Teddy pensa que nada é bom demais para ela — respondeu Jo com infinita satisfação.

— Não se pode pedir mais do que isso! Quer picadinho ou croquetes de peixe para o pequeno-almoço? — perguntou Hannah, que misturava com sabedoria poesia e prosa.

— Não importa. — E Jo fechou a porta, sentindo que comida era um tópico pouco apropriado para aquela ocasião. Ficou um minuto a olhar para o grupo que desaparecia mais acima e, quando as curtas pernas de Demi subiram o último degrau com dificuldade, foi invadida por uma inesperada sensação de solidão, tão forte que olhou em volta com olhos vagos como se estivesse à procura de um apoio — pois até Teddy a abandonara. Se soubesse o presente de aniversário que se aproximava cada vez mais, não teria dito para si mesma: «Vou chorar um pouco quando me deitar; agora, não posso parecer triste.» Passou a mão pelos olhos, já que um dos seus hábitos arrapazados era nunca saber onde estava o lenço da mão, e já tinha conseguido esboçar um sorriso quando bateram à porta do alpendre.

Jo abriu-a com hospitaleira pressa e sobressaltou-se, como se outro fantasma tivesse vindo surpreendê-la — pois à sua frente um homem forte, com o rosto barbudo, sorria-lhe radiosamente na escuridão como um sol da meia-noite.

— Oh, senhor Bhaer, é uma felicidade vê-lo! — exclamou Jo, apertando-lhe a mão como se temesse que ele fosse engolido pela noite antes de conseguir agarrá-lo.

— Também estou muito feliz por vê-la, Menina March... mas, não, tem uma festa... — E o professor parou ao ouvir o som de vozes e o matraquear de pés a dançar no andar de cima.

— Não é uma festa... é apenas a família. O meu irmão e a minha irmã acabaram de voltar para casa e estamos todos muito felizes. Entre e faça-nos companhia.

Embora fosse um homem muito social, penso que o Sr. Bhaer se teria ido decorosamente embora e voltaria noutro dia, mas como poderia, se Jo fechou a porta atrás dele e lhe tirou o chapéu da mão? Talvez o rosto de Jo o tivesse levado a ficar, pois ela esqueceu-se de esconder a felicidade que sentira ao deparar-se com ele à porta e mostrou-a com uma franqueza que foi irresistível para o solitário homem, que fora alvo de um acolhimento muito melhor do que se atrevera a esperar.

— Se não incomodar, gostarei muito de conhecer toda a família. Tem estado doente, minha amiga?

Fez a pergunta abruptamente, pois o rosto de Jo foi iluminado pela luz do candeeiro enquanto pendurava o seu casaco e viu uma mudança nele.

— Não doente, mas cansada e triste. Tivemos problemas desde a última vez que o vi.

— Ah, sim, eu sei! Fiquei muito triste por si quando soube. — E ele apertou-lhe mais uma vez a mão com uma expressão tão solidária, que Jo sentiu que nenhum consolo igualava a expressão daqueles olhos bondosos e o aperto daquela mão grande e quente.

— Pai, mãe, este é o meu amigo, o professor Bhaer — disse, com uma expressão e um tom de tanto orgulho e prazer como se tivesse tocado uma trombeta e aberto a porta com um floreado.

Se o desconhecido estava preocupado com a recepção de que seria alvo, depressa descansou com o cordial acolhimento que lhe fizeram. Todos os cumprimentaram com muita simpatia, primeiro por causa de Jo, mas depressa começaram a gostar dele por ser quem era. Não poderia ser de outro modo, porque ele transportava o talismã que abre todos os corações e aquelas pessoas simples gostaram logo dele, sendo ainda mais calorosas porque ele era pobre e a pobreza enriquece os que vivem acima dela e é um passaporte garantido para os espíritos verdadeiramente hospitaleiros. O Sr. Bhaer sentou-se a olhar em volta com a expressão de um viajante que bate a uma porta desconhecida e quando ela se abre percebe que está em casa. As crianças aproximaram-se dele como as abelhas são atraídas para o mel e, instalando-se cada uma num joelho, começaram a cativá-lo remexendo-lhe nos bolsos, puxando-lhe a barba e inspecionando o relógio com juvenil audácia. As mulheres telegrafaram a sua aprovação umas às outras e o Sr. March, sentindo que encontrara uma alma gémea, abriu os seus melhores depósitos de sabedoria ao visitante, enquanto o silencioso John escutava e apreciava a conversa sem proferir uma única palavra e o Sr. Laurence achou que seria impossível adormecer.

Se Jo não estivesse concentrada noutra coisa, o comportamento de Laurie poderia tê-la divertido, pois um leve franzir, não de ciúmes mas de um sentimento que parecia desconfiança, fez aquele cavalheiro manter-se reservado e observar o recém-chegado com fraternal circunspeção. Porém, aquela atitude não durou muito; começou a interessar-se pela conversa contra a sua vontade e pouco depois estava completamente embrenhado, pois o Sr. Bhaer falava bem nesta atmosfera fantástica e fez justiça a si mesmo. Não falava muitas vezes com Laurie, mas olhava-o com frequência, e uma sombra passava-lhe pelo rosto, como se lamentasse a juventude perdida enquanto observava aquele jovem na flor da idade. Em seguida os seus olhos viravam-se para Jo com tanta ansiedade, que ela teria com certeza respondido à pergunta muda se a tivesse visto; mas Jo tinha os seus olhos para cuidar e, sentindo que não eram de confiança, manteve-os com prudência na pequena meia que tricotava, como uma exemplar tia solteirona.

Ocasionais olhares furtivos refrescavam-na como pequenos goles de água fresca depois de um passeio por caminhos poeirentos, pois mostravam-lhe diversos presságios auspiciosos. O rosto do Sr. Bhaer perdera a expressão distraída e parecia muito concentrado no momento presente — Jo pensou que até parecia jovem e atraente e esqueceu-se de o comparar a Laurie, como costumava fazer com todos os homens, saindo este último vencedor em todas as ocasiões. Além disso, ele parecia muito inspirado, embora os costumes de enterro da antiguidade, para onde a conversa passara, pudessem não ser considerados um tópico estimulante. Jo resplandeceu de triunfo quando Teddy foi

derrotado num debate e, enquanto observava o rosto absorto do pai, pensou: «Como ele gostaria de ter um homem como o meu professor para poder conversar com ele todos os dias!» Por fim, o Sr. Bhaer usava um fato preto novo que o deixava mais elegante do que nunca. O seu cabelo espesso tinha sido cortado e estava muito bem penteado, mas não se manteve em ordem durante muito tempo, pois, quando estava entusiasmado, ele despenteava-o no seu estilo cómico e Jo gostava muito mais dele todo espetado do que liso, achando que fazia a sua linda testa parecer igual à de Júpiter. Pobre Jo! Como glorificou aquele homem simples enquanto estava sentada a tricotar com muita serenidade, sem deixar que nada lhe escapasse — nem sequer o facto de o Sr. Bhaer ter botões de punho de ouro nos imaculados punhos da camisa.

«Querido amigo. Não se teria vestido com maior cuidado se fosse cortejar uma rapariga», pensou Jo, e depois uma ideia súbita, provocada pelas palavras, fê-la ruborizar-se tanto que deixou cair o novelo e foi atrás dele para esconder o rosto.

Porém, a manobra não obteve um resultado tão bom como ela esperava, pois, como se pretendesse incendiar uma pira funerária, o professor deixou cair o seu archote, metaforicamente falando, e mergulhou atrás do pequeno novelo azul. Claro que as suas cabeças chocaram, viram estrelas e ambos se levantaram corados e a rir, sem o novelo, para voltar a ocupar os seus lugares enquanto desejavam nunca ter saído deles.

Ninguém percebeu que a noite já ia longa, pois Hannah deitou as crianças cedo, já a cabecear como duas papoilas cor-de-rosa, e o Sr. Laurence foi para casa descansar. Os outros sentaram-se à volta da lareira a conversar, sem darem pela passagem do tempo, até Meg, cuja mente maternal se enchera de uma firme convicção de que Daisy teria caído da cama e Demi incendiado a camisa de dormir enquanto estudava a estrutura dos fósforos, se levantar para ir para casa.

— Temos de cantar como antigamente, porque estamos todos reunidos de novo — disse Jo, sentindo que um bom grito seria um agradável e seguro escape para as jubilosas emoções da sua alma.

Não estavam *todos* presentes, mas ninguém considerou as palavras descabidas ou falsas, porque Beth parecia continuar no meio deles, uma pacífica presença invisível, mas mais querida do que nunca, pois a morte não podia quebrar a aliança daquela casa que o amor tornava indissolúvel. A cadeirinha continuava no lugar de sempre; o arrumado cesto com o trabalho que ela deixara inacabado quando a agulha se tornara demasiado pesada ainda estava na prateleira do costume; o adorado instrumento, que agora raramente era tocado, não saíra do seu lugar; e, por cima dele, o rosto de Beth, sereno e sorridente, parecia dizer: «Sejam felizes! Eu estou aqui.»

— Toca alguma coisa, Amy, mostra-lhes como evoluíste — pediu Laurie, com um desculpável orgulho na sua prometedora pupila.

Todavia, enquanto rodava o banco gasto, Amy sussurrou, com os olhos marejados de lágrimas:

— Esta noite, não, querido. Hoje não posso exhibir-me.

Mas exibiu uma coisa melhor do que brilhantismo ou perícia, pois cantou as canções de Beth com uma terna musicalidade na voz que nem o melhor mestre poderia ensinar, e comoveu os corações dos ouvintes com um poder mais doce do que qualquer outra inspiração poderia dar-lhe. A sala estava mergulhada num silêncio profundo quando a sua voz límpida falhou de repente, no último verso do hino preferido da irmã. Foi difícil dizer:

«Não há tristeza na terra que o céu não possa curar»

e Amy encostou-se ao marido, que estava atrás dela, sentindo que o regresso a casa não era perfeito sem o beijo de Beth.

— Agora temos de terminar com a canção de Mignon, porque o senhor Bhaer sabe cantá-la — disse Jo, antes que a pausa se tornasse demasiado dolorosa, e o Sr. Bhaer pigarreou com um alegre «hem» e aproximou-se do canto onde Jo estava, dizendo:

— Vai cantar comigo. Fazemos um dueto excelente.

Diga-se de passagem, foi uma agradável ficção, pois Jo não cantava melhor do que um gafanhoto, mas teria concordado mesmo que ele a tivesse convidado para cantar uma ópera inteira, e chilreou, alegremente alheada de tempo e tom. Não importou muito, porque o Sr. Bhaer cantava como um verdadeiro alemão, com alma e técnica, e Jo depressa baixou a voz para um murmúrio enquanto escutava a voz melodiosa que parecia cantar apenas para si.

«Conheces a terra onde floresce o limoeiro»

era antigamente o verso preferido do professor, porque para ele «a terra» significava a Alemanha, mas agora parecia deter-se com especial calor e melodia noutros versos:

«Ali, oh, ali, quisera eu
Contigo ir, minha amada!»

e uma ouvinte emocionou-se tanto com o carinhoso convite, que quis dizer que conhecia a terra, e de bom grado partiria para lá quando ele quisesse.

A canção foi considerada um grande sucesso e o cantor sentou-se com uma expressão tímida sob fortes aplausos. No entanto, passados alguns minutos, esqueceu por completo as boas maneiras e observou Amy a pôr o chapéu — pois ela tinha sido apresentada apenas como «minha irmã» e ninguém a tratara pelo novo apelido desde que ele chegara. E esqueceu-as ainda mais quando Laurie disse no seu tom mais afável antes de saírem:

— Eu e a minha mulher gostámos muito de conhecê-lo, senhor. Por favor lembre-se que será sempre bem-vindo na casa em frente.

O professor agradeceu-lhe com tanta efusividade, e de repente pareceu tão iluminado de satisfação, que Laurie pensou que era o velhote mais expressivo que já conhecera em toda a sua vida.

— Também vou andando, mas voltarei com prazer se me der autorização, cara senhora, pois tenho um pequeno assunto para tratar na cidade que me manterá cá durante alguns dias.

Falou para a Sr.^a March, mas olhou para Jo, e a voz da mãe autorizou com tanta cordialidade como os olhos da filha, pois a Sr.^a March não estava tão alheada dos interesses das filhas como a Sr.^a Moffat supunha.

— Desconfio que é um homem sensato — comentou o Sr. March com plácida satisfação ao pé da lareira depois de o último convidado ter saído.

— E eu tenho a certeza de que é bom — acrescentou a Sr.^a March com decidida aprovação, enquanto dava corda ao relógio.

— Eu sabia que iam gostar dele — declarou Jo, enquanto ia para a cama.

Perguntou a si mesma que assunto teria trazido o Sr. Bhaer à cidade e por fim decidiu que tinha sido chamado para receber uma grande honra, mas era demasiado modesto para mencionar o facto. Se tivesse visto o seu rosto quando, na segurança do quarto, olhou para a fotografia de uma jovem severa e rígida, com muito cabelo, que parecia olhar sombriamente para o futuro, talvez tivesse tido uma ideia do assunto, acima de tudo quando ele apagou o candeeiro a gás e beijou a fotografia na escuridão.

CAPÍTULO VINTE E UM

SENHOR E SENHORA

— Por favor, senhora minha mãe, pode emprestar-me a minha mulher durante meia hora? A bagagem chegou e revolvi todos os enfeites que ela trouxe de Paris à procura de umas coisas de que preciso — disse Laurie no dia seguinte, encontrando a Sr.^a Laurence sentada no colo da mãe, como se fosse de novo «a bebé».

— Claro que sim. Vai, minha querida. Esqueço-me de que tens outra casa para além desta. — E a Sr.^a March apertou a mão branca que usava a aliança como se estivesse a pedir perdão pela sua cobiça maternal.

— Eu não teria vindo se pudesse evitar, mas já não consigo viver sem a minha mulherzinha...

— O cata-vento não funciona sem vento — sugeriu Jo, parando para sorrir. Desde que Teddy voltara para casa, voltara a ser brincalhona como dantes.

— É isso mesmo, porque a Amy mostra-me quase sempre o ocidente, com um ocasional desvio para sul, e nunca mais tive um acesso de oriente desde que me casei. Não sei nada sobre o norte, mas estou muito saudável e doce, não estou?

— Até agora, o tempo está encantador. Não sei quanto durará, mas não tenho medo de tempestades porque estou a aprender a dirigir o meu navio. Vamos para casa, querido, e vou descobrir a tua descalçadeira; deve ser o que procuras no meio das minhas coisas. Os homens são *tão* inúteis, mãe! — declarou Amy, com um ar de matrona que deliciou o marido.

— O que pensam fazer quando se instalarem? — perguntou Jo enquanto abotoava a capa de Amy, como costumava fazer com os bibes.

— Temos os nossos planos. Ainda não queremos falar muito sobre eles, porque somos recém-casados, mas não pretendemos ficar sem fazer nada. Eu vou dedicar-me aos negócios com uma devoção que encantará o meu avô e provará que não sou um imprestável. Preciso de um trabalho a sério para me manter ativo. Estou cansado de mandriar e quero trabalhar como um homem.

— E que é que a Amy vai fazer? — perguntou a Sr.^a March, muito feliz com a decisão de Laurie e com a energia com que ele falara.

— Depois de fazermos as visitas de cortesia e arejarmos os nossos melhores chapéus, vamos surpreender-vos com a elegante hospitalidade da nossa mansão, com a brilhante sociedade que atrairemos à nossa volta e com a benéfica influência que iremos exercer

sobre o mundo em geral. É isso, não é, Madame Recamier? — perguntou Laurie, lançando um olhar trocista a Amy.

— O tempo o dirá. Vem, senhor Impertinente e não choques a minha família chamando-me nomes à frente deles — respondeu Amy, decidindo que devia criar um lar com uma boa mulher nele antes de começar a ser a rainha da sociedade.

— Como aquelas crianças parecem felizes juntas! — comentou o Sr. March, com alguma dificuldade para se concentrar no seu Aristóteles depois de o jovem casal sair.

— Sim, e parece-me que a felicidade vai durar — acrescentou a Sr.^a March com a tranquila expressão de um piloto que levou o navio em segurança até ao porto.

— Eu sei que sim. Feliz da Amy! — disse Jo com um suspiro, sorrindo depois alegremente quando o professor Bhaer abriu o portão com um impaciente empurrão.

Mais tarde, quando já estava descansado em relação à descalçadeira, de repente Laurie disse para a mulher, ocupada a arrumar os seus novos tesouros artísticos:

— Senhora Laurence.

— Meu senhor?

— Aquele homem pretende casar-se com a Jo!

— Espero que sim. Tu não, querido?

— Bem, meu amor, acho que ele é boa pessoa, em todos os sentidos da palavra, mas gostaria que fosse um pouco mais novo e muito mais rico.

— Ora, Laurie, não sejas tão exigente e materialista. Se eles se amam, não importa nada se são velhos nem pobres. As mulheres *nunca* deviam casar-se por dinheiro... — Amy calou-se de forma abrupta quando as palavras lhe escaparam da boca e olhou para o marido, que replicou com maliciosa seriedade:

— Claro que não, embora por vezes uma pessoa oiça algumas encantadoras raparigas dizerem que é o que pretendem fazer. Se a memória não me falha, em tempos pensavas que era teu dever fazer um casamento rico. Talvez por isso te tenhas casado com um imprestável como eu.

— Oh, meu querido rapaz, não digas isso! Esqueci-me de que eras rico quando disse que sim. Ter-me-ia casado contigo ainda que não tivesses um tostão, e às vezes penso que gostaria que *fosses* pobre, para poder mostrar-te o quanto te amo.

E Amy, que era muito digna em público e muito carinhosa em privado, deu-lhe provas convincentes da veracidade das suas palavras.

— Não acreditas que sou a criatura mercenária que tentei ser em tempos, pois não? Ficaria com o coração partido se não acreditasses que remaria de bom grado no mesmo barco contigo mesmo que tivesses de ganhar a vida como barqueiro.

— Acaso pensas que sou um idiota ou um bruto? Como poderia acreditar numa coisa dessas se recusaste um homem mais rico por minha causa e não me deixas oferecer-te

metade do que quero, quando tenho esse direito? As raparigas fazem-no todos os dias, pobrezinhas, e são ensinadas a pensar que é a sua única salvação, mas tu tiveste melhores lições e, embora tenha temido por ti em tempos, não fiquei desapontado... pois a filha seguiu os ensinamentos da mãe. Ontem disse isso mesmo à mamã, e ela ficou tão contente e agradecida como se eu lhe tivesse oferecido um cheque de um milhão, para ser gasto em caridade. Tu não estás a escutar os meus comentários morais, senhora Laurence — e Laurie calou-se, porque os olhos de Amy fitavam-no com uma expressão apática, mas fixa.

— Estou sim, e ao mesmo tempo admiro a borbulha que tens no queixo. Não quero que te envaideças, mas sinto mais orgulho no meu lindo marido do que em todo o seu dinheiro. Não te rias... mas o teu nariz é um *grande* consolo para mim. — E Amy acariciou suavemente aquela bonita característica do rosto de Laurie com uma satisfação artística.

Laurie já recebera muitos elogios na vida, mas nunca um que lhe agradasse tanto, como demonstrou com efusividade embora se risse do peculiar gosto da mulher enquanto ela dizia lentamente:

— Posso fazer-te uma pergunta, querido?

— Claro que podes.

— Importas-te se a Jo se casar com o senhor Bhaer?

— Oh, o problema é esse? Pensei que havia alguma coisa na borbulha que não te agradava. Como não sou invejoso e me sinto o homem mais feliz à face da terra, garanto-te que dançarei no casamento da Jo com um coração tão leve como os pés. Duvidas disso, *mon amie*?

Amy olhou-o e ficou satisfeita. O último medo ciumento desapareceu para sempre e ela agradeceu-lhe com um rosto cheio de amor e confiança.

— Quem dera que pudéssemos fazer alguma coisa por aquele excelente velho professor. Não podemos inventar um parente rico, que morra muito convenientemente na Alemanha e lhe deixe uma pequena fortuna? — perguntou Laurie, quando começaram a andar de um lado para o outro de braço dado na comprida sala de visitas, como gostavam de fazer para relembrar o jardim do *château*.

— A Jo ia descobrir e estragara tudo. Ela orgulha-se muito dele como é e ontem disse que acha que a pobreza é uma coisa linda.

— Abençoada rapariga! Não vai pensar da mesma maneira quando tiver um marido literário e uma dúzia de professorzinhos e professorazinhas para sustentar. Não interferiremos agora, mas aguardaremos pela oportunidade de fazer alguma coisa boa por eles, ainda que não queiram. Devo à Jo uma parte da minha educação, e como ela defende que as pessoas devem pagar as suas dívidas, é com esse argumento que vou convencê-la.

— Como é maravilhoso poder ajudar outras pessoas, não é? Foi sempre um dos meus sonhos poder dar livremente e, graças a ti, tornou-se realidade.

— Ah! Vamos fazer muito bem, não vamos? Há um tipo de pobreza que gosto especialmente de apoiar. Os mendigos são ajudados, mas os pobres passam muito mal porque não pedem e as pessoas não se atrevem a oferecer auxílio. No entanto, há mil maneiras de ajudar essas pessoas, se soubermos fazê-lo com uma delicadeza que não ofenda. Devo dizer que gosto mais de ajudar um frágil senhor de idade do que um mendigo bajulador. Posso estar errado, mas, embora seja mais difícil, é do que gosto.

— Porque é preciso ser-se um cavalheiro para fazer tal coisa — acrescentou o outro membro da sociedade de admiração doméstica.

— Obrigado, mas acho que não mereço esse lindo elogio. No entanto, ia dizer que enquanto andava a deambular pelo estrangeiro vi muitos jovens talentosos a fazer todos os tipos de sacrifícios e a sofrer verdadeiras provações para poderem realizar os seus sonhos. Alguns deles eram pessoas esplêndidas e trabalhavam como heróis, pobres e sem amigos, mas tão cheios de coragem, paciência e ambição, que senti vergonha de mim mesmo e quis dar-lhes um bom apoio. É uma satisfação ajudar essas pessoas, pois se têm um talento especial é uma honra poder servi-las e não deixar que se perca ou seja adiado por falta de lume para manter a panela a ferver; se não têm, é um prazer consolar as pobres almas e impedir que se desesperem quando descobrem.

— É verdade. E há outra classe que não pode pedir e sofre em silêncio. Eu percebo um pouco disso porque pertenci a ela antes de me transformares numa princesa, como o rei faz com a mendiga na velha história. As raparigas ambiciosas sofrem muito, Laurie, e muitas vezes têm de ver a juventude, saúde e preciosas oportunidades passar por elas por falta de uma pequena ajuda no momento certo. As pessoas têm sido muito bondosas para mim e, sempre que vir raparigas a tentar singrar na vida como eu tentei, quero estender-lhes a mão e ajudá-las, como fui ajudada.

— É o que farás, como o anjo que és! — exclamou Laurie, decidindo com filantrópico zelo criar e financiar uma instituição para ajudar jovens mulheres com tendências artísticas. — As pessoas ricas não têm o direito de se sentar a divertir-se ou de deixar o seu dinheiro acumular-se para ser desbaratado por outros. Não é tão sensato deixar muitos legados em testamento como usar o dinheiro com sabedoria durante a vida e ter o prazer de tornar as vidas dos nossos semelhantes felizes com ele. Nós vamos divertir-nos e acrescentar um deleite maior ainda ao nosso prazer proporcionando oportunidades a outras pessoas. Queres ser uma pequena Tabita e esvaziar um grande cesto de conforto, enchendo-o de boas ações?

— Do fundo do coração, se fores um corajoso São Martinho, parando para partilhar a tua capa com o mendigo enquanto andas galantemente pelo mundo.

— Está combinado, e ganharemos mais do que eles.

Os dois jovens apertaram as mãos para selar o pacto e continuaram a passear muito felizes, com a sensação de que o agradável lar estava mais acolhedor porque queriam melhorar outros lares, acreditando que os seus pés percorreriam com mais facilidade o florido caminho à sua frente se alisassem os caminhos duros para outros pés e sentindo que os seus corações estavam mais unidos por um amor que se lembrava com carinho dos

que eram menos bem-aventurados do que eles.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

DAISY E DEMI

Não cumpriria o meu dever de humilde historiadora da família March sem dedicar pelo menos um capítulo aos seus dois membros mais preciosos e importantes. Daisy e Demi tinham chegado à chamada idade da razão, pois neste mundo em rápida mudança os bebês de três ou quatro anos exigem os seus direitos, e conseguem-nos, o que é mais do que muitos dos seus parentes mais velhos fazem. Se alguma vez existiu um par de gémeos em risco de serem completamente estragados com adoração foram estes tagarelas Brooke. Claro que eram as crianças mais notáveis de todo o sempre, como se perceberá quando mencionar que começaram a andar aos oito meses, falavam fluentemente aos doze meses e aos dois anos ocupavam os seus lugares à mesa e comportavam-se com uma correção que encantava todos os observadores. Aos três anos, Daisy exigiu uma agulha e fez uma bolsinha com quatro pontos; também brincava às casinhas no aparador e geria um fogão microscópico com uma habilidade que enchia os olhos de Hannah de lágrimas de orgulho, e Demi aprendeu a ler com o avô, que inventou uma nova forma de ensinar o alfabeto formando as letras com os braços e as pernas — aliando desse modo a ginástica intelectual à ginástica física. O rapaz desenvolveu muito cedo um talento mecânico que encantava o pai e desesperava a mãe, pois tentava imitar todas as máquinas que via e mantinha o quarto num estado caótico, com a sua «máquina de costura» — uma misteriosa estrutura de cordéis, cadeiras, molas para a roupa e carretéis como rodas para «rodar e rodar»; também pendurou um cesto nas costas de uma grande cadeira, onde tentou em vão içar a demasiado confiante irmã, que, com feminina devoção, bateu com a cabeça até ser resgatada, levando o jovem inventor a comentar, indignado:

— Ora, mamã, é o meu «livador» e estou a tentar puxá-la.

Embora tivessem personalidades muito diferentes, os gémeos davam-se muito bem e raramente discutiam mais de três vezes por dia. Claro que Demi tiranizava Daisy e defendia-a com valentia de todos os outros agressores, enquanto ela era uma verdadeira escrava e adorava o irmão como se fosse o ser mais perfeito do mundo. Daisy era uma menina rosada, gorducha e muito alegre que encantava toda a gente e era adorada por todos. Era uma daquelas crianças encantadoras que parecem ter nascido para ser beijadas e mimadas, enfeitadas e adoradas como pequenas deusas, e produzidas para aprovação geral em todas as ocasiões festivas. As suas pequenas virtudes eram tão doces, que ela seria um verdadeiro anjo se algumas traquinices não a mantivessem deliciosamente humana. Estava sempre bom tempo no seu mundo e todas as manhãs ia até à janela com a sua pequena camisa de noite para espreitar lá para fora e dizer, quer chovesse ou fizesse sol: «Oh dia lindo, oh dia lindo!» Todos eram amigos e dava beijos a um desconhecido com tanta

confiança que o mais inveterado solteirão se rendia e os que gostavam de crianças tornavam-se seus fiéis adoradores.

— Mim gosta de toda a gente — disse uma vez, abrindo os braços, com a colher numa mão e a tigela na outra, como se quisesse abraçar e alimentar o mundo inteiro.

À medida que foi crescendo, a mãe começou a sentir que o Pombal seria bem-aventurado com a presença de uma habitante tão serena e amorosa como a que ajudara a fazer da velha casa um lar e a rezar para ser poupada à perda que lhes mostrara recentemente durante quanto tempo tinham vivido com um anjo sem darem por isso. O avô chamava-lhe muitas vezes «Beth» e a avó cuidava dela com uma devoção incansável, como se estivesse a tentar reparar algum erro passado que nenhuns olhos a não ser os seus viam.

Como um verdadeiro ianque, Demi era curioso e queria saber tudo, ficando muitas vezes irritado porque não obtinha respostas satisfatórias para o seu perpétuo «Para quê?».

Também possuía uma veia filosófica, para grande deleite do avô, que tinha conversas socráticas com ele durante as quais o precoce aluno confundia o professor, encantando as senhoras.

— Que é que faz as minhas pernas andarem, vô? — perguntou o jovem filósofo certa noite, observando aquelas ativas partes do seu corpo com uma expressão pensativa enquanto descansava de uma brincadeira antes de ir dormir.

— É a tua pequena mente, Demi — respondeu o sábio, acariciando a cabeça loura com respeito.

— O que é uma pequena mente?

— É uma coisa que faz o teu corpo mexer-se, como a mola fazia as rodas girar no meu relógio quando to mostrei.

— Abra-me. Quero ver-me a girar.

— Não posso fazer isso, como tu também não conseguiste abrir o relógio. Deus dá-te corda e tu andas até Ele te parar.

— Sim? — E os olhos castanhos de Demi abriram-se muito e ficaram brilhantes enquanto assimilava o novo pensamento. — Eu *tem* corda como o relógio?

— Sim, mas não posso mostrar-ta, porque é dada quando não vemos.

Demi tocou nas costas, como se esperasse encontrar um botão como o do relógio, e depois comentou muito sério:

— Acho que Deus faz isso quando eu *está* a dormir.

Seguiu-se uma cuidadosa explicação, que ele escutou com tanta atenção que a ansiosa avó disse:

— Meu querido, achas sensato falar sobre essas coisas com esse bebé? Ele *está* a ficar com grandes altos sobre os olhos e a aprender a fazer as perguntas mais inverosímeis.

— Se tem idade para fazer as perguntas, tem idade para receber respostas verdadeiras. Não estou a pôr-lhe os pensamentos na cabeça, mas sim a ajudá-lo a desenvolver os que já lá estão. Aquelas crianças são mais sábias do que nós e não duvido que o rapaz compreende tudo o que lhe digo. Agora, Demi, diz-me onde está a tua mente?

Se o rapaz tivesse respondido como Alcibíades, «Pelos deuses, Sócrates, não sei», o avô não teria ficado surpreendido, mas quando, depois de ficar apoiado numa perna durante alguns instantes como uma cegonha pensativa, respondeu, num tom de calma convicção, «Na minha barriguinha», o velho senhor só pôde juntar a sua gargalhada à da avó e dar por terminada a lição de metafísica.

Poderia haver motivo para maternal ansiedade se Demi não tivesse dado provas convincentes de que era um verdadeiro rapaz e um filósofo em potência, pois muitas vezes, depois de uma discussão que levava Hannah a profetizar com ominosos acenos que «aquela criança não será muito tempo deste mundo», ele dissipava os seus temores com algumas das partidas com que os queridos, sujos e marotos patifes desesperam e encantam as almas dos pais.

Meg instituiu muitas regras morais e tentava implementá-las, mas que mãe consegue resistir aos estratagemas vencedores, às engenhosas desculpas ou à tranquila audácia dos homens e mulheres em miniatura que mostram a sua astúcia numa idade tão precoce?

— Chega de passas, Demi, para não ficares doente — diz a mamã à jovem pessoa que se oferece para ajudar na cozinha com infalível regularidade no dia do pudim de ameixas.

— Mim gosta de estar doente.

— Não te quero aqui, por isso vai ajudar a Daisy a fazer pastéis de carne.

Ele afasta-se com relutância, mas a injustiça pesa-lhe no espírito e pouco depois, quando surge uma oportunidade para se desforrar, vence a mãe com um astuto pacto.

— Os dois foram muito bonzinhos e eu vou brincar ao que quiserem — diz Meg, levando os seus auxiliares de cozinha para cima quando o pudim está em segurança no forno.

— De verdade, mamã? — pergunta Demi, com uma ideia brilhante na inteligente cabeça.

— Sim, de verdade. Tudo o que quiserem — responde a inocente mãe, preparando-se para cantar «O Jardim da Celeste» meia dúzia de vezes ou para levar a família a comprar um bolo de tostão, faça chuva ou faça sol. Mas Demi encurrala-a com a fria resposta:

— Então, vamos comer as passas todas.

A tia Dodo era a principal companheira de folguedos e *confidante* das duas crianças, e o trio virava a casa do avesso. A tia Amy ainda era apenas um nome para eles, a tia Beth depressa se desvaneceu numa recordação agradavelmente vaga, mas a tia Dodo era uma realidade viva e tiravam o máximo partido dela, que se sentia agradecida por tão grande honra. Porém, depois da chegada do Sr. Bhaer, Jo negligenciou os seus companheiros de brincadeiras e as suas pequenas almas encheram-se de tristeza e desolação. Daisy, que

gostava de andar a distribuir beijos, perdeu a sua melhor cliente e foi à falência; com a sua perspicácia infantil, Demi depressa percebeu que a Dodo gostava mais de brincar com o «homem urso» do que com ele, mas, embora estivesse magoado, escondeu a angústia, pois não tinha coragem para insultar um rival que guardava uma mina de bombons de chocolate no bolso do colete e tinha um relógio que podia ser tirado do estojo e abanado à vontade por ardentes admiradores.

Poderá haver quem pense que estas agradáveis liberdades eram subornos, mas Demi não pensava assim e continuava a tratar o «homem-urso» com pensativa afabilidade, enquanto Daisy o enchia de pequenas atenções sem reservas e considerava que o ombro dele era o seu trono, o braço, o seu refúgio, e os presentes, tesouros de um valor incalculável.

Os cavalheiros são por vezes acometidos de súbitos acessos de admiração pelos jovens parentes das senhoras que honram com a sua consideração, mas esta falsa prolificidade fica-lhes muito mal e não engana ninguém. Todavia, a devoção do Sr. Bhaer era sincera e eficaz, pois a honestidade é a melhor política tanto no amor como na lei. Ele era um daqueles homens que estão à vontade com crianças e sentia-se muito bem quando os pequenos rostos faziam um agradável contraste com a sua cara barbuda. Os seus assuntos, fossem eles quais fossem, pareciam ocupá-lo durante o dia inteiro, mas era rara a noite em que não vinha ver — bem, ele perguntava sempre pelo Sr. March, por isso suponho que era *ele* a atração. O excelente pai estava convencido disso e deleitava-se com as longas conversas que tinha com a sua alma gémea, até que um comentário casual do seu neto mais observador o esclareceu de repente.

Uma noite, o Sr. Bhaer entrou e parou à porta do escritório, estupefacto com o espetáculo com que se deparou. O Sr. March estava deitado no chão, com as respeitáveis pernas no ar, e ao seu lado, também deitado, estava Demi, a tentar imitar a posição com as suas pequenas pernas com meias escarlata, e os dois estavam tão concentrados no que estavam a fazer, que só se aperceberam de que tinham espectadores quando o Sr. Bhaer soltou a sua sonora gargalhada e Jo exclamou, com uma expressão escandalizada:

— Pai, pai! O professor está aqui!

As pernas pretas desceram e a cabeça grisalha subiu, enquanto o preceptor dizia com imperturbável dignidade:

— Boa noite, senhor Bhaer! Dê-me um momento... estamos a terminar a nossa lição. Agora faz a letra e diz o seu nome, Demi.

— Eu *sabe* qual é. — E, depois de alguns convulsivos esforços, as pernas vermelhas formaram um compasso e o inteligente aluno gritou triunfalmente: — É um V, vô, é um V!

— Ele nasceu para isto — disse Jo a rir, enquanto o pai se levantava e o sobrinho tentava fazer o pino como forma de expressar a satisfação que sentia pelo fim da lição.

— Que andaste a fazer hoje, *Bübchen*?⁷ — perguntou o Sr. Bhaer, levantando o ginasta.

— Mim foi ver a pequena Mary.

— E que é que fizeste lá?

— Beije-a — começou Demi, com natural franqueza.

— *Prut!* Começas cedo. Que disse a pequena Mary a isso? — perguntou o Sr. Bhaer, continuando a confessar o jovem pecador, apoiado num joelho enquanto explorava o bolso do colete.

— Oh, ela gostou e beijou-me, e eu gostei! Os meninos *não* gostam de meninas? — perguntou Demi, com a boca cheia e uma expressão de doce satisfação.

— És um menino precoce... quem te pôs isso na cabeça? — perguntou Jo, tão divertida como o professor com as inocentes revelações.

— Não está na minha cabeça, está na minha boca — respondeu o pequeno Demi, pondo a língua de fora com um bombom de chocolate... convencido de que ela se referia ao doce e não às ideias.

— Deves guardar alguns para a amiguinha. Doces para quem é doce, *Mannling*. — E o Sr. Bhaer ofereceu alguns a Jo com uma expressão que a fez pensar se o chocolate não seria o néctar bebido pelos deuses. Demi também viu o sorriso, ficou impressionado e perguntou com ingenuidade:

— Os meninos grandes também gostam de meninas grandes, Fessor?

Como o jovem Washington, o Sr. Bhaer «não sabia mentir», por isso respondeu vagamente que acreditava que sim, às vezes num tom que fez o Sr. March pousar a escova de fatos, olhar para o rosto fugidio de Jo e afundar-se na sua cadeira, com uma expressão que indicou que o «precioso menino» lhe pusera uma ideia agri-doce na cabeça.

Meia hora depois, quando apanhou Demi no armário, Dodo quase sufocou o seu menino com um terno abraço, em vez de o abanar por estar ali, e em seguida premiou esta nova traquinice com uma fatia de pão com doce, uma atitude que intrigou o menino, que nunca conseguiu solucionar o mistério.

⁷ Em alemão no original: menino. (*N. da T.*)

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

DEBAIXO DO GUARDA-CHUVA

Enquanto Laurie e Amy davam passeios conjugais sobre carpetes de veludo, a preparar a casa e a planear um futuro ditoso, o Sr. Bhaer e Jo faziam outro tipo de passeios, por estradas lamacentas e campos encharcados.

«Dou sempre um passeio ao anoitecer e não sei porque é que deveria desistir dele só porque encontro muitas vezes o professor quando ele está de saída», pensou Jo depois de dois ou três encontros. Embora houvesse dois caminhos para a casa de Meg, encontrava-o sempre à ida ou à volta, fosse por qual fosse. Ele caminhava depressa e nunca parecia vê-la até estar muito perto, altura em que a olhava como se os seus olhos míopes não tivessem reconhecido a senhora que caminhava na sua direção até àquele momento. Depois, se ela ia a casa de Meg, o professor tinha sempre alguma coisa para os bebés. Se o rosto dela estava voltado para casa, tinha vindo apenas ver o rio e preparava-se para ir lá, a menos que estivessem cansados das suas visitas frequentes.

Dadas as circunstâncias, o que podia Jo fazer a não ser cumprimentá-lo com educação e convidá-lo para entrar? Se *estava* cansada das suas visitas, escondia o enfado com perfeição e tinha o cuidado de que houvesse sempre café ao jantar, «porque o Friedrich — o senhor Bhaer, quero eu dizer — não gosta de chá».

Na segunda semana, todos sabiam perfeitamente bem o que estava a acontecer, embora tentassem aparentar que não reparavam nas mudanças que se tinham operado no rosto de Jo — nunca perguntavam porque é que cantava enquanto trabalhava, porque é que arranjava o cabelo três vezes por dia ou ficava tão radiante com os passeios ao fim da tarde. E ninguém parecia ter a mais leve suspeita de que, enquanto falava sobre filosofia com o pai, o professor Bhaer dava lições de amor à filha.

Jo era tão rebelde, que não poderia apaixonar-se de uma forma normal. Teimosa, tentou esconder os seus sentimentos, mas, como era impossível, vivia uma vida bastante agitada. Tinha um medo de morte de ser alvo de troça se se rendesse depois de tantas veementes declarações de independência. Laurie era o seu maior terror, mas, graças à nova mentora, ele comportou-se com louvável decoro, nunca dizendo em público que o Sr. Bhaer era «um velho fantástico», nem fazendo qualquer referência à aparência melhorada de Jo ou expressando a mais leve surpresa ao ver o chapéu do professor na mesa da entrada da família March quase todas as noites. Porém, exultava em privado e ansiava pelo momento em que poderia dar a Jo uma placa de metal com um urso e um nodoso bordão como um brasão adequado.

Durante quinze dias, o professor veio com a regularidade de um namorado, mas depois

desapareceu durante três dias inteiros e não deu qualquer sinal de vida — uma atitude que deixou todos muito sérios e Jo pensativa e depois — ai do romance! — muito zangada.

«Deve ter-se fartado e voltou para casa tão de repente como veio. Não que isso me importe, é claro, mas *sempre* pensei que viria despedir-se de nós como um cavalheiro», pensou com um olhar desesperado para o portão, enquanto se preparava para o passeio diário numa tarde nublada.

— É melhor levares o guarda-chuva pequeno, querida. Parece que vai chover — disse a mãe, reparando que ela pusera o chapéu novo, mas abstendo-se de fazer comentários.

— Sim, mãe. Quer alguma coisa da cidade? Tenho de ir lá comprar papel — replicou Jo, arranjando o laço sob o queixo diante do espelho para não ter de olhar para ela.

— Sim, quero um pouco de tecido de algodão para forro, uma carta de agulhas número nove e dois metros de fita estreita cor de lavanda. Calçaste as botas grossas e vestiste roupa quente por baixo da capa?

— Acho que sim — respondeu Jo, distraída.

— Se encontrares o senhor Bhaer, convida-o para jantar. Sinto saudades dele — acrescentou a Sra. March.

Jo ouviu, mas não respondeu. Beijou a mãe e afastou-se em passos rápidos, a pensar com um brilho de gratidão, apesar do sofrimento: «Como ela é boa para mim! O que *fazem* as raparigas que não têm mães que as ajudem quando estão em dificuldades?»

As lojas de tecidos não ficavam perto dos escritórios de contabilidade, bancos e armazéns onde os cavalheiros costumam juntar-se, mas Jo deu por si naquela parte da cidade antes de fazer os recados que a tinham levado lá, e passeou como se estivesse à espera de alguém, observando instrumentos de engenharia numa montra e amostras de lã noutra, com um interesse nada feminino, tropeçando em barris, quase sendo esbarrachada por fardos que desciam e empurrada sem cerimónia por homens ocupados que a olhavam como se pensassem «que diabo faz esta aqui?». Uma gota de chuva na face mudou os seus pensamentos de esperanças destroçadas para fitas estragadas; pois as gotas continuaram a cair e, como era mulher e estava apaixonada, pensou que, embora fosse tarde demais para salvar o coração, poderia poupar o chapéu. Lembrou-se do pequeno guarda-chuva que se esquecera de levar ao sair tão apressada de casa, mas era inútil lamentar-se e não poderia fazer outra coisa a não ser pedir um emprestado ou ficar encharcada. Olhou para o céu carregado de nuvens, para o laço carmesim já salpicado de preto, para a rua enlameada e por fim para um certo armazém sujo com a placa «Hoffmann, Swartz & Co.» por cima da porta e disse para si mesma, com uma severa expressão de censura: «É muito bem feito! Quem me mandou vestir as minhas melhores roupas e vir passear para estas bandas para ver se encontro o professor? Sinto vergonha de ti, Jo! Não, *não* vais ali pedir um guarda-chuva emprestado, nem perguntar por ele aos amigos. Vais sair daqui e fazer os teus recados à chuva. E se ficares gravemente doente e arruinares o chapéu, não é mais do que mereces. Vamos lá!»

Atravessou a rua com tamanha impetuosidade, que escapou por pouco de ser atropelada

por um camião que passava naquele momento e precipitou-se para os braços de um corpulento senhor de idade, que disse: «Perdão, senhora» e pareceu mortalmente ofendido. Um pouco assustada, Jo endireitou-se, pôs o lenço de mão sobre as adoradas fitas e, esquecendo a tentação, continuou a andar com passos apressados, sentindo mais humidade ao nível dos tornozelos e muitos guarda-chuvas a bater uns contra os outros por cima da cabeça. O facto de um guarda-chuva azul, bastante delapidado, se manter parado por cima do seu chapéu desprotegido chamou-lhe a atenção e, ao levantar os olhos, viu o Sr. Bhaer a olhar para baixo.

— Parece-me que conheço esta determinada senhora que avança com tanta coragem por baixo de muitos narizes de cavalos e tão depressa no meio da lama. Que faz aqui, minha amiga?

— Ando às compras.

O Sr. Bhaer sorriu enquanto olhava da fábrica de *pickles* numa extremidade para o armazém de peles na outra. No entanto, disse apenas, com grande delicadeza:

— Não tem guarda-chuva. Posso ir também e transportar os pacotes?

— Sim, obrigada.

As faces de Jo estavam tão vermelhas como a fita e ela perguntou a si mesma o que é que o professor pensaria de si. Porém, não se importou, porque instantes depois caminhava de braço dado com ele e sentia que o sol tinha aparecido de repente com um brilho invulgar, que o mundo estava de novo certo e que uma mulher completamente feliz patinhava na lama naquele dia.

— Pensámos que se tinha ido embora — disse Jo com precipitação, pois sabia que ele estava a observá-la e, como o seu chapéu não tinha tamanho suficiente para lhe esconder o rosto, temeu que pensasse que a sua alegria era pouco decorosa.

— Acreditou que eu podia ir-me embora sem me despedir das pessoas que têm sido tão bondosas comigo? — perguntou ele, com tamanha censura que ela sentiu que o tinha insultado com aquela sugestão e respondeu com ardor:

— Não, *não* pensei. Sabia que estava ocupado com os seus assuntos, mas sentimos a sua falta... acima de tudo o meu pai e a minha mãe.

— E a menina?

— Eu gosto sempre de o ver, senhor.

A preocupação de manter a voz calma fez Jo falar num tom bastante frio, e o gélido monossílabo final pareceu paralisar o professor, pois o seu sorriso desvaneceu-se e ele disse, muito sério:

— Agradeço-lhe, e irei mais uma vez antes de me ir embora.

— Então, *vai-se mesmo* embora?

— Já não tenho nada para fazer aqui. O assunto está resolvido.

— Com sucesso, espero? — perguntou Jo, pois sentiu a amargura do desapontamento na breve resposta do professor.

— Eu devia pensar que sim, pois abriu-se uma porta que pode melhorar muito a minha vida e a dos meus *Jünglings*⁸.

— Conte-me, por favor! Gosto de saber tudo sobre... os rapazes — disse Jo com ansiedade.

— É muito simpático da sua parte e conto-lhe com todo o prazer. Os meus amigos arranjaram-me um lugar num colégio, onde ensino como em casa, e ganho o suficiente para facilitar a vida do Franz e do Emil. Devia estar grato por isto, não lhe parece?

— Pois devia! Que esplêndido que será poder fazer o que gosta e vê-lo muitas vezes e aos rapazes... — exclamou Jo, usando os rapazes como desculpa para a satisfação que não conseguia deixar de expressar.

— Ah, mas infelizmente não vamos ver-nos muitas vezes. Este colégio é no Ocidente.

— Tão longe! — e Jo deixou o vestido à sua sorte, como se já não importasse o que acontecia às roupas ou à sua pessoa.

O Sr. Bhaer sabia várias línguas, mas ainda não aprendera a ler as mulheres. Pensava que conhecia Jo muito bem e, por conseguinte, ficou muito surpreendido com as contradições de voz, rosto e modos que ela lhe mostrou em rápida sucessão naquele dia, passando por meia dúzia de diferentes disposições em meia hora. Quando a encontrara, parecera surpreendida, embora fosse impossível não desconfiar que tinha vindo com esse propósito. Quando lhe oferecera o braço, aceitara-o com uma expressão que o enchera de felicidade, mas, quando lhe perguntara se sentira a sua falta, ela dera uma resposta tão fria e formal que se enchera de desespero. Ao ouvir a sua boa sorte, quase batera palmas — seria toda a alegria pelos rapazes? E depois, ao inteirar-se do seu destino dissera, «Tão longe!», num tom de desespero que o elevou para um pináculo de esperança, mas, logo em seguida, arrasou-o de novo, ao dizer, como se estivesse completamente concentrada no assunto:

— É aqui que vou fazer as compras. Quer entrar? Não demoro nada.

Jo orgulhava-se da sua habilidade para fazer compras e esperava impressionar o seu acompanhante com a perfeição e rapidez com que se despacharia. Porém, estava tão perturbada, que tudo correu mal; tombou o tabuleiro das agulhas, só se lembrou que o algodão era «para forro» depois de o tecido estar cortado, enganou-se ao pagar e ficou muito confusa quando pediu fita cor de lavanda no balcão dos tecidos. O Sr. Bhaer ficou a vê-la corar e errar e, enquanto a observava, o espanto pareceu desaparecer, porque começou a perceber que em algumas ocasiões as mulheres, como os sonhos, são contraditórias.

Quando saíram da loja, pôs o pacote debaixo do braço com um ar mais alegre e saltitou nas poças como se estivesse a gostar muito daquele momento.

— Podemos fazer algumas compras para os bebés e ter uma festa de despedida esta noite quando for fazer uma última visita à sua tão agradável casa? — perguntou ele,

parando diante de uma montra cheia de frutas e flores.

— O que compraremos? — disse Jo, ignorando a última parte da frase e cheirando os muitos odores como se estivesse encantada quando entraram.

— Eles podem comer laranjas e figos? — perguntou o Sr. Bhaer com uma expressão paternal.

— Comem sempre que podem.

— A menina gosta de nozes?

— Como um esquilo.

— Uvas de Hamburgo; sim, brindaremos sem dúvida à pátria com elas?

Jo franziu o sobrolho ante tamanha extravagância e perguntou porque é que ele não comprava uma cesta de tâmaras, um barril de passas de uvas e um saco de amêndoas, e arrumava o assunto? Ao ouvir isto, o Sr. Bhaer confiscou-lhe o porta-moedas, pegou no seu e comprou várias libras de uvas, um vaso com margaridas cor-de-rosa e um lindo frasco de mel com o formato de um garrafão. Depois, deformando os bolsos com os pacotes e dando-lhe as flores para segurar, abriu o velho guarda-chuva e recomeçaram a andar.

— Menina Marsch, tenho um grande favor para lhe pedir — começou o professor, depois de um húmido passeio por meio quarteirão.

— Sim, senhor. — E o coração de Jo começou a bater tão depressa que teve medo de que ele ouvisse.

— Vou ter o arrojo de lhe pedir, apesar da chuva, porque tenho muito pouco tempo.

— Sim, senhor. — E Jo quase partiu o pequeno vaso de flores com o aperto súbito que lhe deu.

— Quero comprar um vestidinho para a minha Tina e não sei comprá-lo sozinho. Quer fazer-me o favor de me ajudar com o seu gosto?

— Sim, senhor. — E, de repente, Jo sentiu-se tão calma e fria como se tivesse entrado num frigorífico.

— Talvez também um xaile para a mãe da Tina; ela é tão pobre e doente, e o marido dá-lhe tanto trabalho... sim, sim, um xaile grosso e quente seria uma coisa simpática para levar para a mãezinha.

— Vou ajudá-lo com muito prazer, senhor Bhaer. —

E pensou: «Estou a ir muito depressa e ele torna-se mais querido a cada minuto que passa.» Depois, esqueceu aquele pensamento e dedicou-se à tarefa que tinha em mãos com uma energia muito agradável de ver.

O Sr. Bhaer deixou tudo a seu cargo e ela escolheu um lindo vestido para Tina e em seguida pediu para ver os xailes. Como era um homem casado, o vendedor interessou-se pelo casal que parecia estar a fazer compras para a família.

— A sua senhora talvez prefira este. É um artigo superior, tem uma cor muito bonita e é bastante sóbrio e elegante — disse, abrindo um confortável xaile cinzento e colocando-o sobre os ombros de Jo.

— Agrada-lhe, senhor Bhaer? — perguntou a rapariga, voltando-lhe as costas e sentindo-se muito agradecida por poder esconder a cara.

— Muitíssimo, vamos levá-lo — respondeu o professor, sorrindo para si mesmo enquanto pagava a conta e Jo continuava a andar pelos balcões como uma hábil compradora de pechinchas.

— Agora vamos para casa? — perguntou ele, como se aquelas palavras fossem muito agradáveis de dizer.

— Sim, é tarde e estou *tão* cansada. — A voz de Jo soou mais patética do que ela se apercebeu, pois agora o sol parecia ter desaparecido tão de repente como rompera as nuvens, o mundo estava de novo lamacento e triste e só agora percebia que tinha os pés frios, que lhe doía a cabeça e que o coração estava mais frio do que os primeiros e mais cheio de dor do que a última. O Sr. Bhaer ia-se embora; só gostava dela como amiga, tinha sido tudo um engano e quanto mais depressa acabasse, melhor. Com esta ideia na cabeça, fez sinal a um autocarro que se aproximava com um gesto tão precipitado que as margaridas voaram do vaso e ficaram muito danificadas.

— Este não é o nosso autocarro — disse o professor, mandando seguir o veículo cheio e curvando-se para apanhar as pobres margaridas.

— Desculpe, não vi bem o nome. Não faz mal, posso ir a pé, já estou acostumada a andar na lama — replicou Jo, piscando os olhos com força porque preferia morrer a enxugá-los à frente dele.

O Sr. Bhaer viu as lágrimas nas suas faces, embora ela tivesse virado a cabeça, e pareceu muito comovido. De repente, inclinou-se e perguntou, num tom cheio de significado:

— Querida do meu coração, porque é que chora?

Se Jo estivesse acostumada a este género de coisas, teria dito que não estava a chorar, que se tinha constipado ou qualquer outra mentira feminina adequada à ocasião. Em vez disso, aquela digna criatura respondeu, com um soluço irreprimível:

— Porque o senhor se vai embora.

— Ah, meu Deus, isso é *tão* bom! — exclamou o Sr. Bhaer, conseguindo bater palmas apesar do guarda-chuva e dos embrulhos. — Jo, eu não tenho muito a não ser amor para lhe dar. Vim para saber se podia gostar de mim e esperei até ter a certeza de que era algo mais do que apenas um amigo. Sou? Consegue arranjar um espacinho no seu coração para o velho Fritz? — acrescentou de um fôlego.

— Oh, sim! — respondeu Jo, e ele ficou muito satisfeito quando ela lhe rodeou o braço com as duas mãos e levantou a cabeça para o olhar com uma expressão que mostrava sem sombra de dúvida que gostaria muito de caminhar ao longo da vida ao seu lado, ainda que

não tivesse melhor abrigo do que um velho guarda-chuva, desde que fosse ele a segurá-lo.

Foi sem dúvida um pedido de casamento feito em circunstâncias difíceis, pois, mesmo que quisesse pôr-se de joelhos, o Sr. Bhaer não poderia fazê-lo por causa da lama, nem pôde oferecer a mão a Jo, a não ser figurativamente, pois estavam ambas ocupadas; muito menos pôde entregar-se a ternas manifestações no meio da rua, embora estivesse perto disso. Assim, a única forma de expressar o arrebatamento que sentia foi olhando-a com uma expressão que lhe glorificou o rosto a tal ponto, que parecia haver um pequeno arco-íris nas gotas que lhe salpicavam a barba. Se não amasse tanto Jo, penso que não teria feito o pedido *naquele momento*, pois ela estava tudo menos encantadora, com as saias num estado deplorável, as botas de borracha cheias de lama até aos tornozelos e o chapéu totalmente arruinado. Felizmente, o Sr. Bhaer pensou que ela era a mulher mais bela à face da terra e ela achou-o mais parecido com «Júpiter» do que nunca, embora a aba do chapéu estivesse bastante caída com os pequenos fios de chuva que escorriam para os ombros (pois ele tinha todo o guarda-chuva sobre Jo) e todos os dedos das luvas precisassem de ser remendados.

Os transeuntes devem ter pensado que eram dois inofensivos malucos, pois esqueceram-se de mandar parar um autocarro e foram caminhando com toda a calma, alheados da escuridão e do nevoeiro que se adensavam. Pouco lhes importava o que as pessoas pensavam, pois estavam a viver a hora feliz que raramente acontece mais do que uma vez na vida, aquele momento mágico que confere juventude aos velhos, beleza aos feios, riqueza aos pobres e dá aos corações humanos uma amostra do paraíso. O professor parecia ter conquistado um reino, e o mundo não tinha mais nada para lhe oferecer em termos de bem-aventurança; por sua vez, Jo caminhava ao seu lado com a certeza de que aquele fora sempre o seu lugar e que nunca poderia ter escolhido outro destino. Claro que ela foi a primeira a falar — ininteligivelmente, isto é, já que os comentários emocionais que se seguiram ao impetuoso «Oh, sim!» não foram coerentes nem reproduzíveis.

— Friedrich, porque é que não...

— Ah, céus! Ela chama-me pelo nome que ninguém usa desde que a Minna morreu! — exclamou o professor, parando numa poça de água para a contemplar com agradecido encanto.

— É o que lhe chamo sempre no meu íntimo... esqueci-me. Mas não o farei, a não ser que goste.

— Se gosto! É mais doce para mim do que posso expressar. Diz também «tu» e direi que a vossa língua é quase tão bela como a minha.

— «Tu» não é um pouco sentimental? — perguntou Jo, a pensar que era um belo monossílabo.

— Sentimental? Sim, graças a Deus que nós, alemães, acreditamos no sentimento e nos mantemos jovens graças a ele. O vosso «você» inglês é tão frio... diz «tu», querida do meu coração, é muito importante para mim — implorou o Sr. Bhaer, mais como um romântico estudante do que como um sério professor.

— Bem, então porque é que não me disseste isso antes? — perguntou Jo, a medo.

— Agora, vou ter de te mostrar todo o meu coração. E fá-lo-ei com agrado, porque doravante terás de cuidar dele. Vê, então, minha Jo... ah, que nomezinho querido e engraçado!... quis dizer alguma coisa no dia em que nos despedimos em Nova Iorque, mas pensei que o bonito amigo era teu noivo, por isso não disse nada. Terias dito «sim», se eu *tivesse* falado?

— Não sei. Creio que não, pois nessa altura não tinha coração.

— *Prut!* Não acredito nisso. Esteve adormecido até o príncipe encantado chegar pelo bosque e despertá-lo. Ah, bem «*Die erste Liebe ist die beste*»², mas eu não esperaria isso.

— Sim, o primeiro amor é o melhor, por isso alegra-te, porque nunca tive outro. O Teddy não passava de um rapaz e depressa esqueceu a sua pequena fantasia — disse Jo, ansiosa para corrigir o erro do professor.

— Bom! Então ficarei tranquilo e com a certeza de que me deste tudo. Esperei tanto tempo, que me tornei egoísta, como descobrirás, professorzinha.

— Gosto disso — exclamou Jo, encantada com o novo nome. — Agora, conta-me o que te trouxe por fim, quando eu mais te queria?

— Isto... — E o Sr. Bhaer tirou um papelinho gasto do bolso do colete.

Jo desdobrou-o e pareceu muito envergonhada porque era um dos seus contributos para um jornal que pagava por poesia e para onde ela mandava um poema de vez em quando, para tentar a sua sorte.

— Como é que isto te trouxe? — perguntou Jo, sem entender o que ele queria dizer.

— Encontrei-o por acaso. Reconheci-o pelos nomes e pelas iniciais e havia um pequeno verso que parecia chamar-me. Lê-o e descobre-o. Eu guiar-te-ei para que não caias nos charcos.

Jo obedeceu e passou apressadamente os olhos pelos versos a que dera vida:

NO SÓTÃO

*Quatro pequenas arcas em fila,
Que o pó tornou baças e o tempo gastou,
Todas arranjadas e enchidas há muito tempo,
Por crianças que estão agora na flor da vida.
Quatro pequenas chaves lado a lado penduradas,
Quatro desbotadas fitas, fortes e alegres,
Quando ali foram presas com orgulho infantil,*

*Há muito tempo, num dia chuvoso.
Quatro pequenos nomes, um em cada tampa.
Esculpidos pela mão de um rapaz,
E por baixo estão escondidas
Histórias do feliz grupo
Que em tempos aqui brincou, e parava muitas vezes
Para ouvir o doce refrão,
Que ia e vinha no telhado em cima,
Da chuva de verão.*

*«Meg» na primeira tampa, macio e claro,
Olho para o seu interior com olhos ternos,
Pois ali guardadas, com conhecido cuidado,
Estão muitas coisas boas...
O registo de uma tranquila vida,
Presentes para uma gentil criança e menina,
Um vestido de noiva, cartas para uma esposa,
Um minúsculo sapatinho, um caracol de bebé.
Não há brinquedos nesta primeira arca,
Pois foram todos levados,
Na velhice para se juntarem
Às brincadeiras de outra pequena Meg.
Ah, feliz mãe! Bem sei
Que escutas como um doce refrão,
Canções de embalar sempre baixinhas e lentas,
Na chuva de verão.*

*«Jo» na tampa seguinte, arranhada e gasta,
E no seu interior uma confusa mistura
De bonecas sem cabeça, cadernos rasgados.
Pássaros e monstros que já não falam.*

Despojos trazidos para casa do recinto da feira

*Pisados por pequenos pés,
Sonhos de um futuro nunca encontrado,
Memórias de um passado ainda doce;
Poemas inacabados, histórias loucas,
Cartas de abril, quentes e frias,
Diários de uma criança voluntariosa,
Vestígios de uma mulher precocemente velha;
Uma mulher numa casa solitária,
Que ouve como um triste refrão...
«Sê digna do amor, e ele virá»
Na chuva de verão.*

*Minha «Beth»! O pó está sempre limpo
Na tampa que tem o teu nome,
Como se por olhos amorosos que chorassem,
Por cuidadosas mãos que viessem muitas vezes.
A morte canonizou para nós uma santa,
Sempre menos humana que divina,
E com terna lamentação continuamos a pôr
Relíquias no altar doméstico.
A sineta de prata, tão poucas vezes tocada,
A última touca por ela usada.
A linda Catherine morta
Que para o céu foi levada por anjos;
As canções que cantava, sem lamento,
Na sua prisão de dor,
Estarão para sempre docemente misturadas
Na chuva de verão.*

Na última arca de tampa encerada...

*Legenda agora justa e verdadeira...
Usa um galante cavaleiro no seu escudo,
«Amy» em letras douradas e azuis.
No seu interior, fitas que lhe prendiam o cabelo,
Chinelos que ficaram gastos de tantas danças,
Flores desbotadas guardadas com cuidado,
Leques que já não refrescam...
Alegres cartões de São Valentim, todos em ardentes chamas,
Bagatelas que tiveram a sua importância
Em esperanças, e medos, e vergonhas de criança...
O registo do coração de uma donzela,
Que aprende agora encantamentos mais lindos e verdadeiros,
Ouvindo, como um ditoso refrão,
O alegre som de sinos nupciais
Na chuva de verão.*

*Quatro pequenas arcas em fila,
Que o pó tornou baças e o tempo gastou,
Quatro mulheres, ensinadas pela felicidade e pelo desgosto
A amar e trabalhar no seu melhor.
Quatro irmãs, separadas por uma hora,
Nenhuma perdida, apenas uma ida antes do tempo,
Tornada pelo imortal poder do amor,
Ainda mais próxima e mais querida.
Oh, quando estes tesouros escondidos
Se abrirem para serem vistos pelo Pai do Céu,
Possam ser ricos em horas douradas,
E ações que são mais justas com a luz.
Vidas cuja corajosa música soará durante muito tempo,
Como uma corrente que alegra os espíritos,
Almas que se elevam e cantam felizes*

— É um poema muito mau, mas foi sentido quando o escrevi, num dia em que estava muito sozinha e chorei encostada a uma saca de trapos. Nunca pensei que chegaria às mãos de alguém para contar as nossas histórias — disse Jo, rasgando os versos que o professor guardara como um tesouro durante tanto tempo.

— Deixa-o ir... cumpriu a sua missão... e terei outro quando ler o caderninho castanho onde ela guarda os seus segredos — observou o professor Bhaer com um sorriso enquanto observava os fragmentos a serem levados pelo vento. — Sim — acrescentou num tom sério —, eu leio isso e penso: «Ela tem uma tristeza, está sozinha e encontraria consolo no verdadeiro amor.» Tenho um coração cheio, cheio para ela; vou lá dizer-lhe: «Se não for uma coisa demasiado pobre para dar pelo que espero receber, aceita-o, por amor de Deus.»

— Vieste e percebeste que não era demasiado pobre, mas a preciosa coisa de que eu necessitava — sussurrou Jo.

— No começo, não tive coragem para pensar isso, embora me tivesses recebido muito bem. Mas depressa comecei a esperar e depois disse: «Vou tê-la, nem que morra a tentar», e é o que acontecerá! — exclamou o Sr. Bhaer com um gesto desafiador, como se as paredes de nevoeiro que se fechavam à volta deles fossem barreiras que ele teria de ultrapassar ou derrubar com coragem.

Jo pensou que aquilo era esplêndido e decidiu ser digna do seu cavaleiro, embora ele não tivesse chegado num cavalo branco com um lindo traje.

— Que é que te fez ficar tanto tempo longe? — perguntou, encontrando um prazer tão especial em fazer perguntas íntimas e receber respostas encantadoras, que não conseguia calar-se.

— Não foi fácil, mas não tive coragem para te tirar de um lar tão feliz enquanto não tivesse a perspectiva de te oferecer outro, talvez depois de muito tempo e de trabalho árduo. Como podia pedir-te que desistisses de tanto por um velho pobre, que não tem outra fortuna a não ser um pouco de conhecimento?

— Fico muito contente porque és pobre; não suportaria ter um marido rico! — disse Jo num tom decidido e acrescentando num tom mais suave: — Não temas a pobreza; eu já a conheço há tempo suficiente para perder o medo e ser feliz a trabalhar para aqueles que amo. E não digas que és velho... eu nunca penso isso... não conseguiria deixar de te amar, ainda que tivesses setenta anos!

O professor achou aquelas palavras tão comoventes, que lhe apetecia pegar no seu lenço, se pudesse tirá-lo do bolso; como não conseguiu, Jo limpou-lhe os olhos e disse, a

rir, enquanto lhe tirava um ou dois embrulhos dos braços:

— Posso ser determinada, mas agora ninguém pode dizer que estou fora do meu elemento... pois a missão especial das mulheres é secar lágrimas e carregar fardos. Eu tenho de fazer a minha parte, Friedrich, e ajudar a ganhar o sustento do lar. Aceita isso, ou nunca irei — acrescentou, resoluta, enquanto ele tentava recuperar os embrulhos.

— Veremos. Tens paciência para esperar muito tempo, Jo? Eu tenho de partir e fazer o meu trabalho sozinho; preciso de ajudar os meus rapazes primeiro, porque nem por ti posso quebrar a promessa que fiz à Minna. Podes perdoar isso e ser feliz, enquanto temos esperança e esperamos?

— Sim, sei que posso, pois amamo-nos e isso faz com que tudo o resto seja fácil de suportar. Também tenho o meu dever e o meu trabalho. Não poderia ser feliz se os negligenciasse, ainda que fosse por ti... por isso não há necessidade de pressa ou impaciência. Podes fazer a tua parte no Ocidente... eu farei a minha aqui... e ambos seremos felizes, esperaremos que tudo corra pelo melhor e deixaremos o futuro nas mãos de Deus.

— Ah!, tu dás-me tanta esperança e coragem e eu não tenho nada para te dar a não ser um coração cheio e estas mãos vazias — exclamou o professor, bastante comovido.

Jo nunca aprenderia a portar-se com correção, pois, quando o professor disse aquilo parado nos degraus, ela pôs ambas as mãos nas dele e sussurrou com ternura:

— Já não estão vazias.

Depois, inclinou-se e beijou o seu Friedrich debaixo do guarda-chuva. Foi terrível, mas teria feito o mesmo se o bando de pardais que estavam pousados na sebe fossem seres humanos, porque estava perdida de amor e nada lhe importava a não ser a sua felicidade. Embora tivesse chegado de uma forma muito simples, foi o momento supremo das vidas de ambos, quando, voltando as costas à noite, à tempestade e à solidão, olharam para a luz, o calor e a paz da casa que esperava para os receber com um feliz «Bem-vindos» e Jo levou o seu amor para dentro e fechou a porta.

⁸ Em alemão no original: rapazes. (*N. da T.*)

⁹ Em alemão no original: O primeiro amor é o melhor. (*N. da T.*)

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

TEMPO DE COLHEITA

Durante um ano, Jo e o seu professor trabalharam e esperaram, tiveram esperança e amaram. Viam-se apenas de vez em quando e escreviam cartas tão volumosas que, segundo Laurie, era por causa deles que o preço do papel estava a subir. O segundo ano começou bastante sombrio porque as suas perspectivas não se concretizavam e a tia March morreu de repente. Porém, passado o primeiro momento de desgosto — pois todos amavam a velha senhora apesar da sua língua afiada —, descobriram que tinham motivos para se alegrarem porque ela deixara Plumfield a Jo, o que possibilitava toda a espécie de coisas agradáveis.

— É uma linda propriedade antiga e renderá uma soma considerável, pois calculo que pretendas vendê-la... — disse Laurie, enquanto falavam sobre o assunto algumas semanas mais tarde.

— Não, não pretendo vendê-la — foi a decidida resposta de Jo enquanto fazia festas ao cão gordo que adotara em sinal de respeito pela antiga dona.

— Não estás a pensar viver lá?

— Claro que sim.

— Mas, minha querida rapariga, é uma casa enorme e será preciso muito dinheiro para mantê-la em ordem. Só o jardim e o pomar precisam de dois ou três homens, e não me parece que a agricultura seja o forte do Bhaer.

— Se eu lhe propuser, creio que vai tentar.

— E esperam viver do que produzirem na propriedade? Bem, parece paradisíaco, mas não será um trabalho extraordinariamente árduo?

— A colheita que vamos plantar ali é lucrativa — disse Jo, a rir-se.

— Oh, e em que consiste essa fantástica colheita, minha senhora?

— Rapazes! Quero abrir uma escola para meninos... uma escola boa, feliz e com um ambiente caseiro onde eu cuidarei deles e o Fritz os ensinará.

— Aí está um projeto verdadeiramente à tua medida! Só ela poderia ter uma ideia destas! — exclamou Laurie, dirigindo-se à família, que parecia tão surpreendida como ele.

— Gosto da ideia — disse a Sr.^a March com determinação.

— Eu também — acrescentou o marido, agradado com a ideia de ter uma oportunidade para experimentar o método socrático de educação na juventude moderna.

— A Jo vai ter muito trabalho — declarou Meg, acariciando a cabeça do seu absorvente filho.

— Ela é capaz e vai ser muito feliz. É uma ideia esplêndida... conta-nos tudo sobre o projeto — exclamou o Sr. Laurence, que queria ajudar os apaixonados mas sabia que eles recusariam as suas ofertas.

— Eu sabia que me apoiaria, senhor Laurence. A Amy também... Vejo nos seus olhos, embora espere com prudência para refletir bem antes de falar. Agora, meus queridos — continuou Jo, num tom muito sério —, quero que compreendam que esta ideia não é nova, mas sim um plano que acalentava há muito tempo. Antes de conhecer o meu Fritz, pensava que quando fizesse fortuna, e ninguém precisasse de mim em casa, arrendaria uma grande mansão e recolheria alguns rapazinhos pobres e abandonados, que não tivessem mãe, e tomaria conta deles para que vivessem vidas alegres antes que fosse demasiado tarde. Vejo muitos rapazes estragarem as suas vidas porque não tiveram ajuda no momento certo e gostaria muito de fazer alguma coisa por eles; parece que sinto as suas necessidades e compreendo os seus problemas; e quero *tanto* ser uma mãe para eles!

A Sr.^a March estendeu a mão para Jo, que pegou nela, sorridente, com lágrimas nos olhos, e continuou no seu velho estilo entusiasmado, que não viam há muito tempo.

— Conte o meu plano ao Fritz uma vez e ele disse que era exatamente o que gostaria de fazer, e achou que devíamos tentar quando fôssemos ricos. O pobre querido nem se dá conta de que tem passado a vida inteira a fazer isso... a ajudar rapazes pobres, isto é... sem enriquecer; que nunca será rico... o dinheiro não fica no seu bolso durante tempo suficiente para poder poupar algum. Mas agora, graças à minha boa tia, *eu* sou rica... pelo menos é como me sinto... e poderemos viver muito bem em Plumfield, se tivermos uma escola próspera. É o lugar ideal para rapazes... a casa é grande e o mobiliário forte e simples. Há espaço suficiente para dezenas de pessoas no interior e tem um espaço exterior esplêndido. Eles poderiam ajudar a cuidar do jardim e do pomar, que é um trabalho saudável, não é, senhor Laurence? E o Fritz pode educá-los e ensiná-los à sua maneira, com a ajuda do pai. Eu vou alimentá-los, cuidar deles, mimá-los e repreendê-los, e a mãe será o meu apoio. Sempre sonhei ter muitos rapazes e nunca os tive em número suficiente. Agora, vou poder encher a casa e divertir-me com eles até me faltar. Pensem no luxo que é: Plumfield meu, e um monte de rapazes para desfrutar da propriedade na minha companhia!

Enquanto gesticulava e suspirava de felicidade, todos começaram a rir, e o Sr. Laurence riu-se até pensar que teria uma apoplexia.

— Não percebo onde está a graça — disse ela, muito séria, quando conseguiu fazer-se ouvir. — Nada poderia ser mais natural ou adequado do que o meu professor abrir uma escola e eu preferir residir na minha propriedade.

— Ela já está a armar-se em rica — declarou Laurie, que encarava a ideia como uma monumental piada. — Mas posso perguntar como é que pretendem sustentar o

estabelecimento? Se todos os alunos forem pequenos maltrapilhos, receio que a vossa colheita não seja rentável, no sentido prático da palavra, senhora Bhaer.

— Não sejas desmancha-prazeres, Teddy. Claro que também terei alunos ricos... talvez comece apenas com eles. Depois, quando estiver lançada, poderei acolher um ou dois maltrapilhos, só por prazer. Muitas vezes, os filhos dos ricos precisam tanto de cuidado e conforto como os dos pobres. Já vi infelizes criaturinhas deixadas ao cuidado dos criados, ou crianças atrasadas a serem obrigadas a mostrar progressos, quando isso é uma verdadeira crueldade. Alguns tornam-se maus por desgoverno ou negligência, e outros perdem as mães. Além disso, os melhores têm de passar pela idade desajeitada, e é precisamente nessa altura que precisam de mais paciência e bondade. As pessoas riem-se deles e empurram-nos de um lado para o outro, tentam mantê-los fora da vista e esperam que, de repente, passem de bonitas crianças a jovens educados. Eles não se queixam muito, pobrezinhos, mas sentem. Eu passei um pouco por isso e compreendo bem. Interessam-me acima de tudo os ursinhos jovens e quero mostrar-lhes que vejo os seus pequenos corações calorosos, honestos e bem-intencionados, apesar dos desajeitados braços e pernas, e das cabeças confusas. Também tenho experiência, pois não eduquei eu um rapaz para ser o orgulho e honra desta família?

— Posso atestar que tentaste — disse Laurie, com um sorriso agradecido.

— E fui bem-sucedida para além das minhas esperanças, pois és um sensato empresário que faz o bem com o seu dinheiro e acumula bênçãos dos pobres em vez de dólares. Mas tu não és um mero homem de negócios... gostas de coisas boas e belas, desfrutas delas e partilha-las com os outros, como sempre fizeste. *Estou* orgulhosa de ti, Teddy, pois tornaste melhor a cada ano que passa e todos sentem isso, embora não deixes que te elogiem. Sim, e quando tiver o meu rebanho, apontarei para ti e direi: «Ali está o vosso modelo, meus rapazes.»

O pobre Laurie não sabia para onde olhar, pois, embora fosse um homem, alguma da antiga timidez voltou quando esta chuva de elogios fez todos os rostos voltarem-se para si com expressões de aprovação.

— Parece-me que estás a exagerar, Jo — começou, como quando era rapaz. — Tu fizeste tanto por mim, que nunca poderei agradecer-te, a não ser dando o meu melhor para não te desapontar. Nos últimos tempos, abandonaste-me bastante, mas ainda assim tenho tido excelente ajuda, por isso podes agradecer a estes dois se continuo a ter sucesso — e pousou uma mão com carinho na cabeça branca do avô e a outra na cabeça dourada de Amy, pois os três nunca estavam muito longe uns dos outros.

— Estou convencida de que a família é a coisa mais bela do mundo inteiro! — exclamou Jo, que naquele momento estava num estado de espírito extremamente animado. — Quando tiver uma, espero que seja tão feliz como as três que melhor conheço e mais amo. Se o John e o meu Fritz estivessem aqui, seria um pequeno paraíso na terra — acrescentou em voz mais baixa. E nessa noite, quando foi para o seu quarto depois de um maravilhoso serão de conselhos, esperanças e planos em família, o seu coração estava tão cheio de felicidade, que só conseguiu acalmá-lo ajoelhando-se na caminha vazia que estava sempre perto da sua e recordando a irmã com ternura.

Foi um ano muito assombroso, pois as coisas pareceram suceder-se de uma forma invulgarmente rápida e encantadora. Quase sem dar por isso, Jo estava casada e a viver em Plumfield. Depois, uma família de seis ou sete rapazes surgiu como cogumelos e desenvolveu-se de uma forma surpreendente. Rapazes pobres e ricos — pois o Sr. Laurence estava sempre a encontrar um caso de indigência e implorava aos Bhaer que se apiedassem da criança, pois ele pagaria de bom grado uma ninharia pelo seu sustento. Desta forma, o matreiro ancião venceu a orgulhosa Jo e encheu a casa com os rapazes de que ela mais gostava.

Claro que no começo o trabalho foi muito duro e Jo cometeu erros estranhos, mas o sensato professor conduziu-a em segurança para águas mais calmas e a mais exuberante maltrapilha acabou por ser conquistada. Como Jo adorava o seu «rebanho de rapazes» e como a pobre querida tia March teria lamentado se estivesse ali para ver os sagrados recintos da impecável e imaculada Plumfield serem invadidos por Toms, Dicks e Harrys. No fundo, havia uma espécie de justiça poética em tudo aquilo, pois a velha senhora tinha sido o terror de todos os rapazes num raio de muitos quilómetros, e agora os exilados banquetevam-se à vontade com ameixas proibidas, pontapeavam a gravilha com profanas botas sem serem repreendidos e jogavam críquete no grande campo onde a irritável «vaca com um chifre enrugado» costumava convidar temerários jovens a virem ter com ela para serem escoiceados. Tornou-se uma espécie de paraíso de rapazes, e Laurie sugeriu que devia chamar-se «Jardim Bhaer», em honra do professor e porque era adequado para os seus habitantes.

Nunca foi uma escola da moda e o professor não juntou uma fortuna, mas *era* exatamente como Jo queria que fosse: «um lugar feliz como um lar para rapazes que necessitavam de ensinamentos, cuidados e bondade». Depressa todos os quartos da casa se encheram, todas as pequenas parcelas no jardim tinham o seu dono, uma coleção de animais cresceu no celeiro e no cercado, pois as crianças podiam ter animais de estimação, e Jo sorria para o seu Fritz três vezes por dia da cabeceira de uma mesa comprida cheia de jovens rostos felizes dos dois lados, que se viravam para ela com olhos cheios de carinho, palavras confiantes e corações repletos de amor pela «Mãe Bhaer». Agora, Jo tinha rapazes suficientes e não se cansava deles, embora não fossem anjos e alguns causassem ao professor e à professorazinha muitos problemas e ansiedade. Porém, a fé que Jo tinha na bondade que existe no coração do maltrapilho mais travesso, insolente e desesperador deu-lhe paciência, habilidade e, com o tempo, sucesso — pois nenhum rapaz mortal conseguia aguentar muito tempo com o pai Bhaer a olhá-lo com a benevolência do sol e a mãe Bhaer a perdoar-lhe inúmeras asneiras. A amizade dos rapazes era muito preciosa para Jo, bem como os seus arrependidos choros e sussurros depois de fazerem alguma asneira, as suas cómicas ou comoventes confidências e os seus agradáveis entusiasmos, esperanças e planos; até os infortúnios, pois só a faziam gostar ainda mais deles. Havia rapazes lentos e rapazes tímidos, rapazes que ceceavam e outros que gaguejavam, um ou dois coxos e um alegre mestiço que não seria aceite noutro lugar, mas foi bem-vindo no «Jardim Bhaer», ainda que algumas pessoas prognosticassem que a sua admissão seria a desgraça da escola.

Sim, Jo era uma mulher muito feliz ali, apesar de trabalhar muito, sentir grande

ansiedade e haver uma barafunda permanente. Gostava muito da sua vida e a aprovação dos seus rapazes era mais satisfatória do que qualquer elogio do mundo, pois agora não contava histórias a não ser ao seu rebanho de entusiastas crentes e admiradores. Com o passar dos anos, dois filhos do casal vieram aumentar a sua felicidade. Rob, assim chamado em honra do avô, e Teddy, um bebé despreocupado que parecia ter herdado o alegre temperamento do pai e o espírito determinado da mãe. Como sobreviviam naquele turbilhão de rapazes, era um mistério para a avó e para as tias; mas floresceram como dentes-de-leão na primavera e os seus toscos protetores amavam-nos e serviam-nos bem.

Havia muitas festas em Plumfield, e uma das mais encantadoras era a apanha anual das maçãs, uma ocasião em que as famílias March, Laurence, Brooke e Bhaer se juntavam em massa e passavam o dia inteiro a trabalhar. Cinco anos depois do casamento de Jo, aconteceu uma dessas produtivas festas, num ameno dia de outubro em que o ar estava cheio de uma estimulante frescura que animava os espíritos e fazia o sangue dançar, saudável, nas veias. O velho pomar estava vestido com a sua roupa de festa; varas-de-ouro e ásteres orlavam os muros cobertos de musgo; gafanhotos saltavam sem parar na erva murcha e grilos cantavam como flautistas encanados numa festa. Havia esquilos ocupados com a sua pequena colheita, pássaros a despedir-se dos amieiros na alameda e todas as árvores prontas para soltar as suas muitas maçãs vermelhas ou amarelas ao primeiro abanão. Todos estavam ali, todos se riam e cantavam, trepavam às árvores e caíam; todos afirmaram que nunca houvera um dia tão perfeito nem um grupo tão alegre para desfrutar dele, e todos se entregaram aos simples prazeres do momento com tanta vontade como se não houvesse nenhum problema ou tristeza no mundo.

O Sr. March passeava-se placidamente, citando Tusser, Cowley e Columella para o Sr. Laurence enquanto saboreavam

«o suave sumo vínico da maçã».

O professor andava para cima e para baixo nos corredores verdes como um corpulento cavaleiro teutão, com um pau por lança, a orientar os rapazes, que faziam maravilhas com grandes saltos. Laurie dedicou-se aos pequeninos, empurrando a sua pequena filha num grande cesto, mostrando os ninhos dos pássaros a Daisy e evitando que o aventureiro Rob partisse o pescoço. A Sr.^a March e Meg sentaram-se entre as pilhas de maçãs como um par de Pomonas¹⁰, a escolher a fruta que não parava de chegar. Enquanto isso, Amy desenhava os diversos grupos com uma linda expressão maternal e tomava conta de um rapazinho pálido que estava sentado a olhá-la com uma expressão de adoração, com a pequena muleta ao lado.

Naquele dia, Jo estava no seu elemento e corria de um lado para o outro com o vestido levantado, o chapéu em toda a parte menos na cabeça e o bebé preso debaixo do braço, pronto para qualquer aventura que se apresentasse. O pequeno Teddy vivia uma vida encantada, pois nada lhe acontecia e Jo nunca sentia ansiedade quando ele era puxado para uma árvore por um rapaz, galopava às cavalitas de outro ou era alimentado com ácidas

maças reinetas pelo indulgente pai, que, como bom alemão, estava convencido de que os bebês podiam digerir tudo, desde *pickles* de couve até botões, pregos e os seus próprios sapatinhos. Sabia que o pequeno Ted voltaria em segurança e rosado, sujo e sereno, e recebia-o sempre com carinho, pois Jo adorava os seus bebês.

Às quatro da tarde ficou tudo muito calmo e os cestos permaneceram vazios enquanto os apanhadores de maçãs descansavam e comparavam rasgões e nódoas negras. Depois, Jo e Meg, com um destacamento dos rapazes mais velhos, puseram o jantar na relva, pois uma refeição ao ar livre era sempre a joia que coroava o dia. A terra enchia-se, literalmente, de leite e mel naquelas ocasiões, pois os rapazes não tinham de se sentar à mesa e podiam comer onde quisessem, já que a liberdade é a coisa mais amada pela alma dos jovens. Eles aproveitavam o raro privilégio ao máximo e alguns faziam a agradável experiência de beber leite enquanto faziam o pino, outros saltavam ao eixo e comiam tarte nas pausas do jogo e empoleiravam bolos com recheio de maçã nas árvores como uma nova espécie de pássaro. As meninas fizeram um jantar privado e Ted vagueou por entre a comida à sua vontade.

Quando já ninguém conseguia comer mais nada, o professor propôs o primeiro brinde que era sempre feito nestas ocasiões:

— À tia March, que Deus a abençoe! — Um brinde feito do fundo do coração, pois o bom professor nunca esquecia o quanto lhe devia e bebeu em silêncio junto dos rapazes, que tinham sido ensinados a manter viva a sua memória.

— Agora, aos sessenta anos da avó! Que tenha uma vida muito longa!

Podem acreditar que aquele brinde foi feito com especial entusiasmo e quando começaram os aplausos foi difícil pará-los. Brindou-se à saúde de todos, desde o Sr. Laurence, que era considerado o benfeitor especial da escola, até ao espantado porquinho-da-índia que saíra da gaiola para vir procurar o jovem dono. Como era o neto mais velho, Demi presenteou a rainha da festa com vários presentes, tão numerosos que foram transportados para o local da festa num carrinho de mão. Alguns eram engraçados, mas o que teria tido defeitos para outros olhos eram ornamentos para a avó, porque todos os presentes tinham sido feitos pelas crianças. Cada ponto que os pacientes dedinhos de Daisy tinham dado nos lenços da mão que embainhara foi melhor do que um bordado para a Sr.^a March; a caixa de sapatos de Demi era um milagre de habilidade mecânica, embora a tampa não fechasse; o banquinho para os pés que Rob fizera tinha uma perna mais curta do que as outras, mas a avó declarou que era muito confortável; e nenhuma página do caríssimo livro que a filha de Amy lhe ofereceu era tão linda como aquela onde se lia, em tortas letras maiúsculas: «Para a querida Avó, da sua pequena Beth».

Durante esta cerimónia, os rapazes tinham desaparecido misteriosamente, e, quando a Sr.^a March tentava agradecer aos netos, com a voz entrecortada pela emoção, enquanto Teddy lhe limpava os olhos com o bibe, de repente o professor começou a cantar. Depois, por cima dele, de árvore em árvore ecoou a música do coro invisível quando os rapazes cantaram com sentimento a pequena canção que Jo escrevera, Laurie musicara e o professor ensaiara para que os seus rapazes a cantassem com o melhor efeito. Isto era uma coisa bastante nova e foi um estrondoso sucesso, pois a Sr.^a March não conseguia

recompor-se da surpresa e insistiu em apertar a mão a cada um dos pássaros sem penas, desde os altos Franz e Emil até ao pequeno mestiço, que tinha a voz mais doce de todas.

Em seguida, os rapazes dispersaram para uma última brincadeira, deixando a Sr.^a March e as filhas sob a árvore da festa.

— Creio que não voltarei a dizer que sou a «Jo sem sorte», quando o meu maior desejo se realizou de uma forma tão linda — disse a Sr.^a Bhaer tirando a mãozinha de Teddy do jarro do leite, que ele estava entretido a mexer.

— E, no entanto, a tua vida é muito diferente da que imaginaste há muito tempo. Recordas-te dos nossos castelos no ar? — perguntou Amy, a sorrir enquanto via Laurie e John a jogar críquete com os rapazes.

— Queridos amigos! Gosto de vê-los esquecerem o trabalho e passarem um dia a divertir-se — respondeu Jo, que agora falava num tom maternal sobre toda a humanidade. — Sim, recordo-me, mas a vida que eu queria naquela altura parece-me agora egoísta, solitária e fria. Ainda não perdi a esperança de escrever um bom livro, mas posso esperar e tenho a certeza de que ficará ainda melhor com experiências e ilustrações como estas — e Jo apontou dos alegres rapazes ao longe para o pai que passeava ao sol apoiado no braço do professor, ambos embrenhados numa das conversas de que tanto gostavam, e depois para a mãe, sentada como se estivesse num trono entre as filhas, que tinham os filhos no colo e aos pés, como se todos encontrassem ajuda e alegria no rosto que nunca envelheceria para eles.

— O meu castelo foi o que ficou mais parecido com o que eu sonhava. Pedi coisas esplêndidas, é certo, mas no fundo do coração sabia que ficaria satisfeita se tivesse uma casinha, o John e alguns filhos amorosos. Tenho tudo, graças a Deus, e sou a mulher mais feliz do mundo — e Meg pousou a mão na alta cabeça do filho com uma expressão cheia de ternura e devota satisfação.

— O meu castelo é muito diferente do que planeei, mas não o mudaria, muito embora, como a Jo, não abandone todas as minhas esperanças artísticas nem me limite a ajudar outras pessoas a cumprirem os seus sonhos de beleza. Comecei a modelar a figura de um bebé e o Laurie diz que é a melhor coisa que já fiz. Eu também penso que sim e quero fazê-la em mármore, para que, aconteça o que acontecer, possa ficar pelo menos com uma imagem do meu pequeno anjo.

Enquanto falava, uma grande lágrima caiu no cabelo louro da criança que dormia nos seus braços, pois a amada filha era uma criaturinha frágil e o pavor de perdê-la era uma sombra que tapava o sol de Amy. Esta cruz estava a fazer muito pelo pai e pela mãe, porque um amor e uma tristeza uniu-os mais do que nunca. A natureza de Amy começava a ficar mais doce, mais profunda e mais terna; Laurie estava a ficar mais sério, forte e firme; e ambos aprendiam que a beleza, juventude, sorte e até o amor não podem evitar a dor, perda e tristeza aos mais bem-aventurados, porque:

«Em todas as vidas tem de cair alguma chuva,

— Tenho a certeza de que ela está a ficar melhor, minha querida; não desesperes, tem esperança e mantém-te feliz — disse a Sr.^a March quando a doce Daisy desceu do seu joelho para ir encostar a cara rosada na face pálida da prima.

— Não posso desesperar enquanto a tiver para me animar, mãe, e o Laurie para aguentar mais de metade de todos os fardos — respondeu Amy, comovida. — Ele nunca me deixa perceber a ansiedade que sente, e é tão doce e paciente comigo, tão dedicado à Beth e um esteio e conforto tão grande para mim, que não posso amá-lo o suficiente. Por isso, apesar da minha única cruz, posso dizer como a Meg: «Graças a Deus, sou uma mulher feliz!»

— Eu nem preciso de dizer isso, pois todos percebem que sou muito mais feliz do que mereço — acrescentou Jo, a olhar do bom marido para os gorduchos filhos que reboavam na relva ao seu lado. O Fritz está a ficar com os cabelos brancos e gordo, eu estou a ficar magra como uma sombra e Plumfield pode arder uma noite destas porque aquele incorrigível do Tommy Bangs *fuma* cigarros de palha debaixo dos lençóis, embora já se tenha incendiado três vezes. No entanto, apesar destes factos pouco românticos, não tenho de que me queixar e nunca fui tão alegre na vida.

— Sim, creio que a tua colheita vai ser boa, Jo — começou a Sr.^a March, assustando um pequeno grilo preto que olhava distraidamente para o pequeno Teddy.

— Não tem metade da qualidade da sua, mãe. Aqui está ela, e nunca poderei agradecer-lhe o suficiente pelas pacientes costuras e colheitas que fez — exclamou Jo, com a afetuosa impetuosidade que nunca conseguira ultrapassar.

— Espero que haja mais trigo e menos joio a cada ano que passa — disse Amy baixinho.

— É um grande molho, mas sei que tem espaço para ele no coração, querida mãezinha — acrescentou a voz terna de Meg.

Profundamente comovida, a Sr.^a March só conseguiu esticar os braços, como se quisesse puxar as filhas e os netos para si e dizer com o rosto e a voz cheios de maternal amor, gratidão e humildade:

— Oh, minhas filhas, por muitos anos que vivam, não posso desejar-vos maior felicidade do que esta!

¹⁰ Na mitologia romana, Pomona é a deusa da abundância e dos pomares. (N. da T.)